UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS (MESTRADO)

LARISSA MINUESA PONTES MAREGA

A PROPÓSITO DA RELAÇÃO FALA-ESCRITA: UM ESTUDO COMPARATIVO DA ORGANIZAÇÃO TÓPICA DE PALESTRAS E SUAS RETEXTUALIZAÇÕES
(PARTE I)

MARINGÁ - PR
2009

LARISSA MINUESA PONTES MAREGA

A PROPÓSITO DA RELAÇÃO FALA-ESCRITA: UM ESTUDO COMPARATIVO DA ORGANIZAÇÃO TÓPICA DE PALESTRAS E SUAS RETEXTUALIZAÇÕES
(PARTE I)

Dissertação apresentada à Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Letras, área de concentração: Estudos Linguísticos.

Orientador: Prof. Dr. Edson Carlos Romualdo

MARINGÁ - PR
2009

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá – PR., Brasil)

Marega, Larissa Minuesa Pontes
M323p A propósito da relação fala-escrita : um estudo comparativo da organização tópica de palestras e suas retextualizações. / Larissa Minuesa Pontes Marega. -- Maringá, 2009.
2 v. (261) f. : il.

O volume 2 traz os anexos, acompanhados de 3 CDs-ROM e 6 quadros em páginas dobradas, referentes às palestras do VI Encontro - O negro na universidade: o direito à inclusão.

Orientador : Prof. Dr. Edson Carlos Romualdo.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Departamento de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2009.

1. Língua oral - Texto falado. 2. Texto falado - Elocução formal. 3. Texto falado - Tópico discursivo. 4. Texto falado - Organização tópica. 5. Retextualização. Língua escrita - Retextualização. I. Romualdo, Edson Carlos, orient. II. Universidade Estadual de Maringá. Departamento de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras. III. Título.

CDD 21.ed. 410

LARISSA MINUESA PONTES MAREGA

A PROPÓSITO DA RELAÇÃO FALA-ESCRITA: UM ESTUDO COMPARATIVO DA ORGANIZAÇÃO TÓPICA DE PALESTRAS E SUAS RETEXTUALIZAÇÕES (PARTE I)

Dissertação apresentada à Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Letras, área de concentração: Estudos Linguísticos.

Aprovada em

BANCA EXAMINADORA

_____

Prof. Dr. Edson Carlos Romualdo
Presidente da Banca – Orientador (UEM)

_____

Profª. Drª. Ana Cristina Jaeger Hintze
Membro do Corpo Docente (UEM)

_____

Profª. Drª. Zilda Gaspar Oliveira de Aquino
Membro Convidado (USP)

Ali
só
ali
se

se alice
ali se visse
quanto alice viu
e não disse

se ali
ali se dissesse
quanta palavra
veio e não desce

ali
bem ali
dentro da alice
só alice
com alice
ali se parece
(Paulo Leminski)

À minha doce afilhada Alice
Dedico

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela minha vida e pelas minhas escolhas;

Aos meus pais, Sérgio e Jane, e minha irmã Agatha, pelo amor incondicional;

Ao meu namorado Gustavo, meu grande amor, amigo, companheiro, agradeço imensamente pela paciência e pela ajuda na realização dos gráficos deste trabalho;

Ao meu professor e orientador, Prof. Dr. Edson Carlos Romualdo, que me impulsionou para a pesquisa e que é parte significativa da minha formação acadêmica, a minha eterna admiração e meu profundo respeito pela pessoa e pelo grande profissional que é, agradeço por tudo;

À professora convidada para a participação na Banca Examinadora, Profª. Drª. Ana Cristina Jaeger Hintze, que me acalentou no momento certo, agradeço pela leitura precisa e cuidadosa que fez de meu trabalho e pelas justas contribuições;

À professora convidada para a participação na Banca Examinadora, Profª. Drª Zilda Gaspar Oliveira de Aquino, agradeço pelas valiosas sugestões;

À CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), pela concessão de bolsa de estudos;

À minha amiga e irmã, Juliana Verri, que sempre esteve ao meu lado, agradeço pela força, pelo incentivo, pela companhia, pelo respeito, pela amizade verdadeira;

Às amigas de infância, Lígia, Mariane, Miriam, Isabela, Taciane e Adriana, que acompanharam meu trabalho e respeitaram meu momento;

Ao meu amigo Ricardo Albuquerque, que me ensinou a acreditar, a lutar e a vencer essa etapa da minha vida;

Aos atores e atrizes da Companhia Palco de Maringá, pela cumplicidade e generosidade;

À amiga Andreia Valotta, pela parceria e sinceridade;

Às amigas da graduação e do mestrado, Kelly, Simone e Juliana Barbieri que não me deixaram sozinha e que me incentivaram sempre;

Muito obrigada!

RESUMO

Nesta pesquisa privilegiamos as relações existentes entre língua falada e língua escrita, a partir de uma abordagem comparativa entre a organização tópica de elocuções formais (palestras) e de suas retextualizações escritas. Nosso *corpus* de análise constitui-se de três palestras do evento intitulado "VI Encontro – O negro na Universidade: o direito à inclusão", realizado em 2004, pela Universidade Estadual de Maringá (UEM), que foram transcritas e retextualizadas por participantes do Projeto de Ensino Banco de Dados Midiáticos da UEM. De posse desse material, estabelecemos como objetivo central deste trabalho observar se, como descreve a literatura especializada, mesmo sendo semelhantes em determinados pontos – assimetria interacional e situacional, macroestrutura organizacional, arranjo temático e composicional – essas palestras e suas retextualizações apresentam mudanças representativas no que diz respeito à topicalidade. Fundamentados nas orientações teóricas, terminológicas e analíticas da Análise da Conversação e da Linguística Textual, selecionamos o tópico discursivo como categoria de análise, tal como postulado nos estudos do *Projeto Gramática do Português Falado*. Para a realização de nossa proposta de pesquisa, identificamos os tópicos discursivos dos textos falados e dos textos escritos, tomando por base o princípio da centração e construímos Quadros Tópicos e tabelas explicativas que evidenciaram a organização tópica vertical e linear dos tópicos desenvolvidos. Descrevemos, também, os elementos responsáveis pela segmentação tópica das palestras: centração, inserções intertópicas, inserções intratópicas, inserções com estatuto tópico, marcadores discursivos, pausas, tópicos de transição, exemplificação, citações, marcas metadiscursivas, enunciativas, interativas, coesão textual, paráfrase resumidora; e aqueles responsáveis pela segmentação tópica das retextualizações escritas: centração, paragrafação e coesão textual. O levantamento desses dados permitiu-nos realizar a comparação da topicalidade descrita nas palestras com a topicalidade encontrada nas retextualizações. Em nossa análise comparativa, constatamos que houve, de fato, mudanças na organização tópica desses textos, com redução, substituição, eliminação, adaptação, reordenação e movimentação interna de tópicos. O processo de retextualização investigado revelou também alterações nos níveis sintático, semântico e lexical.

Palavras-chave: organização tópica; elocução formal, palestra; retextualização; Análise da Conversação.

ABSTRACT

In this research we privileged the existing relations between the oral language and written language from a comparative approach between topic organization of formal elocution (lectures) and its written retextualizations. Our analysis corpus is constituted by three lectures of the event entitled "VI Encontro – O negro na Universidade: o direito a inclusão" (VI Meeting – The black man in University: the right of inclusion), that were transcribed and retextualized by UEM Teaching Project Midiatic Data Bank participants. Having this material, we stablished this work central objective: to observe if, as described by specialized literature, even similar in some points – international and situational assimetry, organizational macrostructure, thematic and compositional arrangement – these lectures and their retextualizations present representative topicality changes. Based on theoretical, terminological and analitic orientation of Conversation and Textual Linguistic Analysis, we selected the discursive topic as analitic proposed category of this work, such as postulated at Spoken Portuguese Project studies. To realize this research proposal, we identified discursive topics of spoken and written texts, basing on the centration principles, we built Topic Charts and explain tables that evidenced the vertical and lineal organization of the developed topics. We described, as well, the responsible elements for lectures topic segementation: centration, intertopic insert, topic statute insert, discursive markers, rests, transition topics, exemplifications, citations, metadiscursive, enunciative and interative marks, textual cohesion, summarizer paraphrasis; and the responsible for topic written retextualization segmentation: centration, paragraphation, textual cohesion. Data raising allowed us to realize the topicality comparation described in the lectures with found topicality in the retextualizations. In our comparative analysis, we found that there were, in fact, changes at the topical organization of these texts: reduction, substitution, elimination, adaptation, reordenation and internal topics movement. The investigated retextualization process of this job revealed several level alteration as well: semantics, lexical and syntatical.

Key words: topical organization; formal elocution; lecture; retextualization; Conversation Analysis.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Normas para Transcrição – NURC.....29
Quadro 2: Operações da Retextualização.....31
Quadro 3: Plano hierárquico – Palestra 1 57
Quadro 4: Plano linear - Palestra 1 59
Quadro 5: Inserções - Palestra 1.....62
Quadro 6: Plano hierárquico - Palestra 2.....62
Quadro 7: Plano linear - Palestra 2.....64
Quadro 8: Inserções - Palestra 2.....66
Quadro 9: Plano hierárquico - Palestra 3.....66
Quadro 10: Plano linear - Palestra 3.....68
Quadro 11: Inserções - Palestra 3.....70
Quadro 12: Sistematização das ocorrências – texto falado.....121
Quadro 13: Plano hierárquico - Retextualização 1.....123
Quadro 14: Plano linear - Retextualização 1.....124
Quadro 15: Plano hierárquico - Retextualização 2.....125
Quadro 16: Plano linear - Retextualização 2.....126
Quadro 17: Plano hierárquico - Retextualização 3.....127
Quadro 18: Plano linear - Retextualização 3.....127
Quadro 19: Sistematização das ocorrências – texto escrito.....141
Quadro 20: Comparativo entre os tópicos das Palestras e das Retextualizações.....151
Quadro 21: Sistematização das ocorrências - comparação.....168

LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E SÍMBOLOS

AC – Análise da Conversação
ACE – Análise da Conversa Etnometodológica
BDM – Banco de Dados Midiáticos
CAÓ – Lei contra o racismo, criada por Carlos Alberto Caó
D2 – Diálogo entre dois informantes
DID – Diálogo entre Informante e Documentador
DF – Distrito Federal
EF – Elocução Formal
GTI – Grupo de Trabalho Interministerial
LT – Lingustica Textual
MD – Marcador Discursivo
NURC - Projeto da Norma Urbana Oral Culta
OIT – Organização Internacional do Trabalho
ONU – Organização das Nações Unidas
PEN – Pró-reitoria de Ensino
PGPF – Projeto Gramática do Português Falado
PR - Paraná
RJ – Rio de Janeiro
RS – Rio Grande do Sul
SbT - Subtópico
SbSbT – Sub-subtópico
SP – São Paulo
ST - Supertópico
T – Tópico
TRA Tópico de Transição
UBES – União Brasileira dos Estudantes
UEL – Universidade Estadual de Londrina
UEM - Universidade Estadual de Maringá
UEMS - Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul
UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais
UFRS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFSCar – Universidade Federal de São Carlos
UNEB – Universidade do Estado da Bahia
UnB – Universidade de Brasília
UNEMAT – Universidade do Estado do Mato Grosso
USP – Universidade do Estado de São Paulo
QT – Quadro Tópico
Δ Menor – Inserção intratópica ou intertópica
Δ Maior – Inserção com estatuto tópico

SUMÁRIO

PARTE I

INTRODUÇÃO.....14

CAPÍTULO I - A CONSTITUIÇÃO DO *CORPUS*.....23
1.1 O evento.....23
1.2 O Projeto Banco de Dados Midiáticos.....26
1.3 O processo de retextualização.....30
1.4 A delimitação do *corpus*.....33
1.4.1 Os palestrantes.....35

CAPÍTULO II - O TÓPICO DISCURSIVO.....38
2.1 A formulação do conceito de tópico discursivo.....38
2.2 As propriedades do tópico discursivo: a centração e a organicidade.....44

CAPÍTULO III - A CONSTITUIÇÃO DOS QUADROS TÓPICOS DAS PALESTRAS.....53
3.1 Apresentação da macroestrutura das palestras.....53
3.1.1 Organização tópica da Palestra 1: *O direito à igualdade: aspectos constitucionais e legais* (Edvaldo Mendes Zulu Araujo).....56
3.1.2 Organização tópica da Palestra 2: *O negro na universidade* (José Jorge de Carvalho).....62
3.1.3 Organização tópica da Palestra 3: *O sistema de cotas e o direito de acesso à universidade* (Dora Lúcia de Lima Bertúlio).....66
3.2 Elementos responsáveis pela segmentação tópica do texto falado.....70
3.2.1 A centração.....70
3.2.2 As inserções.....78
3.2.2.1 As inserções intertópicas.....80
3.2.2.2 As inserções intratópicas 86
3.2.2.3 As inserções com estatuto tópico.....94
3.2.3 Os marcadores discursivos e as pausas.....99

3.2.3.1 Marcadores discursivos: a articulação intratópica.....100
3.2.3.2 Marcadores discursivos: a articulação intertópica 103
3.2.4 Os tópicos de transição.....105
3.2.5 A exemplificação.....109
3.2.6 As citações.....110
3.2.7 As marcas metadiscursivas, enunciativas e interativas.....113
3.2.8 A coesão textual.....115
3.2.9 A paráfrase resumidora.....118
3.3 Principais ocorrências: organização tópica do texto falado.....120

CAPÍTULO IV - A CONSTITUIÇÃO DOS QUADROS TÓPICOS DAS RETEXTUALIZAÇÕES.....122
4.1 Apresentação da macroestrutura das retextualizações.....122
4.1.1 Organização tópica da Retextualização 1: *O direito à igualdade: aspectos constitucionais e legais* (Edvaldo Mendes Zulu Araujo).....122
4.1.2 Organização tópica da Retextualização 2: *O negro na universidade* (José Jorge de Carvalho) 125
4.1.3 Organização tópica da Retextualização 3: *O sistema de cotas e o direito de acesso à universidade* (Dora Lúcia de Lima Bertúlio) 126
4.2 Elementos responsáveis pela segmentação tópica do texto escrito.....128
4.2.1 A centração.....129
4.2.2 A paragrafação.....131
4.2.3 A citação.....132
4.2.4 A coesão textual.....138
4.3 Principais ocorrências: organização tópica do texto escrito.....140

CAPÍTULO V - COMPARAÇÃO DA ORGANIZAÇÃO TÓPICA DAS PALESTRAS COM A ORGANIZAÇÃO TÓPICA DAS RETEXTUALIZAÇÕES.....142
5.1 A identificação dos tópicos.....142
5.2 A alteração no título dos tópicos.....147
5.3 A redução dos tópicos.....150
5.4 A organização dos tópicos.....155

5.5 A adaptação e a eliminação das inserções.....161
5.6 Principais ocorrências: comparação.....168

5 CONCLUSÃO.....169
6 REFERÊNCIAS.....177

PARTE II

ANEXOS.....188

ANEXO I - Arquivos em vídeo das Palestras.....189
1.1 Arquivo em vídeo da Palestra 1.....190
1.2 Arquivo em vídeo da Palestra 2.....191
1.3 Arquivo em vídeo da Palestra 3.....192
ANEXO II - Transcrições das Palestras.....193
2.1 Transcrição da Palestra 1.....194
2.2 Transcrição da Palestra 2.....209
2.3 Transcrição da Palestra 3.....222
ANEXO III - Retextualizações das Palestras.....234
3.1 Retextualização da Palestra 1.....235
3.2 Retextualização da Palestra 2.....242
3.3 Retextualização da Palestra 3.....247
ANEXO IV - Quadros Tópicos das Palestras.....254
4.1 Quadro Tópico da Palestra 1.....255
4.2 Quadro Tópico da Palestra 2.....256
4.3 Quadro Tópico da Palestra 3.....257
ANEXO V - Quadros Tópicos das Retextualizações.....258
5.1 Quadro Tópico da Retextualização 1.....259
5.2 Quadro Tópico da Retextualização 2.....260
5.3 Quadro Tópico da Retextualização 3.....261

INTRODUÇÃO

Evidenciar as manifestações da linguagem, bem como relacionar seus aspectos presenciais e vitais nas relações humanas e nas diversas situações comunicativas é um dos propósitos dos estudos linguísticos. Alguns trabalhos publicados, ao longo do tempo, pretenderam travar diálogos entre língua oral e língua escrita, permitindo, assim, que essas modalidades fossem sendo compreendidas, aos poucos, simultânea e equiparadamente.

Nesses estudos, língua oral e língua escrita são apreendidas pelas perspectivas: dicotômica, culturalista, variacionista e sociointeracionista (MARCUSCHI, 2003). As duas primeiras são consideradas extremistas, pois apresentam uma visão dissociada da oralidade e da escrita, já as últimas são mais flexíveis no que diz respeito à relação de reciprocidade, dinamicidade, interatividade e caracterização dessas modalidades.

Este trabalho se insere na perspectiva sociointeracionista, uma vez que entendemos o caráter social e interacional da fala e da escrita. A nosso ver, elas estão intrinsecamente ligadas, como se não existisse a possibilidade de citar uma sem mencionar a outra. Ora, ambas permitem a construção de textos coesos e coerentes, não se trata, portanto, de discutir sua eficácia cognitiva, mas sua realidade afirmativa, isto é, de que forma e em que contextos de uso elas se realizam efetivamente, ou ainda, quais critérios comunicativos e formulativos são utilizados na construção de um texto escrito e de um texto falado.

De acordo com Marcuschi (2003), fala e escrita se distinguem e se relacionam a partir do *continuum* das formas textuais, no qual se evidenciam dois planos: de um lado, o plano da fala e, de outro, o da escrita. A representação prototípica da escrita pode ser entendida como uma redação dissertativa, por exemplo. A partir dele, outros textos escritos vão sendo dispostos nessa linha imaginária, em pontos mediais, os quais vão assumindo, gradativamente, características da fala. Do mesmo modo, entende-se como representação prototípica da fala a conversação espontânea. A partir desse ponto, identificam-se, sucessivamente, outros textos falados que vão, de forma gradativa, ganhando características da escrita. Assim, à medida que ocorre um afastamento dos textos pertencentes ao ponto prototípico, vão surgindo gêneros textuais novos que se caracterizam como materialmente falados, mas conceitualmente escritos (palestras,

comunicação oral, seminários acadêmicos) ou como materialmente escritos, mas conceitualmente falados (bilhetes, chats).

O presente trabalho é fruto do processo paulatino de pesquisas desenvolvidas durante nossa graduação, nas quais nos dedicamos às questões relacionadas à língua falada e suas relações com a escrita. Nosso percurso nos estudos dessa natureza passa pela participação no Projeto de Ensino Banco de Dados Midiáticos (2004/2005)[1], pela elaboração e desenvolvimento do Projeto de Iniciação Científica (2005/2006)[2], e também da Monografia de Conclusão de Curso (2006)[3]. Os estudos realizados, cujo interesse comum é explicitar fenômenos organizacionais e interacionais de textos da língua oral e suas relações com os textos escritos, nos levaram a questionar se palestras e suas retextualizações escritas apresentavam transformações significativas do ponto de vista da topicalidade.

Esse questionamento surgiu a partir de vários aspectos que fomos levantando durante nosso confronto com os dados empíricos dos projetos mencionados acima e a leitura de bibliografia especializada na área. Embora saibamos que é indiscutível a contribuição e, mais do que isso, o pioneirismo de pesquisas como as publicadas no contexto do *Projeto Gramática do Português Falado* (doravante PGPF)[4] para a formação de um quadro teórico dos estudos do texto falado no Brasil, percebemos, entretanto, que as análises de alguns elementos formulativos e composicionais recobrem sobremaneira os dados dos inquéritos tipo D2 (diálogo entre dois informantes) e DID (diálogo entre o informante e o documentador), privilegiando, assim, apenas duas situações comunicativas. A nosso ver, a EF (elocução formal), modalidade que foi

[1] Cf. 1.2.

[2] Os trabalhos desenvolvidos por Marega (2006, 2008), Marega; Romualdo (2006, 2007), Mamus; Marega (2007), Oliveira (2005), Silva (2005) corroboram essa afirmação, pois apresentam estudos focados nos aspectos constitutivos do texto falado, a saber: tópico discursivo, inserção, marcadores discursivos e repetição, respectivamente. Esses autores integraram o Projeto de Ensino Banco de Dados Midiáticos UEM.

[3] No trabalho desenvolvido, tomamos uma das palestras e sua respectiva retextualização como *corpus* e analisamos, isoladamente, a organização tópica do discurso oral em contraponto com a organização tópica da palestra retextualizada.

[4] De acordo com Castilho (2002), o PGPF reuniu entre 1988 e 2000 cerca de 32 pesquisadores, ligados a 12 universidades brasileiras, distribuídos pelos seguintes grupos: 1. Fonética e Fonologia, coordenado inicialmente por João Antônio de Moraes, e posteriormente por Maria Bernadete Marques Abaurre; 2. Morfologia Derivacional e Flexional, coordenado por Margarida Basílio e Ângela Cecília de Souza Rodrigues, respectivamente; 3. Sintaxe das Classes de Palavras, coordenado inicialmente por Rodolfo Ilari, e posteriormente por Maria Helena de Moura Neves; 4. Sintaxe das Relações Gramaticais, coordenado inicialmente por Fernando Tarallo, e posteriormente por Mary Aizawa Kato; 5. Organização Textual-Interativa, coordenado por Ingedore Grunfeld Villaça Koch. Como dados para as análises, foram usadas as gravações do Projeto NURC.

igualmente registrada pelo Projeto da Norma Urbana Oral Culta (NURC)[5], parece ter sido pouco explorada e mais raramente, se comparada com as demais, aparece nas discussões.

Vinculada a essa carência de trabalhos específicos sobre as EFs, o confronto com os dados que trabalhávamos nos projetos juntamente com a leitura do trabalho de Brait (1999) aguçaram ainda mais nossa curiosidade científica. Conforme Brait (1999), a EF é uma produção oral de interação face a face, assimétrica e hierárquica, manifestada por palestras, aulas e conferências. Essa denominação genérica se sustenta em termos de uma tipologia textual estabelecida pelo Projeto NURC para os diferentes registros, tendo basicamente como parâmetro a assimetria interacional em relação à conversação espontânea.

Brait (1999) apresenta a divisão da EF em três partes: introdução, desenvolvimento e conclusão. A introdução é o tópico inicial, em que o conferencista situa e planeja seu discurso. O desenvolvimento é o trecho mais longo da exposição em que o núcleo temático é detalhado – tópicos e subtópicos seguem uma linha discursiva coesa e coerente. O desfecho une o tema inicial ao ponto de vista do locutor e à situação específica de interação. Percebemos que essa estrutura também pode ser reconhecível em um texto escrito, caso a tipologia predominante seja dissertativa: a introdução apresenta o tema abordado, sob um ponto de vista específico; a argumentação compreende o desenvolvimento e, a conclusão, retoma a tese inicial ou propõe sugestões.

Logo, de acordo com o *continuum* tipológico de Marcuschi (2003), a palestra está próxima do ponto prototípico da escrita, e, segundo a atribuição de Brait (1999) para a EF, a palestra se assemelha à escrita no nível macroestrutural. Diante disso, o objetivo principal deste trabalho é observar se, mesmo sendo semelhantes em determinados pontos (assimetria interacional e situacional, macroestrutura

[5] Segundo Silva (2008), o Projeto NURC abrange a coleta de dados orais de cinco, das principais capitais brasileiras com mais de um milhão de habitantes: Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre. No total, são 300 horas de gravação, divididas em três tipos: Diálogo entre dois informantes (D2) 160 horas; Diálogo entre o informante e o documentador (DID) 160 horas; *Elocuções Formais* (EF) 40 horas. Os informantes compreenderam homens e mulheres com nível superior de escolaridade, filhos de nativos de língua portuguesa, de preferência nascidos na cidade sob pesquisa ou residentes desde os cinco anos de idade. Eles foram distribuídos em três faixas etárias: de 25 a 35 anos de idade (30%); de 36 a 55 anos de idade (45%); mais de 56 anos de idade (25%).

organizacional, arranjo temático e composicional), as palestras e suas retextualizações escritas apresentam mudanças representativas no que se refere à organização tópica.

Para a realização desta pesquisa escolhemos como *corpus* três palestras do evento intitulado "VI Encontro – O negro na Universidade: o direito à inclusão", realizado em 2004, pela Universidade Estadual de Maringá (UEM), que foram transcritas e retextualizadas por participantes do Projeto de Ensino Banco de Dados Midiáticos[6].

Diante do *corpus* escolhido, para a realização de nossa proposta de pesquisa, os seguintes objetivos específicos foram estabelecidos:

a) Realizar a adequação das transcrições das palestras, conforme convenção do NURC[7], evidenciando características específicas do texto falado, muito especialmente, porque a introdução, a condução e a mudança tópica podem ser marcadas por elementos entonacionais e interacionais, como assevera Pinheiro (2005a);
b) Construir Quadros Tópicos (doravante QTs) que representem a organização hierárquica dos tópicos desenvolvidos nas palestras e nas retextualizações;
c) Construir tabelas que evidenciem a organização linear dos tópicos desenvolvidos nas palestras e nas retextualizações;
d) Descrever, a partir da leitura dos QTs e das tabelas, os elementos responsáveis pela organização tópica do texto falado e do texto escrito;
e) Comparar a topicalidade construída na oralidade com a aquela (re)construída na escrita, apoiados nas etapas anteriores.

A comparação aqui pretendida se baseia em aspectos relacionados ao processo de retextualização (MARCUSCHI, 2003), ou seja, estamos lidando com textos escritos específicos, oriundos de um registro falado. A transposição de modalidade implica, portanto, questões de adaptação, eliminação e substituição.

Para atingirmos nosso objetivo geral, será preciso verificar a construção macroestrutural dos textos do *corpus*, estudo que passa, necessariamente, pela análise da organização tópica. Como nossa análise pretende comparar a organização tópica dos

[6] O processo de constituição do *corpus* será explicitado no Capítulo I.
[7] Cf. 1.2.

textos falados com a organização tópica dos textos escritos, a fim de evidenciar se há ou não, nessa passagem (da fala para escrita), mudanças na movimentação tópica (introdução, condução e delimitação), a categoria analítica deste trabalho será o tópico discursivo.

O artigo de Jubran, "Revisitando a noção de tópico discursivo" (2006a), corrobora com o objetivo apresentado, pois a autora postula que o tópico discursivo pode ser estudado na perspectiva de gêneros falados e escritos e não somente na conversação espontânea como foi inicialmente aplicado pelo Grupo Organização Textual-Interativa do PGPF (JUBRAN et al., 2002). Ou seja, a autora confirma a possibilidade de estudar a topicalidade também em gêneros escritos.

Do mesmo modo, o trabalho de Pinheiro (2005a) aponta a organização tópica como estratégia textual-interativa em gêneros falados e escritos. Seu estudo evidencia dez gêneros textuais, entre prototípicos da fala e da escrita e os intermediários, a saber: carta pessoal, artigo de opinião, artigo científico, conversação espontânea, aula, palestra, entrevista falada e escrita, reportagem de televisão e de revista. Mas suas considerações não apontam para uma perspectiva de continuidade entre esses textos, entre essas modalidades. O autor parte do estudo da topicalidade de gêneros "A", "B", "C" e "D", de forma separada. Diferentemente do trabalho de Pinheiro (2005a), esta proposta se caracteriza, especialmente, por trabalhar com a passagem do oral para o escrito, isto é, por tentar comparar as semelhanças e diferenças da topicalidade de palestras A que resultam na topicalidade de retextualizações A'. É dessa forma que nosso trabalho se identifica como um avanço e uma primeira contribuição para a literatura existente.

Além disso, a escolha pelo estudo de palestras permitir-nos-á mostrar a constituição macroestrutural e organizacional dos assuntos abordados nessa situação comunicativa assimétrica, ou seja, observar a estruturação da fala, sem, no entanto, enfocar, necessariamente, os turnos conversacionais, como encontramos regularmente nas abordagens desse tipo realizadas em textos orais.

Os turnos conversacionais estão presentes desde o início nos estudos da língua falada. A fala em específico, atividade incessantemente recorrida na comunicação ordinária, revelou-se como objeto possível de análise para os interessados nos estudos da linguagem na década de 70, quando surgiram as primeiras pesquisas relacionadas à organização de conversações espontâneas e, posteriormente, da língua falada como um

todo. Sacks, Schegloff e Jefferson (1974), precursores dos trabalhos com a conversação, tomaram o turno como unidade primária de análise no estudo das interações face-a-face e estudaram a alocação das oportunidades de falar em conversas cotidianas. Segundo os autores, a fala em interação é organizada por dois grandes sistemas: troca de turnos e reparo. Esses autores são os maiores representantes da corrente linguística denominada Análise da Conversa Etnometodológica (ACE). No Brasil, outra vertente linguística também se preocupa com a análise de dados orais - a Análise da Conversação (AC), representada, principalmente, pelos estudos de Marcuschi (1991).

Para Garcez (2008), existem diferenças teóricas e metodológicas entre essas duas vertentes que atualmente estudam a conversa. A ACE objetiva descrever os procedimentos usados por quem conversa para produzir o próprio comportamento e para entender e lidar com o comportamento dos outros, ou seja, o interesse inicial não está na linguagem em si, na sua descrição, mas na articulação dos métodos de ação social humana (análise da conversa socialmente organizada) segundo a perspectiva dos participantes, o que se fala e como se fala. Já a AC se preocupa com a descrição linguística do texto falado, com a discussão de questões formulativas e composicionais, além de outras vinculadas à passagem do texto falado para o texto escrito.

Este trabalho segue as orientações teóricas, terminológicas e analíticas da AC, somadas a alguns preceitos da Linguística Textual (LT), tendo como literatura norteadora artigos publicados no PGPF[8], pesquisas organizadas em sete volumes por Dino Preti[9] e, finalmente, *A Gramática do Português Culto Falado no Brasil* (2006).

O arcabouço teórico acima é referência para as pesquisas de língua oral no Brasil. Nele, é possível encontrar estudos detalhados e exaustivos dos elementos composicionais do texto falado, tais como: turno, repetição, paráfrase, digressão, marcadores discursivos, hesitação, parêntese, tópico discursivo, correção e muitos outros. Todos eles, apresentados a partir de perspectivas diversas, configuram um leque de possibilidades para análises em textos falados de forma a identificar-se como paradigma para futuras abordagens, como a nossa se apresenta.

[8] Vol. I A ordem (2002); Vol. II Níveis de análise linguística (2002); Vol. III As abordagens (2002); Vol. IV Estudos descritivos (2002); Vol. V Convergências (2002); Vol. VI Desenvolvimentos (2002); Vol.VII Novos estudos (1999); Vol. VIII Novos estudos descritivos (2002).

[9] Projetos Paralelos – NURC/SP (Núcleo USP): Vol. I Análise de textos orais (2001); Vol. II O discurso oral culto (1999); Vol. III Estudos de língua falada variações e confrontos (1999); Vol.IV Fala e escrita em questão (2000); Vol.V Interação na fala e na escrita (2003); Vol.VI Léxico na língua oral e na escrita (2003); Vol.VII Diálogos na fala e na escrita (2005).

A metodologia deste trabalho segue, em princípio, a proposta de Jubran et al. (2002)[10], que prevê :

a) A identificação dos tópicos discursivos nos textos falados e escritos, a partir do princípio da centração, de acordo com os traços dessa propriedade;
b) Descrição do plano vertical da organização tópica, por meio da construção de QTs;
c) Descrição do plano sequencial da organização tópica, por meio da construção de tabelas explicativas.

Para atender aos objetivos específicos desta pesquisa, julgamos necessária a ampliação desses procedimentos, completando a metodologia com mais dois passos:

d) Levantamento dos elementos responsáveis pela segmentação dos tópicos nos textos falados e escritos; e
e) Confronto das regularidades e cruzamento dos dados da etapa anterior com a finalidade de mostrar a transição dos segmentos tópicos do texto falado para o texto escrito.

Vale ressaltar que, para dar conta de evidenciar os objetivos deste trabalho, fizemos, também, um reajuste na metodologia da construção dos QTs proposta por Jubran et al. (2002). O acréscimo à teoria ocorreu nos termos utilizados para nomenclatura dos tópicos discursivos, o que, em virtude da alteração, se reflete na seguinte hierarquia: os Supertópicos (ST) representam os tópicos mais abrangentes, que sugerem o aparecimento dos tópicos (T), estes, por sua vez, podem ramificar-se em tópicos menores (SbT), conforme mudança de centração. Diante da possibilidade de haver mais uma subordinação, ocorre uma nova categorização, que nomeamos de sub-subtópico (situado em posição imediatamente inferior ao SbT) e, no caso de mais uma subordinação, temos os sub-subtópicos menores.

Estruturalmente, o trabalho está dividido em cinco capítulos, além dos anexos. O primeiro contextualizará o processo de adaptação do *corpus*, isto é, descreverá o evento

[10] Cf. 2.2.

que originou os registros orais, apresentará o Projeto de Ensino Banco de Dados Midiáticos como parte fundamental da sistematização dos dados, conceituará os termos transcrição e retextualização no interior de uma pesquisa na área da linguagem e, por fim, delimitará a utilização de três palestras para compor o *corpus* de análise, bem como situará os palestrantes responsáveis pelas falas que serão analisadas.

O segundo capítulo se desenvolverá de forma a apresentar a fundamentação teórica que sustenta esta pesquisa. Apresentaremos o encaminhamento teórico da formulação do conceito de tópico discursivo, bem como seus elementos caracterizadores. Nesse capítulo, a metodologia de análise que envolve as propriedades de centração e organicidade será descrita, conforme literatura existente e será reajustada, conforme informamos anteriormente.

A análise do trabalho iniciará nos capítulos três e quatro. O primeiro dedicado ao estudo do texto falado, e o segundo, ao texto escrito. Ambos estão arranjados de forma a apresentar, sequencialmente, a descrição da macroestrutura tópica e dos recursos formulativos que apontam para os traços da organização tópica (mudança, delimitação, condução, entre outros).

No capítulo cinco, os dados do trabalho serão sistematizados e enquadrados de acordo com os fenômenos que envolvem o processo de retextualização (adaptação, redução, substituição e eliminação). A partir disso, será realizada a comparação entre os tópicos desenvolvidos na produção falada e os mesmos desenvolvidos na produção escrita.

E, por fim, os anexos apresentam, na íntegra, os textos falados transcritos e suas retextualizações, bem como a formação dos QTs de cada texto analisado. A leitura completa do trabalho inclui também a apreciação das palestras em vídeo, pois muitas passagens tópicas foram marcadas pela visualização de aspectos gestuais, olhares direcionados para plateia e para o texto de apoio, bem como pelos aspectos típicos da oralidade, como a entonação diferenciada, a cadência e o ritmo da fala, pausas e interrupções situacionais. Sugerimos, então, o acompanhamento não só do material escrito, mas também das gravações em vídeo, para que a leitura deste trabalho possa ser realizada de maneira global.

Como objeto de estudo para uma dissertação de Mestrado em Letras, acreditamos ter escolhido um tema relevante para contribuir e enriquecer os estudos e

análises de textos no que diz respeito à escolha do *corpus* (palestras e suas retextualizações), à escolha da categoria analítica (tópico discursivo), à escolha de trabalhar com o processo de transcrição e retextualização (relação fala-escrita) e, por fim, à tentativa de sistematizar estratégias de topicalidade em um texto falado específico, palestra, e um texto prototípico da língua escrita. Em outras palavras, evidenciar a organização textual de textos que passaram por um processo de transformação característico. De uma forma mais ampla, contribuir com estudos que buscaram investigar a relação entre a fala e a escrita, bem como com os que preconizaram o tópico discursivo como categoria analítica em *corpus* variados[11].

Acreditamos, ainda, que as contribuições deste trabalho se estendem também para o ensino de língua, mais especificamente para os procedimentos de leitura e de escrita, em síntese: no ensino de estratégias de elaboração de textos falados e escritos a partir da percepção de fatores textuais como coerência e coesão e da compreensão de fatores cognitivos, que se apóiam, geralmente, na topicalidade[12]. Além de contribuir para os estudos das tipologias clássicas e dos domínios discursivos, sob a perspectiva do ensino de gêneros textuais.

Enfim, a escolha de trabalhar com a relação fala-escrita, particularmente, com a transposição dessas modalidades, justifica-se pelo desejo de observar um fenômeno socialmente corriqueiro, mas que estruturalmente, não aparenta ser tão natural assim, tão facilmente explicado, transparente. Certamente uma criança é capaz de contar para os amigos uma fábula que leu antes de dormir ou escrever o que o professor falou na última aula, os adultos o tempo todo estão recontando o mundo e reescrevendo a história. A questão, porém, é como esse processo de transformação se realiza textualmente. De fato, as atitudes acima apontadas ilustram uma das relações do homem com a língua. Nesse sentido, é papel dos estudiosos da linguagem descrevê-las, observar sua constituição, é nosso papel investigar.

[11] Andrade (2003), Pinheiro (2005a, 2006), Bentes; Rio (2006), Galembeck (2006), Lins (2006), Rezende (2006).

[12] Pinheiro (2005b) realizou um trabalho cujo objetivo era apresentar uma proposta de ensino de leitura a partir da noção de topicalidade como princípio de organização textual. Seus resultados evidenciaram que o exercício de análise da organização tópica pode favorecer ao aprendiz o desenvolvimento da habilidade de reconhecer a organização de idéias nos textos que lê e a estruturá-las adequadamente nos textos que escreve.

CAPÍTULO I - A CONSTITUIÇÃO DO *CORPUS*

Neste capítulo, pretendemos informar como se deu, passo a passo, a constituição do *corpus* desta pesquisa. Ou seja, mostrar em que contexto acadêmico as palestras chegaram ao nosso conhecimento, como foi realizada a coleta dos dados orais, quem são os responsáveis pela retextualização dos textos aqui apresentados. Enfim, julgamos pertinente fazer tais observações, neste momento, para evidenciar o envolvimento presente em todas as etapas deste trabalho.

A nosso ver, este capítulo é fundamental à medida que torna público o esforço dos pesquisadores envolvidos no processo de escolha, adaptação e amadurecimento desse *corpus*. Além disso, este capítulo ratifica o interesse desses mesmos pesquisadores pelo estudo dos aspectos constitutivos e formulativos do texto falado.

O processo que será detalhado, a seguir, justifica a adoção desse *corpus*, desde sua escolha até a sua adequação para atender aos objetivos desta pesquisa. Cuidamos para que o percurso fosse sendo sempre registrado, para que assim pudéssemos apresentar o desenho que construímos hoje, reflexo de inúmeros rascunhos delineados ao longo de cinco anos.

1.1 O evento

O "VI Encontro – O negro na Universidade: o direito à inclusão" foi realizado nos dias 02, 03 e 04 de agosto de 2004, no campus da UEM. O Ciclo de Palestras contou com, aproximadamente, 270 inscritos, entre universitários, professores, funcionários e comunidade externa, os quais participaram ativamente das discussões desencadeadas pelas palestras, mesas-redondas e relatos de experiência. Em várias oportunidades, os debates se estenderam para além do prazo previsto, o que demonstrou o envolvimento dos participantes com a temática.

Este foi um período muito produtivo para a comunidade acadêmica da Universidade Estadual de Maringá, marcado, especialmente, por intensas discussões. O Ciclo de Palestras trouxe um denominador comum, o indivíduo negro, população negra e o desejo de pleitear uma vaga na universidade. Nos debates, foi possível verificar a

trajetória do negro na sociedade brasileira, entender as políticas de ações afirmativas existentes em outras universidades, bem como em outros países e para outros setores. Foi possível, também, levantar fortes argumentos que fundamentaram a defesa das cotas e que perpassaram pela discriminação racial vigente no país. Além disso, o evento enfatizou as oportunidades negadas a esses indivíduos em todos os níveis: educação, direitos, saúde e lazer.

Em geral, as palestras focalizaram a necessidade de ampliar a inclusão de setores tradicionalmente discriminados e evidenciaram, sobretudo, os principais argumentos em defesa do sistema de cotas nas universidades brasileiras. As palestras apresentaram subsídios que auxiliaram na resolução das dúvidas mais correntes sobre a legitimidade de procedimentos diferenciados em processos de seleção como o vestibular.

A organização do evento[13] escolheu cuidadosamente os especialistas responsáveis por apresentar todas essas informações e fazer os esclarecimentos necessários sobre a polêmica do sistema de cotas, evidente naquele momento. Dessa forma, o evento contou com a participação de professores doutores de diferentes universidades brasileiras e profissionais gabaritados no que diz respeito à situação histórica, política e social do negro no Brasil, em termos de educação, do ensino básico ao superior, bem como assuntos relacionados à legislação do sistema de cotas.

O tema selecionado para a abertura do evento foi “Ensino superior: o direito à inclusão” e estiveram presentes na mesa de abertura Alaércio Cardoso, Chefe de gabinete da Prefeitura Municipal de Maringá; Prof. Dr. Angelo Aparecido Priori, Vice-Reitor da Universidade Estadual de Maringá; Dr. Airton Keiji Ueda, Presidente da Subseção da Ordem dos Advogados do Brasil, e Edvaldo Mendes Zulu Araújo, Diretor da Fundação Cultural Palmares. As autoridades fizeram pronunciamentos bastante específicos a respeito da temática, com apresentações pautadas, basicamente: na importância do evento para suscitar discussões dentro e fora da Universidade; no contexto histórico de discriminação da comunidade negra; na justiça social e na legitimidade do beneficiário das cotas; nas questões burocráticas e legais, com apresentação de dados estatísticos e comparativos da presença do negro em outras universidades.

[13] Sônia Aparecida Lopes Benites, Michela Alves Campos, Jairo de Carvalho, Alaor Gregório de Oliveira e Valdeir Gomes de Souza.

As principais palestras que compunham o quadro central dos debates foram realizadas por Edvaldo Mendes Zulu Araújo, “O direito à igualdade: aspectos constitucionais e legais”, pelo Prof. Dr. José Jorge de Carvalho, da Universidade de Brasília, “O negro na universidade”, e por último, pela Procuradora Geral da Universidade Federal do Paraná, Profª. Drª. Dora Lúcia de Lima Bertúlio, “O sistema de cotas e o direito de acesso à universidade”.

As demais falas, como a do Prof. Dr. Marcos Roberto Fuchs, Presidente do Instituto Pro-Bono, com o tema “Cotas: normas e procedimentos institucionais” e alguns relatos de experiências, “Ações afirmativas: experiências que estão dando certo”, com a participação de Rosilene Evangelista, Raphael Rodrigues Vieira Filho e Tânia Alexandra Malinski, encerraram o Ciclo de Palestras.

As contribuições do evento foram inúmeras, principalmente no que diz respeito à reflexão sobre valores, indivíduos e sociedade, além da disseminação dos saberes entorno da temática – defesa das cotas para negros nas universidades.

Percebe-se, pela atribuição dos títulos das palestras, que elas representariam um marco do movimento favorável à inclusão do negro nas universidades. Ou seja, a discussão das cotas seria realizada de maneira bem fundamentada. O Ciclo de Palestras se configuraria, portanto, como um acontecimento histórico na Universidade Estadual de Maringá.

É com base nessa premissa e, considerando a importância de um evento dessa grandeza ser realizado na UEM, que a Pró-Reitoria de Ensino (PEN) junto com a organização do evento decidiu gravá-lo em vídeo. Por essa razão, as palestras realizadas foram completamente registradas em nove fitas VHS, inclusive os momentos de participação da platéia, as perguntas[14].

De posse desse material gravado, a PEN cogitou a possibilidade de divulgá-lo no interior da UEM. Entretanto, para torná-lo mais acessível ao público acadêmico, sugeriu a transcrição escrita de todas as falas do evento. A idéia inicial era disponibilizar o conteúdo dessas palestras na sua página virtual, como parte dos temas pertinentes ao

[14] Adiantamos que, em razão dos objetivos deste trabalho, nossa análise não comporta a participação dos ouvintes, pois nosso intuito é observar a fala proferida pelo palestrante, ininterruptamente. Segundo definição de Orecchioni (*apud* Brait, 1999, p. 97), certos papéis participativos são próprios de certos tipos particulares de interação, “nas conferências, um dos participantes é geralmente o único ser investido da função de enunciador, os outros participantes estão ratificados como ouvintes silenciosos (é a ‘audiência’)”.

Fórum Virtual de Políticas de Ensino[15]. Primeiramente, as falas seriam divulgadas na íntegra, depois a PEN cogitou a possibilidade de compactar os principais argumentos dos palestrantes para que o material pudesse fundamentar, também, futuros debates sobre o tema.

Para atender tais solicitações[16] foi necessário um trabalho voltado à transcrição, ou seja, um minucioso e longo processo de escuta, que envolve, necessariamente, a transposição da modalidade oral para a modalidade escrita. Dessa forma, sob coordenação do Prof. Dr. Edson Carlos Romualdo do Departamento de Letras da UEM, iniciou-se o processo de transcrição das falas do evento. Todo esse estudo foi realizado no interior de um Projeto de Ensino maior, denominado Banco de Dados Midiáticos (Processo nº. 286/03 - UEM).

1.2 O Projeto Banco de Dados Midiáticos

O Projeto Banco de Dados Midiáticos (BDM) tem por objetivo formar um banco de dados a partir de entrevistas, reportagens, debates, entre outros gêneros da mídia brasileira. Esse material pode ser utilizado para pesquisas diversas, que envolvam questões sobre a oralidade, mídia, discurso, entre outras possibilidades, oferecendo a toda comunidade científica da UEM, interessada nos estudos humanísticos e linguísticos, um material riquíssimo de pesquisa. A frente do Projeto está o Prof. Dr. Edson Carlos Romualdo.

Ao receber o material agrupado pela PEN, os participantes do Projeto BDM constataram, de fato, a necessidade de materializar as falas dos palestrantes na forma escrita, uma vez que as informações ali contidas eram de suma importância para pesquisas e futuras discussões. Para os pesquisadores do BDM, no entanto, o valor das gravações não estava centrado somente no conteúdo em si, mas, principalmente, na forma como foram conduzidas (oralmente) essas apresentações.

[15] Conforme Benites et al. (2008).
[16] As solicitações referidas foram assinadas pela Pró-reitora de Ensino da época, Sônia Aparecida Lopes Benites, e constam na folha 302, v.1, do Processo 286/03 - UEM. Os vídeos que originaram as transcrições constituem um material de domínio da comunidade interna da Universidade, possuem caráter público, portanto.

Dessa forma, para atender à primeira solicitação da PEN, o professor e coordenador do Projeto reuniu uma equipe formada por acadêmicos do 3º ano do Curso de Letras da UEM. Os acadêmicos foram selecionados pelo coordenador do Projeto de acordo com o bom desempenho na graduação, e conforme o interesse e a disponibilidade em iniciar trabalhos de pesquisa de iniciação científica.

Nas reuniões iniciais do Projeto, foram distribuídas as fitas entre os pesquisadores e dadas orientações de como proceder para realizar as transcrições que, inicialmente, estavam voltadas para o simples registro do conteúdo, não levando em consideração as marcas típicas da oralidade, ou seja, o objetivo do exercício era tão somente registrar as palestras na materialidade escrita.

A maioria das fitas passou por todos envolvidos no Projeto, havendo sempre um responsável – aquele que assistiu à palestra primeiramente. Ocorria, assim, um revezamento, a fim de que se pudesse conferir o trabalho do outro, acrescentando, alterando ou modificando algum vocábulo ou trecho não compreendido.

O processo de transcrição, no entanto, leva um bom tempo para ser realizado, exige muita atenção e dedicação. É um árduo trabalho que deve seguir algumas orientações importantes, como: a observância da finalidade para atender aos objetivos propostos. Por isso, se a proposta é analisar a questão dialetal, por exemplo, deve-se marcar na transcrição a variação fonético-fonológica, se o objetivo é verificar as atividades extralinguísticas como auxílio para interação, deve-se anotar a ação dos participantes: gestos e olhares.

Segundo Marcuschi (2003), a transcrição da modalidade oral para escrita é um processo complexo, já que a escrita busca outros recursos para expressar os conteúdos que a fala exprime pela sonoridade da expressão. Os sinais gráficos, a pontuação da escrita, por exemplo, cumprem o papel da entonação e dos gestos que os falantes utilizam para organizar seu discurso, na fala. Tanto as transcrições para escrita de um texto falado como a leitura oral de um texto escrito trazem marcas de escrita e de fala, respectivamente.

O autor afirma, também, que o texto falado possui certa ordem na sua estruturação e não apresenta problemas para a compreensão, entretanto, sua passagem para escrita recebe interferências a depender da enunciação, da intenção, das condições e das consequências decorrentes dos objetivos propostos.

Para Marcuschi (2003), não existe uma receita para a transcrição “neutra”, “perfeita” ou “pura”, pois toda transcrição já é uma primeira interpretação na perspectiva da escrita. A transcrição é falha porque adapta as peculiaridades da fala às da escrita, essa adaptação, portanto, já se caracteriza como transformação. De acordo com Gago (2002, p.2), a transcrição é uma atividade analítica plena:

> [a transcrição] como uma representação, é sempre uma nova entidade, distinta do que de fato ocorreu (o encontro gravado), sujeita a problemas de representação geral. Considera-se que uma transcrição não é um produto final, acabado, perfeito (...). Uma vez que depende da audição humana, por natureza imperfeita, cada nova audição poderá corresponder à nova representação dos fenômenos (GAGO, 2002, p.2).

Por essa razão, as transcrições do Ciclo de Palestras foram sendo feitas cuidadosamente, revisadas por mais de um pesquisador do Banco de Dados.

Calcados nessas pontuações, os participantes do Projeto se preocuparam, inicialmente, em transcrever o conteúdo, centrando-se, tão-somente, no registro das informações contidas em cada palestra. Dessa forma, em um trabalho conjunto, foi possível em poucos meses entregar as transcrições para PEN. Assim, para constar no relatório, bem como para publicar no site, as transcrições realizadas dessa maneira foram suficientes.

No entanto, para os trabalhos sobre a oralidade, desenvolvidos no Projeto BDM, foi necessária outra estratégia. Novamente sob orientação do Prof. Dr. Edson Carlos Romualdo foi realizado um trabalho voltado para transcrição das palestras, com base nas normas estipuladas pelo NURC (PRETI, 2001). Esta atividade significa, para o presente trabalho, o cumprimento do primeiro objetivo específico, citado na introdução. Ou seja, para atual pesquisa, foi preciso que as palestras se adequassem às normas de transcrição do NURC, uma vez que os objetivos aqui estabelecidos ultrapassam aquelas questões iniciais (de conteúdo) e se fixam em peculiaridades da língua falada, principalmente aquelas relacionadas à condução do tópico discursivo, tais como: entonação, marcadores discursivos, pausas, hesitações.

Conforme Marcuschi (1991, p.9):

> Não existe a *melhor* transcrição. Todas são mais ou menos boas. O essencial é que o analista saiba quais os seus objetivos e não deixe de assinalar o que lhe convém. De um modo geral, a transcrição deve ser limpa e legível, sem sobrecarga de símbolos complicados.

Flores e Silva (2005) afirmam, também, que a transcrição deve aproximar-se ao máximo da fala original, elementos como alongamentos vocálicos e consonantais, pausas, hesitações, truncamentos e entonações, precisam ser marcados.

Ao estabelecer nossos objetivos de pesquisa, empregamos nas transcrições, os sinais apontados no Quadro 1.

Quadro 1: Normas para Transcrição - NURC

OCORRÊNCIAS	SINAIS	EXEMPLIFIÇÃO*
Incompreensão de palavras ou segmentos	( )	do nível de renda...( ) nível de renda nominal...
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	(estou) meio preocupado (com o gravador)
Truncamento (havendo homografia, usa-se acento indicativo da tônica e/ou timbre)	/	e comé/ e reinicia
Entoação enfática	maiúscula	porque as pessoas reTÊM moeda
Prolongamento de vogal e consoante (como s, r)	:: podendo aumentar para :::: ou mais	ao emprestarem os... éh::: ...o dinheiro
Silabação	-	por motivo tran-sa-ção
Interrogação	?	e o Banco... Central... certo?
Qualquer pausa	...	são três motivos... ou três razões... que fazem com que se retenha moeda... existe uma... retenção
Comentários descritivos do transcritor	((minúsculas))	((tossiu))
Comentários que quebram a sequência temática da exposição; desvio temático	-- --	... a demanda de moeda -- vamos dar essa notação -- demanda de moeda por motivo
Superposição, simultaneidade de vozes	[ligando as linhas	A. na casa da sua irmã [B. sexta-feira? A. fizeram lá... [B. cozinharam lá?
Indicação de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto. Não no	(...)	(...) nós vimos que existem...

seu início, por exemplo.		
Citações literais ou leituras de textos, durante a gravação	" "	Pedro Lima... ah escreve na ocasião... "O cinema falado em língua estrangeira não precisa de nenhuma baRREIra entre nós"...
* Exemplos retirados dos inquéritos NURC/SP No. 338 EF e 331 D2. **Observações:** 1. Iniciais maiúsculas: só para nomes próprios ou para siglas (USP etc.) 2. Fáticos: *ah, éh, eh, ahn, ehn, uhn, tá* (não por *está: tá?* você *está* brava?) 3. Nomes de obras ou nomes comuns estrangeiros são grifados. 4. Números: por extenso. 5. Não se indica o ponto de exclamação (frase exclamativa). 6. Não se anota o *cadenciamento da frase* 7. Podem-se combinar sinais. Por exemplo: oh:::... (*alongamento* e *pausa*). 8. Não se utilizam sinais de *pausa*, típicos da língua escrita, como ponto-e-vírgula, ponto final, dois pontos, vírgula. As reticências marcam qualquer tipo de *pausa*, conforme referido na *Introdução*.		

Fonte: PRETI (2001).

Orientados por esse modelo de transcrição e com base no material disponível – Ciclo de Palestras, o exercício foi concluído. O processo de transcrição, sem dúvida, representa uma parcela primordial deste trabalho. Podemos afirmar, categoricamente, que a ação de transcrever é uma experiência única, um desafio completo, em todos os sentidos. Por essa razão, queremos registrar e valorizar o tempo depositado para essa função que, embora exaustiva, se revela sumariamente compensatória para as pessoas que se indagam sobre a linguagem, sobre suas manifestações e sua estruturação.

Sequencialmente, o Projeto BDM cumpriu a segunda solicitação da PEN, isto é, retextualizou as idéias expostas nas palestras. Esse processo de transformação recobriu um fenômeno linguístico específico – a retextualização[17] – e exigiu novos estudos relacionados à transposição da fala para escrita.

1.3 O processo de retextualização

Inicialmente, todos os participantes do Projeto fizeram discussões, grupos de estudo e leituras direcionadas sobre o assunto. O livro *Da fala para escrita: atividades*

[17] Neste trabalho, o termo "retextualização" está sendo compreendido como o processo de transformação de um texto falado para um texto escrito. No entanto, sabemos que tal acepção também abrange o processo inverso, assim como assegura Marcuschi (2003).

de retextualização (2003) de Marcuschi se consagrou como a base teórica para o exercício proposto.

Como afirma Marcuschi (2003, p.47-8), antes de qualquer atividade de transformação textual, ocorre uma atividade cognitiva denominada compreensão, "a retextualização não é, no plano da cognição, uma atividade de transformação de um suposto pensamento concreto em um suposto pensamento abstrato", ou como uma passagem de um texto supostamente descontrolado e caótico para outro controlado e bem-formado.

Segundo o autor, um indivíduo só pode retextualizar se houver compreensão do texto de origem, do contrário, pode acarretar uma transformação problemática que resulta no falseamento das informações.

De acordo com Santos, Cabrera e Góes (2008, pp.1-2):

> A retextualização está presente no cotidiano, dentre as mais diversas atividades. A anotação de aulas, uma pessoa contando a outra alguma notícia lida em um jornal, por exemplo. Pode ser realizada da ordem da fala para a ordem da escrita e vice-versa. Não obstante, retextualizar não é um ato mecânico, pois exige operações complexas que inferem no código e no sentido do texto.

A atividade de transformação de um texto falado para um texto escrito segue operações que ultrapassam a simples regularização linguística, pois envolvem procedimentos de substituição, reordenação, redução e mudanças de estilo. Segundo Marcuschi (2003, p.75), esse procedimento abrange nove operações, que estão descritas, a seguir (Quadro 2).

Quadro 2: Operações da Retextualização

1ª OPERAÇÃO	Eliminação de marcas interacionais ou conversacionais, tais como, hesitações, léxicos característicos da língua falada, truncamentos e sobreposições de palavras, observações metalinguísticas, entre outras.
2ª OPERAÇÃO	Introdução da pontuação de acordo com a intuição fornecida pela entonação do falante.
3ª OPERAÇÃO	Remoção das repetições, reduplicações e paráfrases.
4ª OPERAÇÃO	Introdução dos parágrafos e da pontuação minuciosa, porém ainda sem alteração da ordem dos tópicos discursivos.
5ª OPERAÇÃO	Introdução de palavras para substituir as referências feitas pelas ações do falante e pela verbalização de contextos expressos por dêiticos.
6ª OPERAÇÃO	Reconstrução de estruturas sintáticas e ordenação das concordâncias.

7ª OPERAÇÃO	Modificação estilística com novas estruturas sintáticas e novas opções lexicais.
8ª OPERAÇÃO	Reorganização tópica do texto e da sequência argumentativa.
9ª OPERAÇÃO	Estruturação das idéias e dos argumentos.

Fonte: MARCUSCHI (2003, p.75).

O trabalho realizado pelos pesquisadores do Projeto BDM, marcou, justamente, o trabalho com essas nove operações. Houve, pois, um revezamento dos textos disponíveis para a construção da redação final.

O processo de retextualização foi efetuado da seguinte maneira: cada pesquisador ficou responsável por uma palestra (a primeira que assistiu e transcreveu); o pesquisador tinha em mãos o texto transcrito e, no próprio texto, realizava as operações acima descritas (seguindo a ordem, 1-9); todas as modificações, eliminações e os acréscimos foram anotados na lateral e no verso da transcrição, com uma cor de caneta específica (azul, por exemplo); depois, essa mesma transcrição passava para um segundo pesquisador que conferia os procedimentos já realizados e anotava com outra cor de caneta (vermelha, por exemplo) suas observações; na sequência, esse mesmo texto passava para um terceiro pesquisador que, da mesma forma, registrava suas anotações com uma terceira cor de caneta (preta, por exemplo); por fim, esse texto transcrito voltava para o primeiro pesquisador e, este, por sua vez, retextualizava o texto falado a partir dos registros feitos. A organização do texto final ficava a cargo do pesquisador responsável pelo texto original que transcreveu (pesquisador 1). O processo de retextualização, portanto, foi realizado em três etapas.

A solicitação feita pela PEN objetivava o agrupamento das principais informações e argumentos dos palestrantes a fim de facilitar a divulgação do material escrito junto à comunidade acadêmica da UEM. Essa determinação, no entanto, ultrapassava as nove operações de Marcuschi (2003), que não prevê compactação ou edição de informações. Por essa razão, uma última etapa do processo de retextualização teve de ser realizada, a saber: ao organizar o texto final, o pesquisador 1 teve de selecionar as principais informações, eliminar exemplos, comentários e esclarecimentos.

O processo de transformação dos textos foi realizado lentamente e as quatro etapas foram arquivadas[18]. As retextualizações que compõem o *corpus* desse trabalho correspondem à última etapa, acima descrita: resultado de uma produção conjunta, legitimada pelas operações de Marcuschi (2003) e pelos objetivos propostos pela PEN.

Com o término dos trabalhos, os textos foram entregues para a PEN e ficaram à disposição para futuras publicações, na forma escrita[19]. O acervo do Projeto BDM, enfim, contém o material desse evento arquivado em três instâncias: fitas em VHS, transcrições e retextualizações.

1.4 A delimitação do *corpus*

Para o presente trabalho, selecionamos, pois, três apresentações que foram proferidas por apenas um falante e consideradas centrais, já que as outras eram referentes à abertura do evento e aos relatos de experiências. Os textos escolhidos foram transcrições e retextualizações das seguintes palestras[20]:

1. *O direito à igualdade: aspectos constitucionais e legais* (Edvaldo Mendes Zulu Araújo)
2. *O negro na universidade* (José Jorge de Carvalho)
3. *O sistema de cotas e o direito de acesso à universidade* (Dora Lúcia de Lima Bertúlio)

As três palestras reúnem particularidades, formando, de certa maneira, um *corpus* padronizado: todas são faladas e não lidas, possuem condições de produção semelhantes, ou seja, estão inseridas em um mesmo evento, e sua temática converge para um mesmo ponto (aprovação das cotas).

[18] Ressaltamos que as etapas efetivadas no processo de retextualização não interferem na identificação e segmentação dos tópicos do texto escrito.
[19] No decorrer dos trabalhos, a PEN levantou a hipótese de também publicar esses textos escritos, no formato de artigos de opinião. Mas o Projeto BDM se encerrou na quarta etapa da retextualização. Não havendo, portanto, formatação específica para circulação em mídias diversas, nem adequação de gêneros escritos específicos.
[20] As transcrições e retextualizações das palestras correspondem, respectivamente, aos Anexos II e III deste trabalho.

Segundo Koch e Silva (2002), na EF, as atividades são auto-condicionadas porque se trata de um evento interacional institucionalizado, com objetivos definidos e situações e contextos restritivos e assimétricos, os papéis são resolvidos antecipadamente e a posse do turno é convencionalmente determinada.

As palestras selecionadas se enquadram nessa definição porque a situação vivenciada, naquele momento, recobria um ambiente institucional e formal. Com relação aos objetivos definidos, devemos ressaltar que os palestrantes 2 e 3 apresentaram um roteiro de apoio que, em certa medida, auxiliou na condução e na organização da fala e evidenciou um planejamento temático prévio. O palestrante 1, no entanto, devido ao fato de ele estar na posição de substituto[21] de outro palestrante, não apresentou texto de apoio, e sua fala apontou para um planejamento temático *in loco* (URBANO, 1999a).

A interação estabelecida pelo contexto de produção da fala dos palestrantes era assimétrica, já que os conferencistas detinham completamente a posse do turno (no momento da exposição oral). Como assegura Orecchioni (*apud* BRAIT, 1999), um dos pressupostos da EF é a posição do falante diante dos ouvintes, ou seja, estes só tomarão o turno se aquele permitir essa possibilidade, o que acontece, geralmente, no final do discurso.

Brait (1999) acrescenta que a estruturação sintática, o planejamento temático-composicional e a presença de citações são elementos que aproximam a EF do texto escrito. Nas palestras escolhidas, esses elementos apareceram constantemente: as construções frasais dessas apresentações foram mais elaboradas, se compararmos com as falas da abertura ou fechamento do evento e as citações foram lidas, de fato, e estiveram presentes em duas, das três palestras selecionadas.

Finalmente, as três retextualizações foram igualmente desenvolvidas na esteira do Projeto BDM, seguindo operações e objetivos específicos que ajudaram a organizar nosso *corpus*.

[21] Verificar início da Palestra 1 (Anexo 2.1)

1.4.1 Os palestrantes

De acordo com Orecchioni (2006), o enfoque sociointeracionista, mais especificamente, a linha teórica da AC, objetiva sua investigação não em frases soltas, abstratas, isoladas, mas em discursos atualizados e em situações comunicativas concretas. Segundo a autora, os ingredientes do contexto sócio-comunicativo são: o lugar, sob o âmbito físico e institucional; o objetivo da interação e os participantes (número, características individuais, relações de conhecimento).

Os itens "lugar" e "objetivos", acima, já foram mencionados neste Capítulo. Nosso intuito, agora, é apresentar os participantes responsáveis pelas palestras selecionadas, uma vez que a produção e condução da fala de cada um é objeto de estudo desta pesquisa. Nesse sentido, julgamos essencial sintetizar alguns dados profissionais e pessoais dos participantes dessa interação.

Primeiramente, contextualizaremos dois momentos retirados da situação comunicativa em questão: transcrição do conteúdo das falas efetivadas pelo apresentador, na abertura da palestra, bem como aquelas proferidas pelo coordenador de mesa, na apresentação do palestrante. Acrescentamos, também, o resumo dos principais temas abordados em cada palestra.

a) Palestrante 1

Abertura da Palestra: "esclarecemos que haverá uma pequena modificação em nosso programa, pois o palestrante Samuel Vida não pode comparecer em decorrência de um problema de saúde na família. Sendo assim, o professor será substituído pelo Senhor Zulu Araujo. Dando sequência às atividades do *VI Encontro O negro na universidade: o direito à inclusão* temos a honra de convidar, para compor a mesa, nosso insigne palestrante Zulu Araujo que proferirá a palestra intitulada: *O direito à igualdade, aspectos constitucionais e legais*. E para proceder a apresentação do palestrante e coordenar os trabalhos de mesa, convidamos a professora Aracy Adorno Reis, fundadora da Associação União e Consciência Negra e membro da Associação dos Professores do Paraná APP".

Apresentação do palestrante: "o professor Zulu Araújo é Bacharel em Arquitetura pela Universidade Federal da Bahia, diretor de promoção, estudo, pesquisa e divulgação da cultura afro-brasileira da Fundação Cultural Palmares".

Temas abordados na palestra: racismo; preconceito; discriminação racial direta e indireta; processos de escravização no Brasil; tráfico de escravos; medidas legais contra a discriminação racial; presença da comunidade negra nos setores da sociedade; críticas das ações afirmativas; legalidade das cotas.

b) Palestrante 2

Abertura da Palestra: "dando sequência à programação nós convidamos à mesa nosso insigne palestrante, o professor José Jorge de Carvalho que proferirá a palestra intitulada *O negro na universidade*. Para coordenar os trabalhos de mesa convidamos o senhor Valdeir Gomes de Souza da Assessoria Municipal de Promoção da Igualdade Racial".

Apresentação do palestrante: "doutor em Antropologia, professor de Antropologia da Universidade de Brasília, pesquisador do CNPq, especialista em antropologia das populações afro-brasileiras, autor do Projeto das cotas da UnB".

Temas abordados na palestra: dimensão histórica das universidades brasileiras; quadro atual de professores negros nas universidades; sistema de cotas em outros países; aprovação das cotas nas universidades estaduais e federais; plano de cotas na UnB.

c) Palestrante 3

Abertura da Palestra: "dando sequência às atividades da tarde convidamos para compor à mesa nossa insigne palestrante, a senhora Dora Lúcia de Lima Bertúlio, que proferirá a palestra intitulada *O sistema de cotas e o direito de acesso à universidade*. Para coordenar os trabalhos de mesa convidamos o senhor Alaor Gregório de Oliveira da Associação União e Consciência Negra de Maringá".

Apresentação da palestrante: “a professora Dora Lúcia de Lima Bertúlio é doutoranda em Direito pela Universidade Federal de Santa Catarina e é Procuradora Geral da UFPR”.

Temas abordados na palestra: importância da universidade; formação da idéia do negro na sociedade brasileira; movimentos discriminatórios; legislação do século XIX; direito de inclusão do negro na universidade.

Pelo exposto, e por meio da observação dos vídeos, elencamos algumas regularidades com relação aos sujeitos envolvidos:

- Os três possuem nível superior de escolaridade;
- Os três têm idade acima de 40 anos;
- Dois palestrantes são homens e uma palestrante é mulher;
- Dois palestrantes (1 e 3) são negros;
- Os três apresentam envolvimento com questões relacionadas à divulgação da igualdade de direitos da comunidade negra no Brasil;
- Os três desenvolvem projetos no interior de universidades brasileiras;
- Todos comungam da mesma opinião: aprovação das cotas para negros nas universidades brasileiras.

Esse último item significa, para este trabalho, uma regularidade significativa em termos de centração tópica, devido às possibilidades temáticas das palestras serem semelhantes.

As informações acima são relevantes à medida que contribuem para contextualização da situação comunicativa analisada, mas, sobretudo, porque enquadram o presente trabalho na linha teórica aqui assumida.

CAPÍTULO II - O TÓPICO DISCURSIVO

O suporte teórico deste trabalho se resume na compilação de bibliografias relacionadas aos estudos do texto falado no Brasil, principalmente, no tocante à categoria do tópico discursivo. Figura central e objeto de análise dessa pesquisa, a topicalidade, tal como postulada pela vertente da AC, prevalecerá nas discussões. Paralelamente, os escritos sobre língua oral e língua escrita, retextualização, EF, alguns elementos da LT aparecerão, também, no decorrer da análise, devido às especificidades do nosso *corpus*.

Apresentamos adiante, o percurso teórico para construção e sustentação do conceito de tópico discursivo, evidenciando, sobretudo, o trabalho do Grupo Organização textual-interativa do PGPF.

2.1 A formulação do conceito de tópico discursivo

De acordo com Jubran (2006a), a noção de tópico discursivo[22] teve início nas abordagens essencialmente situadas no nível da frase e do enunciado, juntamente com as oposições tema/rema, dado/novo, figura/fundo e tópico/comentário. Tais formulações convidaram os estudiosos a pensarem na questão do tema no âmbito mais discursivo. A partir disso, surgiram definições mais dinâmicas a respeito do tópico, como a oposição ativação/desativação de referentes, abrangendo questões sintáticas e cognitivas, até os estudos que começaram a observar a organização global do discurso, tomando-o na sua totalidade, desenvolvendo conceitos macroestruturais relacionados à estruturação do tópico e ao saber mobilizado em um texto (esquemas e frames, por exemplo).

A autora afirma que, com o passar do tempo, o tópico discursivo deixou de ser entendido apenas como uma questão de conteúdo. Finalmente, foi na triangulação de três vertentes fundamentais, LT, Pragmática e AC, que o Grupo "Organização textual-interativa" do PGPF, ao privilegiar o enfoque discursivo e apresentar o texto como

[22] Destacamos que há uma diferença teórica entre tópico discursivo e tópico frasal. Para Pinheiro (2005a), o tópico frasal não corresponde a um elemento que é o tópico da frase, mas uma frase que é o tópico do parágrafo – noção que respalda textos escritos. Já o tópico discursivo é uma categoria textual-interativa, identificada em textos falados e escritos.

unidade globalizadora dentro de um processo interacional, formula o conceito de tópico discursivo que apresentamos, a seguir.

Nas primeiras pesquisas deste Grupo, no artigo intitulado "Aspectos do processamento do fluxo de informação no discurso oral dialogado" (KOCH et al., 2002, p.146), há referência a uma unidade discursiva que compreende um fragmento textual caracterizado pela centração em um determinado tema[23], com extensões variadas, "que vão desde o âmbito do enunciado, correspondendo aproximadamente ao conceito de período, do ponto de vista sintático, até o âmbito mais abrangente, envolvendo porções maiores do texto". Jubran (2006a) afirma que nessa definição estava a origem da propriedade de centração, embora a palavra "tema" ainda carregasse um sentido vago e fluido.

No próximo estudo, "Organização tópica da conversação" (2002)[24], o Grupo procurou uma definição mais clara dessa unidade:

> [diante da] necessidade de termos uma base objetiva para a caracterização e identificação de uma unidade de análise de estatuto discursivo, adequada à descrição textual-interativa do português falado, procuramos, neste texto, estabelecer traços que definam uma categoria operacionalizável com alguma segurança e objetividade. Essa categoria é a de tópico discursivo (JUBRAN et al., 2002, p.343-344).

Nesse sentido, por trabalhar no plano do texto, o Grupo deveria, necessariamente, formular uma categoria de estatuto textual, não prevista na descrição da gramática tradicional que tomasse a frase como unidade de análise. Tal categoria tinha de ser pertinente também para o enfoque pragmático da linguagem, concebida, aqui, como interação social. Conforme relata Jubran (2006a), a partir da determinação do entorno desse conceito, o Grupo definiu a noção de tópico discursivo: categoria analítica abstrata, com a qual o analista opera, com base nas propriedades tópicas de

[23] Neste trabalho, entendemos a palavra "tema" no bojo da teoria que envolve a noção de tópico discursivo – propriedade da centração (JUBRAN et al. 2002).

[24] O texto é assinado pelo Grupo Organização textual-interativa do PGPF: Clélia Cândida Abreu Spinardi Jubran, Mercedes Sanfelice Risso, Hudnilson Urbano, Leonor Lopes Fávero, Ingedore Grunfeld Villaça Koch, Luiz Antônio Marcuschi, Luiz Carlos Travaglia, Maria Célia Pérez de Souza e Silva, Maria Lúcia Victorio de Oliveira Andrade, Zilda Gaspar Oliveira de Aquino, Maria do Carmo de Oliveira Turchiari Santos.

centração e organicidade, para recortar segmentos textuais e descrever a organização tópica de um texto.

Keenan e Schieffelin (1976, p.334 *apud* Jubran et al. 2002, p.342) observam que "há como que uma consciência de que se deve falar sobre algo e de que o ponto para o qual converge a conversa deve ficar claro para ambos os participantes do ato conversacional".

Esse ponto de convergência recobre exatamente a noção de tópico discursivo. Há um consenso entre os estudiosos (FÁVERO, 2001; GALEMBECK, 2005; JUBRAN et al. 2002, JUBRAN 2002, 2006a, 2006b, 2006c; KOCH et al. 2002; PINHEIRO 2005a, 2005b, 2006) de que o conceito de tópico discursivo se relaciona com os assuntos tratados no texto (sobre o que se fala). E os usuários da língua sabem, segundo Fávero (2001, p.39), "quando estão discorrendo sobre o mesmo tópico, quando mudam, cortam, criam digressões, retomam etc." Da mesma forma, Maynard (2006) afirma que os participantes de uma conversação deixam sempre marcas durante a atividade verbal do que estão fazendo e do que pretendem fazer, assim como deixam marcas de quando não entenderam alguma informação ou de quando não estão muito interessados no tópico em andamento.

Fávero (2001) realizou um estudo do tópico discursivo em um inquérito tipo D2 (diálogo entre dois informantes). A definição de tópico discursivo utilizada pela autora e, comumente disseminada entre os estudiosos, é aquela inicialmente postulada por Brown e Yule (1983, *apud* Fávero, 2001) "aquilo acerca do qual se está falando". No entanto, trabalhos mais recentes apontam o tópico não apenas como uma noção de conteúdo, de acordo com Maynard (1990, p. 263 *apud* Jubran et al., 2002, p.344), "aquilo de 'que se fala' não pode ser desvinculado do 'como se fala'".

Dessa forma, o tópico discursivo é entendido como o elemento primordial que compõe, organiza e fundamenta o texto falado. A categoria analítica de tópico discursivo surge para operar recortes de segmentos textuais, de forma que o analista seja capaz de detectar sobre o que se fala e como isso é organizado no texto. Para Galembeck (2005, p.278):

> O tópico discursivo pode ser considerado um dos elementos essenciais na produção da fala e, por conseguinte, dos estudos de língua falada, por abranger dois aspectos, ou melhor, dois

> princípios fundamentais para o estudo da fala: o princípio fundamentador e o organizador (GALEMBECK, 2005, p.278).

O tópico discursivo é, portanto, um elemento decisivo na constituição de um texto oral, e a estruturação tópica serve como fio condutor da organização discursiva (JUBRAN et al., 2002).

O conceito de tópico discursivo, como vimos, foi inicialmente desenvolvido para dar conta de textos falados. Mas, recentemente, alguns autores confirmam a possibilidade de operar com a categoria analítica do tópico discursivo em textos escritos. Conforme Rezende (2006, p.72):

> Quando falamos/escrevemos, fazemo-lo dispondo nosso discurso numa organização temático-estrutural de camadas tópicas, em que as mais abrangentes contêm outras, mais específicas e particularizadas, de modo que ao analista seja possível alcançar, na materialidade linguística do texto, os segmentos tópicos – unidades discursivas que atualizam as propriedades do tópico.

De acordo com Jubran et al. (2002, p.374), "sob o ponto de vista de sua organização, um texto, seja ele oral ou escrito, está submetido a vários sistemas de estruturação". Também Marcuschi (2006a, p.9) considera que:

> O discurso oral e o escrito têm organização e desenvolvimento tópico relativamente diferenciado, tendo em vista suas condições de produção. A conversação, por exemplo, desenvolve a dinâmica tópica interativamente (sem um planejamento prévio e com monitoração local), ao passo que o texto escrito segue um processo enunciativo mais calculado, na base de suposições sócio-cognitivas e planejamento de maior alcance.

Para Urbano (1999a, p.133), o texto falado, na falta de intervalo temporal entre a produção cognitiva e a oral, não apresenta, em princípio, um planejamento prévio, sendo planejado apenas localmente, durante sua própria produção. Por outro lado, o texto escrito, havendo um intervalo de duração teoricamente opcional há suficiente possibilidade de planejamento prévio do texto antes da sua execução.

Galembeck (2005, p.280) assevera que os textos falados e escritos "apresentam diferenças no que diz respeito à organização de desenvolvimentos tópicos. Isso ocorre devido às diferentes condições de produção de ambas as modalidades de exteriorização linguística".

Conforme Marcuschi (2006a, p.9-10),

> cada gênero discursivo (tanto na fala como na escrita) apresenta algumas características próprias em relação à condução tópica. Uma carta pessoal e um artigo científico, uma conversação espontânea e uma conferência acadêmica não mantêm entre si relações distintivas lineares com base na simples caracterização de oral e escrito. *Quanto a isto, ainda faltam estudos pontualizados para uma definição clara*[25].

Jubran (2006a), enfim, assegura que a categoria analítica do tópico discursivo é aplicável às análises de textos de outros gêneros falados, além da conversa espontânea, e também às análises de gêneros escritos:

> Pesquisas com *corpus* escrito já demonstraram a pertinência dessa extensão, mostrando que a propriedade tópica de organicidade, embora prevista inicialmente com base na conversação, não é privativa do texto falado. (...) As mesmas colocações a respeito da organicidade linear e hierárquica dos tópicos no texto falado podem perfeitamente serem transpostas para o texto escrito (JUBRAN, 2006a, p.37).

O artigo de Jubran intitulado "Revisitando a noção de tópico discursivo" (2006a) propõe uma releitura do conceito de tópico discursivo, apresenta complementações aos principais pontos definidores e assinala a operacionalidade da categoria tópica na particularização de estratégias de construção do texto, tais como: paráfrase, repetição e parênteses. Segundo a autora:

[25] Grifo nosso. A asserção acima de Marcuschi (2006a) corrobora e confirma a viabilidade desta pesquisa, uma vez que pretendemos realizar um estudo pontual, tomando como elemento comparativo a movimentação dos tópicos discursivos em textos falados que deram origem a outros escritos, por meio do processo de retextualização.

> Afastamo-nos da compreensão de tópico discursivo exclusivamente como decorrente do envolvimento colaborativo dos participantes de um ato conversacional, que atuam conjuntamente na elaboração textual. Concebemos, então, a função interacional de modo amplo, como inerente a todo e qualquer texto, já que o produtor de um texto, seja falado ou escrito, orienta suas escolhas linguístico-discursivas em função do interlocutor presente no intercâmbio oral ou pretendido no evento comunicativo realizado por meio da escrita (JUBRAN, 2006a, p.35).

Na mesma direção, Pinheiro (2005a) conclui que o tópico discursivo é uma categoria de base textual porque se relaciona ao plano global de organização do texto, mas também é uma categoria de base interacional, pois é uma entidade que permite aos interlocutores atribuírem propriedades a ele específicas, conforme suas práticas interacionais. Para o autor, o interacional é inerente ao linguístico. O tópico discursivo é, pois, aquele que conduz o movimento dos assuntos abordados nos textos falados ou escritos.

Assim, temos que um texto se compõe de segmentos tópicos (KOCH e PENNA, 2006, p.23), ou sequências textuais que preenchem as propriedades da categoria analítica e abstrata do tópico discursivo (PINHEIRO, 2006, p.46). Segundo Jubran et al. (2002), os segmentos tópicos caracterizam-se como um conjunto de enunciados apresentando abertura ou começo, meio e fecho ou saída:

> Se o tópico se caracteriza por centrar-se em um assunto, o início de um segmento tópico pode ser detectado no momento em que esta centração de assunto se distingue de uma outra centração anterior (JUBRAN et al., 2002, p.352).

A parte nuclear dos segmentos tópicos compreende basicamente a seleção de lexemas pertinentes a um mesmo campo conceitual. O fecho ou saída decorre da exaustão de um tópico ou de sua descontinuidade, o que nem sempre significa conclusão, mas fim de sequência. Para Pinheiro (2006), o segmento tópico é a unidade que, em termos de centração, revela a concernência e relevância do conjunto de seus elementos que se encontram num determinado ponto do evento comunicativo.

2.2 As propriedades do tópico discursivo: a centração e a organicidade

Em "Organização Tópica da Conversação" (JUBRAN et al., 2002), o Grupo Organização textual-interativa do PGPF apresenta um estudo da organização tópica de um discurso oral-dialogado, com intuito de identificar e delimitar unidades tópicas, caracterizar as relações de interdependência hierárquica e sequencial entre elas e detectar traços reveladores da estrutura interna das unidades tópicas.

Apresentamos, a seguir, a definição de tópico discursivo postulada por Jubran et al. (2002) e Jubran (2002, 2006a, 2006b). Esses textos são referência para outros estudos[26] que trataram, também, da questão do tópico discursivo e da organização tópica de um texto. Além disso, tais publicações se configuram como base teórica fundamental deste trabalho[27].

Para Jubran et al. (2002), a topicalidade se instaura como o princípio organizador do discurso e apresenta no plano de sua realização, uma estrutura passível de ser identificada e analisada, por isso deve apresentar, em sua constituição, propriedades que garantam a identificação e segmentação dos tópicos discursivos no texto. Sendo assim, o tópico discursivo apresenta duas propriedades essenciais: a centração e a organicidade.

A centração, primeira propriedade definidora do tópico discursivo, descrita por Jubran et al. (2002) e Jubran (2006b), envolve os traços de concernência, relevância e pontualização:

1. Concernência: relação de interdependência semântica entre os enunciados – implicativa, associativa, exemplificativa ou de qualquer outra ordem, pela qual se dá sua inserção num conjunto de referentes explícitos ou inferíveis que se encontram ativados em determinado momento do discurso.
2. Relevância: proeminência desse conjunto de referentes em determinado segmento textual, ou mesmo no texto inteiro, em virtude da posição focal assumida pelos seus elementos.

[26] Andrade (2003); Pinheiro (2005a, 2005b, 2006); Galembeck (2005, 2006); Bentes e Rio (2006); Koch e Penna. (2006); Lins (2006); Marcuschi (2006a); Rezende (2006).

[27] Ressaltamos que os pesquisadores que tomam como categoria analítica o tópico discursivo e até mesmo outros elementos composicionais do texto falado, como paráfrase, parêntese e repetição, que se estruturam e funcionam no interior de um tópico discursivo (JUBRAN, 2006a), devem, necessariamente, realizar a leitura de Jubran et al. (2002) e, mais recentemente, de Jubran (2006b). Consideramos essas leituras basilares para os estudos que objetivam analisar a organização tópica de um texto.

3. Pontualização: localização desse conjunto em determinado momento do texto (JUBRAN et al., 2002, p.344).

Para Jubran (2006a), os traços de concernência, relevância e pontualização da primeira propriedade definidora do tópico discursivo devem ser observados em uma perspectiva referencial e interacional. Em outras palavras, segundo Marcuschi (2006a), o reconhecimento dos referentes textuais que pertencem a um mesmo campo semântico auxilia, sobremaneira, na identificação dos tópicos. Do mesmo modo, Galembeck (2005, p.279) afirma que "o tópico discursivo só pode ser compreendido dentro do processo interacional, já que a interação interfere diretamente na sequência tópica".

Para Fávero (2001, p.40), "a centração norteia o tópico de tal forma que, quando se tem uma nova centração, tem-se um novo tópico". Segundo Pinheiro (2005a, p.22), os tópicos discursivos podem ser nominalizados ou rotulados pelo analista, a partir dos referentes que aparecem no segmento apreendido e que indicam a centração em determinado tema. O autor mostra que é pertinente a idéia de que "o tópico sintetiza um fragmento do discurso coerente, sem que seja, via de regra, explicitamente mencionado pelo falante/escritor".

A propriedade de centração, portanto, diz respeito ao conteúdo e, a partir desses traços, pode-se delinear com maior precisão o que se compreendia por assunto ou tema, nos estudos precedentes.

A cerca da legitimidade da identificação do tópico discursivo em um texto, Pinheiro (2006, p.44) afirma que:

> O fato de não se encontrar necessariamente materializado no texto, mas de ser extraído pelo analista, desencadeia a crítica de que a noção de tópico é intuitiva e, dessa forma, apresenta dificuldades de operacionalização. É verdade que a comunicação humana supostamente se faz em torno de um tema, um assunto, mas nem sempre é fácil identificar esse assunto. No entanto, os traços de concernência e relevância que precisam a centração, uma das características do tópico, segundo Jubran et al. (1992), se apresentam como um critério a partir do qual o tópico pode ser identificado e depreendido (PINHEIRO, 2006, p.44).

Um dos traços da centração, a concernência, "interdependência semântica entre os enunciados" (JUBRAN et al., 2002a, p.344), é marcada, particularmente, por processos referencias que, segundo Koch e Penna (2006), mantém o tópico discursivo em estado de ativação. Da mesma forma, Marcuschi (2006a) aponta que:

> Um discurso, seja ele falado ou escrito, deve necessariamente preencher o requisito de topicalidade fundada na referenciação continuada, seja ela na base pronominal ou na base lexical (...) o que não pode faltar é uma base referencial preservada que permita a construção da coerência. É nisto que reside a possibilidade de identificar sobre o que se fala, ou então, se em dado momento, se volta a falar sobre o mesmo tópico já apresentado (MARCUSCHI, 2006a, p.19).

Marcuschi (2006a) acrescenta que um texto constrói-se e progride com base em dois processos gerais: 1. Progressão Referencial – introdução, identificação, preservação, continuidade e retomada de referentes textuais, correspondendo às estratégias de designação de referentes e formando o que se pode denominar cadeia referencial; 2. Progressão Tópica – assuntos ou tópicos discursivos tratados ao longo do texto. Dessa forma, segundo o autor:

> A continuidade tópica, ao longo de um texto, não é condição necessária para a progressão referencial. Por outro lado, parece ser intuitivamente verdadeiro que há uma relação de quase-reciprocidade entre manutenção de referentes e construção de tópicos discursivos (MARCUSCHI, 2006a, p.21).

Assim sendo, a delimitação dos segmentos tópicos é justificada pelo princípio da centração e, muitas vezes, por marcadores discursivos (doravante MDs), cuja identificação constitui um critério auxiliar de segmentação do texto em tópicos.

Risso, Silva e Urbano (2006, p.403) esclarecem que os marcadores discursivos constituem um dado sempre presente nas preocupações dos linguistas, mais especialmente, daqueles que se dedicam à AC, ou aos estudos da língua oral[28].

[28] Segundo Risso, Silva e Urbano (2002, 2006), os MDs podem ser analisados por meio de dez variáveis: padrão de recorrência; articulação de segmentos do discurso; orientação da interação; relação com o conteúdo proposicional; transparência e semântica; apresentação formal; relação sintática com a estrutura gramatical da oração; demarcação prosódica; autonomia comunicativa; massa fônica.

Jubran et al. (2002) classificam os marcadores discursivos de acordo com seu papel na movimentação tópica, podendo ser facultativos (os segmentos tópicos nem sempre têm seu início e final marcados), multifuncionais (os elementos que marcam a delimitações tópicas não exercem essa função em caráter permanente e exclusivo) e co-ocorrentes (acúmulo de procedimentos no mesmo ponto).

Ainda, de acordo com os autores, os MDs podem ser de natureza prosódica, morfossintática, léxico-semântica, silêncios, pausas e hesitações. A identificação dos marcadores também possibilita conhecer formas características de se iniciar, conduzir, e fechar tópicos[29].

A segunda propriedade fundamental do tópico discursivo é a organicidade. Segundo Jubran et al. (2002):

> A organicidade se manifesta por relações de interdependência que se estabelecem simultaneamente em dois planos: hierárquico, conforme as dependências de superordenação e subordenação entre tópicos que se implicam pelo grau de abrangência do assunto; no plano sequencial, de acordo com as articulações intertópicas em termos de adjacências ou interposições na linha discursiva (JUBRAN et al., 2002, p.345).

Em outras palavras, a organicidade compreende dois planos: linear e vertical; com a funcionalidade simultânea de ambos. De acordo com Jubran (2006a, p.62), a análise da topicalidade de um texto torna evidente a existência:

> não só de uma organização horizontal, correspondente à progressão dos tópicos no desenrolar do diálogo, como também de uma organização vertical, decorrente de uma sucessiva especificação do assunto em pauta.

O plano vertical ou hierárquico da organização tópica caracteriza-se, segundo Jubran et al. (2002), pelas relações de interdependência que os tópicos estabelecem uns com os outros. O grau maior ou menor com que o assunto é detalhado faz que apareçam níveis de hierarquização na estruturação tópica. Para os autores, cada nível vai sendo

[29] Para mais esclarecimentos, ver item 3.2.3 "Os marcadores discursivos e pausas".

recoberto por um superior e constituído por um inferior, sendo que os limites dos diversos níveis são dados pelo grau de abrangência do assunto em foco.

Depois da identificação dos tópicos é possível visualizar as camadas de organização, existindo tópicos suficientemente amplos que não são recobertos por outro superordenado. Em contrapartida existem tópicos particularizados, de acordo com a relevância do assunto e compostos por tópicos mínimos.

São justamente essas relações de interdependência entre os níveis hierárquicos de organização tópica que dão origem aos QTs, ou seja, a relação de superordenação e subordenação entre os tópicos culmina na estruturação: supertópicos, tópicos e subtópicos. Jubran et al. (2002, p.346) descrevem as condições de formação dos QTs:

> Centração num tópico mais abrangente (SUPERTÓPICO, ST), que recobre e delimita a porção de discurso em que ele é focal; divisão interna em tópicos co-constituintes (SUBTÓPICOS – SbT), situados numa mesma camada de organização tópica, na medida em que apresentam o mesmo teor de concernência relativamente ao ST que lhes é comum; subdivisões sucessivas no interior de cada tópico co-constituinte, de forma que um tópico pode vir a ser ao mesmo tempo ST ou SbT, se mediar uma relação de interdependência entre dois níveis não imediatos.

A partir da observação de porções tópicas menores, o analista depreende agrupamentos de segmentos tópicos que se subordinam a um tópico superordenado, caracterizando, assim, a organização tópica indo do mais abrangente ao menos abrangente. O analista estabelece, portanto, níveis hierárquicos, construindo, posteriormente, QTs.

De igual forma, Pinheiro (2006, p.45) afirma que:

> No plano hierárquico, as sequências textuais se desdobram em supertópicos e subtópicos, dando origem a quadros tópicos, caracterizados, obrigatoriamente, pela centração, num tópico mais abrangente e pela divisão interna em tópicos co-constituintes; e possivelmente, por subdivisões sucessivas no interior de cada tópico co-constituinte.

Rezende (2006, pp.72-75) realiza um estudo sobre a formação dos QTs e aponta que há diferentes propostas de estruturação do eixo hierárquico na bibliografia existente sobre o tópico discursivo:

1. QT em Jubran et al. (2002) e Jubran (2006a, 2006b): procedimento metodológico de que se vale o analista para indicar quais são os tópicos subordinadores e quais os subordinados;

2. QT em Koch et al. (2002): um texto é passível de ser dividido em fragmentos recobertos por um mesmo tópico, os fragmentos textuais quando agrupados constituem uma unidade de nível mais alto que, por sua vez, em conjunto com outras de mesmo nível, constituem outra unidade em nível superior e, assim, sucessivamente, denominam-se tais fragmentos do nível mais baixo como segmentos tópicos, um conjunto de segmentos tópicos forma um subtópico, diversos subtópicos constituirão um QT;

3. QT em Fávero (2001): a noção de verticalidade (hierarquia tópica) refere-se às relações de interdependência que se estabelecem entre os tópicos de acordo com a menor ou maior abrangência do assunto, há níveis de estruturação dos tópicos: constituinte mínimo (subtópico), porções maiores (tópicos) ou supertópicos, constituindo tudo um QT.

Em suma, a partir dessas autoras, concluímos que a noção de verticalidade refere-se às relações de interdependência que se estabelecem entre os tópicos de acordo com a maior ou menor abrangência do assunto e permitem afirmar que há níveis na estruturação dos tópicos, indo desde um constituinte mínimo – subtópico (SbT) até porções maiores – tópicos (T) ou supertópicos (ST), constituindo um Quatro Tópico (QT).

Certamente, a formação dos QTs apresentada por essas autoras é muito próxima. A primeira proposta, no entanto, é tomada de forma globalizante, evidenciando o método utilizado pelo analista para reconhecer, em um texto, tópicos mais ou menos abrangentes. Por essa premissa e tendo em vista essa conceituação, tomamos a noção de Jubran et al. (2002) e Jubran (2006a, 2006b) para atender aos objetivos deste trabalho. No entanto, acrescentamos à nomenclatura atribuída por esses autores, a denominação sub-subtópico (SbSbT) para nos referirmos aos tópicos que são constitutivamente menores e hierarquicamente inferiores aos subtópicos (SbT).

Esse acréscimo no tocante à nomenclatura existente foi uma decisão metodológica da analista deste trabalho para demonstrar até que ponto os assuntos desenvolvidos nas palestras representavam uma possibilidade a mais de ramificação. Em geral, os sub-subtópicos encontrados em nosso *corpus* são constituídos por exemplificações ou especificações de um assunto que já havia sido subordinado anteriormente. Ou seja, os sub-subtópicos foram registrados, como constituintes subordinados de subtópicos hierarquicamente superiores.

Essa escolha justifica-se, também, pelo teor comparativo de nossa análise que pretende mostrar desde os Supertópicos (ST) até os segmentos tópicos mínimos as transformações ocorridas (da fala para a escrita). Os sub-subtópicos caracterizaram, portanto, no momento da constituição dos QTs deste trabalho, uma justa adequação da terminologia existente para ilustrar, de forma precisa, os fenômenos sobre a topicalidade no processo de transposição do texto falado para o escrito.

Faz-se necessário esclarecer que compreendemos a noção de verticalidade postulada por Jubran et al. (2002) e Jubran (2006a, 2006b), ou seja, vários segmentos tópicos que se relacionam dentro de um mesmo campo semântico e que estão localizados num certo ponto do texto podem formar um subtópico, e se enquadrarem, finalmente, dentro de um QT que o engloba.

Voltemos à descrição da segunda propriedade do tópico discursivo – a organicidade. O plano linear ou sequencial, de acordo com Fávero (2001), refere-se às articulações entre os tópicos em termos de proximidade na linha discursiva e está ligada à introdução de informações novas.

É no plano sequencial e no âmbito da progressão temática que se encontram dois fenômenos básicos que caracterizam a distribuição dos tópicos na linearidade discursiva e apontam para articulação intertópica na linha do discurso: a continuidade e a descontinuidade.

Segundo Jubran et al. (2002, p.346), “a continuidade decorre de uma organização sequencial dos segmentos tópicos, de forma que a abertura de um apenas se dá após o fechamento do outro, precedente”. A categoria de continuidade se define por uma relação de adjacência que ocorre na circunstância específica de esgotamento do tópico anterior. Para tanto, é preciso observar a contiguidade, que se observa no plano intertópico, e o esgotameto, constatado no plano intratópico.

A mudança de tópico também está relacionada à progressão do discurso e, consequentemente, pode ser observada no plano linear da organização tópica. Segundo Jubran et al. (2002, p.350):

> A mudança de tópico pode ocorrer sob três formas: 1) a introdução de um tópico após esgotamento natural do anterior, configurando-se um caso de continuidade; 2) passagem gradativa de um foco de relevância a outro, tópicos de transição, representados por segmentos de uma conversação que não se integram a um tópico específico, porque desempenham, na progressão tópica, a função de estabelecer mediação entre dois tópicos, promovendo a transição gradual de um para outro. (...) Não é mais o tópico anterior, nem ainda o tópico seguinte, mas algo que liga um ao outro. (...) A transição gradual assegura a continuidade intertópica, pelo esvaziamento gradativo de um tópico e o surgimento subsequente de outro. (...) Evita a mudança brusca de tópico, permitindo, todavia, que ele se modifique; 3) introdução de um tópico, por abandono do anterior, antes que os interlocutores o dessem por encerrado. (JUBRAN et al., 2002, p.350).

Por outro lado, Jubran et al. (2002) certificam que a descontinuidade decorre de uma perturbação na sequência linear do discurso. São estes os aspectos que influenciam no processo do fluxo de informação e causam descontinuidade na progressão tópica: inserções, rupturas, reparo, reconstrução, repetição e elipses.

Levando em conta a explanação das propriedades que definem a categoria analítica de tópico discursivo, Jubran et al. (2002) apresentaram uma metodologia da análise da organização tópica do texto conversacional, conforme os planos linear e vertical:

> 1. Segmentação do texto em suas menores porções (segmentos tópicos), assim consideradas aqueles identificáveis fundamentalmente pelo princípio da centração, e delimitadas, eventual e complementarmente, por marcas linguístico-discursivas.
> 2. O agrupamento desses segmentos tópicos conforme o grau de associação entre eles e o enquadramento sucessivo dos grupos em níveis mais elevados, obtendo-se como resultado a configuração de pirâmides tópicas (JUBRAN et al., 2002, pp.357-358).

No momento da análise estrutural dos segmentos tópicos delimitados, os autores utilizaram fichas para transcrever o segmento tópico considerado e os elementos responsáveis por sua identificação. Os elementos semânticos que constituem os referenciais básicos sob o prisma da centração, para identificação do segmento tópico, foram indicados por meio de grifos no próprio texto. A análise propriamente dita da organização tópica do *corpus* desenvolveu-se após a sua segmentação linear e a construção das pirâmides tópicas, tendo-se sempre em mente esses dois planos organizacionais. Foram elaborados dois gráficos: um para o plano linear; e outro para o plano vertical.

Como mostramos na introdução deste trabalho, a essa metodologia proposta por Jubran et al. (2002) acrescentamos dois passos que atendem aos objetivos específicos aqui estabelecidos: 1) levantamento dos elementos responsáveis pela segmentação dos tópicos nos textos falados e escritos; 2) confronto das regularidades e cruzamento dos dados da etapa anterior com a finalidade de mostrar a transição dos segmentos tópicos do texto falado para o texto escrito. O primeiro procedimento recobre os capítulos 3 e 4, já o segundo, recobre o capítulo 5.

CAPÍTULO III - A CONSTITUIÇÃO DOS QUADROS TÓPICOS DAS PALESTRAS

Como afirmamos na introdução, a descrição dos QTs é parte integrante dos objetivos desta pesquisa, ou seja, mostrar como foram construídos é um passo fundamental para iniciar as análises comparativas entre texto falado e texto escrito[30]. Descrevê-los também é uma forma de reafirmar a postura assumida por Pinheiro (2005a) de desmistificar a idéia de que o analista apreende os tópicos em um texto com critérios subjetivos e força intuitiva de pesquisador.

Concordamos com o posicionamento do autor e ressaltamos, ainda, que a identificação e toda segmentação dos tópicos de nosso *corpus* foi realizada de forma que pudéssemos justificá-la e comprová-la por meio das propriedades da centração ou pela recorrência de elementos, tais como: marcadores discursivos, pausa e entonação, dentre outros recursos formulativos que veremos a seguir.

3.1 Apresentação da macroestrutura das palestras

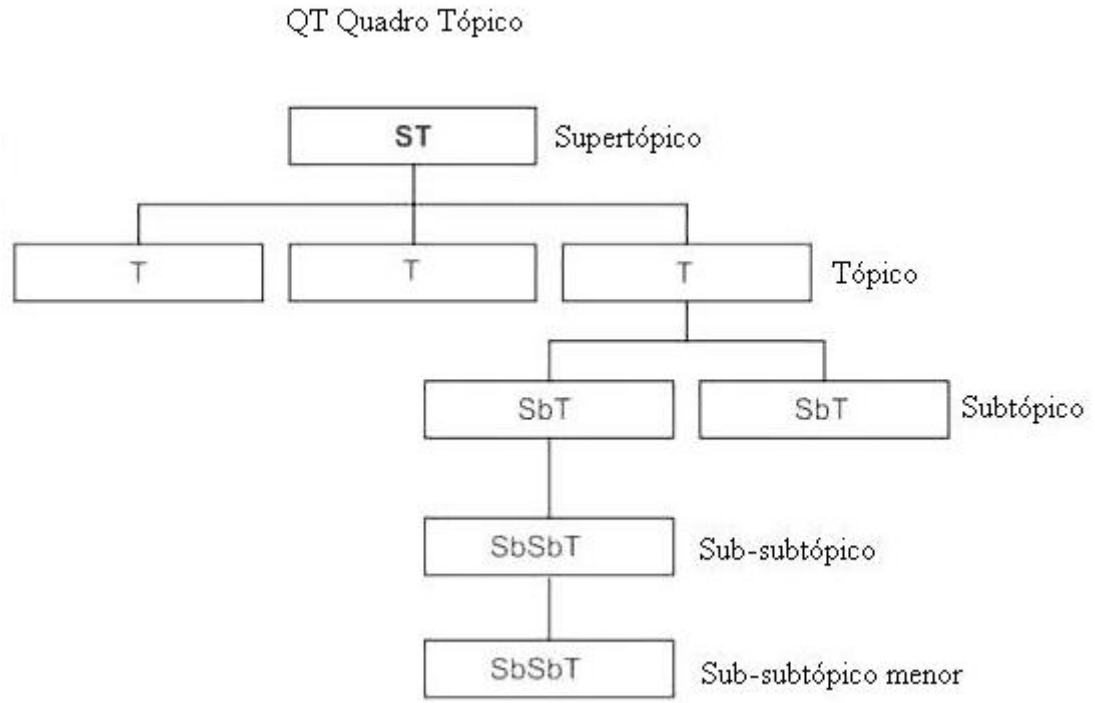
Para que seja possível realizar a leitura dos QTs, fazemos as seguintes considerações sobre a hierarquia que adotamos em nossa análise:

a) O Supertópico (ST) se caracteriza como o tópico mais abrangente, apreendido pelo analista para ilustrar um conjunto de tópicos discursivos que englobam um mesmo tema;
b) O Tópico (T) aparece como a primeira ramificação do ST;
c) O Subtópico (SbT) revela uma sucessiva ramificação do T imediatamente anterior;
d) O Sub-subtópico (SbSbT), consequentemente, se apresenta como um nível inferior, localizado abaixo do SbT;

[30] Os Anexos IV e V evidenciam amplamente essa construção.

e) Os Sub-subtópicos menores[31], eventualmente, aparecem no caso de haver mais uma subordinação a partir de um sub-subtópico anterior;
f) O QT evidencia toda essa constituição tópica.

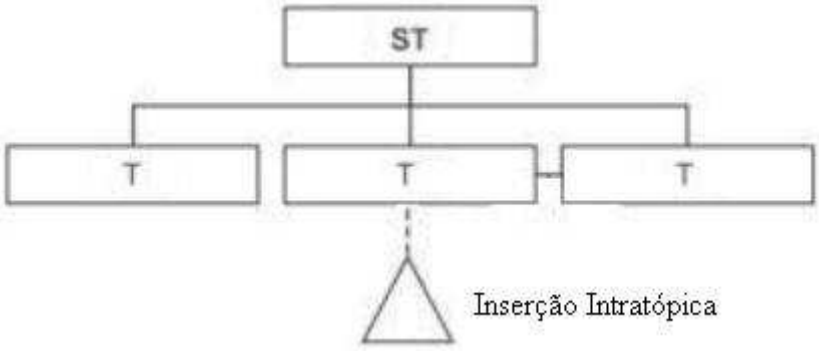
Exemplificamos, abaixo, a hierarquia estabelecida para a constituição dos QTs deste trabalho.



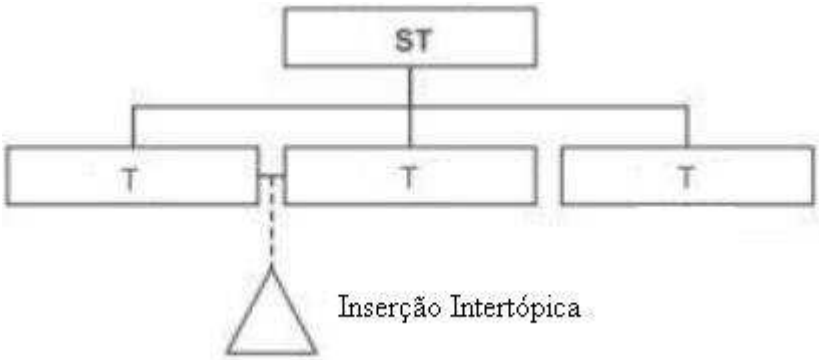
O símbolo Δ marca a presença das inserções[32], um dos fenômenos que provocam descontinuidade no plano linear (JUBRAN, 2002). As inserções foram indicadas no plano vertical para evidenciar fenômenos relacionados à delimitação, mudança ou condução tópica, sendo que:

[31] São "menores" em relação à posição assumida no nível hierárquico da cadeia tópica (inferior aos demais);
[32] Cf. 3.2.2 "As inserções".

a) O símbolo Δ indicado imediatamente abaixo de um tópico evidencia a presença da inserção no nível intratópico;

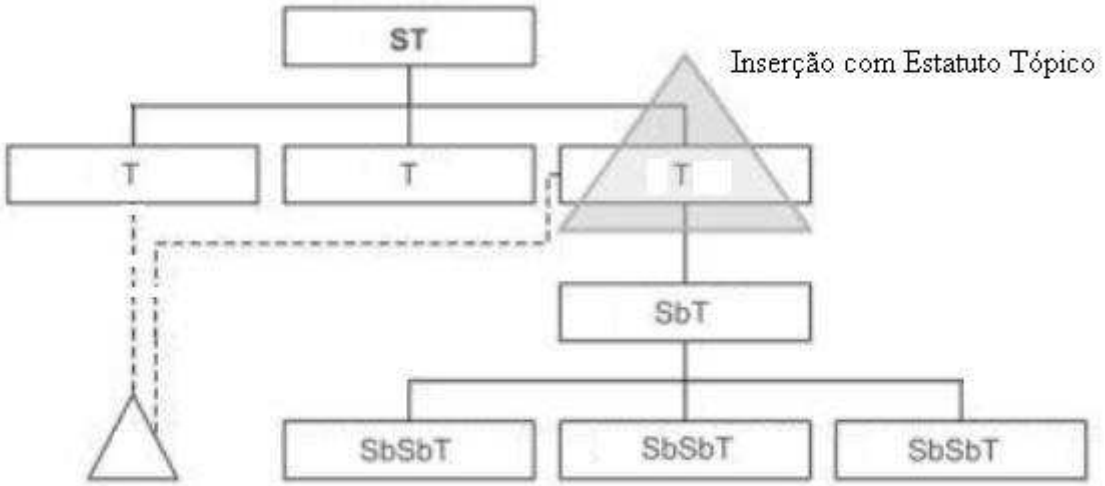


b) O símbolo Δ indicado entre tópicos de um mesmo plano hierárquico ou entre planos diferentes evidencia a presença da inserção no nível intertópico;



c) O símbolo Δ indicado em tamanho maior, recobrindo uma porção de tópicos de um mesmo QT evidencia a presença da inserção como estatuto tópico[33].

[33] Essa classificação será exemplificada nos itens: 3.2.2.1 “As inserções intertópicas”, 3.2.2.2 “As inserções intratópicas” e 3.2.2.3 “As inserções com estatuto tópico”.



Nos QTs, as linhas contínuas representam subordinação entre tópicos, já as linhas tracejadas apresentam a ligação dos tópicos com uma inserção ou com um tópico de transição (TRA)[34].

Dito isso, apresentamos, a seguir, a distribuição tópica das palestras por meio do princípio da organicidade: plano hierárquico e plano linear. Para facilitar a localização dos tópicos no texto (linhas), bem como apresentar o referente central que intitula os tópicos encontrados, organizamos em tabelas o plano linear das palestras.

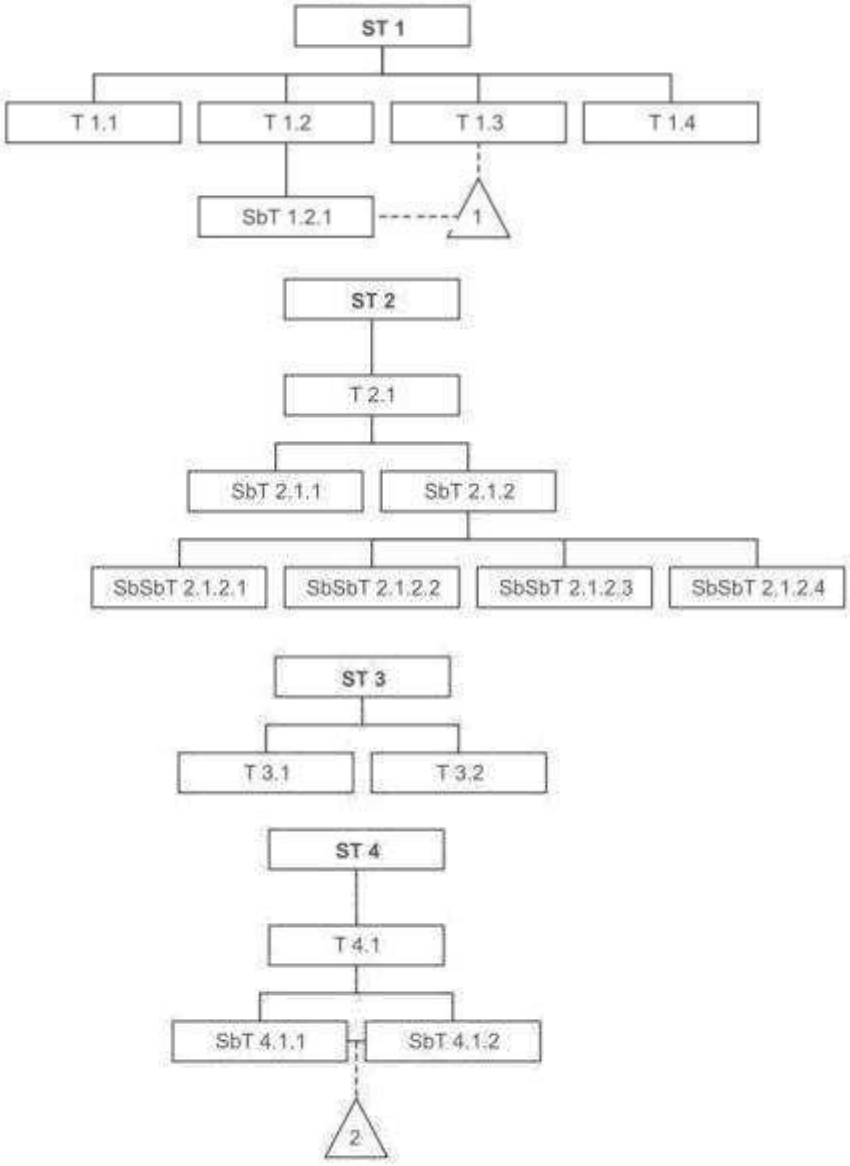
Em princípio, pretendemos suscitar breves pontuações a respeito do que se pode afirmar sobre a disposição dos tópicos das palestras a partir da visualização da sua macroestrutura. As apreciações das cadeias tópicas oportunizam, a nosso ver, no momento da leitura das análises deste trabalho, maior clareza e entendimento no que diz respeito à forma como as palestras foram conduzidas tematicamente. O nível sequencial revela, ainda, a localização desse conjunto de tópicos nas transcrições e auxilia, também, no assentamento dos assuntos abordados em cada EF.

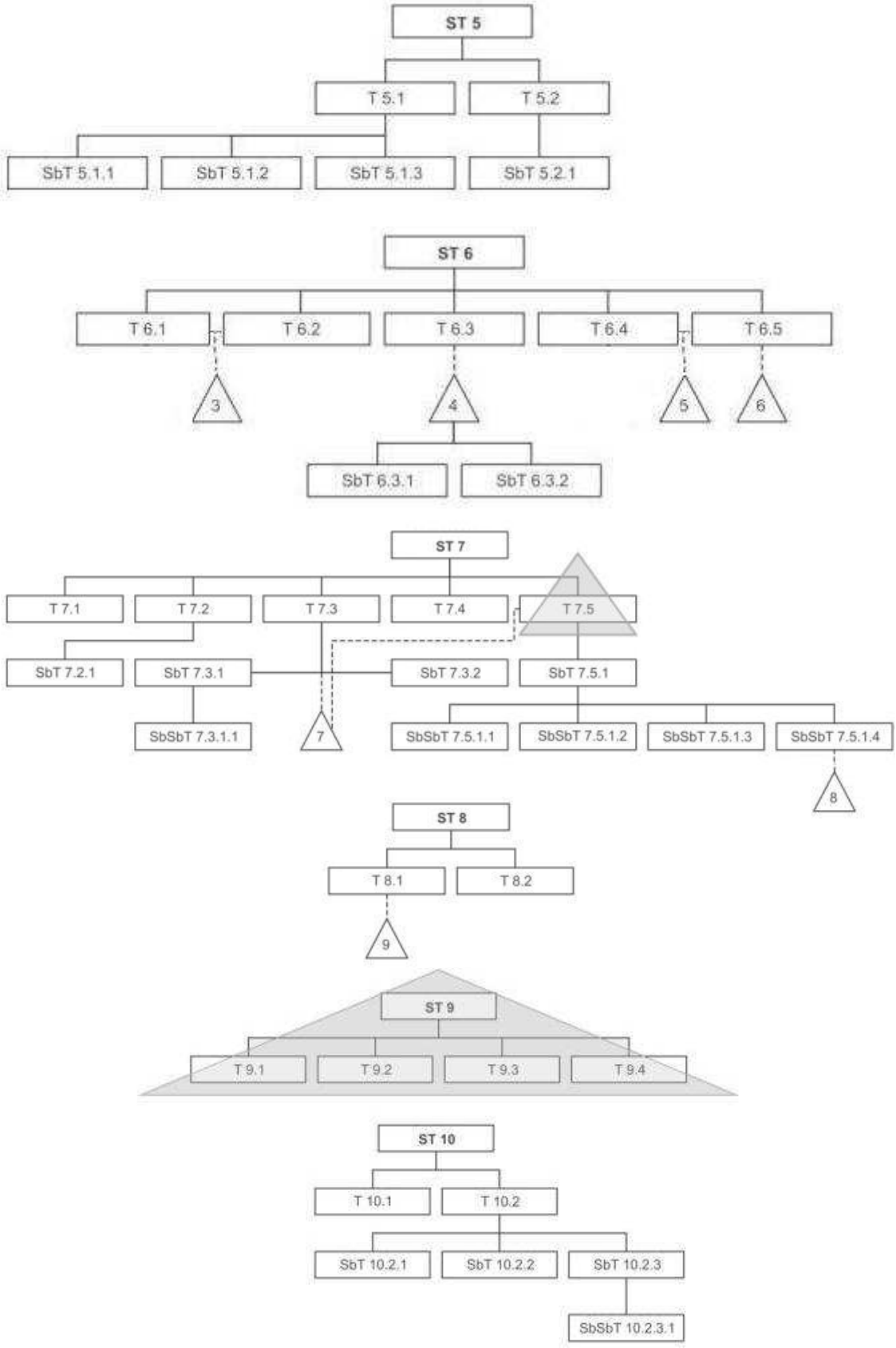
3.1.1 Organização tópica da Palestra 1: *O direito à igualdade: aspectos constitucionais e legais* (Edvaldo Mendes Zulu Araujo)

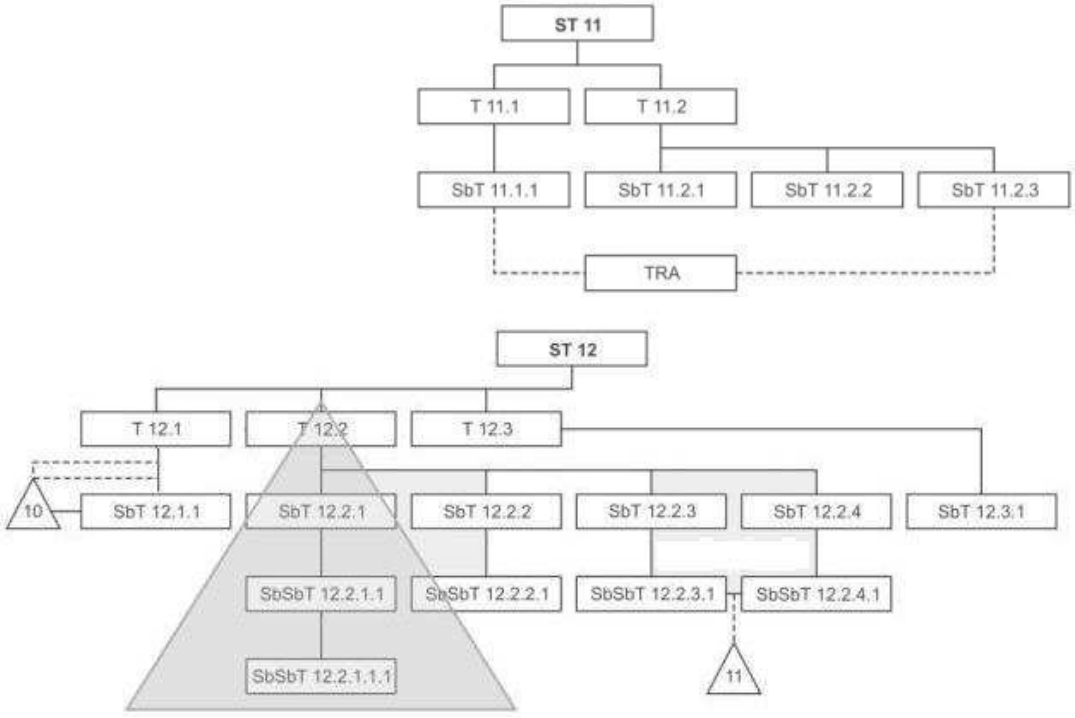
No plano hierárquico da organização tópica, a Palestra 1 é constituída da seguinte forma:

[34] Os tópicos de transição serão explicitados no item 3.2.4.

Quadro 3: Plano hierárquico – Palestra 1




ST 5
T 5.1
T 5.2
SbT 5.1.1
SbT 5.1.2
SbT 5.1.3
SbT 5.2.1
ST 6
T 6.1
T 6.2
T 6.3
T 6.4
T 6.5
3
4
5
6
SbT 6.3.1
SbT 6.3.2
ST 7
T 7.1
T 7.2
T 7.3
T 7.4
T 7.5
SbT 7.2.1
SbT 7.3.1
SbT 7.3.2
SbT 7.5.1
SbSbT 7.3.1.1
7
SbSbT 7.5.1.1
SbSbT 7.5.1.2
SbSbT 7.5.1.3
SbSbT 7.5.1.4
8
ST 8
T 8.1
T 8.2
9
ST 9
T 9.1
T 9.2
T 9.3
T 9.4
ST 10
T 10.1
T 10.2
SbT 10.2.1
SbT 10.2.2
SbT 10.2.3
SbSbT 10.2.3.1



A macroestrutura textual da primeira palestra evidencia, particularmente, a presença maciça de inserções de todos os tipos. Aparecem Supertópicos simples, quanto às subordinações iniciais, como os ST1, ST3 e ST4. Por outro lado, os Supertópicos 7 e 12 são mais complexos, contendo ramificações diversas. A simplicidade e complexidade aqui compreendidas referem-se à quantidade (em menor ou maior proporção) de subordinações dos tópicos apresentados, ou seja, essa caracterização é marcada pelo aspecto visual dos QTs (mais ou menos ramificações).

No quadro abaixo, dispomos os tópicos da Palestra 1 de acordo com o plano linear.

Quadro 4: Plano linear - Palestra 1

TÓPICOS	TÍTULO	LINHAS
ST 1	**Introdução**	**1-31**
T 1.1	Saudações iniciais	1
T 1.2	Esclarecimentos sobre a ausência do palestrante Samuel Vida	1-3, 9-15
SbT 1.2.1	Substituição	24-31
T 1.3	Contexto dos seminários	3-9, 15-21
T 1.4	Qualidade do seminário	30-31

TRA de ST		31-32
ST 2	**Conceitos**	**32-62**
T 2.1	Conceituar racismo, preconceito, discriminação racial direta e indireta	32-38
SbT 2.1.1	Justificativa do arcabouço para tratar da questão	38-47
SbT 2.1.2	Leitura dos conceitos	47-49
SbSbT 2.1.2.1	Racismo	50-51
SbSbT 2.1.2.2	Preconceito Racial	51-54
SbSbT 2.1.2.3	Discriminação racial direta	54-57
SbSbT 2.1.2.4	Discriminação racial indireta	57-62
TRA de ST		63-66

ST 3	**Escravidão**	**66-92**
T 3.1	Processo de escravização no Brasil	66-74
T 3.2	Tráfico de escravos	74-92
TRA de ST		92-95

ST 4	**Movimento negro**	**95-125**
T 4.1	Leitura	95-96
SbT 4.1.1	Caracterização do movimento negro	96-105, 110-113
SbT 4.1.2	Denúncias do movimento negro	113-125
TRA de ST		125-126

ST 5	**Medidas legais**	**127-132**
T 5.1	Brasil assina três tratados	127-132
SbT 5.1.1	Contra discriminação no emprego e na profissão	132-134
SbT 5.1.2	Contra discriminação no ensino	134-135
SbT 5.1.3	Contra todas as formas de discriminação racial	135-137
T 5.2	Conferências da ONU	137-144
SbT 5.2.1	Bolsa Prêmio	144-159
TRA de ST		159-161

ST 6	**Década de oitenta**	**161-251**
T 6.1	Primeiros movimentos	161-163
T 6.2	Governo Franco Montoro	170-177
T 6.3	Tombamentos	178-179, 182-184
SbT 6.3.1	Terreiro de Candomblé da Casa Branca	184-188
SbT 6.3.2	Serra da Barriga	188-198
T 6.4	Lei CAÓ	198, 205-212
T 6.5	Não deixe sua cor passar em branco	212-214, 230-251
TRA de ST		251-252

ST 7	**Década de noventa**	**251-337**
T 7.1	Primeiras Delegacias especializadas em crimes raciais	251-262
T 7.2	Primeira Secretaria Municipal para Assuntos da Comunidade Negra	262-265
SbT 7.2.1	Minas Gerais racista	265-272
T 7.3	Dois acontecimentos importantes em 1995	272-273
SbT 7.3.1	Marcha Zumbi dos Palmares Contra o Racismo...	273-281
SbSbT 7.3.1.1	Grupo de Trabalho Interministerial	281-288

SbT 7.3.2	Herói Nacional Zumbi dos Palmares	329-337
T 7.4	Organização Internacional do Trabalho	288-294
T 7.5	Racismo institucional	294-297
SbT 7.5.1	Boa aparência no Brasil	297-307
SbSbT 7.5.1.1	Comissária de avião negra	307-314
SbSbT 7.5.1.2	Garçons negros	314-316
SbSbT 7.5.1.3	Recepcionistas negras	316-318
SbSbT 7.5.1.4	Serventes negros	319-323
TRA de ST		337

ST 8	**Ano 2001**	**337-385**
T 8.1	Terceira Conferência Mundial Contra o Racismo...	337-341, 382-385
Retorno		367-368
T 8.2	Exigências dos países do primeiro mundo	367-382
TRA de ST		385-386

ST 9	**Atalhos**	**341-367**
T 9.1	Lei da Vadiagem	349-354
T 9.2	Analfabeto não vota	354-356
T 9.3	Imigração dos europeus	356-363
T 9.4	Lei da Terra	363-367

ST 10	**Presença da população negra nos estados brasileiros**	**386-427**
T 10.1	Percentagem da população negra nos estados brasileiros	386-395
T 10.2	Presença do negro no Brasil	395-397
SbT 10.2.1	Média salarial dos negros e brancos	397-407
SbT 10.2.2	Ensino Fundamental	407-417
SbT 10.2.3	Ensino Médio	417-423
SbSbT 10.2.3.1	Fonte de Dados	423-427

ST 11	**Definições**	**427-475**
T 11.1	Exclusão sócio-econômica dos negros	427-437
TRA		446-459
SbT 11.1.1	Mudança da realidade	459-475
T 11.2	Leitura das definições	437-439
SbT 11.2.1	Racismo	440-441
SbT 11.2.2	Preconceito Racial	441-443
SbT 11.2.3	Discriminação Racial	443-446
TRA de ST		475-476

ST 12	**Política de ações afirmativas**	**416-616**
T 12.1	Supremo Tribunal Federal	476-477, 590-599
SbT 12.1.1	Ministérios	599-603
T 12.2	Críticas da ação afirmativa	477-479
SbT 12.2.1	Princípio da isonomia	479-481
SbSbT 12.2.1.1	Políticas Compensatórias	552-558
SbSbT 12.1.1.1	Movimento Feminino	558-580
SbT 12.2.2	Mérito	481-483

SbSbT 12.2.2.1	Vestibular	524-552
SbT 12.2.3	Questão econômica	484-485
SbSbT 12.2.3.1	Pobreza	509-519
SbT 12.2.4	Miscigenação	485-489
SbSbT 12.2.4.1	Fenômeno do branqueamento	489-509
TRA		580-582
T 12.3	Discussão das políticas	582-590
SbT12.3.1	Cotas são medidas legais	610-616

No quadro abaixo, evidenciamos a pontualização das inserções da Palestra 1.

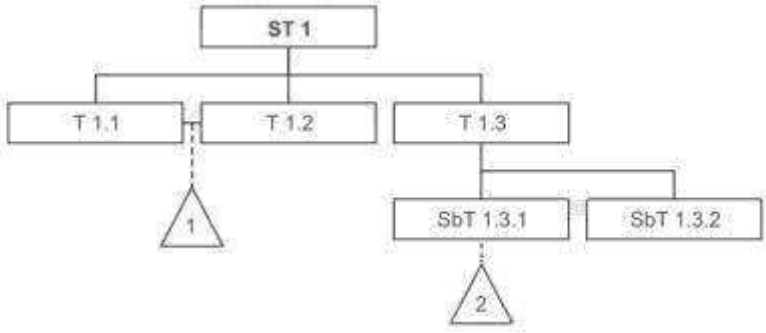
Quadro 5: Inserções - Palestra 1

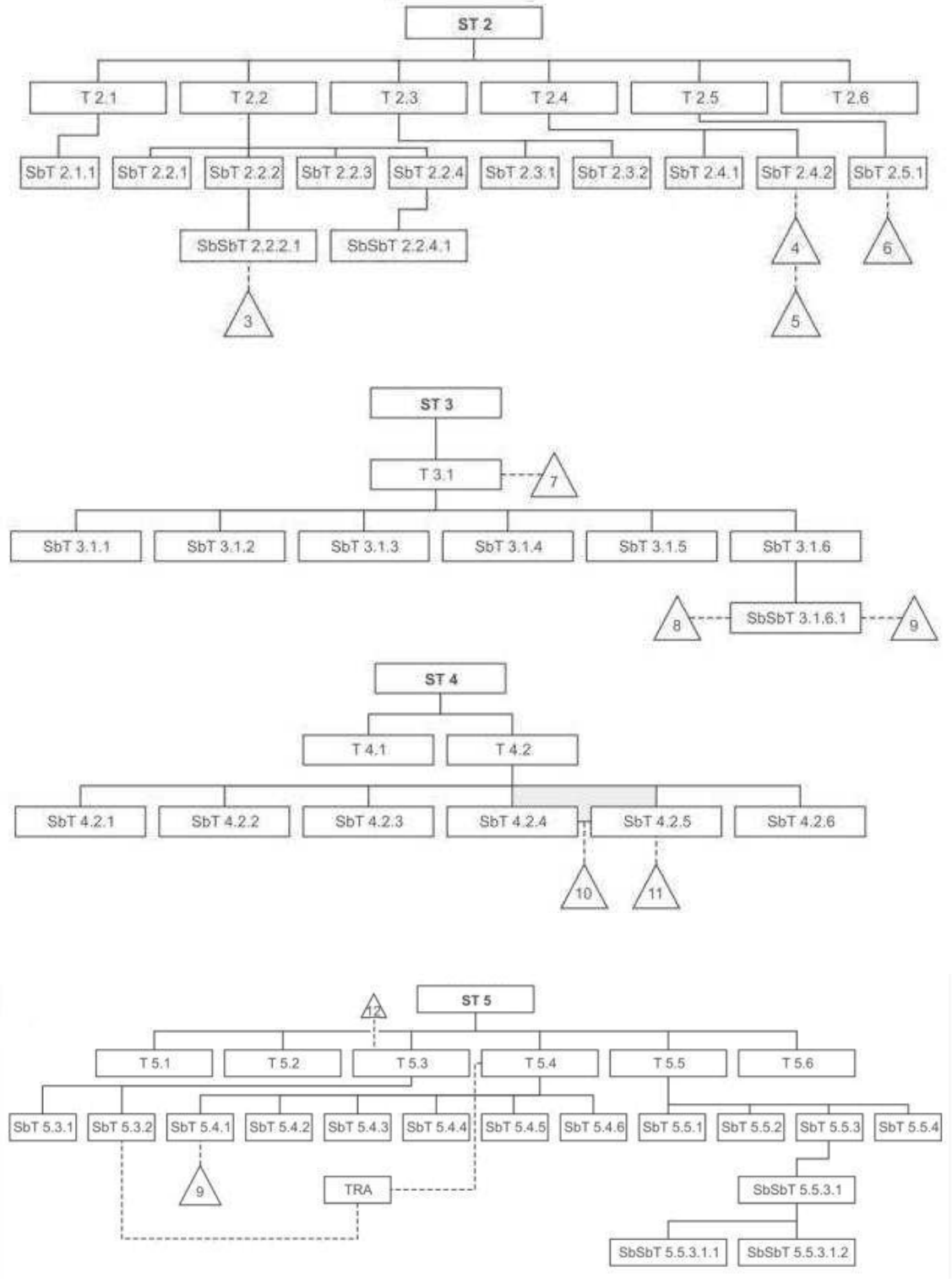
INSERÇÕES	ASSUNTO
Δ 1 Intertópica (linhas 9-15)	Formação acadêmica de Zulu
Δ 2 Intertópica (linhas 105-110)	Movimento negro
Δ 3 Intertópica (linhas 163-169)	Ditadura Militar
Δ 4 Intratópica (linhas 179-182)	Terceira comunidade do Brasil
Δ 5 Intertópica (linhas 198-205)	Processo democrático
Δ 6 Intratópica (linhas 214-230)	Censo brasileiro
Δ 7 Estatuto tópico (linhas 294-297)	Boa aparência
Δ 8 Intertópica (linhas 323-329)	Motorista de carro oficial
Δ 9 Estatuto tópico (linhas 341-367)	Jeitinho brasileiro
Δ 10 Estatuto tópico (linhas 477-590)	Críticas às ações afirmativas
Δ 11 Intertópica (linhas 519-524)	Questão racial

3.1.2 Organização tópica da Palestra 2: *O negro na universidade* (José Jorge de Carvalho)

Visualmente, o plano hierárquico da Palestra 2 se apresenta da seguinte maneira:

Quadro 6: Plano hierárquico - Palestra 2





Ao contrário da macroestrutura textual da palestra anterior, esse QT apresenta um número menor de Supertópicos. Notamos, porém, uma ramificação marcada pela horizontalidade. Entendemos que, apesar da palestra se mostrar centralizada em uma

quantidade pequena de Supertópicos (ST), o assunto foi detalhado minunciosamente em cada tópico central. Quanto à quantidade das inserções, as Palestras 1 e 2 se equiparam.

O plano linear da Palestra 2 está registrado no quadro a seguir:

Quadro 7: Plano linear - Palestra 2

TÓPICOS	TÍTULO	LINHAS
ST 1	**Introdução**	**1-23**
T 1.1	Saudações iniciais	1-3
T 1.2	Resumo da palestra	4-6
T 1.3	Dimensões do negro fora da universidade	6-13
SbT 1.3.1	Série histórica de exclusão racial nas universidades brasileiras	13-14, 15-19
SbT 1.3.2	Perspectiva internacional das ações afirmativas	19-23
ST 2	**Dimensão histórica das universidades**	**23-187**
T 2.1	Exclusão racial na virada do século	23-27
SbT 2.1.1	Imigração européia	27-42
T 2.2	Formação das universidades brasileiras	42-53
SbT 2.2.1	PR, RS, SP e RJ	53-58
SbT 2.2.2	Auge do eurocentrismo	58-69
SbSbT 2.2.2.1	Resgate dos saberes	75-81
SbT 2.2.3	Contratação de professores europeus USP	69-75
SbT 2.2.4	Momento fundante	93-99
SbSbT 2.2.4.1	Não houve inclusão	99-109
T 2.3	Exclusão racial na universidade hoje	109-118
SbT 2.3.1	Profissões de branco	118-121
SbT 2.3.2	Mito da incapacidade	121-125
T 2.4	UFRJ preteriu dois intelectuais negros nos anos 50	125-127
SbT 2.4.1	Guerreiro Ramos	127-139
SbT 2.4.2	Edson Carneiro	139-143, 147-151
T 2.5	UnB nos anos sessenta	160-164
SbT 2.5.1	Fundador da UnB Darcy Ribeiro	164-167, 168-178
T 2.6	Período áureo do crescimento das universidades federais anos 70	178-187
ST 3	**Momento atual – quadro parte I**	**187-236**
T 3.1	Quadro atual dos professores negros nas universidades federais	187-189, 194-195
SbT 3.1.1	UnB	196-197
SbT 3.1.2	UFSCar	197-201
SbT 3.1.3	UFRS	201-204
SbT 3.1.4	UFMG	204-205
SbT 3.1.5	UFRJ	205-206
SbT 3.1.6	USP	206-211
SbSbT 3.1.6.1	Progressão	211-212, 215-218, 223-233
TRA de ST		233-236

ST 4	**Comparação com outros países**	**236-334**
T 4.1	Os índios nas universidades de outros países	236-251
T 4.2	As cotas em outros países	252-255
SbT 4.2.1	África do Sul	255-262
SbT 4.2.2	Índia	262-284
SbT 4.2.3	Malásia	284-300
SbT 4.2.4	Canadá	300-305
SbT 4.2.5	Austrália	311-312, 315-320
SbT 4.2.6	Nova Zelândia	320-323
TRA de ST		323-334

ST 5	**Momento atual – quadro parte II**	**334-526**
T 5.1	Instituições de pesquisa	334-355
T 5.2	Discutir cotas	355-364
T 5.3	Pós-graduação	364-365, 366-382
SbT 5.3.1	Cotas para pós	382-388
SbT 5.3.2	Vagas da pós	388-393
TRA		393-402
T 5.4	Aprovação das cotas nas Universidades Estaduais	402-406
SbT 5.4.1	UERJ	406-413
SbT 5.4.2	UNEB	413-414
SbT 5.4.3	UNEMAT	420-427
SbT 5.4.4	UBES	427-428
SbT 5.4.5	UEMS	428-430
SbT 5.4.6	UEL	430-432
TRA		432-434
T 5.5	Plano de metas da UnB	434-448
SbT 5.5.1	Auxílio para permanência dos estudantes negros e índios	448-460
SbT 5.5.2	Ouvidoria	460-471
SbT 5.5.3	Programa de apoio à Escola Pública de periferia do DF	471-476
SbSbT 5.5.3.1	Cotas para escolas públicas	476-481
SbSbT 5.5.3.1.1	Os ricos vão migrar	481-492
SbSbT 5.5.3.1.2	Desigualdades	492-495
SbT 5.5.4	Recorte racial	495-510
T 5.6	Aprovação e proposta de cotas	510-526

As inserções da Palestra 2 também foram pontualizadas, conforme quadro abaixo:

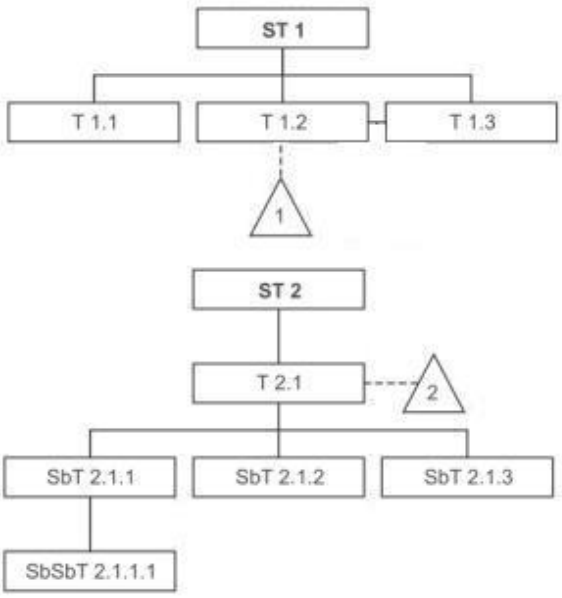
Quadro 8: Inserções - Palestra 2

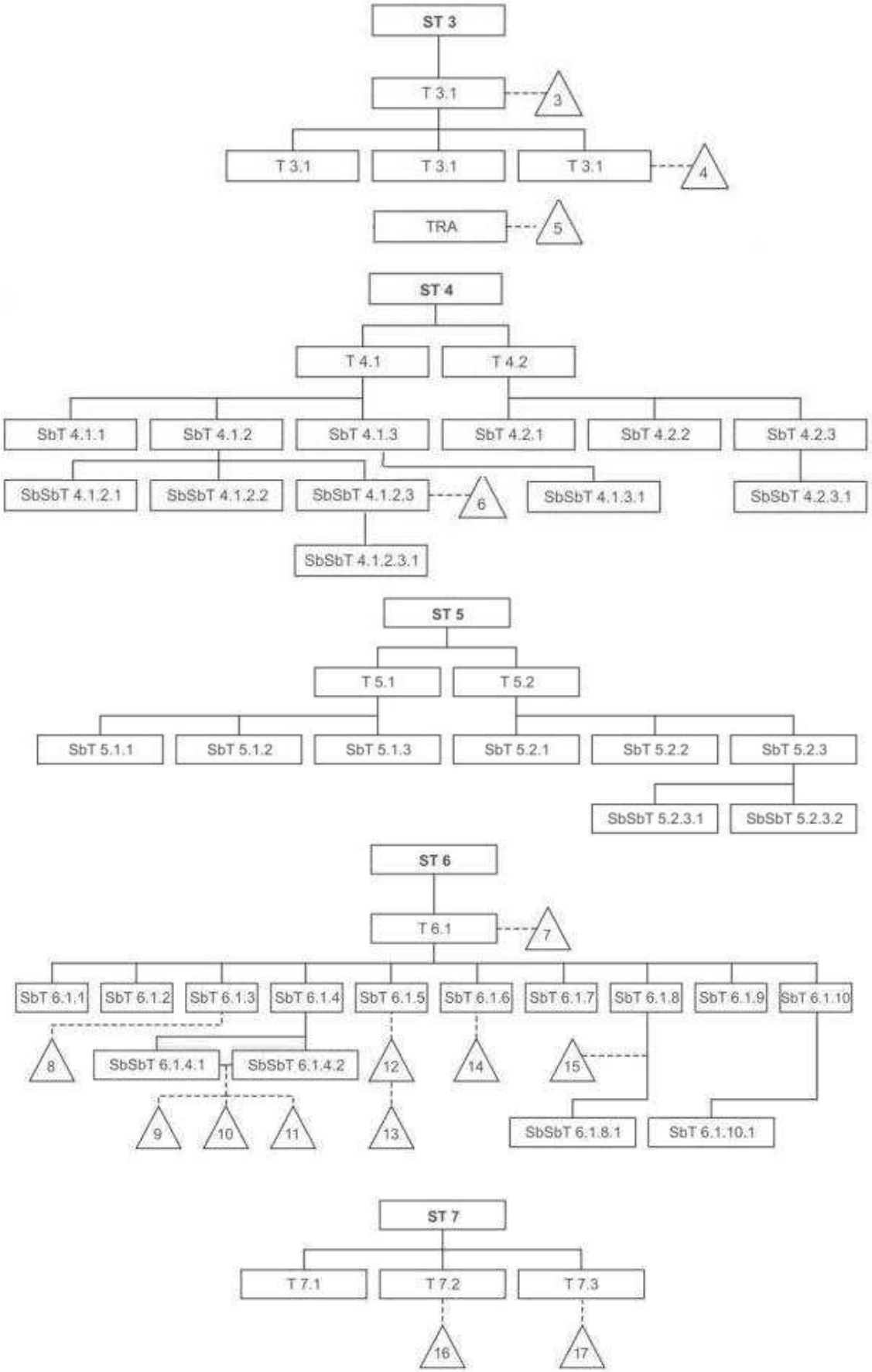
INSERÇÃO	ASSUNTO
Δ 1 Intertópica Linha 3	Microfone falho
Δ 2 Intratópica Linha 14	Troca de microfones
Δ 3 Intertópica Linhas 81-93	Meritocracia
Δ 4 Intratópica Linhas 143-147 Δ 5 Intertópica Linhas 151-160	Revolução nas Ciências Sociais Perfil racial das universidades
Δ 6 Intratópica Linhas 167-168	Foto de Darcy Ribeiro
Δ 7 Intratópica Linhas 189-194	Medida conservadora
Δ 8 Intratópica Linhas 212-215 Δ 9 Intratópica Linhas 218-223	Má notícia Tese de doutorado
Δ 10 Intertópica Linhas 305-311	Índios na Câmara Federal Brasileira
Δ 11 Intratópica Linhas 312-315	Comparação com Estados Unidos
Δ 12 Intratópica Linhas 365-366	Tempo da palestra

3.1.3 Organização tópica da Palestra 3: *O sistema de cotas e o direito de acesso à universidade* (Dora Lúcia de Lima Bertúlio)

Apresentamos, a seguir, o plano hierárquico da Palestra 3:

Quadro 9: Plano hierárquico - Palestra 3




ST 3
T 3.1
3
T 3.1
T 3.1
T 3.1
4
TRA
5
ST 4
T 4.1
T 4.2
SbT 4.1.1
SbT 4.1.2
SbT 4.1.3
SbT 4.2.1
SbT 4.2.2
SbT 4.2.3
SbSbT 4.1.2.1
SbSbT 4.1.2.2
SbSbT 4.1.2.3
6
SbSbT 4.1.3.1
SbSbT 4.2.3.1
SbSbT 4.1.2.3.1
ST 5
T 5.1
T 5.2
SbT 5.1.1
SbT 5.1.2
SbT 5.1.3
SbT 5.2.1
SbT 5.2.2
SbT 5.2.3
SbSbT 5.2.3.1
SbSbT 5.2.3.2
ST 6
T 6.1
7
SbT 6.1.1
SbT 6.1.2
SbT 6.1.3
SbT 6.1.4
SbT 6.1.5
SbT 6.1.6
SbT 6.1.7
SbT 6.1.8
SbT 6.1.9
SbT 6.1.10
8
SbSbT 6.1.4.1
SbSbT 6.1.4.2
12
14
15
9
10
11
13
SbSbT 6.1.8.1
SbT 6.1.10.1
ST 7
T 7.1
T 7.2
T 7.3
16
17

A constituição do QT dessa Palestra se aproxima da Palestra 1 pela simplicidade de ramificação dos ST1, ST2, ST3, ST7. Por outro lado, se assemelha à Palestra 2 pela complexidade dos ST4 e ST6. Outro levantamento evidente na Palestra 3, com relação a sua macroestrutura, é a presença excessiva de inserções intratópicas[35].

Os tópicos da Palestra 3 aparecem da seguinte maneira, no plano linear:

Quadro 10: Plano linear - Palestra 3

TÓPICOS	TÍTULO	LINHAS
ST 1	**Introdução**	**1-16**
T 1.1	Saudações iniciais	1-2, 7-8
T 1.2	Agradecimentos	2-3, 7-10
T 1.3	Instituição	3-7
ST 2	**Discussão**	**16-54**
T 2.1	Tema da discussão	16-18, 22-26
SbT 2.1.1	Conversas anteriores	26-32
SbSbT 2.1.1.1	Reflexão	32-37
SbT 2.1.2	Contribuições dos seminários	37-41
SbT 2.1.3	Populações indígenas	41-54
ST 3	**Universidade**	**54-107**
T 3.1	Importância da universidade	54-59, 61-62
SbT 3.1.1	Discussão no próprio ambiente	62-69
SbT 3.1.2	Inclusão e participação da população negra	69-75
SbT 3.1.3	Direção da sociedade	75-87, 90-97
TRA de ST		97, 102-107
ST 4	**Formação da idéia de negro**	**107-182**
T 4.1	Idéia de negro na sociedade	107-111, 139-144, 164-169
SbT 4.1.1	O que esperamos de um negro	144-145
SbT 4.1.2	O que não esperamos de um negro	145-146
SbSbT 4.1.2.1	Médico	146-148
SbSbT 4.1.2.2	Presidente	148-150
SbSbT 4.1.2.3	Universitário	150-152
SbSbT 4.1.2.3.1	Desespero da sociedade	161-164
SbT 4.1.3	Para quê servem os negros	167-169
SbSbT 4.1.3.1	Inconsciente coletivo	169-182
T 4.2	Não temos problemas com ações afirmativas	111-114
SbT 4.2.1	Imposto de renda	114-118
SbT 4.2.2	Microempresas	118-121
SbT 4.2.3	Necessidades Assistenciais	121-131
SbSbT 4.2.3.1	Legitimidade do beneficiário	131-139

[35] Essa questão será retomada no item 3.2.2.2 “Inserções intratópicas”.

ST 5	Fala dos políticos da época	182-248
T 5.1	Três falas de políticos	182-184, 228-231
SbT 5.1.1	Fim do Tráfico negreiro	232-239
SbT 5.1.2	Luís do Santos Vigueira	239-241
SbT 5.1.3	Azeredo Coutinho	241-248
T 5.2	Século XIX	184-189, 225-228
SbT 5.2.1	Movimentos	189-197
SbT 5.2.2	Fim do Tráfico Negreiro	197-205
SbT 5.2.3	Formação do povo brasileiro	205-210
SbSbT 5.2.3.1	Maioria da população brasileira é negra	210-214, 220-225
SbSbT 5.2.3.2	Perfil do progresso	218-225

ST 6	Legislação da época	248-434
T 6.1	Sistema jurídico	259-263, 313-321, 355-363, 377-381, 399-402, 434-438
SbT 6.1.1	Lei nacional de 1831 – liberto	270-290
SbT 6.1.2	Lei da proibição do tráfico negreiro – piratas	263-270
SbT 6.1.3	1ª Lei de Abolição do Tráfico 1831 - mercadoria e degeneração	248-256
SbT 6.1.4	Leis abolicionistas	321-322
SbSbT 6.1.4.1	Lei do Ventre Livre	322-324, 328-332, 334-338
SbSbT 6.1.4.2	Lei do Sexagenário	338, 341-355
SbT 6.1.5	2ª Lei do Fim do Tráfico 1850 - mercadorias contrabandeadas	290-292, 296-306, 309-313
SbT 6.1.6	Posturas municipais – caixa mercearia	363-373, 376-381
SbT 6.1.7	Código penal 1890 – criminaliza a capoeira	402-410
SbT 6.1.8	Constituição de 1891 – cidadania aos estrangeiros	381-387, 399-402
SbSbT 6.1.8.1	Comentário Carlos Maximiliano	392-399
SbT 6.1.9	Constituição Republicana – mendigos	410-423
SbT 6.10	Século XX	423-427
SbSbT 6.10.1	Bahia 1924 – imigração de brancos	427-438

ST 7	Conclusão	438-461
T 7.1	Base da rejeição	438-461
T 7.2	As universidades não têm recursos	461-468
T 7.3	Desejo de inclusão	473, 475-484

O quadro abaixo evidencia a localização das inserções da Palestra 3.

Quadro 11: Inserções - Palestra 3

INSERÇÃO	ASSUNTO
Δ 1 Intertópica Linhas 10-16	Importância do pai
Δ 2 Intratópica Linhas 18-22	Tema importante
Δ 3 Intratópica Linhas 59-61	O que pretende expor
Δ 4 Intratópica Linhas 87-90	Poder social dos cursos
Δ 5 Intratópica Linhas 97-102	José Jorge
Δ 6 Intertópica Linhas 152-160	Cristóvão Buarque
Δ 7 Intratópica Linhas 356-357, 358-359	Tempo da palestra
Δ 8 Intertópica Linhas 256-259	Não dá para aprofundar no assunto
Δ 9 Intratópica Linhas 324-328 Δ 10 Intratópica Linhas 332-334 Δ 11 Intratópica Linhas 338-341	Literaturas fantásticas Meninos órfãos Aposentados
Δ 12 Intratópica Linhas 292-296 Δ 13 Intratópica Linhas 306-309	Aprende na escola Contrabandos
Δ 14 Intratópica Linhas 373-376	Caixas de hoje
Δ 15 Intratópica Linhas 387-392	Processo de imigração
Δ 16 Intertópica Linhas 468-473	Grupo de pessoas
Δ 17 Intratópica Linhas 473-175	Tempo da palestra

3.2 Elementos responsáveis pela segmentação tópica do texto falado

Em nossa análise, foi preciso somar à propriedade da centração outros elementos específicos que auxiliaram, igualmente, na tarefa de identificar e segmentar os tópicos, são eles: inserções intertópicas e intratópicas, inserções com estatuto tópico, marcadores discursivos e pausas, tópicos de transição, exemplificação, citações, marcas metadiscursivas, enunciativas e interativas, coesão textual e paráfrase resumidora.

A apresentação desses elementos se dará separadamente, ou seja, os tópicos serão explicitados a partir do recurso responsável pela delimitação, manutenção ou mudança tópica. Dessa forma, será possível observar como se desenvolvem e se estruturam os tópicos das cadeias hierárquicas.

3.2.1 A centração

Os tópicos das palestras foram identificados pelo princípio da centração, mecanismo que apontou, no momento da análise, quais segmentos textuais estavam

relacionados de acordo com o grau de abrangência do assunto (JUBRAN et al., 2002). Cada tópico foi capaz de concentrar o momento da fala do palestrante em um único tema e, a partir desse, conectar-se a outros temas subsidiários, formando o que denominamos de Supertópicos, Tópicos, Subtópicos, Sub-subtópicos e Sub-subtópicos menores. Os Tópicos, de um modo geral, apresentaram maiores desdobramentos e subordinaram outros segmentos, sempre levando em consideração o detalhamento do assunto ou a exemplificação de cada tópico.

Apresentamos, mais adiante, a segmentação de alguns tópicos das palestras, realizada pelo princípio da centração, ou seja, pela verificação da permanência ou mudança do tema identificado. Isso pode ser constatado pela manutenção ou não de referentes ligados ao tema em questão.

Por assim dizer, para efetivar a segunda etapa metodológica do trabalho, foi preciso seguir, necessariamente, o princípio da centração e suas propriedades definidoras, a saber: concernência, relevância e pontualização (JUBRAN et al., 2002). Além disso, foi preciso compreender os processos de referenciação.

Para Marcuschi e Koch (2006, p.383),

> *referir* é uma atividade de designação realizável com a língua sem implicar uma relação especular língua-mundo; *remeter* é uma atividade de processamento indicial na contextualidade; *retomar* é uma atividade de continuidade de um núcleo referencial, seja numa relação de identidade ou não.

Em sentido restrito, os autores (2006, p.381) definem a referenciação como:

> Aquilo que designamos, representamos, sugerimos quando usamos um termo ou criamos uma situação discursiva referencial com essa finalidade: as entidades designadas são vistas como *objetos-de-discurso* e não como *objetos-do-mundo*.

Os referentes são vistos não como algo que deva necessariamente existir (na condição de indivíduo) no mundo extratexto, mas aquilo de que se trata o texto, ou seja, "a discursivização do mundo por via da linguagem não se dá como um simples processo de elaboração informacional, mas de construção, estruturação e fundação do próprio real" (MARCUSCHI e KOCH, 2006, p.382).

Algumas estratégias de progressão referencial são apontadas pelos autores: 1) uso de expressões nominais definidas; 2) uso de formas nominalizadas para se referir às informações expressas no texto; 3) uso de pronomes de caráter anafórico; 4) uso de anáforas associativas.

Koch e Penna (2006) afirmam que a referenciação (busca por referentes de mesmo campo semântico – centração) auxilia na identificação dos tópicos. Para as autoras, a reconstrução e reativação de objetos textuais parece ser, em grande parte, a responsável pela progressão textual.

Marcuschi e Koch (2006, p.383) ressaltam o aspecto prospectivo e retrospectivo do texto:

> Um texto se constrói como continuidade progressiva e linear, somando elementos novos com outros já postos em etapas anteriores, como se o texto fosse processando uma soma progressiva de partes. O processamento textual se dá numa oscilação entre dois movimentos: um para frente (projetivo) e outro para trás (retrospectivo), responsáveis parcialmente pela catáfora e anáfora. (...) Em sentido estrito, pode-se dizer que a progressão textual se dá com base no *já dito*, no que *será dito* e no *sugerido*, que se co-determinam progressivamente.

Em conformidade com as definições acima, a referenciação, no bojo da propriedade da centração, também foi responsável pela divisão dos tópicos discursivos das palestras. Para ilustrar essa asserção, analisemos alguns exemplos retirados de nosso *corpus*.

O trecho abaixo compõe o Supertópico 3 intitulado “Escravidão”, da Palestra 1, *O direito à igualdade: aspectos constitucionais e legais*, proferida por Edvaldo Mendes Zulu Araújo (Anexo 2.1). Os termos que aparecem em negrito são os referentes que apontam para a centração dos tópicos desenvolvidos, porque mantém entre si uma relação de equivalência semântica. Os segmentos que aparecem entre os colchetes indicam os tópicos analisados e estão sinalizados com os números correspondentes. As linhas apresentadas correspondem às linhas das transcrições das palestras (Anexo II) e podem ser verificadas, também, no corpo deste trabalho, a partir da observação dos quadros que indicam o plano linear da organização tópica do texto falado.

3.1 [e/e eu ontem afirmei isso e quem estava aqui ouviu... de que:: a **nossa presença no Brasil**... ou seja a **preSENça da comunidade negra no Brasil**... **ela** é distinta... de qualquer OUtra etnia... TOdos os outros que não são **negros**... são imigrantes... **nós** viemos para aqui de maneira forÇAda... e ajudamos a construir esse país de maneira forÇAda também... através do **processo da escravização**... **processo este** que eu também afirmei ontem... é::... consignado hoje... ou melhor dizendo é conceituado pela ONU... como um crime de lesa à humanidade e consequentemente... passível de reparação... tendo em vista os danos e as consequências causadas... por este... por **esta atitude**... é::: exercitada durante larguíssimos anos... alguns séculos... pelos colonizadores europeus...] **3.2** [e::: é importante dizer nesse/nessa primeira abordagem... que não apenas os portugueses... proporcionaram essa::/essa realidade no **continente africano**... os ingleses... os belgas... os franceses... é:::... os norte-americanos... enfim... a/o ocidente praticamente TOdo... não só se beneficiou do **trabalho escravo**... como produziu talvez um dos maiores malefícios do **continente africano**... estima-se que:: nos quinhentos anos... em que o **tráfico de escravos** foi presente... na::/no **continente africano**... tenha havido uma redução de quase UM quarto... da população do **continente africano**... se nós estimarmos que a população no **continente africano** é algo em torno de quinhentos milhões de pessoas... um QUARto de redução... evidentemente pra quem sabe fazer conta dá quase cento e vinte e cinco milhões de pessoas... ao longo de quinhentos anos... e:: é importante dizer isso tá está no livro do:: ( ) que é o professor doutor da Universidade de São Paulo... que esses prejuízos causados ao **continente africano** não foram apenas **prejuízos** de ordem FÍsica... ou seja **PERdas** humanas... isso também se deu em **PERdas** materi/**PERdas** intelectuais... em **PERdas** é::: filosóficas... em **PERdas** é:: culturais... porque... ao longo desses quinhentos anos... muitas pessoas lideranças... muitos de seus pensadores... muitos de seus artistas... muitos de seus filósofos... também foram dizimados **nesse processo**... e causando evidentemente interrupção no **processo civilizatório** que com certeza estariam em outro patamar... caso essa **tragédia humana** não tivesse ocorrido...]

(Palestra 1 – linhas 66-92)

Esse Supertópico apresenta dois tópicos 3.1 “Processo de escravização no Brasil” (linhas 66-74) e 3.2 “Tráfico de escravos” (linhas 74-92). Para realizar a demarcação desses tópicos foi observada, basicamente, a mudança natural e gradativa da centração, indo do tema “escravidão no Brasil” para o tema “tráfico de escravos”.

Alguns referentes indicam claramente essa divisão, nos segmentos tópicos correspondentes ao tópico 3.1, encontramos: “nossa presença no Brasil”, “presença da comunidade negra no Brasil”, “ela”, “nós”[36], “negros”, “processo de escravização”, “processo este” e “esta atitude”. Esses termos que são repetidos ao longo do desenvolvimento do tópico garantem a centração em determinado tema, a saber: os primeiros se relacionam com a presença do indivíduo negro no Brasil; e os últimos com o processo de escravização ocorrido no país.

[36] Segundo classificação de Benveniste (1995), trata-se de um “nós” exclusivo, uma vez que o “eu” desse discurso (palestrante) exclui o “tu” (ouvintes) e inclui o “eles” (neste caso, os “negros”). Sendo também um indivíduo negro, o palestrante, que representa o “eu” desse discurso, se inclui no grupo de indivíduos que dividem as mesmas condições sócio-culturais que ele, ou seja, se identifica com esse grupo de indivíduos e fala em nome de uma coletividade (eles, os negros).

De acordo com Marcuschi (2006c), a repetição representa muito mais do que uma simples característica da língua oral, ela é, sem dúvida, uma das estratégias de formulação dos textos falados. Um dos aspectos funcionais da repetição é atuar no plano da continuidade tópica. Para o autor (2006b, p.343), as categorias gramaticais mais repetidas são "nomes" e "verbos", ambos caracterizam-se como condutores de tópicos, assim, "a presença constante de um item lexical, por exemplo, pode ser o indício do tópico que está sendo enfocado". É o que ocorre com o tópico 3.1, acima.

A progressão referencial desse tópico ocorre por meio de retomadas pronominais, como "este", "esta" e "ela"; ou por meio de expressões nominais, como "presença" e "processo" (MARCUSCHI e KOCH, 2006).

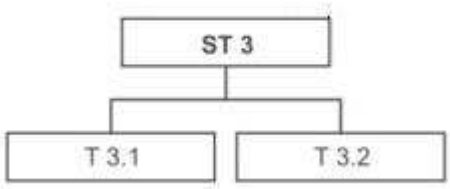
No tópico 3.2 também temos a repetição maciça do item "continente africano", que organiza e encaminha tematicamente esse tópico, novamente, por meio de repetições. Outros itens estão inseridos nesse tópico no mesmo campo semântico do tema principal "escravidão", tais como: "trabalho escravo" e "tráfico de escravos"; esses termos indicam a subordinação do presente tópico ao Supertópico central.

Além disso, em 3.2 ocorre a recuperação de itens já mencionados no tópico antecedente, são eles: "nesse processo" e "processo civilizatório" (ambos remetem "ao processo de escravização" citado no tópico 3.1). Essa reiteração de referentes confere a unicidade dos segmentos que formam os tópicos do Supertópico 3.

Outro ponto a destacar é a relação de sinonímia construída entre as palavras "prejuízos" e "perdas" e, sequencialmente, a relação de hiperonímia[37] construída entre as palavras vinculadas às "perdas" e a expressão "tragédia humana". Tais relações sinalizam uma das propriedades definidoras da centração, a concernência.

Isso posto, apresentamos a seguir a diagramação do QT do Supertópico 3. A ramificação acima explicitada aparece na organização tópica do nível hierárquico desta forma:

[37] Segundo Koch (1990, p.22), a sinonímia (palavras equivalentes no sentido) e a hiperonímia (palavra abrangente que recobre outras) são mecanismos de coesão lexical.



Em nossa análise, consideramos que a centração não pode ser estudada de forma isolada, pelo contrário, suas propriedades intrínsecas e alguns elementos subjacentes auxiliam e creditam a delimitação tópica. A repetição e a retomada de segmentos tópicos e até mesmo a reiteração de referentes demonstram exatamente isso. O papel desses fenômenos, portanto, e a nosso ver, é viabilizar a centração do tema.

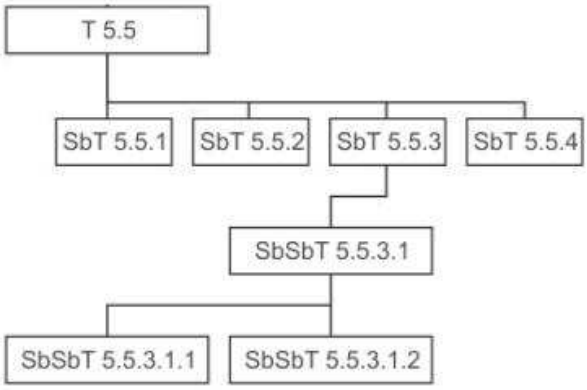
Partimos para a análise da centração no processo de subordinação de níveis inferiores da cadeia tópica (subtópicos, sub-subtópicos e sub-subtópicos menores). Como exemplo, tomemos uma segmentação ocorrida na Palestra 2, *O negro na universidade*, de José Jorge de Carvalho (Anexo 2.2). O tópico 5.5 "Plano de metas da UnB" – Universidade Federal de Brasília (linhas 434-448) se desenvolve a partir dos referentes "plano de metas" e seu desdobramento se dá conforme o conteúdo exposto, ou seja, as propostas desse plano. Assim, aparecem os subtópicos 5.5.1 "Auxílio para permanência dos estudantes negros e índios" (linhas 448-460); 5.5.2 "Ouvidoria" (linhas 460-471); 5.5.3 "Programa de apoio à Escola Pública de periferia do DF" (linhas 471-476). Esses três subtópicos foram segmentados basicamente pela mudança de centração e sua manutenção foi verificada pela recorrência dos mesmos referentes ligados ao tema central que dá título ao tópico.

Igualmente, o subtópico 5.5.3 abre espaço para o aparecimento do sub-subtópico 5.5.3.1 "Cotas para escolas públicas" (linhas 476-481) que, por sua vez, dá margem para mais duas ramificações: 5.5.3.1.1 "Os ricos vão migrar" (linhas 481-492) e 5.5.3.1.2 "Desigualdades" (linhas 492-495). Dessa forma, o assunto continua centrado na questão da escola pública, mas a especificidade vai apontando para outros referentes, sugerindo mudança. Por esse motivo, então, ocorre a subordinação em um nível hierárquico mínimo.

Sequencialmente, os referentes marcam a centração no subtópico 5.5.4 "Recorte racial" (linhas 495-510). Esse tópico se relaciona ao tópico central porque diz respeito

ao modo como o plano de metas foi estabelecido na UnB, ou seja, o recorte é racial, sem contar se o indivíduo negro está na escola pública ou privada, se é rico ou pobre. Os referentes que marcam esse subtópico são: “recorte racial”, “racismo”, “escola pública”, “recorte de renda”.

Recortamos o QT do Supertópico 5, da Palestra 2, para mostrar a ramificação analisada anteriormente, no que se refere à constituição do tópico 5.5.



A partir da descrição e da visualização do QT anterior, podemos afirmar que a mudança de centração foi capaz de gerar maiores ramificações. Isso significa que um assunto globalizante e abrangente, tal como o Plano de Metas implantado na Universidade de Brasília (UnB), foi desenvolvido de forma a especificar questões menores (subtópicos, sub-subtópicos e sub-subtópicos menores), mas ainda assim, essas questões permanecem vinculadas ao tema central, ao tópico hierarquicamente anterior que lhe é comum.

Esse caso ilustra significativamente, nossa elaboração dos QTs com base na especificação de cada tópico, indo do mais geral (ST) até o segmento mínimo, hierarquicamente inferior (SbSbT menor).

Para finalizar os exemplos relacionados ao papel da centração, vejamos como se deu a seleção dos segmentos que pertencem ao tópico central 6.1 “Sistema Jurídico”, da Palestra 3, intitulada *O sistema de cotas e o direito de acesso à universidade*, pronunciada por Dora Lúcia de Lima Bertúlio (Anexo 2.3). A ramificação ocorrida a

partir desse tópico é grande, todos os tópicos subordinados a ele exemplificam como o sistema jurídico da época colocava os valores nos indivíduos.

O Supertópico 6 compreende, basicamente, um tópico central e dez subtópicos que comprovam que os valores dos indivíduos foram formatados racialmente dentro de um quadro histórico, primeiramente do século XIX e, depois, do século XX. A identificação desse tópico foi realizada de forma que seus segmentos composicionais representassem argumentos de que o sistema jurídico foi responsável pela formação dos (pre)conceitos sobre população negra no Brasil. No entanto, os segmentos que compõem esse tópico central estão cindidos no desenvolvimento de seus subtópicos e aparecem dispersos no plano linear. Os exemplos abaixo indicam a pontualização desses segmentos na sequencialidade. Observe a marcação das linhas:

6.1 [mas tem algo de fenomenal em tudo isso que é... quando o direito né? o **sistema jurídico ele se aBARca desses valores**... e reproduz esses valores na sua **legislação**... e daí a **legislação** brasileira o **sistema jurídico** ele vai captar todos esses movimentos valorativos... negativos da população negra... ao formatar a relação de controle... e de organização social do país... né?]

(Palestra 3 – linhas 259-263)

6.1 [então vocês vejam que na medida em que essas **normas** elas vão sendo assimiladas pelo cotidiano pelo senso comum... elas vão também formatando... **os valores de cidadania** de direitos fundamentais de direitos é humanos... que os indivíduos têm a partir do pertencimento racial... então na verdade o Brasil sempre trabalhou especialmente nesse movimento de formatação brasileira... dizendo quem é quem para ser **va-lo-ri-za-do** como indivíduo que efetivamente seja tratado e que mereça aquilo que uma sociedade sensata enfim uma sociedade da época mesmo ou hoje teria como oferta aos seus grupos aos seus membros aqueles que pertencem a essa sociedade... então você tinha espaços para brancos... espaços para negros e **o sistema jurídico organizava isso ajeitadamente**...]

(Palestra 3 – linhas 313-321)

6.1 [mas eram sessenta e três anos... e assim nós vamos sabe...se fizermos as coletas... -- desculpa só um pouquinho é que eu queria que me avisasse um dez minutinhos antes pra eu poder fazer um outro movimento... obrigada -- é::: se nós pegarmos toda a nossa estrutura de formação... da **história jurídica** nacional... -- dez minutos-- ((risos))... -- obrigada --... se nós pegarmos toda a estrutura de **vida jurídica**... da/do **sistema jurídico nacional**... in-de-pen-den-te-men-te de se dizer ou não dizer que os indivíduos negros ou brancos teriam ou não teriam determinados direitos... o **sistema carreava as informações** e a apreensão... para este/esta situação de que... PAra negros você tinha uma determinada situação e para brancos outra...]

(Palestra 3 – linhas 355-363)

6.1 [então percebam o jogo fantástico quer dizer... você tem um luGAR que o negro deve estar... e você tem um lugar que o branco deve estar... e cada um deles será punido senão cumprir... e

esse era **o sistema jurídico** as posturas municipais elas eram os REgulamentos das cidades para a convivência...]

(Palestra 3 – linhas 377-381)

6.1 [e assim nós vamos ver sequencialmente **a Constituição... montando estruturas e estratégias** de forma que nós tivéssemos... a população é:: dividida por raça... sem que fosse dito e que os nossos historiadores convencionais... têm sempre né? rejeitado a idéia de que o Brasil tenha trabalhado o tempo inteiro sob o domínio do pertencimento racial...]

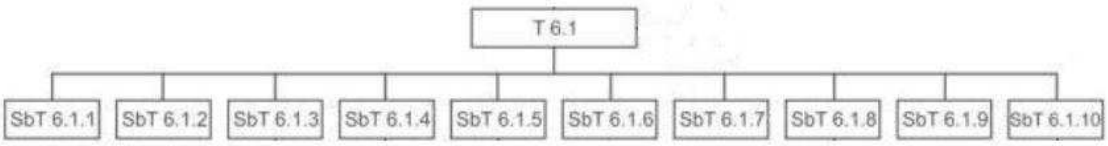
(Palestra 3 – linhas 399-402)

6.1 [mas todo movimento ele vem sendo feito... na estrutura de **formulação dos valores** de humanidade... de respeitabilidade... de potencialidade... nossa **estrutura jurídico**... política... e histórica... ela vem montada no sentido de DESqualificar os indivíduos negros... PAra determinar as funções para determinar os espaços...]

(Palestra 3 – linhas 434-438)

Para selecionar esses segmentos, dispersos no decorrer do Supertópico 6, recorremos aos referentes que indicavam a temática, ou seja, o ponto em comum que os centrava semanticamente. Destacamos em negrito esses termos, nos trechos acima.

Acrescentamos, por último, que os segmentos pertencentes ao tópico 6.1 estão espalhados na linearidade, como vimos pela marcação das linhas acima, entre os subtópicos que o compõe. Mas no plano hierárquico, esses mesmos segmentos foram agrupados em um tópico único, central, desencadeador de outros muitos a ele relacionados, formando, assim, uma grande cadeia tópica:



3.2.2 As inserções

Jubran (2002) define inserção como um fenômeno responsável basicamente pela divisão do tópico em segmentos não-contíguos. A inserção deve ser estudada no princípio da centração, pois é uma porção tópica que provoca um desvio temático inserido em um segmento tópico. É uma perturbação da sequencialidade linear,

acarretada ou pela suspensão abrupta e definitiva de um tópico, antes de seu necessário desenvolvimento, ou pela cisão de um segmento tópico em partes, que se apresentam de forma não-adjacente na linearidade discursiva. Segundo a autora, a inserção pode ser classificada como parêntese, se sua função é entendida como não-tópica (parentética), isto é, se comporta uma estrutura encaixada que proporciona avaliações, comentários laterais, exemplos ou adendos sobre o tópico em andamento.

Alguns recursos utilizados para a delimitação tópica, como a prosódia, os marcadores discursivos e as pausas, citados por Jubran (2002), podem ser usados também na determinação da inserção. A entonação de voz é uma das principais marcas, pois na maioria das vezes, o falante mantém um tom de fala até o momento da inserção, mudando-o durante a informação adjacente e retomando-o ao voltar ao tópico momentaneamente interrompido. Outro fator é a retomada nítida do tópico por meio de uma repetição, isto é, o falante repete a última palavra ou enunciado dito antes da inserção. Com isso, pode ou não ocorrer uma ruptura na estrutura sintática do enunciado. Em outros casos, aparecem alguns conectores, como os pronomes, as conjunções, os marcadores discursivos, que têm a função de recuperar o tópico e, se for o caso, a sintaxe rompida. No entanto, a questão semântica vinculada à centração do tema são os elementos que, geralmente, determinam a retomada do assunto anterior à inserção.

Em síntese, para identificar uma inserção com clareza, Jubran (2002) afirma que é preciso observar: se houve ou não suspensão tópica; se ocorre pausa antes e depois da frase parentética; se existe mudança de entoação e de velocidade na expressão da parte inserida em contraste com a parte focal; se ocorre incompletude do enunciado que antecede a frase parentética; se há marcas de retorno ao tópico e repetição de elementos anteriores à inserção; e ainda, se há interrupção sintática.

Ressaltamos que o fenômeno da inserção ocorre no bojo da categoria de tópico discursivo, pois se trata de um segmento tópico encaixado, que desvia a centração atual. De acordo com Jubran (2002), existem duas modalidades de inserção:

> A primeira, de maior extensão textual, tem estatuto tópico, porque instaura uma outra centração dentro do segmento tópico em que ocorre, provocando a divisão desse segmento em partes não-contiguas na linearidade do texto. Nesse caso, teríamos, por exemplo, um esquema como: tópico A (tópico B inserido)

> retorno ao tópico A; a segunda, de menor extensão textual, não tem estatuto tópico, por não constituir uma nova centração e, portanto, por não projetar e desenvolver um outro tópico discursivo dentro do que estava em curso. Nesse caso, o elemento inserido provoca uma breve suspensão do tópico no qual se encaixa, de modo que não ocorre a cisão desse tópico em porções textuais nitidamente separáveis, porque a sua interrupção é momentânea e a retomada é imediata. Teríamos, então: tópico A (suspensão momentânea do tópico A) continuidade do tópico A (JUBRAN, 2002, pp.302-303).

Com base nessa definição, o primeiro caso de inserção apresenta um grande desvio temático pautado na centração, modificando-a e dando vida a um novo tópico. A estrutura encaixada deixa de ser parêntese e passa a ter estatuto de tópico discursivo, isto é, se configura como outro tópico. Denominamos esse fenômeno, em nossa análise, como inserção com estatuto tópico.

Já o segundo caso engloba o que chamamos de inserções intratópicas que denunciam um desvio temático no interior do tópico. Tais inserções são segmentos que somam informações acessórias ao tópico em andamento. Embora a autora afirme que não seja admissível identificar porções textuais nitidamente separáveis, em nossa análise foi possível apreender os cortes que as inserções intratópicas parentéticas provocaram no fluir temático.

Com a análise dos QTs das palestras, observamos que as inserções apareceram, também, na posição de intercalar dois tópicos de um mesmo nível hierárquico ou de níveis hierárquicos diferentes. Para esses casos, denominamos inserções intertópicas.

A seguir, exemplificaremos as inserções encontradas no *corpus* falado a fim de evidenciar seu estatuto quanto à delimitação e à condução dos tópicos discursivos.

3.2.2.1 As inserções intertópicas

A inserção intertópica localiza-se no fechamento de um tópico discursivo, ela interrompe o tópico em andamento e intercala o tópico antecessor com o procedente, por essa razão, após sua entrada, ocorre a mudança tópica. A partir dessa observação, verificamos que, na determinação dos critérios para segmentar os tópicos, a inserção

parentética situada no nível intertópico representou mais um mecanismo de divisão de tópicos.

Na Palestra 1 (Anexo 2.1), o Supertópico 4, intitulado "Movimento negro" apresenta o tópico central 4.1 "Leitura" (linhas 95-96). Este segmento indica explicitamente que o palestrante realizará a leitura de alguns trechos de um livro[38]. Esse tópico divide-se em dois subtópicos 4.1.1 "Caracterização do movimento negro" (linhas 96-105, 110-113) e 4.1.2 "Denúncias do movimento negro" (linhas 113-125). Cada subtópico representa um trecho do livro lido pelo palestrante, o primeiro mostrará características do movimento negro, já o segundo, explicitará as denúncias desse movimento.

O subtópico 4.1.1 inicia com a expressão "diz o seguinte", referindo-se ao trecho do livro que será lido e, finaliza, com o surgimento da inserção (2) "e essa afirmação é interessante porque" (linhas 105-106). Essa inserção aparece para esclarecer que o movimento social mais antigo do Brasil é o movimento negro, e não o dos operários (crença do senso comum). Trata-se de uma inserção parentética, ou seja, comentário assessório, paralelo, situado no nível intertópico.

Depois de realizado o esclarecimento (a inserção), o palestrante retoma a leitura: "pois bem... mais::: adiante o documento diz o seguinte" (linha 113), inserindo, pois, o próximo subtópico, 4.1.2. A inserção (2) se caracteriza, então, como intertópica, uma vez que intercala dois tópicos de um mesmo nível hierárquico, 4.1.1 e 4.1.2. O MD "pois bem", reforçado pela expressão "mais adiante", facilita a identificação da mudança do tópico, já que evidencia o término da inserção e o início de um novo tópico.

Para Risso (2006), no que diz respeito à articulação[39] entre tópicos, é visível a recorrência com que o marcador *bem* aparece nas EFs, isso mostra um índice maior de planejamento prévio e uma maior centração na estrutura ideacional do discurso. Haja

[38] Há, pois, um livro que serve como guia para as leituras realizadas pelo palestrante Edvaldo Mendes Zulu Araújo. A fim de legitimar seu discurso, o palestrante, de fato, faz a leitura de trechos significativos do livro *Desigualdades Raciais no Brasil: um balanço da intervenção governamental* (IPEA, 2002). O início dos primeiros tópicos abordados na palestra, por exemplo, se configura, justamente, a partir da leitura de definições importantes para a discussão, retiradas desse mesmo livro: "é:: eu gostaria de ler um pequeno trecho também deste livro pra que a gente pudesse se referenciar melhor..." (linhas 95-96).

[39] O conceito de articulação tópica é desenvolvido, detalhadamente, em Pinheiro (2005a, p.41). Adotamos essa nomenclatura, pois assim como o autor, entendemos que a distinção inter e intratópica é "uma opção metodológica para englobar tanto a análise interna de cada segmento tópico mínimo depreendido na linearidade textual, quanto a análise das articulações entre esses segmentos".

vista, em nosso caso, a utilização do livro que serve de apoio para a condução dos assuntos tratados na Palestra 1. Ainda de acordo com a autora:

> O uso do marcador como apoio para instanciar o avanço linear dos tópicos, no tratamento da matéria, acaba por torná-lo um mecanismo delimitador de segmentos tópicos, no desenvolvimento sequencial do texto e, portanto, indicador de partes que se iniciam subsequentemente a outras que se fecham (RISSO, 2006, p.490).

Os subtópicos 4.1.1 e 4.1.2, portanto, estão localizados no mesmo nível hierárquico e ambos correspondem às leituras provenientes do livro em questão. Ademais, todos os segmentos que compõem o Supertópico 4 apresentam a repetição do referente título "movimento negro". Por isso, a partir da manutenção desse referente, foi possível agrupar esses tópicos em um bloco temático, entendido aqui como Supertópico.

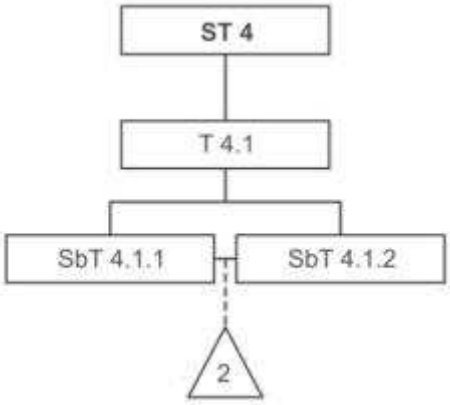
Para esclarecer como foram identificados tais tópicos, nos níveis linear e hierárquico, apresentamos os segmentos que correspondem ao Supertópico 4:

4.1 [é:: eu gostaria de ler um pequeno trecho também deste livro pra que a gente pudesse se referenciar melhor...] **4.1.1** [diz o seguinte: "os avanços obtidos até o momento em benefício da população afro-descendente... são resultados de conquistas do movimento negro... que vem a ser o movimento social MAIS antigo no Brasil... pois atua... desde os primórdios do escravismo... isto é DESde meados do século dezesseis... a discriminação racial foi... desde o início... inTERna ao sistema... abolida a escravidão em mil oitocentos e oitenta e oito... os afro-descendentes... continuaram a sofrer uma exploração específica... graças... aos mecanismos de exclusão... que acompanham o racismo... romper com essa inércia... reverter os estigmas... recuperar a auto-estima... afirmar a igualdade dos direitos... agir para que a lei garanta... as mesmas oportunidades a todos... têm sido algumas das principais bandeiras do movimento negro"...] Δ**2** [e::: essa afirmação é interessante porque... muitos militantes e lideranças da esquerda no Brasil... imaginam que o primeiro movimento social surgiu em torno dos operários... e imaginam o Brasil a partir daí... imaginam o Brasil a partir do anarcosindicalismo... chegado ao Brasil... hã::: no início do século vinte...né? fim do século dezenove e início do século vinte... e só conseguem compreender os movimentos sociais brasileiros a partir... dessa demarcação... e é importante porque está afirmado aqui... que o primeiro movimento e o MAIS antigo deles é o movimento negro brasileiro porque lu/luTAva e luta até hoje pela igualdade mais elementar entre seres humanos...] **4.1.2** [pois bem... mais::: a diante o documento diz o seguinte... "NA realidade é particularmente a partir da década de mil novecentos e setenta... esse movimento denuncia com veemência a democracia racial como mito... segundo a qual a mestiçagem... seria a formação peculiar brasileira... não existiriam conflitos raciais... a escravidão teria sido benigna... e por fim... o desen/desenvolvimento econômico haveria de desmanchar... os resíduos do preconceito e do racismo e promover... a inclusão... da população negra... o movimento negro manifesta-se pois contra uma sociedade que oculta... que esconde... que legitima o estigma... o preconceito e a discriminação... no entanto até os anos de oitenta... não houve espaço para que o movimento negro atuasse no

ÂMbito do Estado... Estado que... hisTOricamente tem se mostrado refratário e hostil... a qualquer ação... que desmistifique a ide/a ideologia da democracia racial brasileira... atitude semelhante... é encontrada ainda nos sindicatos e nos partidos..... para os quais a temática racial não é percebida ao menos até os anos de mil novecentos e noventa"...] pois bem... é:::

(Palestra 1 – linhas 95-125)

A seguir, apresentamos a construção da organização tópica do segmento analisado, no plano vertical.



Podemos afirmar que a ramificação desse QT se deu, primeiramente, pelo critério visual, ou seja, pela indicação gestual de que o palestrante faria a leitura do livro, o qual servia de auxílio para construção do seu discurso. Isso significa que a segmentação desses subtópicos foi identificada pela sequência de ações do palestrante simultâneas a sua fala, a saber: 1. ele anuncia a leitura; 2. aponta e olha para o livro; 3. olha para platéia e faz um comentário que antecede a leitura; 4. aponta para o livro e, após uma pequena pausa, antecedida dos dizeres "diz o seguinte", inicia sua leitura; 5. faz comentários acessórios após a leitura, deixando de olhar para o texto de apoio, mudando o tom de voz e a velocidade da fala (entrada da inserção); 6. volta a olhar para o livro e começa uma nova leitura (saída da inserção, retorno ao tom de voz natural); 7. interrompe a leitura para comentar sobre o último trecho lido, deixando de olhar para o livro e passando a olhar para a platéia (final do tópico).

Concluímos que, nesse Supertópico, a inserção separa um subtópico do outro. Por essa razão afirmamos no parágrafo anterior ser o aspecto visual o primeiro a

determinar a divisão dos subtópicos, mas entendemos que a divisão deles foi efetivada pela inserção intertópica.

Analisemos a seguir outro caso da mesma Palestra (Anexo 2.1) para mostrar as inserções intertópicas como delimitadoras de tópicos em níveis hierárquicos diferentes. O Supertópico 1, "Introdução", apresenta quatro tópicos, a saber: 1.1 "Saudações iniciais" (linha 1); 1.2 "Esclarecimentos sobre a ausência do palestrante Samuel Vida" (linhas 1-3, 9-15); 1.3 "Contexto dos seminários" (linhas 3-9, 15-21); 1.4 "Qualidade do seminário" (linhas 30-31). O tópico 1.2 apresenta o subtópico 1.2.1 "Substituição" (linhas 24-31). Na constituição desse QT aparece, ainda, uma inserção intertópica (1), que versa sobre a "Formação acadêmica de Zulu" (linhas 21-24), localizada entre o tópico 1.3 e o subtópico 1.2.1.

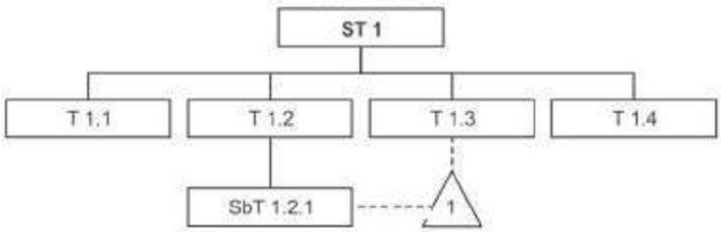
Como é possível observar pela discriminação das linhas acima, ou seja, pelo critério da pontualização que precisa o princípio da centração, os tópicos desse QT se encontram cindidos em determinados pontos. Em outras palavras, o Supertópico 1 se apresenta organizado da seguinte maneira, no plano linear: Tópico 1.1 → Tópico 1.2 (segmento 1) → Tópico 1.3 (segmento 1) → Tópico 1.2 (segmento 2) → Tópico 1.3 (segmento 2) → Inserção (1) → Subtópico 1.2.1 → Tópico 1.4. Para esclarecer essa divisão, apresentamos o trecho analisado:

1.1 [bom... boa tarde a todos e todas...] **1.2** [é antes de começar... a faLAR... eu gostaria de dar um esclarecimento... mais detalhado pra vocês... so::bre a ausência... do professor Samuel Vida...] **1.3** [o nosso seminário que a gente tá fazendo pelo país... ele tem pra cada tema dois palestrantes... nesta área do tema os palestrantes são o miNIStro do Tribunal Superior do Trabalho... Carlos Alberto Reis de Paula... que também é professor doutor da UnB... lá de Brasília...] **1.2** [e:: o professor Samuel Vida... que é da Universidade Federal da Bahia... também professor doutor da Universidade Federal da Bahia... o ministro do Tribunal Superior do Trabalho está em férias... porque está no período... de:: recesso da justiça... então... nesse período quem está fazendo as palestras é o:: professor Samuel Vida... ocorre que::... o pai dele faleceu há sessenta dias... lá em Salvador... e a sua mãe... ontem à tarde deu entrada na UTI por conta de:: depressão decorrente... da/do falecimento do seu esposo... e como ele é na verdade... aliás isso é muito normal entre nós ele é o:: âncora da família ele nos informou da impossibilidade de estar aqui presente... e:: solicitou que eu o substituísse... ao tempo que ele evidentemente pede desculpas mas eu espero que em BREve a gente possa trazê-lo aqui...] **1.3** [porque a gente está realizando outro conjunto de seminários que é sobre... intolerância e diálogo religião e cidadania... que também vai passar por aqui pelo Paraná... então eu tenho certeza que... é vocês poderão conhecê-lo e conhecer também a sua qualidade... além disso também nós solicitamos... à procuradora... é Dora... Procuradora Geral da Universidade Federal do Paraná... Dora Lima Bertúlio... que vai estar ainda hoje aqui também palestrando... que possa fazer evidentemente os complementos...] Δ**1** [que:: é:: eu não terei condições de fazer **até porque**... a minha formação apesar de ser um/um:: estudioso da área... de cultura e

discriminação racial no Brasil a minha formação não é na área do Direito... eu sou formado em Arquitetura... e estou fazendo Mestrado em Comunicação e Cultura Contemporânea...] **1.2.1** [**então** não:: não poderei não poderei substituir à altura o professor Samuel Vida... e vou fazer um esforço no sentido de pelo menos colocar... algumas questões sobre essa temática... tendo em vista que eu tenho acompanhado praticamente todos os seminários realizados até o momento... e me colocar a disposição pra:: fazer os esclarecimentos hã:: que forem necessários... aquilo que eu não puder responder com certeza logo após a próxima palestra tanto o professor José Jorge de Carvalho quanto a:: professora Dora Lima Bertúlio poderá fazer isso com absoluta tranquilidade...] **1.4** [então NÃO haverá prejuízo com relação ao conteúdo... do:: do nosso seminário...] **2.1** [bom... então feito esses esclarecimentos...]

(Palestra 1 – linhas 1-31)

A representação desse segmento no nível hierárquico compreende a seguinte formatação:



A inserção (1), neste caso, aparece porque o palestrante estava concluindo a explicação do contexto em que envolve os seminários, mas se lembrou de esclarecer sua condição enquanto substituto do professor que faria a palestra, inserindo, assim, uma justificativa com a expressão “até porque”, colocando dados da sua formação acadêmica (linhas 9-15).

Tal inserção classifica-se como um parêntese (JUBRAN, 2002), ou seja, é um acréscimo de uma informação paralela sobre a impossibilidade de substituir à altura o Professor Samuel Vida, devido à formação acadêmica de Zulu ser outra. Nesse sentido, o palestrante sente a necessidade de ressalvar que apesar dessa substituição, a qualidade dos seminários não será perdida, pois ele tem acompanhado e está completamente inserido nas discussões sobre o tema (entrada do tópico 1.4).

A recuperação do tema geral, após a inserção (1), se dá com o aparecimento de um subtópico 1.2.1. Isso significa que a inserção divide dois tópicos diferentes, situados

em níveis hierárquicos também diferentes (tópico e subtópico) – inserção intertópica, portanto.

Dessa forma, o tópico 1.2 apresenta uma subordinação, revelada pela continuação temática, após a inserção, com auxílio do MD "então" [40]. Esse MD auxilia na reestruturação da fala, recurso que ajuda a reorganizar o tópico anteriormente trabalhado. Assim, o palestrante retorna ao ponto inicial de esclarecimentos sobre a ausência do professor Samuel Vida (tópico hierarquicamente anterior) e inclui um novo tema, "substituição" (tópico hierarquicamente inferior).

A entrada desse parêntese está relacionada com a centração do tópico anterior – esclarecimentos sobre a ausência do professor Samuel Vida. Em nossa interpretação, a inserção (1) revela a antecipação do palestrante 1 no sentido de calcular possíveis objeções dos ouvintes quanto o episódio da "substituição de palestrantes". Uma vez que não houve planejamento prévio de sua palestra, o palestrante 1 busca preservar sua face, inserindo justificativas. O segmento a seguir comprova essa asserção:

[e vou **fazer um esforço** no sentido de **pelo menos** colocar... algumas questões sobre essa temática... **tendo em vista** que eu tenho acompanhado praticamente todos os seminários realizados até o momento... e **me colocar a disposição]**

(Palestra 1 – linhas 25-28)

3.2.2.2 As inserções intratópicas

Outro tipo de inserção identificada nas palestras foi a inserção intratópica, isto é, aquela situada no interior de um tópico discursivo. Diferentemente da inserção intertópica que separa dois tópicos diferentes, a intratópica cinde em duas partes o mesmo tópico, por isso então, age internamente em cada segmento.

A inserção intratópica se configura como condutora do tópico, tornando-se parte do seu desenvolvimento, encontra-se localizada no meio do tópico discursivo, e está intimamente relacionada à movimentação interna dos tópicos.

Na Palestra 2 (Anexo 2.1), ocorrem exemplos de inserção intratópica que, de alguma forma, determinam a condução tópica.

[40] Segundo Risso (2006), uma das funções do MD *então* é marcar o retorno ao tópico após inserção.

1.1 [boa tarde a todos... é:: um grande prazer *tá* aqui na Universidade Estadual de Maringá... agradeço ao professor Araújo ( ) à universidade pelo convite... é:: a participar do Encontro do Negro na] Δ**1** [-- não dá pra ouVIR? ( ) vou segurar... fica melhor assim?... então *tá* bom -- ...] **1.2** [eu vou tentar fazer... é:::... duas partes... uma::... análise histórica... da:: da:: situação da/do negro na sociedade brasileira... e no fiNAL... uma avaliação do momento em que nos encontramos... e::: também relatar a própria experiência da Universidade de Brasília...] **1.3** [a:: o próprio TÍtulo da:: conferência... o negro na universidade... nós podemos na verdade primeiro entender a questão... do negro... FOra da universidade... nós podemos imaginar o título aliás como sendo o negro FOra da universidade que é a situação que temos aGOra... nós estamos tentando passar dessa situação... PAra a situação do negro na universidade... ( ) então a primeira parte seria discutir o negro FOra... da universidade que é de onde nós partimos... ( ) então eu sugiro analisar... esse problema do negro fora da universidade como se fossem duas dimensões...] **1.3.1** [**uma dimensão seria... a série hisTÓrica** de exclusão racial nas universidades brasileiras... nós precisamos de compreender como] Δ**2** [-- ((*interferência*)) --] **1.3.1** [primeiro::... **uma primeira parte seria a história** então né?... da universidade brasileira...[e::: nessa série histórica é:: compreender a exclusão funDANte das universidades... a exclusão racial é funDANte da universidade pública no Brasil... é um fenômeno detectado recentemente...mas ela... certamente reporta as origens mesmas das nossas universidades...]

(Palestra 2 – linhas 1-16)

Denominamos o primeiro Supertópico dessa palestra de “Introdução”. Como afirma Brait (1999), a introdução corresponde aos tópicos iniciais nos quais o conferencista situa e planeja seu discurso. Dessa forma, esse Supertópico, localizado nas linhas 1-23 apresenta três tópicos, a saber: 1.1 “Saudações iniciais” (linhas 1-3); 1.2 “Resumo da palestra” (linhas 4-6); 1.3 “Dimensões do negro fora da universidade” (linhas 6-13), que se subdivide em 1.3.1 “Série histórica de exclusão racial nas universidades brasileiras” (linhas 13-14, 15-19) e 1.3.2 “Perspectiva internacional das ações afirmativas” (linha 19-23).

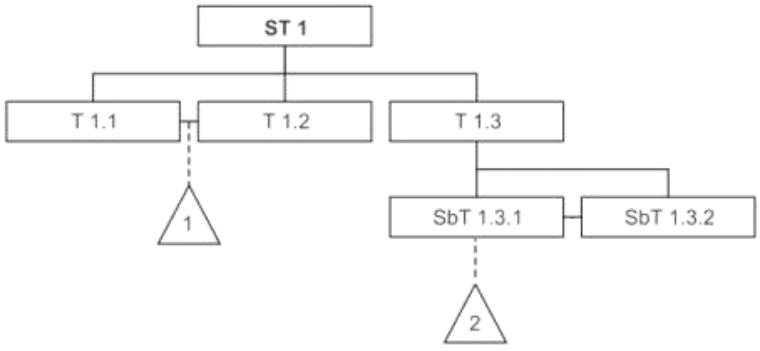
Entre os tópicos 1.1 e 1.2 ocorre uma pequena inserção intertópica (1) por conta de um problema situacional, já que o microfone não estava funcionando no início da palestra (linha 3). Na transcrição, esse tipo de interferência é marcado entre dois traços contínuos, como podemos verificar no trecho acima. De acordo com as normas estabelecidas pelo NURC, essa sinalização indica que houve comentários que quebraram a sequência temática da exposição, ou seja, desvio temático. Essa inserção se classifica como intertópica porque se localiza entre dois tópicos e, por assim dizer, motiva o palestrante a mudar de tópico.

O primeiro tópico contém as palavras iniciais do palestrante, marcadas pelas saudações e agradecimentos típicos de uma conferência. Há uma interrupção sintática causada pela entrada da inserção intertópica (1): “a participar do Encontro do Negro na -

- não dá pra ouVIR? ( ) vou segurar... fica melhor assim?... então tá bom -- ... eu vou tentar fazer... é:::...", ou seja, o palestrante não dá continuidade à frase "Encontro do Negro na", encerrando o tópico em andamento. A inserção, como já foi dito anteriormente, pode ser identificada por meio das rupturas sintáticas, é o que ocorre no exemplo citado acima.

Outra inserção (2) dessa natureza (interrupção por elemento extralinguístico) ocorre no interior do subtópico 1.3.1 (linha 14) que marca, justamente, o momento da troca dos microfones. Inclusive na gravação da palestra, logo no início, por conta dessa situação, o conteúdo sonoro ficou bastante prejudicado e, consequentemente, desencadeou dificuldades de compreensão não só para os ouvintes presentes naquele momento, mas para os transcritores, num momento posterior. Ainda assim, o palestrante, apesar das interrupções, recupera o mesmo tópico e faz a ligação dos trechos cindidos por meio da retomada de referentes, por isso, se eram duas dimensões, recupera-se o termo "uma primeira seria", e como já havia mencionado que o assunto a desenvolver teria relação com a "história", esse termo também é reiterado após inserção intratópica. A inserção (2) constitui-se, portanto, como intratópica, visto que cinde o subtópico 1.3.1 em duas partes.

O QT indica a localização dessas inserções, como também evidencia a ramificação dos tópicos analisados.



A inserção intertópica (1) e a inserção intratópica (2) são provocadas por interrupções situacionais.

Do mesmo modo, na Palestra 3 (Anexo 2.3), o Supertópico 6 "Legislação da época" apresenta uma inserção intratópica situacional (7) no tópico 6.1. Neste caso, a

palestrante questiona ao coordenador da mesa quanto tempo falta para o término da palestra.

6.1 [e assim nós vamos sabe...**se fizermos as coletas**...] Δ**7** [-- desculpa só um pouquinho é que eu queria que me avisasse um dez minutinhos antes pra eu poder fazer um outro movimento... obrigada --] **6.1** [**é:: se nós pegarmos toda a nossa estrutura de formação**... da história jurídica nacional...] Δ**7** [-- dez minutos-- ((risos))... -- obrigada --...] **6.1** [**se nós pegarmos toda a estrutura de vida jurídica**...]

(Palestra 3 – linhas 355-359)

Nesse exemplo fica clara a retomada do tópico por meio da repetição da estrutura frasal "se fizermos as coletas", "se nós pegarmos toda a nossa estrutura de formação", "se nós pegarmos toda a estrutura de vida jurídica". A palestrante mantém o tópico, por meio dessas repetições, mesmo sendo ele intercalado pela inserção intratópica situacional (7).

A inserção intratópica aparece, também, com conteúdos explicativos, no interior de um mesmo tópico discursivo. É o caso do Supertópico 3, "Momento atual – quadro parte I", da palestra 2 (Anexo 2.2) que apresenta os segmentos do tópico inicial 3.1 "Quadro atual dos professores negros nas universidades federais" (linhas 187-189, 194-195) cindidos pela entrada da inserção intratópica (7). A própria pontualização do tópico indica essa segmentação.

Nessa inserção, o palestrante afirma que 20% de vagas para negros nas universidades é uma medida conservadora (linhas 189-194). Seu início se dá com o termo "porque" e o retorno ao tópico se dá pelo MD "bom". A seguir, trecho para observação do fenômeno explicitado.

3.1 [eu só queria ler pra vocês o **quadro**... eu acho que a gente só enTENde... a necessidade das ações afirmativas... completamente se nós percebermos... a pirâmide... e não a base...] Δ**7** [porque é um pouco enganoso... nós ficarmos lutando pra... vinte por cento das vagas no vestibular apenas... e achando que isso é:: essa é uma medida muito conservadora... vinte por cento na::... nós vamos precisar de DÉCADAS... se nós começarmos SÓ com o vestibular... por quê? vamos observar o número de professores universitários... são os que votam... são os que têm as leis estabelecidas... são os que dão as bolsas de pesquisas... são os que têm os financiamentos...] **3.1** [**bom...** eu fiz uma conta da::: do número de professores negros nas universidades federais...]

(Palestra 2 – linhas 187-195)

O quadro a ser descrito pelo palestrante sobre a presença de professores negros apresenta seis universidades, que foram dispostas em subtópicos: 3.1.1 “UnB” (linhas 196-197); 3.1.2 “UFSCar” (linhas 197-201); 3.1.3 “UFRS” (linhas 201-204); 3.1.4 “UFMG” (linhas 204-205); 3.1.5 “UFRJ” (linhas 205-206) e 3.1.6 “USP” (linhas 206-211). Esse último subdivide-se em 3.1.6.1 “Progressão” (linhas 211-212, 215-218, 223-233), pois é uma informação a mais que o palestrante traz dessa universidade, uma previsão sobre o que acontecerá com a USP a partir da quantidade de professores negros existentes nela (por esse motivo esse segmento se localiza em um nível inferior):

3.1.6.1 [eu fiz uma pequena progressão... pra vocês verem aonde nós estamos...] Δ**8** [**assim...** desculpem a má notícia... então a gente têm que dar uma... têm que propor alguma... então porque ser embaixador de má notícia... têm que propor alguma coisa pra ter um otimismo futuro... mas é claro que tenho que começar a:: do que temos...] **3.1.6.1** [a USP tem cinco professores...]

(Palestra 2 – linhas 211-215)

O sub-subtópico 3.1.6.1 está cindido por duas inserções intratópicas. Primeiramente, a (8) que é um comentário do palestrante sobre o tema, afirmando que, infelizmente, se trata de uma má notícia. A entrada dessa inserção é marcada, não só pela alteração no tom de voz e diminuição do ritmo de fala, como também é delimitada pelo MD “assim”. O retorno ao sub-subtópico 3.1.6.1 se dá com o resgate do referente central “USP”, após pequena pausa. Essa inserção, portanto, interfere na progressão do tópico em andamento e interrompe o fluir temático.

Ainda com relação ao mesmo sub-subtópico, a inserção (9) aparece como um comentário que o palestrante faz a respeito da tese de doutorado de Solange Ribeiro. O retorno do tópico se dá com o MD “mas” e é reforçado pelo MD “então”, além da recuperação do verbo referente central do sub-subtópico 3.1.6.1 “imaginar”. Assim, temos:

3.1.6.1 [num país que tem quarenta e sete por cento de negros...] Δ**9** [existe uma tese de doutorado de Solange Ribeiro... uma tese de doutorado de educação da Faculdade de Educação da USP... que ela entrevistou... os professores das universidades paulistas inclusive a porcentagem foi pesquisada por ela... ela conclui o seguinte... que a última vez em que entraram professores negros nas universidades paulistas... UFSCar Unesp... UniCamp... USP... foi nos anos oitenta... tem vinte anos que não entra ninguém...] **3.1.6.1** [**mas vamos imaginar então**]

(Palestra 2 – linhas 218-223)

De acordo com Risso (2006), uma das características do MD *então* é propiciar processos de retomada de tópico após inserção, segundo a autora:

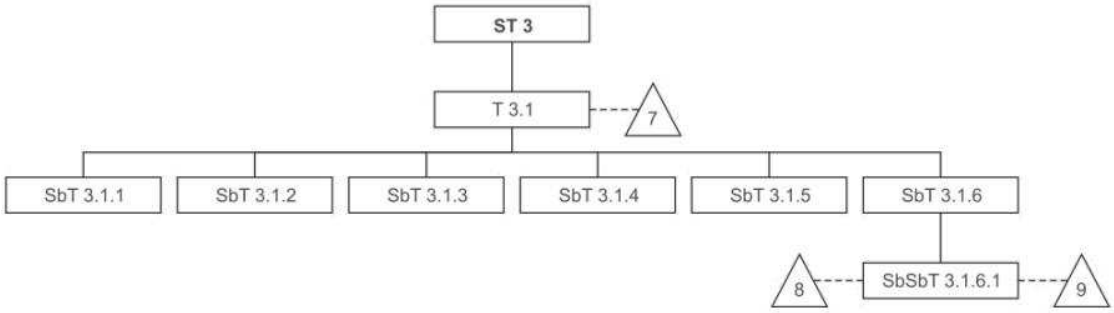
> A direção anafórica do marcador deixa, nessas circunstâncias, de retroagir diretamente para a porção discursiva imediatamente contígua e precedente e passa a instrução para que o interlocutor reate os elos com uma sequência textual anterior pouco mais adiante, temporariamente suspensa pela interposição do segmento inserido. Trata-se de uma evidência de monitoração local do fluxo da fala e do domínio do locutor na distinção entre o que é incidente e o que é focal, em termos informacionais (RISSO, 2006, p.461).

Conforme Urbano (2006), o marcador *mas* assume várias matizes funcionais, contendo traços evidentes de sequenciador e orientador de tópicos. Segundo o autor:

> Ao combinar seu traço de *sequenciador* com o de *basicamente orientador*, ficam desde já ressaltados não só uma dupla função, mas também: a) seu caráter bidirecional, pela atuação retrospectiva e prospectiva no texto; b) seu caráter de operador argumentativo de diversos níveis: reforço de alinhamento/desalinhamento direto/indireto, baseado em um enunciado explícito ou em enunciado/contexto pressupostos; seu caráter de forte orientador interacional na administração dos turnos (URBANO, 2006, p.515).

No exemplo citado, os MDs participam na retomada da centração do tópico cindido pela inserção (9). Neste caso, o “mas” assume caráter de operador argumentativo (URBANO, 2006), já o “então” reata a centração anterior, temporariamente suspensa (RISSO 2006).

A constituição do QT analisado permite visualizar a entrada dessas inserções no nível intratópico.



As inserções intratópicas (7), (8) e (9) acima descritas demonstram a constituição interna de cada tópico. Isso significa que para realizar a identificação, bem como a segmentação do tópico 3.1, e do sub-sbutópico 3.1.6.1, foi necessário observar primeiro como se deu sua movimentação, não só no âmbito da mudança, mas também no que refere à orientação interna, constitutiva de cada tópico. Com isso, concluímos que a inserção intratópica, de fato, se mostra como um fator de sustentação ou manutenção do tópico em andamento, embora provoque, geralmente, ralentamento no fluxo informacional.

A Palestra 3 (Anexo 2.3) também apresenta situações em que a inserção intratópica participa do desenvolvimento interno de cada tópico e, evidencia, sobretudo, a necessidade que a palestrante tem de comentar as informações expostas, de marcar seu ponto de vista sobre o assunto. A seguir, apresentamos três exemplos que mostram o papel da inserção nesse sentido, ou seja, romper um encaminhamento temático para incluir comentário opinativo.

A inserção intratópica (4) aparece entre os segmentos que compõem o subtópico 3.1.3 “Direção da sociedade” e diz respeito ao poder social de alguns Cursos de Graduação. A inserção é marcada, especialmente, pela mudança de entonação e aceleração do ritmo de fala, além do corte visível na continuidade do segmento que estava sendo desenvolvido. O retorno ao tópico se dá por meio do marcador “então” [41].

3.1.3 [**então** universidade... e a luta nossa de inclusão... de população negra na universidade...] Δ**4** [e eu dei só um exemplo do curso de Direito... não é?... que se nós pegarmos todos os outros nós em cada um deles nós vamos ver... o poder social desses cursos e das profissões... e das

[41] Segundo Risso (2006), podemos atribuir para o primeiro “então” que aparece nesse trecho a função de marcador basicamente sequencial, já o segundo apresenta a função de retomada após inserção parentética.

interferências dos diversos conhecimentos naquilo que é... a estrutura... da organização de:: uma dada sociedade... no caso da nossa sociedade...] **3.1.3** [**então**... via de regra...]

(Palestra 3 – linhas 86-91).

Do mesmo modo, a inserção intratópica (12) aparece entre os segmentos do subtópico 6.1.5 "2ª Lei do Fim do Tráfico 1850 - mercadorias contrabandeadas". Trata-se de um comentário sobre o que não se aprende na escola com relação às Leis que propuseram o fim da escravidão no Brasil. A entrada da inserção se dá com a expressão "acho que todos vocês" e a recuperação do tópico é marcada pelo MD "então vejam". Esse é outro caso que evidencia a função retroativa do MD "então" (RISSO, 2006) e mais do que isso, revela o argumento seguinte, decorrente do exemplo inserido (URBANO, 2006).

6.1.5 [nós vamos ter em mil oitocentos e cinquenta uma nova lei] Δ**12** [**acho que todos vocês** todos nós estudamos isto na escola né? nós temos as leis que são as Leis do Fim do Tráfico... e depois nós temos as leis que são as chamadas de Leis Abolicionistas nós aprendemos isto na escola... o que a gente NÃO aprende... o que a gente NÃO escuta... não reflete... nem discute... são as estruturas dessas normas e... os valores que elas reproduzem no seio da sociedade...] **6.1.5** [**então vejam**...]

(Palestra 3 – linhas 291-296)

A inserção (15) também é intratópica:

6.1.8 [você já tem o processo de imigração já ocorrendo razoavelmente com:: certa força e depois ela vai consolidar bastante no comecinho do século é:: vinte **né?...**] Δ**15** [**mas vejam**... e é muito interessante porque quando ele diz estrangeiro... opa eu pensei né? agora pelo menos isso porque tinham muitos africanos na época já morando no Brasil que eram né? ex-escravos nesse período...] **6.1.8.1** [**mas**... um comentarista Carlos Maximiliano que vai comentar a Constituição ele diz o seguinte... que é muito importante... que o governo brasileiro e a Assembléia Legislativa decida... QUE... os estrangeiros que para aqui vêm para formar para desenvolver para auxiliar no progresso da nação... sejam considerados nacionais... porque este sangue europeu vai ser a força da nossa/do nosso desenvolvimento e assim por diante... então ele já DEfinia quem eram os estrangeiros que poderiam ser recebidos automaticamente como sendo é::... nacionais...] **6.1.8** [**e assim** nós vamos ver sequencialmente a Constituição...]

(Palestra 3 – linhas 392-399)

O desenvolvimento do sub-subtópico 6.1.8.1 "Comentário Carlos Maximiliano" aparece depois de uma inserção intratópica (15) sobre o processo de imigração naqueles

tempos. A entrada da inserção se dá depois do marcador "né"[42], seguido de pausa e entonação descendente, que fecha o primeiro segmento do subtópico 6.1.8 "Constituição de 1891 – cidadania aos estrangeiros". O MD "mas vejam" sinaliza a entrada da inserção (15). De acordo com Urbano (2006), o *mas* é também um sinalizador interacional e pode promover o engate para digressão opinativa.

A entrada do sub-subtópico 6.1.8.1 também se dá com o MD "mas". Neste caso, porém, o MD "mas" equivale à conjunção "e", que delimita a abertura do tópico.

O encerramento do subtópico 6.1.8 ocorre depois da inserção (15) e do sub-subtópico 6.1.8.1, com a retomada "e assim nós vamos ver sequencialmente a Constituição", delimitada pelo MD "e assim".

As inserções intratópicas (4), (12) e (15), analisadas acima, confirmam a asserção de que os falantes desse evento comunicativo permanecem envolvidos e interados de forma intensa e participativa, pois à medida que constroem os tópicos, comentam a sua própria construção.

Conforme Jubran (2006a, p.40):

> O princípio de organicidade tópica, postulado na sua origem para as relações intertópicas, deve ser estendido para as relações intratópicas, a fim de abranger a estruturação interna dos segmentos tópicos, tomados como unidade concreta de análise.

De fato, com os exemplos mencionados acima, é possível afirmar que o fenômeno da inserção parentética, situada no plano intratópico, aponta para mais uma forma de estudar a composição interna dos tópicos discursivos.

3.2.2.3 As inserções com estatuto tópico

A inserção com estatuto tópico aparece simultaneamente na articulação intra e intertópica, porque à medida que separa tópicos de níveis hierárquicos diferentes

[42] Urbano (1999b) observou o uso frequente do MD *né* em inquéritos selecionados do NURC e constatou que ele ocorre não só em todas as regiões analisadas, como também em praticamente todos os diálogos do *corpus*. Para Jubran et al. (2002), o MD *né* compreende um importante elemento para delimitação tópica, aparecendo, mais comumente, no fechamento.

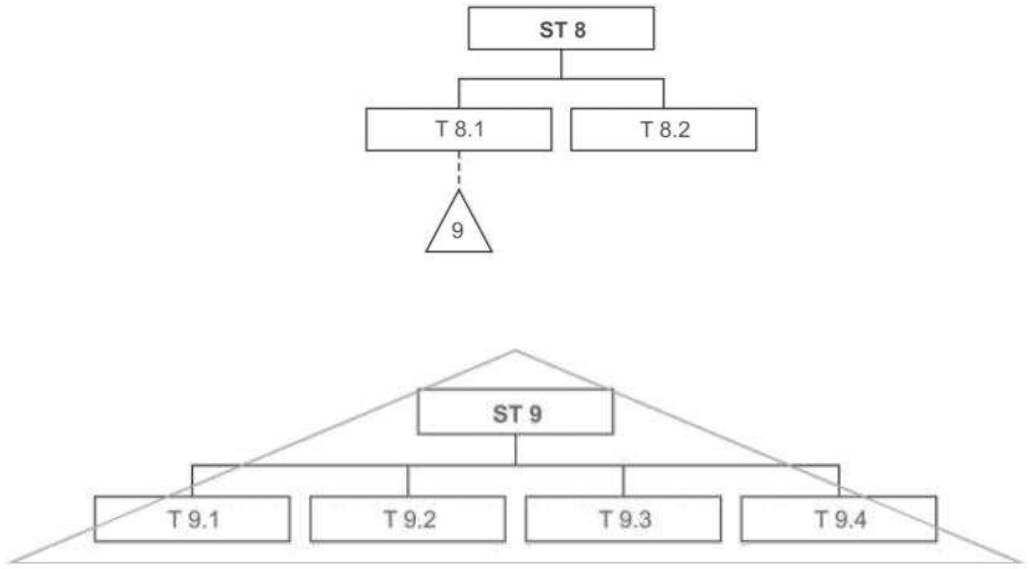
também se situa entre os segmentos de um mesmo tópico. Podemos representar esse fenômeno pelo seguinte esquema:

a) Entrada do tópico A;
b) Cisão do tópico A provocada pela entrada de uma inserção Δ;
c) A inserção Δ ganha estatuto de tópico discursivo, por sustentar-se em uma nova centração, possibilitando, assim, maiores ramificações;
d) Transferência de *status* da Δ para tópico B;
e) Fechamento do tópico B;
f) Finalmente, retorno ao tópico A.

Pelo esquema, observamos que além de estar presente no interior do tópico (nível intratópico), a inserção com estatuto tópico também intercala tópicos diferentes (nível intertópico). Segundo Jubran (2002), o aparecimento de um QT completo dentro de outro (tópico B dentro de A), divide em duas partes uma unidade tópica mínima deste outro QT (segmentos de A). Para a autora:

> A interpolação de um QT inteiro em um subtópico, de nível inferior, de outro QT, também chama a atenção para o fato de que a inserção não pode ser abordada meramente no plano horizontal da estruturação linear, pois o seu estatuto implica o conhecimento da organização vertical, na medida em que o tópico inserido e o rompido por ele podem pertencer a níveis hierárquicos diferentes (JUBRAN, 2002, p.68).

Em nosso *corpus* essa situação ocorre na Palestra 1, no Supertópico 8, "Ano 2001" (Anexo 2.1). O que nos interessa, nesse momento, é verificar a constituição do tópico 8.1 "Terceira Conferência Mundial Contra o Racismo...", no que se refere ao aparecimento da inserção (9) que, como podemos perceber, visualizando os QTs abaixo, passou a constituir o Supertópico 9, porque ganhou estatuto tópico e foi capaz de formar um QT dentro de outro. Vejamos como se dá esse processo.



Diante da visualização hierárquica dos tópicos referidos, apresentamos o que ocorreu, com a entrada da inserção (9), também, na linearidade discursiva. Transcrevemos, a seguir, o segmento que marca o início do tópico 8.1 e o aparecimento da inserção (9).

8.1 [**mas é no ano dois mil** quando se faz as preparações para... a Terceira Conferência Mundial... Contra o Racismo e Intolerância e Xenofobia... realizada em Durban... entre seis e oito de junho de dois mil e um... na África do Sul... que na verdade essa discussão... transforma-se em nacional... e vira alvo digamos assim da aGENda política brasileira... eu sei que essa discussão incomoda alguns... o Brasil não é muito DAdo a tratar... com profundidades as suas mazelas... talvez por isso que aquela história do jeitinho brasileiro tenha trazido tantos prejuízos pra nossa nação... a gente tenta sempre dar um jeitinho... sair pela **tangente**... esconder...] Δ**9** [**assim foi por exemplo** em mil oitocentos e oitenta e oito... em vez de por exemplo o governo brasileiro... o EsTAdo brasileiro adotar medidas... CONcretas REais... particularmente no mercado de trabalho... e... hã:: com a reforma agrária no Brasil para que promovesse a inclusão do negro na sociedade brasileira... se buscou um **atalho**... qual foi o **atalho**?...] **9.1** [**o primeiro deles...** a criminalização do negro na sociedade brasileira através da Lei da Vadiagem... ou seja aqueles que não tinham... domicílio fixo... e que não tinham carteira de trabalho... poderiam ser presos enquanto vadios... como se ser vadio... fosse um desejo de qualquer ser humano... em qualquer parte do mundo... mas essa lei vigorou no Brasil... aTÉ praticamente a década de oiTENta... se eu não me engano... acho que até a década de oiTENta essa lei vigorou no Brasil... a chamada Lei da Vadiagem...] **9.2** [**a segunda a exclusão do negro** da cidadania com a introdução do voto... do NÃO voto do analfabeto... com a proibição do voto do analfabeto...] **9.3** [**mas não ficou só aí... o Brasil para tangenciar essa questão**... adotou um conjunto de políticas pra PROpiciar... a... imigração dos EURODescendentes para o Brasil... particularmente os italianos que têm uma presença diga-se de passagem muito forte aqui nessa região é:: ( ) é:: aliás um conjunto de sobrenomes aqui tem muito italiano nessa região aqui mas os italianos enquanto comunidade foram fa-vo-re-ci-dos pela política aGRÁria brasileira... pra a maioria dos italianos que vieram para/para o Brasil foi propiciado terra... crédito agrícola... e implemento

agrícola... **9.4** [**e eu repito aqui ATÉ hoje** não foi libe/não foram liberadas a não ser TREze comunidades remanescentes de Quilombo para que tivessem ace/acessos as suas terras... pelo contrário... em mil oitocentos e cinquenta foi criada a Lei da Terra... que pro-i-bi-a proiBIA... escravos... e descendentes de escravos que fossem alforriados... de poderem ser proprietário de terra... em nosso país.. era proibido...] **8.1** [**então... essa/essa forma de tangenciar essa questão... em/no ano dois mil... não foi mais possível... por quê?**... porque a ONU... e um conjunto de outros países do primeiro mundo passou a exigir do Brasil... NÃO só o cumprimento das convenções que ele tinha assinado em sessenta e oito sessenta e nove... como também passou a ameaçar o Brasil... de que CAso ele não adotasse medidas... PAra é:: é:: reduzir a discriminação racial... que isso iria prejudicá-lo na obtenção de emPRÉStimos das agências financeiras internacionais...]

(Palestra 1 – linhas 337-373)

Antes de desenvolver o tópico central 8.1, que versará sobre a medida mais recente e significativa tomada pelo Brasil a respeito da discriminação racial nos diversos setores da sociedade, o palestrante insere a questão do "jeitinho brasileiro" e dos atalhos que o Estado usou para dar conta da questão do negro, no século XIX (inserção 9).

A entrada dessas informações caracteriza o que Jubran (2006c, p.328) denomina como parênteses focalizadores da elaboração tópica, ou seja, "casos de parentetização que estão na situação-limite de reconhecimento parentético, à medida que, enfocando o conteúdo do tópico, mantêm algum traço de aproximação com ele". Por isso, a caracterização desse tipo de parêntese resulta na análise de critérios formais (MDs, por exemplo) e pela observação da centração inicial do tópico cindido pela inserção.

No trecho acima, o surgimento da inserção (9) implicou no aparecimento do Supertópico 9 "Atalhos" (linhas 341-367). Esse novo QT apresenta-se composto por quatro tópicos que são, na verdade, exemplos que o Estado brasileiro usou para tangenciar a questão da presença do negro na sociedade, a saber: 9.1 "Lei da Vadiagem"; 9.2 "Analfabeto não vota"; 9.3 "Imigração dos europeus"; 9.4 "Lei da Terra".

No fechamento do Supertópico 9, aparece o MD "então" seguido de uma paráfrase resumidora[43] a respeito dos mecanismos utilizados pelo Estado para contornar a questão. Esse MD dá indícios de retorno ao tópico rompido (8.1). O segmento tópico seguinte, de fato, recupera a centração do tópico que estava temporariamente suspenso. Por essa razão, ocorre o reaparecimento dos tópicos pertencentes ao Supertópico 8.

[43] Este fenômeno será detalhada no item 3.2.9.

Na linearidade, o MD “então” fecha o Supertópico 9, assim como abre o tópico 8.2 “Exigências dos países do primeiro mundo” (linhas 367-382). Por isso, o Supertópico 8 é formado por dois tópicos, o primeiro que trata da Conferência em si e o segundo que trata das exigências dos outros países.

De uma forma geral, o retorno do Supertópico 8 se dá pela reiteração de vocábulos do mesmo campo semântico – as medidas que o Brasil teve de assumir perante aos países do primeiro mundo, com a realização daquela Conferência em 2001.

Conforme Jubran (2006c, p.328):

> Os parênteses exemplificadores introduzem, no texto, dados factuais comprovadores do que está sendo dito. A função de exemplificação aponta o envolvimento do locutor com o assunto, revelando sua atitude em relação ao conhecimento do que comunica: a de que este se baseia na evidencialidade dos exemplos.

Dessa forma, a inserção com estatuto tópico apresentada acima aparece como exemplificação que antecede uma informação julgada necessária (pelo palestrante) para o entendimento do conteúdo expresso em 8.1. Se levarmos em conta a linearidade do discurso, este tópico foi previamente anunciado.

Segundo Koch e Silva (2002, pp.376-377), a formulação fluente com descontinuidade (inserções tópicas) são aquelas em que ocorrem suspensões temporárias do tópico em andamento; uma de suas atribuições é, justamente, fazer alusão a um conhecimento prévio, que se caracteriza como um pré-requisito para o entendimento do assunto. Com o exemplo analisado, evidenciamos que o palestrante 1 comete desvios e provoca rompimentos no encaminhamento lógico e sequencial dos argumentos, afetando, assim, o fluxo da informação. A nosso ver, ora ele se preserva, ora busca proximidade com a platéia, mas o faz, geralmente, por meio de inserções.

A inserção com estatuto tópico, apesar de causar ruptura no nível intratópico, permanece semanticamente relacionada ao tema anterior. Por mais que o assunto da inserção seja diferente da do tópico no qual ela está inserida há, geralmente, um objetivo para a sua presença. Embora introduzida no meio de um tópico, a inserção pode ter um conteúdo mais relevante que aquele, ou tão relevante quanto e, por isso, pode criar um novo QT, com novas ramificações – é o caso da inserção (9).

3.2.3 Os marcadores discursivos e as pausas

A mudança, delimitação e a condução tópica nas palestras também foram observadas por um conjunto de fatores que auxiliam na identificação dos tópicos por meio do princípio da centração: os MDs e as pausas.

As pausas estão marcadas, na transcrição do texto falado, pelas reticências (...), indicando o momento em que o palestrante não verbaliza sua fala. Conforme Marcuschi (2006c), as pausas se encontram no âmbito da formulação e podem evidenciar, entre outras funções, a busca pelo foco, a reorganização do discurso, o retorno ao tópico, depois da inserção. Segundo o autor, verificar a posição da pausa significa observar se sua ocorrência se deve à busca de um item lexical ou à mudança de centração. Em nossa análise, as pausas serão vistas ao lado dos MDs, no âmbito da estruturação tópica.

Os traços definidores e as funções textuais-interativas dos MDs mais usuais foram vastamente pesquisados por Risso (2006), Risso, Silva e Urbano (2002, 2006) e Urbano (1999b, 2006). Com base nesses estudos, fizemos a identificação dos marcadores que evidenciaram uma participação na articulação tópica. Conforme afirmam Risso, Silva e Urbano (2006, p.403): “dificilmente um trabalho de análise de texto oral, que tenha enfoque voltado para a depreensão e caracterização de aspectos discursivos, deixa de abordar os marcadores discursivos”.

Selecionamos, pois, os MDs que apareceram em nosso *corpus* como basicamente sequenciadores e interacionais. Entre os exemplos citados pelos autores, encontramos: “então”, “mas”, “bem”, “daí”, “bom”, “primeiro ponto”, “segundo ponto”, “né”. E suas formas conjuntas: “mas então”, “então por exemplo”, “pois bem”, “então vejam”, “mas vejam”.

Segundo Risso (2006), esses marcadores evidenciam o movimento dos tópicos: abertura, encaminhamento, mudança, fechamento, retomada de tópicos discursivos após inserção e atuam nos planos intra e intertópicos da articulação tópica[44].

No item “Inserções intratópicas”, contextualizamos a presença de alguns marcadores nas retomadas do tópico, após inserção. Os MDs “mas”, “então” e “bom” revelaram-se como um sequenciador textual de orientação retroativa, marcando o

[44] O objetivo da apresentação desse item não é realizar um levantamento exaustivo de todos os MDs existentes no *corpus*, nem tampouco categorizá-los em suas variáveis. Nosso intuito é apenas mostrar os marcadores no que diz respeito à articulação tópica.

retorno ao tópico que foi cindido. O “mas” também apareceu como engate para digressão opinativa (entrada de inserção intratópica), incluindo exemplificação.

A seguir, apresentamos outros casos em que os marcadores atuam na estruturação tópica das palestras.

3.2.3.1 Marcadores discursivos: a articulação intratópica

Na articulação intratópica, observamos o papel dos marcadores sequenciadores e interacionais que aparecem na abertura, condução e fechamento tópico. Segundo Risso (2006, p.470), os marcadores *bom* e *bem* constituem-se como segmentos prefeciadores, proferidos pelo locutor como formas especiais de adiantamento de um conteúdo tópico, durante a interação. Dessa forma, selecionamos um caso em que o marcador “bem” indica a abertura de um tópico, após esgotamento natural do tópico anterior. Ou seja, a entrada de uma informação nova é reconhecida pela presença de uma nova centração.

Na Palestra 3 (Anexo 2.3), o início do tópico 3.1 “Importância da universidade” é marcado pelo MD “pois bem” e reforçado pela expressão “acho que”. A indicação de mudança tópica pode ser observada também pelo adiantamento do segmento “e eu quero QUE”. Ou seja, a mudança gradativa de um tópico para outro se dá pela mudança de centração, marcada, especialmente, por MDs que se situam nos dois planos da estruturação tópica.

2.3.1 [estamos hoje com um processo discutindo... com mais intensidade no Brasil as vagas para a população negra... mas no bojo das vagas das populações negras todos nós estamos também discutindo vagas para a população indígena... **e eu quero QUE**... uma coisa não seja entendida como restrição ou exclusão da outra... na verdade o nosso processo a nossa discussão é sempre... no sentido de incluir populações discriminadas populações que estejam sendo... tratadas desigualmente nessa sociedade...] **3.1** [**pois bem... acho QUE...** o primeiro momento seria nós falarmos um pouco do:: desejo da universidade... porque discutir relações raciais... porque discutir COtas e reservas de vagas nas universidades... é muito comum ouvir o questionamento de que se nós tivéssemos boas escolas no ensino fundamental e médio se os negros estudassem melhor se fossem mais inteligentes... eles naturalmente não teriam a necessidade de fazer estas demandas de:: reservas de vagas nas universidades...]

(Palestra 3 – linhas 48-60)

A segmentação dos subtópicos abaixo (Palestra 3, Anexo 2.3) foi realizada primordialmente pelo princípio da centração, por meio da identificação dos referentes-

títulos que compunham o mesmo campo semântico. No entanto, a recorrência dos MDs "daí" e "assim" seguidos da repetição dos verbos "pegar", "pensar" ou "ver" indicaram, a cada vez, o início de um novo tópico.

6.1.7 [**daí nós vamos ver que** o código penal... que é de mil oitocentos e noventa... depois as leis é:: penais extravagantes que foram consolidadas no período até até quarenta... até já aí mil novecentos e quarenta... **nós vamos ver que**... criminaliza a capoeira... né?... e explica o que é a capoeira que é crime... bom quem joga capoeira?... e daí a gente não precisa mais dizer liberto não precisa mais dizer negro... agora você já tem formatado a idéia... você só precisa fazer as definições mais genéricas porque o nosso inconsciente coletivo já tá pronto pra saber quem são as pessoas para as quais o sistema jurídico... especialmente o sistema penal deve estar com o olho mais vibrante... né?...] **6.1.9** [**daí se nós pensarmos** no sistema de direitos é::: políticos... **nós vamos ver que**... desde a nossa primeira Constituição Republicana os mendigos não podem votar... BOM os mendigos não podem votar quer dizer eventualmente a gente pode pensar agora aqui naturalmente mas também o que que eles querem votando né?... eu sei que esse é um:: é um::... pensamento descriminatório... mas ainda assim eventualmente poderia fazer algum sentido... só QUE... quem são os mendigos?... daí novamente o:::... Maximiliano que é o::: comentador oficial da Constituição Brasileira... ele vai dizer que mendigo é todo aquele que não tem serviço... nem moradia fixa... depois da escravidão quem é que não tem serviço fixo?.... depois da escravidão quem é que não tem moradia fixa?... e portanto você vai percebendo daí os negros vão ser alijados de direitos políticos... mesmo dentro de todo um sistema refratário... porque daí claro você tem o outro lado que são as discussões das relações de classe que sempre nós tivemos é::: descriminações com relação à classe... mas é importante nós refle/possamos refletir e pensar... que em algumas das restrições elas eram específicas para a população negra... **6.1.10** [**e assim nós vamos pegar** o século vinte inteiro com toda uma legislação... absolutamente voltada para... desconstruir aquilo que seria a cidadania negra... E ao mesmo tempo implementar a cidadania branca... sem precisar dizer porque é só você ir implementando os diversos movimentos...]

(Palestra 3 – linhas 402-427)

Em 6.1.7 "Código penal 1890 – criminaliza a capoeira" (linhas 402-410) o início do tópico se dá com a expressão "daí nós vamos ver". Do mesmo modo, no subtópico 6.1.9 "Constituição Republicana – mendigos" (linhas 410-423), a delimitação inicial é feita pela expressão "daí se nós pensarmos". Por último, o subtópico 6.1.10 "Século XX" (linhas 423-427) começa com a sequência "e assim nós vamos pegar".

Segundo Risso (2006), na organização tópica de um texto falado, o MD *então* desempenha também uma função de articulador textual-interativo no nível intratópico, pois vincula informações relevantes para a construção da centração de um tópico discursivo. Sua função é encadear uma sequência cronológica, representando uma relação lógico-semântica de decorrência, conclusão ou resultado.

No exemplo abaixo, os três primeiros "então" que aparecem no interior na inserção intertópica (3) são sequenciadores que conduzem o parêntese, mantendo seus referentes centrais – meritocracia. Essa reiteração do MD "então" revela, também, encaminhamento argumentativo, pois promove implicaturas dos segmentos, a saber: relação lógico-semântica de decorrência (RISSO, 2006). Já o último "então" que aparece nesse trecho é um articulador intertópico, pois promove a mudança tópica, inserindo outra centração – o momento fundante das universidades.

∆**3** [porque QUANdo no momento presente nós falamos a:: como reação às cotas que é a meritocracia... é preciso lembrar que não há meritocracia a meritocracia houve exclusivamente para a REPRODUÇÃO do sistema... o sistema foi pro-du-zi-do a partir da exclusão... a meritocracia alcança a sua reprodução... não a sua produção... **então** nós jamais tivemos e isso é importante lembrar aqui... nós jamais tivemos... verdadeira concorrência nas nossas universidades... porque os negros não puderam concorrer... eles foram primariamente excluídos... **então** se teve uma:: espécie de disPUta entre os que sobraram da concorrência... **então** não houve de fato a concorrência... nós estamos através das ações afirmativas procurando que daqui a:: talvez a médio prazo... nós possamos de fato ter concorrência... para saber quem são de fato os melhores... porque nós não sabemos ainda... se o que temos inclusive eu mesmo... somos os melhores que temos... porque não houve essa concorrência universalista...] **2.2.4** [**então...** é preciso lembrar que nos anos trinta teria sido muito mais fácil... introduzir as ações afirmativas do que naquele momento que era um momento fundante...

(Palestra 2 – linhas 82-95)

Com relação ao fechamento dos tópicos, o MD "né" apareceu na maioria dos casos encontrados. Sua função, portanto, é encerrar tópicos (JUBRAN at al., 2002). O exemplo abaixo revela a determinação que o marcador "né" realiza para finalizar o tópico em andamento. Além disso, depois da pausa, o marcador "então" promove a mudança tópica, ratificando, portanto, que o tópico anterior havia se esgotado.

4.1.1 [**e acho que** quando nós começamos a fazer esta reflexão... é QUE... a nossa formação... a nossa formação histórica cultural jurídica... é::: vai surgir dando esta idéia **né?**...] [**então** todos nós temos razoavelmente formatado o que esperamos de um negro dentro da sociedade...]

(Palestra 3 – linhas 142-145)

Para Urbano (2006), o MD *né* apresenta uma função inerente, essencialmente fática, ou seja, sua natureza pode ser interrogativa, e neste caso, ser produzido após um enunciado declarativo. Em nossa análise, esse uso revela a busca do palestrante pela interação com os ouvintes, bem como pela orientação do seu próprio discurso, atuando

como condutor, sequenciador, no nível intratópico, portanto. Apresentamos, a seguir, um exemplo:

3.1.3 [nós temos **né?** todos nós sabemos que... a/o nosso país... as repúblicas elas são montadas em cima de Poder Executivo Poder Judiciário e Poder Legislativo... esses três poderes são aqueles que vão dirigir dar as coordenadas organizar a vida social... que é... que são... os poderes do Estado...]

(Palestra 3 – linhas 75-79)

Nesse caso, o palestrante 3 inclui os ouvintes ao usar em seu discurso a categoria de pessoa "nós" (BENVENISTE, 1995). Ao lado dessa escolha aparece o MD "né", confirmando, portanto, esse envolvimento de palestrante e ouvintes via discurso. Segundo Brait (1999), o "nós" inclusivo democratiza o domínio do assunto, compartilhando sua posse com os ouvintes.

3.2.3.2 Marcadores discursivos: a articulação intertópica

Os marcadores discursivos também foram observados na articulação intertópica, sugerindo mudança e, consequentemente, evidenciando a delimitação tópica.

Para Risso (2006), a atuação discursiva do marcador *agora* permite detectar seu estatuto de estruturador textual, que promove a abertura do tópico ou o seu encaminhamento. Segundo a autora, o MD *agora* se manifesta, simultaneamente, na articulação inter e intratópica, pois marca o início do tópico atual e ainda mantém uma vinculação com o tópico precedente.

Isso ocorre, por exemplo, na Palestra 1 (Anexo 2.1), em que o MD "agora" intercala os sub-subtópicos 7.5.1.3 "Recepcionistas negras" e 7.5.1.4 "Garçons negros".

7.5.1.3 [como também **você não vai encontrar** recepcioNISta... em banco... na maioRIA dos bancos brasileiros... você também não vai encontrar recepcionista bran/negra... quando encontra é um percentual ínfimo...] **7.5.1.4** [**agora** com certeza **você vai encontrar** na maioria absoluta... dos serventes... dos/das empregadas domésticas... é::: dos porteiros... e dos seguranças... aí SIM você vai encontrar a maioria absoluta negra...]

(Palestra 1 – linhas 316-321)

Ou seja, a mudança de centração foi ratificada pela presença desse marcador que indica uma relação com o tópico anterior, pois as expressões "você não vai encontrar" e "você vai encontrar" revelam uma oposição dos dados apresentados, mas também promove mudança de orientação, contraste. Nesse caso, o MD "agora" tem estatuto do MD "mas", e atua como operador argumentativo, conforme definição de Urbano (2006).

Em nosso *corpus*, os marcadores "pois bem" e "então" se apresentam como elementos característicos de mudança tópica. A transição se dá, geralmente, com indícios de reordenação da fala e, consequentemente, de encaminhamento do tópico seguinte a ser desenvolvido.

Na Palestra 1 (Anexo 2.1), a passagem do tópico 5.1 "Brasil assina três tratados" para o tópico 5.2 "Conferências da ONU" é assinalada pelo marcador "pois bem", antecedido e sucedido de pausa, além da ênfase[45] na conjunção "e", que inicia o próximo segmento tópico.

5.1 [o Brasil assinou a Convenção Internacional sobre a eliminação de todas as formas de discriminação racial**...**] **5.2** [**pois bem... E** participou... em mil novecentos e setenta e oito e mil novecentos e oitenta e três das duas conferências realizadas pela ONU contra o racismo a discriminação racial e a intolerância...]

(Palestra 1 – linhas 136-140)

Na Palestra 2 (Anexo 2.2), o Supertópico 4 "Comparação com outros países" apresenta dois tópicos: 4.1 "Os índios nas universidades de outros países" e 4.2 "As cotas em outros países". O primeiro tópico apresenta a centração nos referentes "índios" e "professores indígenas", já o segundo, apresenta a centração no referente "comparação".

4.1 [o Paraná é um estado revolucionário nesse sentido... da **integração dos índios**... com certeza... as federais NÃO... a UnB é a primeira federal... não temos nenhuma outra... pra começar a:: a receber os índios... e pagar a dívida dos quinhentos e quatro anos... diante de genocídio constante...] **4.2** [**então esse quadro... é:::** já que eu falei do México... é::: da Venezuela... da Colômbia... seria importante pararmos um momento... e nos VERmos agora... quer dizer primeiro estamos nos vendo de dentro... quando nos vemos em **comparação**... quando nos vemos em **comparação** provavelmente a gente têm uma perspectiva que complementa isso...]

(Palestra 2 – linhas 248-255)

[45] Conforme convenção do NURC, a entonação enfática é sinalizada com letras maiúsculas.

No exemplo acima, a mudança de um tópico para outro se dá no momento em que se muda a centração, marcada pela utilização do MD “então” seguido de pausa e hesitação. Esse conjunto provoca um resgate do assunto abordado no tópico anterior e uma projeção de um novo tema – a comparação.

Risso (2006, p.463) afirma que a atuação do sequenciador na articulação intertópica é muito frequente nos discursos expositivos vigentes em EFs, revelando, nessa frequência, uma preocupação didática com a sinalização dos grandes passos do desenvolvimento de um plano de assunto previamente estabelecido. Neste caso, o MD “então” articula informações de tópicos precedentes, evidenciando, o controle que o palestrante 2 tem da organização dos assuntos, nesse ponto da sua palestra.

3.2.4 Os tópicos de transição

De acordo com Jubran et al. (2002), a mudança gradativa de um foco de relevância a outro é realizada por meio dos tópicos de transição, que são:

> Representados por segmentos de uma conversação que não se integram a um tópico específico, porque desempenham, na progressão tópica, a função de estabelecer uma mediação entre dois tópicos, promovendo a transição gradual de um para outro. Nesses segmentos, com frequência, o falante explicita a relação associativa que ele estabelece entre dois conjuntos conceituais. O tópico desse segmento é, pois, de transição, porque não é mais o tópico anterior, nem ainda o tópico seguinte, mas algo que liga um a outro (JUBRAN et al., 2002, p.350).

Com base nessa definição, buscamos em nosso *corpus* situações em que esses segmentos aparecem como um mecanismo para mediar tópicos. A demarcação dos Supertópicos das palestras foi, primordialmente, realizada pelo princípio da centração, porém a passagem de um Supertópico para outro envolveu também ações e expressões prospectivas e retrospectivas do tema em andamento. Classificamos, pois, esses segmentos como tópicos de transição.

Na transição do Supertópico 1 para o Supertópico 2, da Palestra 1 (Anexo 2.1) aparece o segmento:

1.2.1 [aquilo que eu não puder responder com certeza logo após a próxima palestra tanto o professor José Jorge de Carvalho quanto a:: professora Dora Lima Bertúlio poderá fazer isso com absoluta tranquilidade... então NÃO haverá prejuízo com relação ao conteúdo... do:: do nosso seminário...] **TRA** [**bom... então feito esses esclarecimentos...**] **2.1** [eu gostaria de começar... fazendo um pouco... aquilo que o:: GTI... o Grupo de Trabalho Interministerial... criado em mil novecentos e noventa e cinco... quando fez o centenário da morte de Zumbi dos Palmares... fez para que... melhor pudéssemos abordar... a questão da política de ações afirmativas no Brasil... que é na verdade um pouco de... conceituar... o que que é racismo... o que que é preconceito... o que que é descri/discriminação racial direta... e a discriminação racial indireta...

(Palestra 1 – linhas 28-38)

Esse segmento indica a reorganização da fala do palestrante para iniciar, de fato, o desenvolvimento dos assuntos centrais da palestra, já que em um primeiro momento, ele se ateve às explicações e justificativas da ausência do palestrante Samuel Vida. É como se o Supertópico 1 fosse uma espécie de digressão que antecedesse o início da palestra, embora essa digressão se mostre necessária para esclarecer aos presentes a mudança de palestrante do evento, ou seja, é pertinente se levarmos em consideração o contexto situacional dessa interação. O segmento citado, acima, recupera o início do tópico 1.2 “é antes de começar... a faLAR...eu gostaria de dar um esclarecimento...” (linhas 1-3) e marca explicitamente que o palestrante havia mudado de assunto. Essa mudança, ratificada pelos MDs “bom” e “então” evidenciou a introdução do Supertópico 2 “Conceitos”.

Vale lembrar que os Supertópicos se apresentam como blocos inteiros capazes de abordar um mesmo tema, podendo haver, também, ramificações, constituindo níveis hierárquicos. Assim, de fato, o palestrante inicia um novo assunto, realizando a leitura de alguns conceitos fundamentais para o entendimento e progresso da discussão. A passagem para o Supertópico 3 ocorre, novamente, por meio de um tópico de transição. O palestrante recapitula a ação anterior, marcada pela leitura dos conceitos, e encaminha a discussão (movimento retrospectivo).

2.1.2.4 [e diz ainda mais que “a discriminação racial indireta... é um comportamento... e uma ação que prejudica de forma dissimulada... CERta pessoa ou grupo de pessoas... em decorrência de sua raça ou cor... discriminação NÃO manifesta... oculta oriunda de PRÁticas sociais... administrativas EMpresariais... ou de políticas públicas”... diz mais... “trata-se... da forma... MAIS perVERsa de discriminação... pois advém de mecanismos societais ocultos pela

maioria”...] **TRA** [eu estou fazendo esta classificação porque **este último item aqui** ao qual eu me referi é aquele na verdade que mais é presente na sociedade brasileira... a chamada... discriminação indireta e eu digo mais presente HOje... que a discriminação direta foi presente neste país durante quatrocentos anos...] **3.1** [e/e eu ontem afirmei isso e quem estava aqui ouviu... de que:: a nossa presença no Brasil... ou seja a preSENça da comunidade negra no Brasil... ela é distinta... de qualquer OUtra etnia... TOdos os outros que não são negros... são imigrantes... nós viemos para aqui de maneira forÇAda... e ajudamos a construir esse país de maneira forÇAda também...]

(Palestra 1 – linhas 57-70)

O item que o palestrante se refere é a “discriminação racial direta” que esteve presente no Brasil durante o processo de escravização. O palestrante inicia, portanto, uma nova centração. Essa passagem de Supertópicos acontece de maneira gradativa, já que o palestrante reforça as definições citadas e introduz um exemplo da discriminação direta no Brasil, que é o caso da escravidão. Dessa forma, o tópico de transição se mostra como uma estratégia de articulação intertópica, pois atua na transição gradativa de um tópico para outro.

O segmento abaixo se configura como um tópico de transição, pois fecha o tópico 3.2 “Trabalho escravo no continente africano” e, consequentemente, todo Supertópico 3 “Escravidão”, com a expressão “dito isso” antecedida de hesitação, prolongamento e pausa. Esse conjunto, não só recupera a centração dos tópicos anteriores, como também pede uma sequência de argumentos, pois com a sua utilização se espera a continuidade das informações a partir do que foi dito anteriormente.

3.2 [porque... ao longo desses quinhentos anos... muitas pessoas lideranças... muitos de seus pensadores... muitos de seus artistas... muitos de seus filósofos... também foram dizimados nesse processo... e causando evidentemente interrupção no processo civilizatório que com certeza estariam em outro patamar... caso essa tragédia humana não tivesse ocorrido...] **TRA** [é:::... e dito isso eu gostaria de fazer também um breve histórico sobre... a intervenção no plano leGAL... já que a gente tá falando de Constituição e estamos falando de::: é:::.... é:: normas legais... sobre as quais se assentam as políticas... de ações afirmativas...] **4.1** [é:: eu gostaria de ler um pequeno trecho também deste livro pra que a gente pudesse se referenciar melhor...
TRA [**é:::... e dito isso** eu gostaria de fazer também um breve histórico sobre... a intervenção no plano leGAL... já que a gente tá falando de Constituição e estamos falando de::: é:::.... é:: normas legais... sobre as quais se assentam as políticas... de ações afirmativas...]

(Palestra 1 – linhas 92-95)

O segmento acima mencionado confere o estatuto de tópico de transição porque reforça a temática da palestra "plano legal" e "ações afirmativas" e, anuncia, também, nova referência para discussão, ou seja, novo tema.

Na Palestra 3 (Anexo 2.3), os tópicos de transição serviram como comentários sobre o tópico em andamento, apresentando-se em duas situações: fechamento de tópicos e mudança tópica. Podemos agrupá-los, também, como segmentos metadiscursivos e enunciativos[46] (próprio posicionamento da palestrante diante das informações apresentadas) ou, ainda, no conjunto das paráfrases resumidoras[47]. Quer dizer, por se tratar de uma exposição de argumentos a favor das cotas para negros nas universidades, em alguns momentos, a palestrante, de fato, sentiu necessidade de emitir sua opinião. Um exemplo disso é a passagem do Supertópico 3 para o Supertópico 4.

∆**5** [**e acho QUE...** o professor José Jorge já falou um pouco... mas depois a gente pode falar mais... de uns dos argumentos fundamentais da ação afirmativa... que é exatamente a necessidade que o Estado que o país que a sociedade têm... de incluir os diversos talentos naquilo que seria sua formação... população de conhecimento... de desenvolvimento... de progresso... de controle e de estrutura dessa mesma sociedade...] **TRA** [**então acho que**... esse primeiro momento é pra que gente tenha no nosso trabalho... a visão mais específica... mais definida... da/do estudo e da necessidade... que nós estamos pleiteando e conseguindo em alguns momentos já... de inserção de população negra nas universidades... a universidade é realmente um lugar PRIvilegiado naquilo que seria a participação... a cidadania... e a:: o:: a gestão... na verdade... da sociedade...] **4.1** [**bem... o segundo ponto** que eu acho que a gente pode começar a colocar aqui na discussão... é... a formulação ou a formação da idéia de negro que nós temos na sociedade brasileira...

(Palestra 3 – linhas 97-109)

O MD "então" vinculado à expressão "acho que", trazem o ponto de vista da palestrante sobre o tema. Além disso, a expressão "e acho que" introdutora da inserção (5) antecipa o tópico de transição. O MD "bem", seguido de pausa, e do marcador "segundo ponto", garantem a mudança de Supertópicos.

A incidência de tópicos de transição nessas EFs, principalmente na passagem de Supertópicos, permite afirmar que a mudança tópica pode ser marcada e mediada pela recorrência de segmentos como esses, que indicam, exatamente, a migração de uma dada centração para outra, gradativamente.

[46] Cf. 3.2.7.
[47] Cf. 3.2.9.

3.2.5 A exemplificação

Observamos também que para a divisão dos tópicos em subtópicos ou sub-subtópicos, conforme o grau de associação temática, ou seja, afunilamento do maior e mais geral para o menor e mais restrito, a estratégia textual formulativa, classificada nesta análise como exemplificação, serviu como mecanismo para justificar níveis inferiores da cadeia tópica.

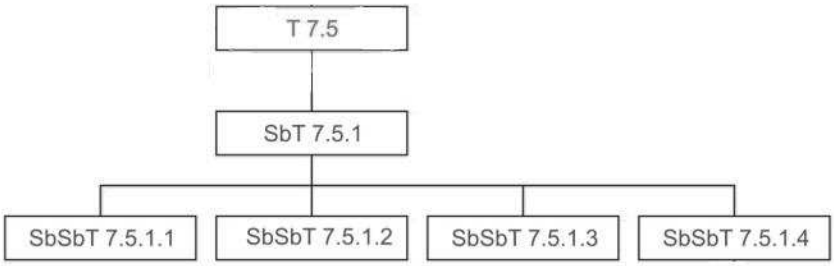
Na palestra 1 (Anexo 2.1), o tópico 7.5 abrange o subtópico 7.5.1 "Boa aparência no Brasil". A reiteração do referente "boa aparência" recobre toda centração do subtópico. A partir disso, o palestrante começa a inserir exemplos de profissões nas quais os negros não participam e, por último, as profissões nas quais participam predominantemente. Essas exemplificações caracterizam-se como sub-subtópicos.

7.5.1.1 [**e é ESta uma das razões... por exemplo... da gente não encontrar** hoje... praticamente NEnhuma comiSSÁria de avião é negra... e eu desconheço que seja necessário... mestrado... doutorado... pós-doutorado... PHD... pra ser comissária de avião?... é um curso simples comum... talvez a TAM se eu não me engano... SÓ a TAM que tem duas ou três comissárias de avião negras... dePOIS que foi listado pelo Ministério Público... numa denúncia de racismo que ocorreu por conta de um piloto de:: um piloto com::: é:: que ocorreu com um piloto num vôo indo pra:: pra Brasília...] **7.5.1.2** [**assim como também por conta desse critério da boa aparência você praticamente não vai encontrar** garÇOM... garÇOM... uma coisa elementar... nos chamados... BAres e restaurantes da classe média... garçons que sejam negros...] **7.5.1.3** [**como também você não vai encontrar** recepcioNISta... em banco... na maioRIA dos bancos brasileiros... você também não vai encontrar recepcionista bran/negra... quando encontra é um percentual ínfimo...] **7.5.1.4** [**agora com certeza você vai encontrar** na maioria absoluta... dos serventes... dos/das empregadas domésticas... é::: dos porteiros... e dos seguranças... aí SIM você vai encontrar a maioria absoluta negra... porque está aSSOciado é como se fosse algo inerente na sociedade brasileira... que CAbe aos negros exercer as atividades MEnos importantes dessa sociedade...]

(Palestra 1 – linhas 307-323)

A cada entrada de um novo exemplo, há o aparecimento de um novo sub-subtópico. Dessa forma, os sub-subtópicos 7.5.1.1 "Comissária de avião negra", 7.5.1.2 "Garçons negros", 7.5.1.3 "Recepcionistas negras" e 7.5.1.4 "Serventes negros" estão demarcados por expressões que retomam o subtópico subordinador: "e é ESta uma das razões... por exemplo... da gente não encontrar hoje...", "assim como também por conta desse critério da boa aparência você praticamente não vai encontrar", "como também

você não vai encontrar", "agora com certeza você vai encontrar". Apresentamos a seguir o QT que configura essa exemplificação.



Na Palestra 2 (Anexo 2.2), o tópico 4.2 "As cotas em outros países" apresenta exemplos de países que adotaram o sistema de cotas nas universidades. Os subtópicos desenvolvidos correspondem a: 4.2.1 "África do Sul" (linhas 255-262); 4.2.2 "Índia" (linhas 262-284); 4.2.3 "Malásia" (linhas 284-300); 4.2.4 "Canadá" (linhas 300-305); 4.2.5 "Austrália" (linhas 311-312, 315-320); 4.2.6 "Nova Zelândia" (linhas 320-323). Esses subtópicos foram identificados pela repetição do referente-título (princípio da centração). Além disso, a presença das expressões: "um outro grande movimento", "lembrar também que", "a mesma coisa com", "a mesma coisa vale pra", respectivamente, foram determinantes para segmentação tópica.

Em nosso *corpus* a exemplificação apareceu como critério de segmentação tópica e promoveu o aparecimento de níveis hierárquicos inferiores (subtópicos, sub-subtópicos e sub-subtópicos menores). Esses desdobramentos realizados na construção dos QT são justificados pela introdução de exemplos no tópico corrente e são delimitados, normalmente, por MDs ou por elementos coesivos sequenciais[48].

3.2.6 As citações

Segundo Brait (1999), a proximidade da EF com um texto escrito é caracterizada não só pela ordenação dos tópicos e subtópicos, mas também pela presença de um elemento essencial: as citações.

[48] Cf. 3.2.8.

Apesar de prevalecer a fala espontânea e natural, os palestrantes 1 e 3 realizaram, em algum momento, leituras de citações, trechos de livros ou leis, enfim, apoiaram-se em textos escritos que foram transmitidos pelo viés da oralidade. Há de se considerarem as diferenças existentes entre um texto lido e um texto falado (MARCUSCHI, 2003). Os elementos entonacionais são modificados, ritmo e tom de voz, cadenciamento das frases, pausas e truncamentos são ponderados de formas diferenciadas. Por isso, esse momento "leitura" foi decisivo na demarcação de tópicos e subtópicos, sendo o valor da entonação e da pausa o principal caracterizador dessa segmentação.

De acordo com Jubran et al. (2002), a entonação é um dos mecanismos mais eficazes a que os falantes recorrem para expressar o conteúdo. Já as pausas, de conformidade com o contexto, marcam pontos de segmentação tópica. Vinculado a esses aspectos, o verbo *dicendi*[49] aparece nas citações diretas, caracterizando, justamente, a separação entre discurso citado (texto lido pelo palestrante) e discurso citante (discurso do palestrante).

Na interpretação de Ducrot (1987)[50], podemos atribuir aos palestrantes 1 e 3 o papel de locutor 1 que coloca em cena, no momento das "leituras", outro locutor – o locutor 2 (autor do texto citado). Em nosso *corpus*, observamos as citações no tocante ao papel que ofereceram para delimitação tópica.

Nesse sentido, a Palestra 1 (Anexo 2.1) apresenta o subtópico 2.1.2 que, por sua vez, divide-se em quatro sub-subtópicos: 2.1.2.1 "Racismo" (linhas 49-51); 2.1.2.2 "Preconceito Racial" (linhas 51-54); 2.1.2.3 "Discriminação racial direta" (linhas 54-57) e 2.1.2.4 "Discriminação racial indireta" (linhas 57-62). A segmentação desses sub-subtópicos foi realizada pela forma como foram lidos esses conceitos. Cada citação foi antecedida por expressões que continham verbos *dicendi*, respectivamente: "ele diz",

[49] Segundo Risso (1978, p.19), a função declarativa pode ser preenchida por um verbo de elocução, também chamado de verbo *dicendi* (dizer) ou *declarendi* (declarar). *Dicendi* e *Declarendi* são formas correspondentes ao genitivo do gerúndio dos verbos latinos *dicere* e *declarare*. A determinação "função declarativa" é de Anthony S. Newman em seu artigo *La fonction déclarative chez Nathalie Sarraute*. In: Poétique: Revue de théorie et d'analyse litteraires (14), p. 211.

[50] Ducrot, em *O Dizer e o Dito* (1987), mais especificamente no capítulo intitulado *Esboço de uma teoria polifônica da enunciação*, descreve o conceito de polifonia (multiplicidade de vozes). Denominou "polifonia de locutores" quando ocorre, na enunciação, o desdobramento do locutor, dando origem à dupla enunciação, fenômeno pelo qual o locutor coloca em cena dois ou mais locutores. E definiu a "polifonia de enunciadores" quando o locutor dá existência, por meio do enunciado, a enunciadores de quem ele organiza os pontos de vista e as atitudes. O locutor pode se mostrar assimilado a um dos enunciadores.

“diz também que”, “diz mais... diz que”, “e diz ainda mais que”. E cada sub-subtópico foi determinado pela repetição dos elementos que seriam conceituados: racismo, preconceito racial, discriminação racial direta e indireta. Além disso, a demarcação pode ser justificada pela pausa entre cada segmento lido, seguida da mudança de entonação.

Na Palestra 3 (Anexo 2.3), o Supertópico 5 apresenta dois tópicos, o primeiro 5.1 “Três falas de políticos” (linhas 182-184, 228-231) que contém os segmentos que anunciam a leitura das citações. Os referentes que indicam as porções que comportam esse tópico são: “eu tenho aqui três textos”, “três textos que eu vou ler”, “textos escritos por representantes”, “vejam só as falas”. Esse tópico está divido em três subtópicos: 5.1.1 “Fim do Tráfico negreiro” (linhas 232-239); 5.1.2 “Luís do Santos Vigueira” (linhas 239-241) e 5.1.3 “Azeredo Coutinho” (linhas 241-248) que são, justamente, as três leituras.

A delimitação foi baseada na ação da palestrante em direcionar seu olhar para o texto de apoio, seguido de pausa antes de realizar as leituras e fazer os comentários, além das demarcações “então vejam só as falas”, “por natureza... dizia é::: Luís do Santos Vigueira”, “daí nós temos ainda... né? o Azeredo Coutinho”.

A citação aparece sob as condições de oralidade, nestes exemplos, pela leitura das fontes. Existem outros casos, porém, que o palestrante, com o uso da memória, introduz na sintaxe do texto falado, as palavras de outros[51]. A fala de Luís Nassif, abaixo, foi introduzida pela palestrante 3 para ilustrar a base da rejeição dos brasileiros, no tocante à aprovação das cotas.

7.1 [como Luís Nassif há dois meses atrás há dois meses atrás na Folha de São Paulo ele diz... que COtas para negros na universidade é um desastre na universidade... porque como dois... ele disse isso... “como dois e dois são quatro... os negros entrarão e não terminarão porque não são competentes pra terminar uma universidade”...]

(Palestra 3 – linhas 443-447)

A presença dessa citação marcou o encerramento do tópico. De acordo com Jubran et al. (2002), na estruturação interna dos tópicos, os enunciados conclusivos ou de caráter crítico dão indícios de que o tópico está se aproximando do fim – é o que ocorre no exemplo citado acima.

[51] De acordo com as normas do NURC, as citações são marcadas entre aspas, na transcrição.

Pelo exposto, concluímos que a estrutura apresentada para a identificação das citações no texto falado evidenciou, também, formas de delimitação dos segmentos tópicos, nas palestras.

3.2.7 As marcas metadiscursivas, enunciativas e interativas

As operações metadiscursivas aparecem no bojo das discussões de um dos mecanismos de estruturação tópica: os marcadores discursivos. De acordo com Risso (2006, p.489):

> No que se refere à articulação entre tópicos, é visível a recorrência com que os marcadores aparecem, nas Elocuções Formais (EFs), abrindo operações metadiscursivas associadas à revelação do plano geral da tessitura do texto e, pois, à apresentação das grandes partes que entram em sua composição.

Levantamos alguns segmentos tópicos da Palestra 1 que exemplificam a função desse item no desenvolvimento dos tópicos: encaminhamento e condução, que refletem na própria progressão tópica.

[*bom*... então feito esses esclarecimentos... **eu gostaria de começar**] (linha 32)
[**eu estou fazendo** esta classificação] (linha 63)
[é:::... e dito isso **eu gostaria de fazer** também um breve histórico sobre...] (linhas 92-93)
[e neste sentido é importante... é dizer que:: o Supremo Tribunal Federal... em dois mil e um... *porque*... aliás antes de dizer isso... **eu gostaria de falar** o seguinte...] (linhas 476-478)
[**e eu gostaria de concluir**... diZENdo] (linha 590)
[*e aí*... **eu pra terminar quero dizer** a vocês] (linha 603)

Esses pequenos "avisos" que o palestrante dá à platéia conduzem o raciocínio lógico-temático do próprio falante, como também facilitam na recepção e compreensão do que está sendo dito, ou seja, dos tópicos apresentados, distinguindo o que é relevante do que não é naquele momento. Esse recurso metalinguístico, associado aos MDs serve para explicar, justificar ou informar o encaminhamento da palestra e comprova, claramente, uma característica da modalidade falada – planejamento *in loco*.

Destacamos, ainda, o posicionamento do locutor diante do enunciado, que é marcado pela categoria de pessoa "eu" (BENVENISTE, 1995). Segundo o autor, uma língua é inconcebível sem a expressão de pessoa, por isso os pronomes pessoais, demonstrativos, os advérbios e os dêiticos são alguns elementos que revelam a subjetividade na linguagem. Para Benveniste (1995), é "eu" que diz "eu", e é nessa evidência que se encontra o fundamento da subjetividade que se determina pelo *status* linguístico de pessoa.

Os segmentos tópicos acima demonstram a posição do palestrante como falante único dessa interação, com a posse total do turno de fala. Nesse sentido, a operação metadiscursiva, tal como postulada por Risso (2006), pode ser compreendida como uma estratégia textual-interativa que indica a organização dos tópicos via falante responsável.

Outros casos, ainda da Palestra 1, revelam a utilização do "nós" ou "a gente" que, de acordo com Brait (1999), aparecem, nas EFs, como elementos de esclarecimento do tipo de ligação, de parceria, de cumplicidade existente entre o locutor e seus interlocutores. Para a autora, uma das exigências dessa esfera específica da atividade humana é expor um assunto, com conhecimento de causa, para um público que, previamente, se define como interessado. Assim sendo, a presença de ouvintes passa a interferir nesse planejamento, obrigando o texto, na sua aparente estrutura monologal, a suscitar marcas enunciativas e interativas próprias dessa situação. Os exemplos abaixo evidenciam essa asserção:

[pois bem... é::: essa/esse temática que hoje **nós** estamos abordando e cuja parte mais visível é a cota... na verdade] (linhas 125-126)
[pra que **a gente** possa compreender porque que eu fiz esse histórico até o presente momento...] (linhas 439-440)

Nas porções tópicas da Palestra 1, descritas abaixo, aparece outro pronome que confirma a interação entre palestrante e ouvintes, promovendo, principalmente, a busca pela relevância no ponto central do tópico em andamento. Conforme Brait (1999), o locutor de uma EF utiliza o pronome "vocês" para compartilhar com os interlocutores, ao menos no nível retórico e interacional, um conhecimento que está sendo explicitado e buscado naquele momento.

[então::: é:: é isso é importante relatar... pra que **vocês** compreendam que...] (linhas 159-160)
[e aí vale um pequeno parêntese pra que **vocês** percebam como... o racismo institucional... e aQUEle que eu falei no início aQUI...] (linhas 294-296)
[e aí... eu pra terminar quero dizer a vocês] (linha 603)

Sendo assim, as marcas interativas, enunciativas e metadiscursivas que evidenciam aspectos característicos da interação face a face, das estratégias de construção de um texto oral, aparecem inclusive na EF, cujo pressuposto é de que os ouvintes só tomarão o turno se o falante sinalizar essa possibilidade no final de sua fala.

Esses elementos caracterizam-se como uma estratégia de condução tópica e revelam não só o aspecto interacional (entre palestrante e ouvintes), mas também o processo de produção, de construção do próprio texto falado e, consequentemente, de orientação do tópico discursivo.

3.2.8 A coesão textual

A coesão textual se mostrou eficaz no procedimento da segmentação tópica. Sua presença se dá, no texto falado, no bojo do princípio da centração e se localiza próxima aos MDs sequenciais. De acordo com Koch (1990, p.17):

> A coesão, por estabelecer relações de sentido, diz respeito ao conjunto de recursos semânticos por meio dos quais uma sentença se liga com a que veio antes, aos recursos semânticos mobilizados com o propósito de criar textos.

A coesão textual evidencia os processos de sequencialização que asseguram (ou tornam recuperável) uma ligação linguística significativa entre os elementos de uma superfície textual. Conforme Koch (1990), a coesão textual classifica-se em: referencial, lexical e sequencial.

A coesão referencial é aquela em que um componente da superfície do texto faz remissão a outro(s) elemento(s) do universo textual. A remissão pode ser realizada para trás, numa atitude retrospectiva ou para frente, numa atitude prospectiva. O primeiro caso constitui a anáfora e, o segundo, a catáfora. A anáfora estabelece uma relação de

correferência ou, no mínimo, de referência, entre os elementos presentes no texto ou recuperáveis por meio de inferenciação (KOCH, 2008). A coesão referencial anafórica foi identificada nos tópicos de transição, descritos anteriormente.

Na Palestra 1 (Anexo 2.1), o Supertópico 5 “Medidas legais” (linhas 127-152) é composto pelo tópico 5.1 “Brasil assina três tratados” (linhas 127-132) que a anuncia a quantidade de medidas assumidas pelo Brasil entre 1968 e 1969 contra a discriminação racial. Nesse sentido, os subtópicos 5.1.1 “Contra discriminação no emprego e na profissão” (linhas 132-134), 5.1.2 “Contra discriminação no ensino” (linhas 134-135), 5.1.3 “Contra todas as formas de discriminação racial” (linhas 135-137) correspondem aos três tratados anteriormente citados.

A divisão dos subtópicos foi marcada a partir da repetição das expressões: “o Brasil assinou em mil novecentos e sessenta e oito”, “AINDA em mil novecentos e sessenta e oito... o Brasil assinou”, “e AINDA em mil novecentos e sessenta e oito... não em mil novecentos e sessenta e nove... o Brasil assinou”. O elemento coesivo “ainda” costura os segmentos tópicos pertencentes ao mesmo nível hierárquico. A repetição dos referentes “Brasil assinou em mil novecentos e sessenta e oito” ilustra a coesão referencial como estratégia de mudança tópica, ou seja, a centração é outra, mas a estrutura frasal permanece semelhante ao subtópico anterior.

A coesão lexical é a repetição de um mesmo item, de palavras sinônimas, hiperônimas, hipônimas e nomes genéricos (KOCH, 1990). O caso acima se enquadra, também, nessa definição. Além dos referentes serem recuperados anaforicamente, os itens lexicais apontados são repetidos ao longo do desenvolvimento de cada subtópico.

A coesão sequencial diz respeito aos procedimentos linguísticos por meio dos quais se estabelecem, entre os segmentos do texto, diversos tipos de relações semânticas e/ou pragmáticas, à medida que se faz o texto progredir.

> O sequenciamento de elementos textuais pode ocorrer de forma direta, sem retornos ou recorrências ou podem ocorrer na progressão do texto recorrências diversas: de termos ou expressões, de estruturas (paralelismo), de conteúdos semânticos (paráfrase), de elementos fonológicos ou prosódicos (similicadência, rima, aliteração, assonância) e de tempos verbais (KOCH, 2008, p.52).

A coesão sequencial auxilia na identificação, manutenção, condução e segmentação dos tópicos. Por exemplo, na Palestra 1 (Anexo 2.1), o tópico 6.3 apresenta dois subtópicos 6.3.1 “Terreiro de Candomblé da Casa Branca” (linhas 184-188) e 6.3.2 “Serra da Barriga” (linhas 188-198) e cada um desses subtópicos é delimitado pela sequência textual “o primeiro...” e “o segundo...”. Além de segmentar os tópicos em um mesmo nível hierárquico, a coesão sequencial, auxilia no reconhecimento dos referentes centrais e dos pontos relevantes expostos pelo palestrante e que devem ser apreendidos pelos ouvintes, atua, assim, na condução tópica.

Situação semelhante ocorre no Supertópico 12 “Política de ações afirmativas” da mesma Palestra. Os subtópicos subordinados pelo tópico 12.2 “Crítica das ações afirmativas” são iniciados pelas expressões: “eu vou começar pela última... o processo da miscigenação” (linhas 485-489); “com relação à pobreza”; “o segundo... então com relação ao mérito...” (linhas 481-483); “e por FIM... com relação à questão da isonomia” (479-481).

Além disso, encontramos casos em que a segmentação tópica além de ser identificada por referentes semanticamente interligados e explícitos no texto (concernência e relevância – propriedades da centração), também pode ser analisada pelas relações lógico-semânticas de causa e consequência, pergunta retórica, explicação e exemplos.

Para ilustrar uma dessas relações, apresentamos, a seguir, um segmento tópico da Palestra 1 que mostra a pergunta retórica como elemento determinante na manutenção tópica. Segundo Fávero, Andrade e Aquino (2006), a pergunta retórica raramente aparece no diálogo, apenas em situações que o falante elabora uma pergunta com o intuito de que o ouvinte não responda, porque aquele já conhece a resposta e é só uma questão de procurá-la na memória. Já nas EF, esse tipo de pergunta é muito utilizado, porque a posse do turno prevalece com um único falante – neste caso, o palestrante.

O segmento abaixo (Palestra 3, Anexo 2.3) está centrado, primeiramente, no tema “maioria da população brasileira é negra” e, depois, no tema “necessidade de moldar o país”.

5.2.3.1 [**e daí nós vamos ver QUE...** até mais ou menos em torno de mil oitocentos e sessenta... a maioria... a GRANde maioria da população brasileira... ( ) vai dizer que é em torno de sessenta a setenta por cento conforme a região... é de população negra... e daí nós precisamos e a elite e/o governo brasileiro precisa organizar-se diante disso... mil oitocentos e cinquenta... para mil oitocentos e sessenta as teorias racistas no mun/na Europa elas tomam peso e formatação... no sentido de... de-ter-mi-nar a inferioridade dos indivíduos brancos como seres de cérebro inferior que tem na verdade... costumes diferenciados... que não são capazes nem POStos para o desenvolvimento e para o progresso...] **5.2.3.2** [**então** um país que quer ser... desenvolvido que quer progredir... ele teria que ter um POvo também que tivesse este **perfil... o perfil do progresso... qual é o perfil do progresso? o perfil do progresso é o branco europeu**... **então** o que fazer num/a situação dessas em que você tem um grupo enorme de pessoas já mais ou menos depois de mil e oitocentos e setenta... mil oitocentos e oitenta... o número de população escrava era pequeno... mas o NÚmero de população negra era extremamente grande... porque aqueles que deixavam de ser escravos continuavam negros porque não se mudava... dentro de ser ou não escravo se mudava a cor das pessoas... portanto eram negros...]

(Palestra 3 – linhas 210-225)

A pergunta retórica "qual é o perfil do progresso?" realizada pela palestrante, além de encaminhar o desenvolvimento do sub-subtópico 5.2.3.2 "Perfil do progresso", também enfatiza o referente que dá indícios para outra centração, diferente da anterior. Ademais, o MD "então" que aparece no começo desse segmento tópico indica que houve mudança de centração, já o segundo caracteriza-se como sequenciador.

De acordo com Koch (2008), a reiteração de referentes revela aspectos de manutenção tópica. A coesão lexical visível no exemplo acima, pela repetição dos termos "perfil" e "perfil do progresso", demonstra a centração do tópico e, portanto, auxilia na identificação.

3.2.9 A paráfrase resumidora

A paráfrase corresponde ao grau mais elevado de reformulação no processo de recorrência de uma informação. Ela implica uma atividade efetiva de reelaboração, pela qual o locutor, segundo Fuchs (1982 *apud* Koch et al., 2002, p.139), "bem ou mal, na totalidade ou em parte, fielmente ou não, restaura o conteúdo de um texto-fonte, primitivo, num texto derivado".

De acordo com Hilgert (2006, p.275), a paráfrase é uma estratégia de construção textual que se situa entre as atividades de reformulação, por meio das quais novos enunciados remetem, no curso da fala, a enunciados anteriores, modificando-os parcialmente ou totalmente.

Medeiros (2000, p.154) afirma que o *resumo* é a forma por excelência da paráfrase. Hilgert (2006) assinala que a paráfrase resumidora ou redutora implica uma redução sintático-lexical.

Em nosso *corpus*, observamos que a paráfrase também se caracteriza como uma forma de encerrar tópicos, agindo na mudança gradativa dos tópicos discursivos. Em síntese, os palestrantes recuperam os assuntos elaborados no tópico em andamento, simplificando-os em segmentos curtos a fim de finalizar a sequência de informações e argumentos para iniciar outra sequência e assim por diante.

O Supertópico 11 "Definições" (Palestra 1, Anexo 2.1) como um todo apresenta conceitos que vão subsidiar a argumentação da exclusão do negro nos diversos setores. O encerramento do Supertópico se dá com a síntese das idéias gerais apontadas nos tópicos anteriores.

11.1.1. [e a gente precisa... é:::... alterar essa realidade... e pra gente alterar es/essa realidade a gente tem que começar... DA área educacional... nós temos convicção de que a área educacional ela é... talvez... o:: talvez não com absoluta segurança o:: o esteio... o elemento fundamental pra que a gente possa mudar a realidade do nosso país... e nesse sentido os estereotípicos dos professores a respeito da educabilidade... das crianças negras e pobres funcionam... como verdadeiras profecias que se auto-realizam... é na escola hoje... onde se efetiva a mais bruTAL e cruel discriminação racial... seja na brincadeira... com as piadinhas que são feitas e todo mundo sabe que as crianças são cruÉIS nessas brincadeiras... seja nos estereotípicos que são criados pelos próprios professores... e em muitos deles diga-se de passagem por absoluta ignorância... pelo DESconhecimento da história da África... pelo DESconhecimento da cultura negra... e pelo DESconhecimento da contribuição que os negros deram... deram na é:::... formação cultural do nosso país... **ST 12** [**enTÃO a CRÍtica que nós fazemos à igualdade formal de direitos perante a LEI... na verdade é aqui um diagnóstico... e esse diagnóstico é da desigualdade racial... QUE alimenta um poderoso e di/dissimulado fenômeno de de discriminização... que impede na verdade... os negros de usufruírem... é:: das/das mesmas situações que estão postas pra aqueles que são os não negros... e é por isso que nós estamos defendendo a implantação... da poLÍtica de ação afirmativa nesse Brasil...**] **12.1** [e neste sentido é importante... é dizer que:: o Supremo Tribunal Federal... em dois mil e um...]

(Palestra 1 – linhas 459-477)

A entrada do próximo Supertópico 12 é realizada por meio de um tópico de transição, iniciado pelo MD "então", seguido por paráfrase resumidora. O segmento em negrito comprova o estatuto de equivalência semântica da paráfrase e sua função resumidora (o contexto sintetizado pela paráfrase contempla todo conteúdo do ST 11).

Segundo Hilgert (2006, p.276):

> As relações de equivalência não são simplesmente dadas pela estrutura proposicional da matriz e da paráfrase, ou mesmo estabelecidas por força de um deslocamento semântico estático, pré-definido e constante. Ao contrário, elas são declaradas (predicadas) pelo enunciador a cada momento da evolução interativa, para produzir as mais variadas modulações semânticas destinadas a assegurar a compreensão desejada e a levar a bom termo o ato da comunicação.

No que diz respeito à organização tópica, as paráfrases resumidoras encontradas no *corpus* se mostraram como um mecanismo de formulação tópica, facilitando a reiteração de pontos considerados primordiais, pelos palestrantes, ou encerrando tópicos anteriormente abordados. Esse mecanismo auxiliou, portanto, na identificação dos tópicos porque seu conteúdo direcionou, sobretudo, a centração.

3.3 Principais ocorrências: organização tópica do texto falado

Neste capítulo apresentamos a macroestrutura das palestras (plano vertical e linear) e descrevemos a segmentação do texto falado em níveis hierárquicos por meio do princípio da centração e de outros elementos: inserções, marcadores discursivos e pausas, tópicos de transição, exemplificação, citações, marcas metadiscursivas, enunciativas e interativas, coesão textual e paráfrase resumidora.

No quadro abaixo, sintetizamos as principais ocorrências no que diz respeito ao papel desses elementos para segmentação tópica do texto falado:

Quadro 12: Sistematização das ocorrências – texto falado

ELEMENTOS RESPONSÁVEIS PELA SEGMENTAÇÃO TÓPICA DO TEXTO FALADO	CARACTERIZAÇÃO
Centração	• Atua na identificação dos tópicos discursivos; • Atua na segmentação e delimitação dos tópicos em níveis hierárquicos por meio das propriedades: concernência, relevância, pontualização e da referenciação;
Inserção intertópica	• Atua na delimitação do tópico, marcando o fechamento; sugere, pois, mudança.
Inserção intratópica	• Mantém o tópico discursivo e faz parte do seu próprio desenvolvimento (implica comentários, esclarecimentos e explicações).
Inserção com estatuto tópico	• Sugere mudança tópica ao inserir explicação digressiva.
Marcadores discursivos e pausas	• Sugerem mudança tópica ao evidenciar a mudança de centração (entrada e fechamento); • Conduzem o desenvolvimento do tópico (MDs sequenciadores).
Tópicos de transição	• Atuam na delimitação do tópico, marcando seu fechamento; • Auxiliam na mudança tópica gradativa ao inserir comentários (intercala Supertópicos, mediando-os).
Exemplificação	• Segmenta os tópicos discursivos em níveis hierárquicos inferiores.
Citações	• Segmentam os tópicos discursivos (a delimitação é realizada por meio da entonação, das pausas e do verbo *dicendi*).
Marcas metadiscursivas, enunciativas e interativas	• Conduzem os tópicos discursivos na entrada e no desenvolvimento; • Sinalizam a construção e organização do tópico (pronome “eu”); • Evidenciam a busca pela interação, pela relevância no ponto central do tópico em andamento (pronomes “nós”, “vocês”).
Coesão textual	• Atua na identificação, condução e mudança tópica (coesão referencial); • Atua na identificação e manutenção tópica (coesão lexical); • Atua na mudança e condução tópica (coesão sequencial).
Paráfrase resumidora	• Auxilia no encerramento de tópicos.

CAPÍTULO IV - A CONSTITUIÇÃO DOS QUADROS TÓPICOS DAS RETEXTUALIZAÇÕES

Semelhante ao que fizemos para explicitar a constituição dos QTs dos textos falados apresentamos a segmentação dos textos escritos: o como e o porquê foi realizada tal divisão. Para tanto, tomamos como base alguns critérios: paragrafação, pontuação e elementos coesivos que são, obviamente, indissociáveis, já que se encontram marcados pelos traços que definem a propriedade da centração: relevância, concernência e pontualização.

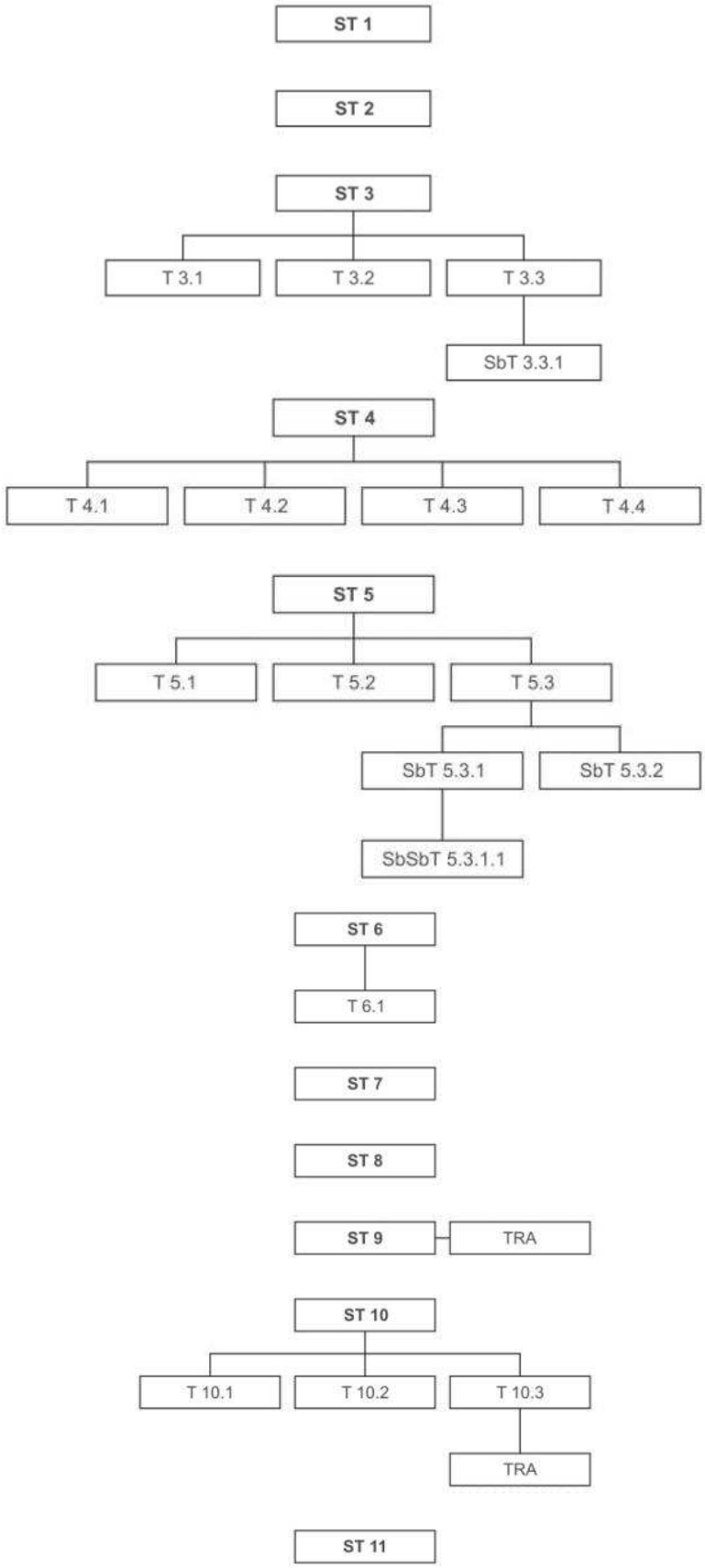
4.1 Apresentação da macroestrutura das retextualizações

De antemão, o texto escrito está organizado de maneira mais clara em termos de tópicos discursivos, a identificação dos tópicos foi mais precisa e imediata, de forma que, em geral, cada parágrafo concentrou um tema particular. Certamente, isso é resultado do processo de retextualização descrito no Capítulo I, que contemplou a reordenação dos tópicos conforme o grau de associação entre eles, e condensou informações e argumentos, eliminando inserções e aspectos da oralidade.

4.1.1 Organização tópica da Retextualização 1: *O direito à igualdade: aspectos constitucionais e legais* (Edvaldo Mendes Zulu Araujo)

Para visualizar a organização tópica da Retextualização 1, apresentamos, a seguir, a formação do QT que indica a movimentação de todos os assuntos abordados no texto escrito e que, agora, aparecem dispostos verticalmente. A ramificação é simples quanto ao número de tópicos e subtópicos.

Quadro 13: Plano hierárquico - Retextualização 1



Apresentamos, abaixo, o plano linear da organização tópica dessa retextualização para que possamos evidenciar como foi feita a identificação e segmentação dos tópicos no texto escrito. Expomos os tópicos nominados e os parágrafos para a sua localização.

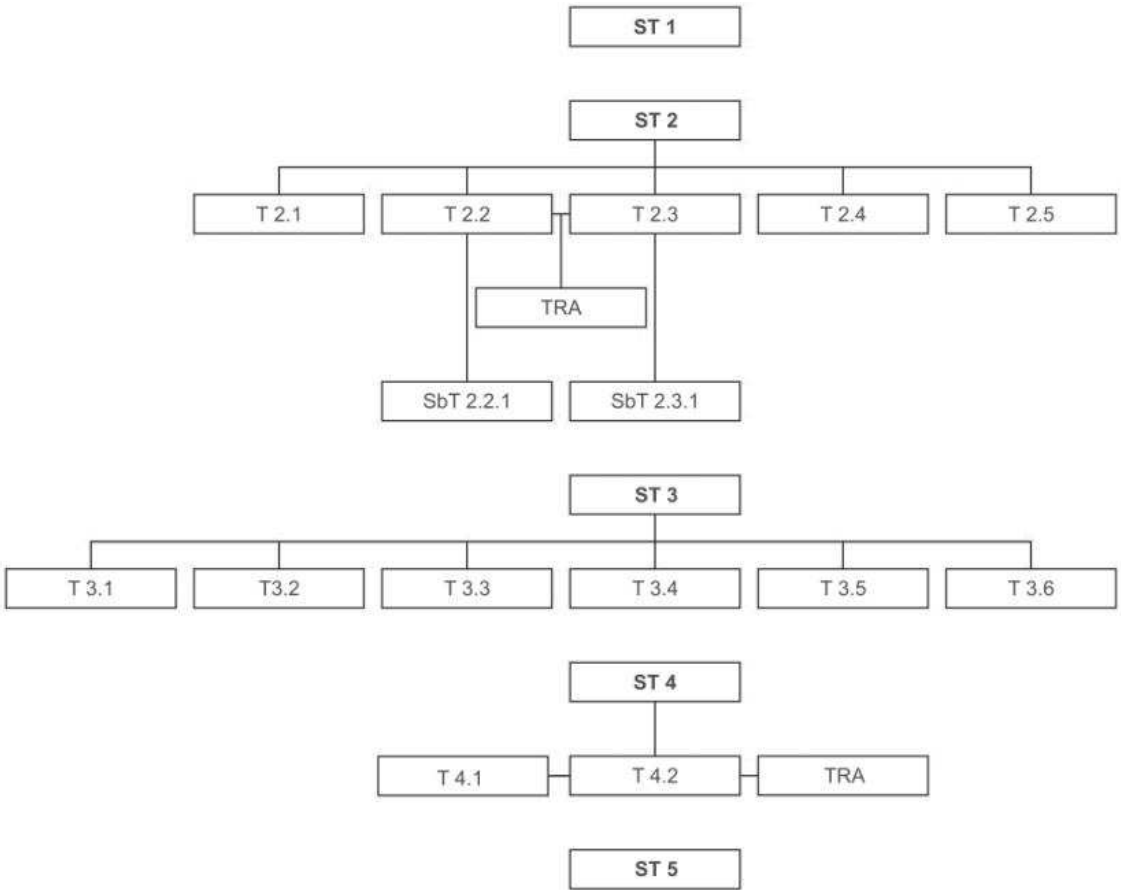
Quadro 14: Plano linear - Retextualização 1

TÓPICOS	TÍTULO	PARÁGRAFOS
ST 1	Introdução	1, 2 e 3
ST 2	Escravidão	4
ST 3	Breve histórico no plano legal	5
T 3.1	Movimento negro	6, 7 e 8
T 3.2	Tratados assinados pelo Brasil	9
T 3.3	Participação do Brasil nas Conferências da ONU	10
SbT 3.3.1	Bolsa-Prêmio	10
ST 4	Década de 80 – movimentos de redemocratização	11
T 4.1	Governo de Franco Montoro	12
T 4.2	Monumentos Tombados	13
T 4.3	Lei CAÓ	14
T 4.4	Censo brasileiro: item raça e cor	15 e 16
ST 5	Década de 90 – medidas legais	17
T 5.1	Leonel Brizola	17
T 5.2	Sérgio de Castro	17
T 5.3	Dois acontecimentos em 1995	18
SbT 5.3.1	Marcha Zumbi dos Palmares	18
SbSbT 5.3.1.1	GTI	18
SbT 5.3.2	Zumbi dos Palmares como herói nacional	19
ST 6	Critério da boa aparência	20
T 6.1	Profissões destinadas aos negros	21
ST 7	Exclusão do negro	22
ST 8	Ano de 2001	23
ST 9	Dados das populações negras e brancas	24
TRA	Mediação	25
ST10	Críticas sobre a política de ações afirmativas	26
T 10.1	Miscigenação	27
T 10.2	Mérito	28
T 10.3	Isonomia	29
TRA	Mediação	30
ST11	Cotas são medidas legais	31

4.1.2 Organização tópica da Retextualização 2: *O negro na universidade* (José Jorge de Carvalho)

O QT da Retextualização 2, abaixo, apresenta os tópicos dispostos de maneira a demonstrar a organização hierárquica. A ramificação oriunda da subordinação de assuntos ocorre enfaticamente nos Supertópicos 2 e 3, que representam os tópicos correspondentes ao desenvolvimento do texto. Isso significa que um tópico central se desdobrou em outros tópicos menores, formando uma cadeia tópica centrada em um campo semântico comum.

Quadro 15: Plano hierárquico - Retextualização 2



A identificação dos tópicos deste texto retextualizado não foi tão exata como a do texto anterior. Alguns tópicos aparecem intercalados ora por tópicos de transição, ora por outros tópicos, no plano linear, como é possível verificar no quadro 16:

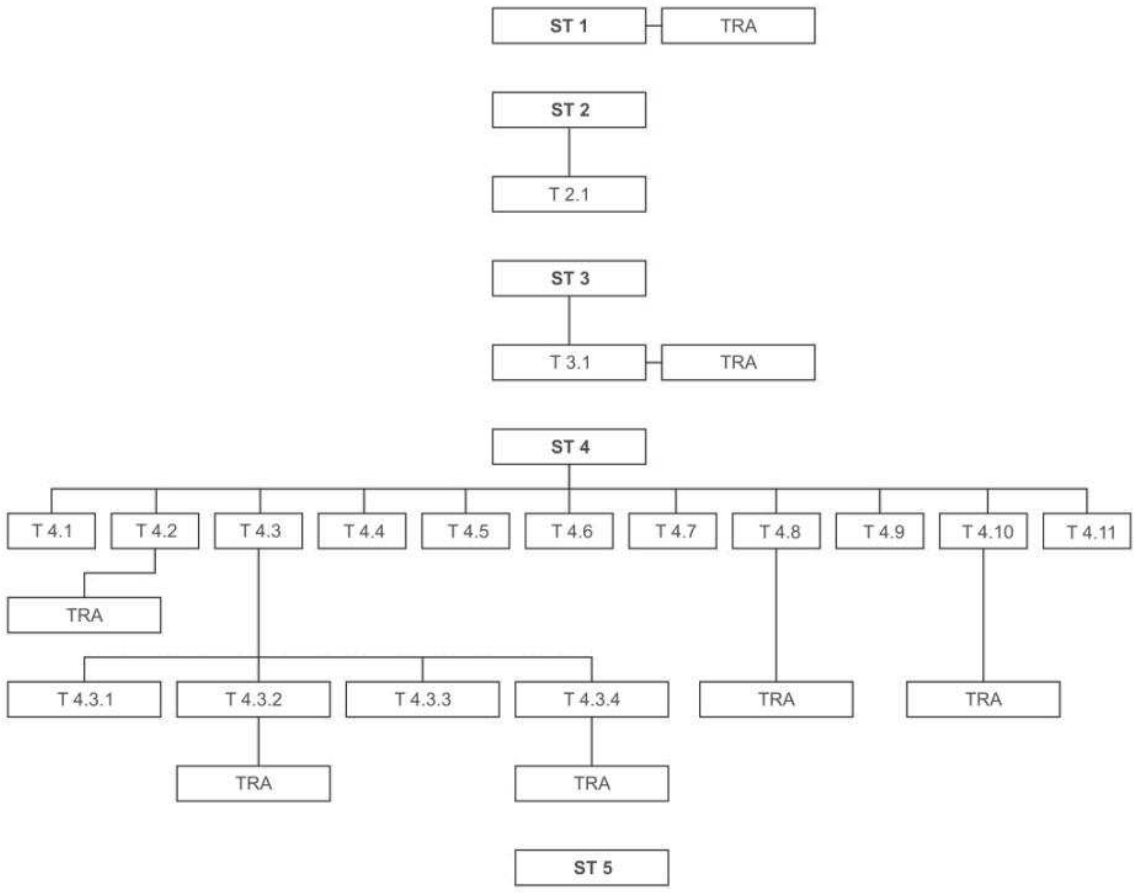
Quadro 16: Plano linear - Retextualização 2

TÓPICOS	TÍTULO	PARÁGRAFOS
ST 1	Introdução é diferente	1
ST 2	Análise histórica	2
T 2.1	Exclusão racial em 1920	2
T 2.2	Expansão das universidades 1930	3
SbT 2.2.1	Inclusão de professores negros	7
TRA	Mediação	5
T 2.3	Formação das universidades 1910-1920	4
SbT 2.3.1	USP	6
T 2.4	Exclusão de intelectuais negros	8
T 2.5	Não inclusão de estudantes negros na UnB década de 60	9
ST 3	Momento atual	10
T 3.1	Quantidade de estudantes negros	11
T 3.2	Quantidade de professores negros	12
T 3.3	Inclusão da intelectualidade negra	16 e 17
T 3.4	Pós-graduação	18
T 3.5	Cotas nas universidades estaduais	18
T 3.6	Cotas na Federal de Brasília	19 e 20
ST 4	Perspectiva internacional	13
T 4.1	Inclusão de professores e estudantes indígenas	13
T 4.2	Comparação com outros países	14
ST 5	Conclusão	21

4.1.3 Organização tópica da Retextualização 3: *O sistema de cotas e o direito de acesso à universidade* (Dora Lúcia de Lima Bertúlio)

Podemos destacar duas peculiaridades do QT dessa retextualização: a quantidade de tópicos de transição e a grande ramificação do Supertópico 4. O quadro ilustra uma característica geral desse texto, em termos de conteúdo, seus parágrafos contêm porções tópicas centradas em referentes muito específicos, além disso, o detalhamento de cada assunto abordado geralmente é marcado por um comentário (tópico de transição).

Quadro 17: Plano hierárquico - Retextualização 3



De natureza essencialmente informativa, explicativa e, sobretudo, argumentativa, a Retextualização 3 apresenta o seguinte formato: mais de um parágrafo representa um único tópico, parágrafos de transição intercalam tópicos e a subordinação é justificada pela entrada de novos exemplos que reforçam a argumentação. A seguir, apresentamos a disposição linear do QT acima, que ratifica essas constatações.

Quadro 18: Plano linear - Retextualização 3

TÓPICOS	TÍTULO	PARÁGRAFOS
ST 1	Introdução	1 e 2
TRA	Mediação	3
ST 2	Universidade	4, 5 e 6
T 2.1	Direção da sociedade	7 e 8
ST 3	Idéia de negro na sociedade brasileira	9, 10 e 11
T 3.1	Direção da sociedade	12
TRA	Fecho	13
ST 4	Formação da sociedade brasileira	14

T 4.1	Perfil do progresso	15
T 4.2	Pensamentos dos políticos da época	16, 17 e 18
TRA	Comentário	19
T 4.3	Leis Abolicionistas	20
SbT 4.3.1	1ª Lei de Abolição do Tráfico	20
SbT 4.3.2	2ª Lei de Abolição do Tráfico	25, 26 e 27
TRA	Comentário	28
SbT 4.3.3	Lei do Ventre Livre	29
SbT 4.3.4	Lei do Sexagenário	30
TRA	Resumo	31
T 4.4	Proibição do Tráfico Negreiro	21
T 4.5	Constituição de 1824	22
T 4.6	Leis Nacionais de 1831	23 e 24
T 4.7	Posturas Municipais	32
T 4.8	Constituição de 1891	33
TRA	Resumo	34
T 4.9	Código Penal (capoeira)	35
T 4.10	Direitos Políticos (mendigo)	36
T 4.11	Imigração da raça branca	37
TRA	Fecho	38
ST 5	Conclusão	39, 40, 41 e 42

4.2 Elementos responsáveis pela segmentação tópica do texto escrito

A identificação dos tópicos do texto escrito se deu, basicamente, pelo princípio da centração, ou seja, pela observação de como estavam encadeados os conteúdos, além da presença de referentes centrais que caracterizavam os temas e seus possíveis desdobramentos.

Outros elementos globalizantes do texto escrito apontaram para uma macroestrutura específica, delineada em começo, desenvolvimento e fecho. Essas partes macroestruturais foram marcadas por microestruturas, os parágrafos, construídos a partir do conceito que os definem: a unicidade. Ademais, outro elemento característico da redação escrita auxiliou na sedimentação tópica: a coesão textual.

Fixemos, a partir de agora, um diálogo entre a construção dos QTs do texto escrito, para evidenciar regularidades no que diz respeito aos mecanismos de sua organização tópica.

De um modo geral, no texto escrito identificamos a seguinte estruturação tópica: a mudança tópica foi justificada, principalmente, pelo princípio da centração (e suas propriedades definidoras), bem como pela paragrafação (unidade de sentido), marcados

por elementos coesivos específicos. No que se refere à abertura, condução, manutenção e fechamento de tópicos, a coesão textual prevaleceu, legitimando a centração do tópico, delimitando-os em parágrafos.

4.2.1 A centração

Os assuntos abordados nas retextualizações foram identificados pela recorrência de referentes semanticamente ligados ou pela repetição de itens lexicais, culminando num conjunto de segmentos tópicos centrados em um único tema. O princípio da centração, tal como postulado por Jubran et al. (2002) e Jubran (2006a, 2006b) também recobriu, essencialmente, o reconhecimento dos tópicos do texto escrito.

Para auxiliar na identificação dos tópicos discursivos, ao lado da centração, a coesão e a coerência textual estiveram presentes. De acordo com Koch (2008), a coerência textual se estabelece em relações semânticas, anafóricas, sintáticas, lexicais e referenciais. Nesse sentido, percebemos nessas relações muito do que se espera encontrar no reconhecimento de um tópico discursivo.

Na Retextualização 3 (Anexo 3.3), por exemplo, a centração do Supertópico 2 se dá com a repetição do referente principal "universidade". Os parágrafos apresentados correspondem aos parágrafos das retextualizações das palestras (Anexo III) e podem ser verificados, também, no corpo deste trabalho, a partir da observação dos quadros que indicam o plano linear da organização tópica do texto escrito.

O primeiro momento seria comentar sobre o porquê discutir relações raciais, por que discutir cotas e reservas de vagas nas **universidades**

(Rextextualização 3 – parágrafo 4)

Por isso é muito importante que se tenha a razão do uso e do estar na **universidade**, primeiramente porque a militância e todos os movimentos sociais devem fazer esforços para discutir questões dentro do seu próprio ambiente. Então, o fato de se pensar na **universidade** já é uma das razões do por que discutir cotas na **universidade**.

(Rextextualização 3 – parágrafo 5)

Sabe-se, pois, que para ter uma participação de cidadania efetiva naquilo que seriam as relações sociais, é preciso, e cada vez mais, a passagem pela **universidade**.

(Rextextualização 3 – parágrafo 6)

A entrada de um exemplo sobre a importância da universidade sugere o aparecimento do tópico 2.1 “Direção da Sociedade”. A centração ampla permanece no termo “universidade”, mas há a entrada de uma especificação – o Curso de Direito, que é responsável pelas pessoas que integram o Poder Judiciário no Brasil.

A República do Brasil está formatada em três **poderes** do Estado: o **Poder** Executivo, o Judiciário e o Legislativo, esses são os **poderes** que vão dirigir e organizar a vida social do país. O **Poder** Judiciário, por exemplo, é formado exclusivamente por indivíduos que passam pelas **universidades**, mais do que isso, que passam pelos **cursos de Direito**. Nesse sentido, tem de se pensar na importância que é a **universidade** regendo os processos de entrada e saída, por óbvio, dos seus estudantes, porque eles são exatamente aqueles que irão participar da **direção dessa mesma sociedade**. **Esse é só um exemplo**, porque todos os outros **cursos** também apresentam interferências dos diversos conhecimentos naquilo que é a **estrutura da organização de uma sociedade**. Via de regra, a passagem pela **universidade** não somente proporciona uma melhor condição de exercício profissional, mas muito especialmente possibilita a **direção da sociedade**.

(Rextextualização 3 – parágrafo 7)

A subordinação do Supertópico 2 em tópico 2.1 ocorre pela mudança de centração, pois os referentes são num primeiro momento: “universidade” e, num segundo momento, “poderes”, “poder”, “curso(s)” “direção dessa mesma sociedade”, estrutura da organização de uma sociedade”, “direção da sociedade”, “controle e estrutura dessa mesma sociedade”.

Entre os segmentos que compõem o tópico 2.1, a retomada do referente responsável pela centração global do Supertópico 2 “universidade” aparece enfaticamente. Isso ilustra a relação hierárquica desses tópicos: um se dispõe de forma mais abrangente e outro de forma específica. Essa demarcação também é realizada textualmente, com a expressão: “esse é só um exemplo”.

Ainda sobre esse mesmo texto, a segmentação tópica do Supertópico 4 se deu pela identificação de acontecimentos determinantes para a formação da sociedade brasileira. Por isso, os tópicos centram-se em exemplos de exclusão do indivíduo negro, por meio da Legislação vigente no século XIX. Nesse conjunto temático, a centração muda a cada entrada de um novo argumento, comprovado pela história de que houve, de fato, discriminação contra os negros. O tópico abaixo pertence a esse contexto, ou seja, é marcado pela situação específica de proibição da prática da capoeira.

O **código penal** de 1890 **criminalizava** a **capoeira**, porque dizia que **capoeira** era **crime**. Mas, quem jogava a **capoeira** naquela época? A partir daí, já não precisa mais dizer liberto, já não precisa dizer negro, porque agora já está formatada a idéia, só é preciso fazer as definições mais genéricas, pois o inconsciente coletivo do brasileiro está pronto para saber quem são as pessoas para as quais o sistema jurídico, especialmente o **sistema penal**, deveria estar com o olho mais vibrante.

(Rextextualização 3 – parágrafo 35)

A unicidade do tópico se dá pela repetição dos elementos que indicam o assunto em pauta: “código penal”, “criminalizava”, “capoeira”, “crime” e “sistema penal”. Esses referentes delimitam o tópico em um único tema.

Pelos exemplos acima, de forma incisiva, a centração se revela, no texto escrito, como o primeiro recurso para a identificação dos tópicos.

4.2.2 A paragrafação

A paragrafação, sem dúvida, foi um elemento primordial e recorrente na estruturação da organização tópica do texto escrito, auxiliando na delimitação e mudança tópica. De acordo com Garcia (2002, p.219):

> O parágrafo é uma unidade de composição constituída por um ou mais de um período, em que se desenvolve determinada idéia central, ou nuclear, a que se agregam outras, secundárias, intimamente relacionadas pelo sentido e logicamente decorrentes dela.

A construção de um parágrafo bem estruturado exige que este apresente unidade, coerência, concisão e clareza, visto tratar-se de uma interação à distância, em que não há possibilidade de participação direta e imediata do interlocutor, como ocorre no texto falado (FÁVERO, ANDRADE e AQUINO, 2002).

A aplicação da noção de topicalidade no texto escrito deve concentrar-se no princípio da centração (PINHEIRO, 2005a). Por essa razão, para a identificação dos tópicos foi necessário observar as seguintes possibilidades: a) 1 parágrafo representa 1 tópico; b) 1 parágrafo representa 2 tópicos; c) 2 ou mais parágrafos representam 1

tópico. Além disso, reconhecemos no texto escrito parágrafos com estatuto de tópicos de transição.

O caso "a" se justifica pela unicidade e coerência que o parágrafo implica na sua própria constituição (GARCIA, 2002). O exemplo abaixo, retirado da Retextualização 1 (Anexo 3.1), ilustra o papel desse conceito para determinar os limites do tópico no texto escrito.

> Com relação ao **mérito**, se esse fator for abordado especificamente em relação ao acesso à universidade, essa crítica pode ser considerada como uma brincadeira de mau gosto. Porque se alguém conseguir provar que o **vestibular** avalia qualificação ou qualidade de um indivíduo, pode-se abandonar essa causa imediatamente. O **vestibular** é meramente um mecanismo de seleção, que serve para atender a uma deformação no ensino brasileiro que é a ausência de vagas no ensino superior. Considerar **mérito** colocar para disputar no mesmo espaço um aluno que vem do ensino privado e um que vem da escola pública desqualificada, e dizer que aquele que obteve a nota maior é mais bem qualificado do que o outro, é a mesma coisa de colocar para disputar uma corrida de 100 metros um atleta profissional e colocar uma pedra de 100 quilos no calcanhar de outro e dizer "vocês estão partindo do mesmo patamar, vamos ver quem chega primeiro". É uma hipocrisia dizer que o **vestibular** mede a qualidade e o **mérito** de quem está na universidade brasileira.
>
> (Rextextualização 1 – parágrafo 28)

O encaminhamento dado ao parágrafo indica uma estrutura que remete à estruturação interna dos tópicos discursivos, a saber: abertura, desenvolvimento e fecho (JUBRAN et al., 2002). Segundo Garcia (2002), o parágrafo-padrão, aquele de estrutura mais comum e eficaz, consta, sobretudo na dissertação e, se compõem de três partes: a introdução, representada, na maioria dos casos, por um ou dois períodos curtos iniciais em que se expressa a maneira sumária e sucinta a idéia-núcleo (tópico frasal); o desenvolvimento, isto é, a explanação dessa idéia núcleo; e a conclusão.

Assim, no tópico 10.2, a idéia inicial é representada nos dois primeiros períodos. Os referentes "mérito" e "vestibular" encaminham o desenvolvimento do tópico discursivo e revelam, também, a centração do parágrafo. O fecho é marcado pelo comentário a partir de um exemplo inserido. Conforme Garcia (2002), a exemplificação se instaura no momento da exposição da idéia central – em nosso caso no desenvolvimento do tópico.

Conforme o segmento analisado, podemos afirmar que a primeira possibilidade da relação parágrafo e tópico discursivo é a de que o parágrafo, portanto, corresponde a um único tópico discursivo.

Um mesmo parágrafo, no entanto, pode apresentar, em sua constituição, dois tópicos discursivos, dependendo, sempre, da centração – esse é o tipo "b", encontrado no *corpus*. Na Retextualização 1 (Anexo 3.1), o Supertópico 5 "Década de 90 – medidas legais" centra-se no parágrafo 17. Existe, porém, uma ramificação desse Supertópico que aponta para o aparecimento dos tópicos: 5.1 "Leonel Brizola" e 5.2 "Sérgio de Castro". Cada um representa um exemplo de medida tomada por prefeitos de duas cidades brasileiras.

Na década de 90, outro fato passa a fazer parte da sociedade brasileira das conquistas do movimento negro no Brasil que são **as medidas legais adotadas pelo Estado brasileiro**. **Leonel Brizola** criou a primeira delegacia especializada em crimes raciais na cidade do Rio de Janeiro. Na gestão de **Sérgio de Castro**, prefeito da cidade de Belo Horizonte, foi criada em 1998, a primeira Secretaria Municipal para Assuntos da Comunidade Negra.

(Rextextualização 1 – parágrafo 17)

A centração do Supertópico 5 é pautada nas medidas legais adotadas pelo Estado brasileiro, na década de 90. A entrada desse tópico é marcada pela expressão "outro fato" que sugere uma nova informação, diferente da anterior (década de 80). A ramificação em um nível inferior, dentro do próprio parágrafo, se justifica pela inserção de exemplos, delimitados pela pontuação.

O inverso dessa situação também ocorre – item "c", quando da existência de dois ou mais parágrafos para representar apenas um tópico discursivo. O tópico 4.4 "Censo brasileiro: item raça e cor" da Retextualização 1 (Anexo 3.1) ocupa os parágrafos 15 e 16.

Um dado extremamente interessante é que **os censos** realizados no **Brasil** de 1950 até 1980 não constavam o **item cor**, ou seja, a justificativa era de que a existência do **item cor no censo brasileiro** estimularia o racismo. Foram retirados das carteiras de identidade **os itens raça e cor** porque se considerava que a identificação dessa presença racial no **Brasil** seria algo perigoso e negativo para o país.

(Rextextualização 1 – parágrafo 15)

Mas, em 1989 desencadeou uma **campanha** maciça de visibilidade do negro nos dados estatísticos cujo tema foi "não deixe sua cor passar em branco". Essa **campanha** foi vitoriosa porque no ano de 1990 passou-se a incluir no **censo brasileiro** os **itens raça e cor** e, a partir disso, surgiu a **classificação** estipulada pelo **IBGE que categorizou em cinco itens** a identificação de **raça e cor no Brasil**, a saber: indígena, amarela, parda, preta e branca. Essa **classificação** foi feita dessa forma, já que num primeiro momento foi permitida a auto-

declaração, e nessa ocorreu algo curioso, pois apareceram 32 tipos de **classificação no Brasil**: de cor de formiga, marrom bombom, moreno claro, moreno escuro, chocolate, até cor de canela. Assim, para evitar esse verdadeiro mosaico da **classificação de cor e raça**, o IBGE padronizou em **cinco itens** que certamente expressam os indivíduos do Brasil.

(Rextextualização 1 – parágrafo 16)

A partir dos elementos que delimitam a centração tópica, assinalados em negrito nos trechos acima, os parágrafos foram agrupados em um mesmo tópico discursivo.

4.2.3 A citação

Outro ponto a destacar sob o prisma do arranjo da topicalidade é a presença das citações no texto escrito. Em nossas análises, as citações encontradas nas retextualizações foram consideradas como parágrafos. Dessa forma, o Supertópico 1 da Retextualização 1 (Anexo 3.1) compreende os 1º, 2º e 3º parágrafos e corresponde à introdução do texto. Em um texto escrito de cunho dissertativo, a introdução apresenta características específicas, tais como: objetivos, tema, métodos, palavras-chave e justificativa.

Ao ler o primeiro parágrafo dessa retextualização é possível reconhecer essas partes, que são antecedidas de elementos coesivos, como “propõe-se nesta exposição”, “de início”, “na verdade”: objetivo – discutir a política de ações afirmativas no Brasil; tema – as ações afirmativas; método – em primeira instância recorrer à definição de alguns conceitos norteadores da questão; palavras-chave – “discriminação racial direta e indireta”, “racismo” e “preconceito”; justificativa – desmistificar a idéia de que o assunto em pauta não faz parte da realidade brasileira, porque é uma realidade presente no Brasil há aproximadamente 500 anos.

Propõe-se, nesta exposição, discutir a questão da política de ações afirmativas no Brasil. **De início**, **serão apresentados os conceitos de racismo, preconceito, discriminação racial direta e indireta, para justificar a presente discussão** e desmistificar o que a imprensa tem tentado divulgar de que o assunto não faz parte da realidade da sociedade brasileira, de que são invenções, de que se trata de copiar o que ocorre em outros países. **Na verdade**, a **problemática** racial é uma realidade presente no Brasil há aproximadamente 500 anos, desde a primeira leva de escravos. As definições que serão apresentadas são oriundas da abertura do livro “Desigualdades Raciais no Brasil um balanço da intervenção governamental” (IPEA, 2002):

(Rextextualização 1 – parágrafo 1)

Além disso, o posicionamento do autor em um texto como esse também pode aparecer nessa parte introdutória que, a nosso ver, foi marcado pela escolha de colocar uma citação direta, neste caso, de um trecho do livro publicado pelo IPEA (2002). Certamente, essa escolha é significativa e revela, entre outras coisas, uma identificação do autor com relação à descrição dos conceitos apresentados.

Dessa forma, a introdução desse texto é marcada pela presença de uma citação, que traz a definição de conceitos condizentes com o assunto em pauta: ações afirmativas no Brasil. A formatação e apresentação da citação se dão conforme padrões da escrita, ou seja, recuo do texto citado na margem direita da página, espaçamento simples entre linhas, não adentramento de parágrafo (justificado), referência da citação no final (autor, ano e página).

> Racismo é um conjunto de idéias e valores, trata-se de uma ideologia que preconiza a hierarquização dos grupos humanos com base na etnicidade (...) o preconceito racial são modos de ver certas pessoas ou grupos raciais com uma predisposição negativa em face de um indivíduo, grupo ou instituição assentada em generalizações estigmatizadas sobre a raça ao qual esse indivíduo é identificado (...) discriminação racial direta é um comportamento, uma ação que prejudica explicitamente certa pessoa ou grupo de pessoas em decorrência de sua raça ou cor (...) a discriminação racial indireta é um comportamento e uma ação que prejudica de forma dissimulada certa pessoa ou grupo de pessoas em decorrência de sua raça ou cor, discriminação não manifesta, oculta, oriunda de práticas sociais administrativas, empresariais ou de políticas públicas (...) trata-se da forma mais perversa de discriminação, pois advém de mecanismos societais ocultos pela maioria.
>
> (Rextextualização 1 – parágrafo 2)

Por se tratar de um texto escrito, podemos afirmar que a citação, localizada na parte introdutória, possibilita grande força argumentativa e garante credibilidade e legitimidade ao discurso citante, perante o discurso citado, além de aproximá-los em termos de convergência (BENITES, 2002).

Os segmentos tópicos identificados nos três primeiros parágrafos do texto se relacionam por apresentarem sequencialmente os referentes: “questão”, “discussão”, “problemática”, que são capazes de assegurar a centração no tema política de ações afirmativas (tema central, foco da discussão). Já os referentes “Brasil” e “sociedade brasileira”, restringem o assunto para uma região específica. Os conceitos apresentados em forma de citação garantem a coesão do texto, uma vez que foram inicialmente anunciados e, posteriormente, detalhados.

O terceiro parágrafo, especialmente, faz parte da constituição da Introdução, mais especificamente do seu fechamento, se caracteriza como um tópico de transição, pois retoma o tema anterior, realizando um comentário sobre a citação, e projeta o tema seguinte:

O último item dessa classificação é o mais presente hoje na sociedade brasileira, a chamada discriminação racial indireta. Já a **discriminação racial direta** foi presente no Brasil durante 400 anos.

(Rextextualização 1 – parágrafo 3)

Quer dizer, o tópico de transição é um comentário da citação, localizado após o texto citado, no parágrafo seguinte. Esse parágrafo é realizado porque, de fato, existe uma recuperação do que foi dito (citado) anteriormente e ela é feita de forma coesa, com a expressão "O último item dessa classificação", além de reapresentar os referentes "discriminação racial direta e indireta".

O exemplo acima analisado, além de evidenciar o agrupamento de mais de um parágrafo na constituição de um tópico discursivo (item "c"), também revela a presença do tópico de transição no texto escrito (articulação intratópica).

No entanto, encontramos outros exemplos que ilustram a mediação entre dois tópicos promovida por tópicos de transição (articulação intertópica). Nesse sentido, podemos aproximar a noção de tópico de transição com a de parágrafo de transição, no texto escrito, uma vez que ambos assumem características semelhantes. Como exemplo, citamos o parágrafo 3 da Retextualização 3 (Anexo 3.3).

Para que seja possível tratar sobre o **direito da população negra de vagas na universidade**, é preciso iniciar a discussão com conversas anteriores, pensar e refletir sobre questões que passam ao lar uma naturalidade de uma sociedade racista, de conhecimentos produzidos dentro desses valores. É dessa forma que os primeiros movimentos sobre a discussão de reserva de vagas nas universidades, muito especialmente para população negra, impactam a sociedade como um todo, e todos de alguma forma querem expressar opiniões seja no sentido favorável ou contrário.

(Rextextualização 3 – parágrafo 3)

Este parágrafo aparece depois da introdução (Supertópico 1) para retomar a idéia central que norteará todo o texto, "direito da população negra de vagas na

universidade", como também para projetar o tema seguinte "Universidade" (Supertópico 2).

Segundo Fávero, Andrade e Aquino (2002), a transição de um parágrafo para outro não deve ser brusca, por isso em alguns casos, torna-se indispensável acrescentar ao texto um parágrafo de transição para que o encadeamento das idéias se faça de maneira coesa e harmoniosa.

O tópico de transição também compreende segmentos que resumem o que foi expresso nos parágrafos (tópicos) anteriores. No exemplo seguinte, ele recapitula, por meio de uma construção parafrástica e conclusiva, as idéias dos tópicos abordados até então, a saber: segundo o sistema jurídico, as posturas municipais e a Constituição Brasileira, havia um lugar que o negro deveria estar e um lugar que o branco deveria estar.

Após a abolição, não era mais possível dizer negro ou liberto, porque não havia mais um sistema. A **Constituição** de 1891 vai ter outro traço, porque dava cidadania brasileira a qualquer estrangeiro que no Brasil estivesse. Nesse período o processo de imigração já estava ocorrendo com certa força e depois vai consolidar bastante no início do século XX. O interessante é que quando se dizia na Constituição "dar cidadania brasileira ao estrangeiro" parecia um bom sinal, porque havia muitos africanos na época já morando no Brasil e que eram ex-escravos. No entanto, Carlos Maximiliano, comentarista oficial da **Constituição Brasileira**, dizia que era muito importante que o governo brasileiro e a Assembléia Legislativa decidissem que os estrangeiros que para aqui viessem para desenvolver e auxiliar no progresso da nação sejam considerados nacionais, porque é o sangue europeu que vai ser a força do desenvolvimento do Brasil. Então, nessa fala, ele já definia quem eram os estrangeiros que poderiam ser recebidos automaticamente como sendo nacionais.

(Rextextualização 3 – parágrafo 33)

E, assim, sequencialmente **a Constituição Brasileira** vai montando estruturas e estratégias de forma que a população brasileira tivesse dividida por raças, sem que precisasse ser dito. Contrariamente, os historiadores convencionais têm sempre rejeitado a idéia de que o Brasil tenha trabalhado o tempo todo sob o domínio do pertencimento racial.

(Rextextualização 3 – parágrafo 34)

Dessa maneira, o tópico de transição aparece, na retextualização, com características diferenciadas: comentário da citação anterior, mediação entre tópicos, encerramento ou resumo de tópicos, e constitui-se, portanto, como um elemento presencial da organização tópica do texto escrito.

4.2.4 A coesão textual

Val (1991) afirma que os mecanismos de coesão tornam a superfície textual estável e econômica, promovem a continuidade e a progressão do texto escrito. Em nosso *corpus* eles foram responsáveis, também, pela estruturação tópica e apareceram, na retextualização, de forma incisiva, auxiliando na condução e na mudança tópica.

Na Retextualização 1 (Anexo 3.1), o subtópico 3.3.1 "Bolsa-Prêmio" aparece como subordinado do tópico central 3.3 "Participação do Brasil nas Conferências da ONU" e ambos estão situados no parágrafo 10.

3.3 [O Brasil participou de duas conferências realizadas pela ONU contra o racismo, a discriminação racial e a intolerância. **Mas**, na primeira delas nenhum negro esteve presente representando o país, quem os representou foram os ministros e diplomatas do Ministério das Relações Exteriores do Brasil. **Assim**, ficou complicado para o Brasil explicar para os países africanos como é que era possível querer transformar as relações com o continente africano em prioridade nacional sem que isso pudesse ser espelhado na sua própria relação diplomática.] **3.3.1 [Por conta disso**, o governo adotou a ação afirmativa intitulada **"Bolsa Prêmio"** para afro-descendentes do Instituto Rio Branco, que hoje é sucesso absoluto, pois em três anos de existência o Instituto Rio Branco já apresenta12 aprovados.

(Rextextualização 1 – parágrafo 10)

O Projeto "Bolsa-Prêmio" é apresentado por meio da expressão "por conta disso" que resgata o argumento anterior, quer dizer, a palavra "disso" retoma a frase anterior sobre o impedimento de negros participarem das Conferências da ONU. Vale ressaltar, nesse parágrafo, a coesão sequencial realizada por meio das conjunções "mas" e "assim" que encaminham e relacionam os segmentos tópicos.

Ainda na Retextualização 1, o parágrafo 18 apresenta o Subtópico 5.3.1 "Dois acontecimentos em 1995" que se divide em 5.3.1.1 "Marcha Zumbi dos Palmares". O primeiro acontecimento anunciado se desenvolve no interior do mesmo parágrafo, portanto, dois tópicos coexistem em um só parágrafo.

5.3.1 [**Em 1995, ocorreram dois grandes acontecimentos: o primeiro**, feito pela sociedade civil, a Marcha Zumbi dos Palmares contra o racismo e pela cidadania e pela vida, realizada em Brasília. Foi a primeira vez que o movimento negro conseguiu reunir em torno de 50 mil pessoas do Brasil inteiro, todas se dirigiram à Brasília e entregaram uma carta ao então presidente da república Fernando Henrique Cardoso, que se comprometeu a adotar um **conjunto de medidas** que proporcionassem à inclusão do negro na sociedade brasileira.] **5.3.1.1** [**A**

primeira delas foi a criação do Grupo de Trabalho Interministerial de valorização da população negra intitulado (GTI), que surgiu por conta das denúncias que as organizações sindicais fizeram à Organização Internacional do Trabalho sobre a existência no país da discriminação racial. A GTI é formada para colocar em prática as ações políticas que promovessem a igualdade de oportunidade e de tratamento no emprego e na profissão.]

(Rextextualização 1 – parágrafo 18)

Já o segundo acontecimento, aparece no parágrafo seguinte. O parágrafo 19 inicia, então, com a seguinte expressão "o segundo acontecimento", resgatando o que foi anunciado anteriormente. Trata-se da entrada do subtópico 5.3.2 "Zumbi dos Palmares como herói nacional".

5.3.2 [**O segundo acontecimento** foi a inclusão de Zumbi dos Palmares no panteão dos heróis nacionais, também pelo presidente Fernando Henrique, por conta do bicentenário da abolição da escravatura. Do ponto de vista simbólico, esse fato representou a verdadeira inclusão do negro na sociedade brasileira.

(Rextextualização 1 – parágrafo 19)

Os elementos coesivos sequenciais "primeiro" e "segundo" ajudam a segmentar esses subtópicos, referentes ao ano de 1995, em diferentes parágrafos e marcam a ordenação tópica, evidenciando a hierarquia temática (o fato que ocorreu primeiro e aquele que ocorreu depois).

Para evidenciar o papel da coesão referencial e lexical na manutenção tópica do texto escrito, analisamos o tópico 4.2 "Comparação com outros países" (Retextualização 2, Anexo 3.2), localizado no parágrafo 14.

Faz-se necessário apresentar algumas comparações. **Na África do Sul, todas as universidades já são integradas racialmente**, são brancos, negros, indianos, ingleses, africanos do sul, *color*, *zulu*, *cosaf*, *kun*, *venas*. **No Brasil, somente brancos**, por enquanto. **O primeiro país** que implementou ações afirmativas, **foi a Índia**, em 1949, para incluir as castas intocáveis, os chamados *dalits*, que eram absolutamente sem nenhum poder, sem nenhuma cidadania. A luta de reivindicação de mais de 20 anos foi na primeira **constituição indiana**, tinha 25% de **cotas** para os *dalits* **no serviço público e no ensino**. **Outro grande movimento de ações afirmativas importante foi na Malásia**, na primeira Constituição, em 1959, colocou cotas para os *uricoutars*, porque no período colonial, todos os cargos estavam nas mãos dos chineses. Os *uricoutars* começaram a entrar no serviço público por meio de cotas, que acabou recentemente porque ao longo de 30 anos, esse país conseguiu integrar os malásios. **No Canadá**, os *inuit*, os chamados esquimós, **não somente têm educação bilíngue, mas têm cotas em vários lugares**, inclusive no Congresso. **Na Austrália**, não só existem **vagas nas universidades** como têm faculdades para os aborígines. A mesma coisa vale para a **Nova**

Zelândia, com os *maoris*, que era uma população nativa, também massacrada pela população dominante, e que também **têm escolas bilíngues e faculdades próprias**.

(Rextextualização 2 – parágrafo 14)

Os referentes acima destacados garantem coesão ao tópico abordado, a repetição de itens lexicais semanticamente relacionados pelo contexto, tais como: “cotas”, “vagas”, “ações afirmativas”, “no serviço público e no ensino”, “educação bilíngue”, “faculdades próprias” remetem à comparação realizada entre os países “África do Sul”. “Brasil”, “Índia”, “Malásia”, “Canadá”, “Austrália”, “Nova Zelândia” e seus povos discriminados, a saber: brancos, negros, indianos, ingleses, africanos do sul, *color*, *zulu*, *cosaf*, *kun*, *venas*, negros, *dalits*, *uricoutars*, *inuit* ou esquimós, aborígenes, *maoris*.

O encadeamento desse tópico é realizado por meio da coesão sequencial, promovida pela preposição combinada “no” ou “na” para se referir aos países. As expressões “o primeiro país” e “outro grande movimento” também são elementos coesivos que ajudam a manter a centração do tópico.

4.3 Principais ocorrências: organização tópica do texto escrito

Explicitamos, neste capítulo, a macroestrutura do texto escrito, por meio da apresentação dos QTs (plano hierárquico) e da descrição sequencial da organização tópica (plano linear). As análises dos exemplos apresentados evidenciam os elementos que justificam a segmentação tópica realizada.

Resumimos no quadro, a seguir, as principais ocorrências no que diz respeito ao papel da centração, da paragrafação, dos tópicos de transição e da coesão textual para segmentação tópica do texto escrito:

Quadro 19: Sistematização das ocorrências – texto escrito

ELEMENTOS RESPONSÁVEIS PELA SEGMENTAÇÃO TÓPICA DO TEXTO ESCRITO	CARACTERIZAÇÃO
Centração	• Configura-se como o princípio para identificação dos tópicos discursivos; • Atua na segmentação e delimitação dos tópicos em níveis hierárquicos por meio das propriedades: concernência, relevância, pontualização e referenciação.
Paragrafação	• Atua na segmentação tópica: a) 1 parágrafo corresponde a 1 tópico; b) 1 parágrafo pode apresentar 2 ou mais tópicos; c) 2 ou mais parágrafos podem apresentar 1 tópico; • Evidencia a estruturação tópica, principalmente, a mudança;
Citação	• Auxilia na manutenção tópica e evidencia a centração.
Tópicos de transição	• Compreendem parágrafos que comentam, resumem, encerram, ou mediam tópicos (parágrafos) anteriores.
Coesão textual	• Auxilia na condução, manutenção e mudança tópica

CAPÍTULO V - COMPARAÇÃO DA ORGANIZAÇÃO TÓPICA DAS PALESTRAS COM A ORGANIZAÇÃO TÓPICA DAS RETEXTUALIZAÇÕES

Neste capítulo apresentaremos os resultados obtidos a partir da observação dos mecanismos de organização tópica dos textos falados e dos textos escritos que foram descritos anteriormente. Ou seja, depois de explicarmos como foi realizada a divisão e a distribuição dos tópicos, depois de justificarmos como ocorreu essa segmentação, julgamos ser possível tecer alguns comentários sobre o processo de construção desses textos no que diz respeito à topicalidade. Obviamente que, neste momento, o fator "retextualização" estará presente de forma incisiva, pois se configura como o ponto de partida para a comparação.

Nesse sentido, as pontuações a seguir referem-se ao que podemos afirmar sobre a organização tópica, neste trabalho, a partir da descrição que foi estabelecida dos QTs das Palestras e das Retextualizações.

5.1 A identificação dos tópicos

No texto escrito, os tópicos discursivos foram delimitados por unidades de sentido, centrados em um mesmo tema, localizáveis em parágrafos bem delineados. A identificação dos tópicos das retextualizações foi realizada mais facilmente. Tal simplicidade refletiu, também, na estruturação tópica desses textos: forma de iniciar, desenvolver e fechar tópicos.

Por outro lado, no texto falado, o mesmo processo foi realizado com mais dificuldade, porque ocorreu, na fala dos palestrantes, a dispersão dos tópicos, a entrada de inserções, intercalando e interrompendo o fluxo da informação. Assim, para a identificação dos tópicos discursivos das palestras, foi necessário recorrer a alguns elementos específicos da modalidade falada que colaboraram, ao lado da centração, na tarefa de segmentar. Exatamente por isso que o detalhamento da segmentação tópica do texto falado teve um peso maior, neste trabalho, em relação à segmentação do texto escrito.

Com relação aos QTs, entendemos que a separação, a ramificação, o surgimento, enfim, de níveis hierárquicos inferiores no texto falado foi justificado por

especificidades da língua oral, entonação e pausa, por exemplo. Constatamos que esses fenômenos estiveram relacionados, muitas vezes, com a mudança da cadência da fala que, por sua vez, sugeriu mais divisões. Ou seja, os assuntos foram sendo excessivamente divididos, nas palestras, porque a condução dos tópicos conferiu ao analista um recurso passível de segmentação. Por essa razão, nossa metodologia de elaboração dos QTs revelou uma representação minimalista do plano hierárquico da organização tópica (sub-subtópicos e sub-subtópicos menores). A divisão realizada atendeu à necessidade de viabilizar a análise comparativa da topicalidade das palestras e das retextualizações, ou seja, esteve relacionada ao objetivo central deste trabalho.

Para ilustrar essa afirmação, analisamos o tópico 2.3 "Exclusão racial na universidade hoje" que comporta os subtópicos 2.3.1 "Profissões de branco" e 2.3.2 "Mito da incapacidade", Palestra 2 (Anexo 2.2).

2.3 [**então** são várias... como se fosse assim... são vários planos... de racismo... que foram superpostos no universo acadêmico que temos hoje... e não é um apenas... claro que o momento presente é um momento dramático... ele é em momento escandaloso... eu imagino que:: embora hoje já tenha mencionado... vocês certamente já conhecem os índices estarrecedores... da exclusão racial que nós temos no Brasil hoje né?... praticamente está reduzido a dois por cento o número de estudantes universitários negros... em alguns CURsos como na Universidade de Brasília... às vezes passa um ano inteiro que não entra um único negro no curso de Medicina... um único negro no curso de Direito... se têm cursos como Odontologia que é praticamente uma carreira branca no Brasil...] **2.3.1** [**então...** após setenta anos... desse processo de exclusão nós chegamos a uma situação impressionante nós temos profissão de brancos... médico é uma profissão de branco né?... dentista é uma profissão de branco... arquiteto é uma profissão de branco... advogado... JUIZ é uma profissão de branco... **então...** a:: situação é muito mais dramática... e eXIge... evidentemente... uma intervenção à altura da dramaticidade que foi gerada... pelas é gerações anteriores...] **2.3.2** [**então** muito::... do:: MIto da incapacidade negra... está relacionado com a exclusão... e não:: com a incapacidade... e sim com a exclusão... que gerou a fantasia... gerou um imaginário de uma incapacidade...]

(Palestra 2 – linhas 109-125)

O trecho acima evidencia a subordinação em níveis inferiores conforme mudança gradativa de centração. Essa subordinação é marcada, também, pela presença do MD "então", indicativo de abertura de novo tópico[52] (RISSO, 2006). Além disso, as pausas longas que ora precedem, ora sucedem os tópicos, somadas à entonação de voz

[52] Os dois primeiros *então* e o último que aparecem no exemplo delimitam o início dos tópicos. Já o terceiro, participa do desenvolvimento do tópico 2.3.1 (MD sequencial). O conteúdo informacional que aparece na sequência desse terceiro *então* retoma o conteúdo do tópico imediatamente anterior, por isso tal segmento se enquadra como paráfrase resumidora que indica o fechamento do subtópico 2.3.1.

ascendente (para o início) e descendente (para o fechamento), auxiliam na delimitação dos subtópicos.

Esses mesmos segmentos, porém, foram retextualizados de forma a não apresentarem subordinações na organização tópica do texto escrito. Ou seja, não houve elementos específicos da escrita que justificassem ramificações em níveis inferiores, tal como ocorreu na fala.

ST 3 [O momento presente é dramático e escandaloso, os índices da exclusão racial no Brasil são estarrecedores, pois está reduzido a 2% o número de estudantes universitários negros. Em alguns cursos, como na Universidade de Brasília, às vezes passa um ano inteiro que não entra um único negro no curso de Medicina, ou no curso de Direito. O curso de Odontologia é praticamente uma carreira branca no Brasil. Após 70 anos desse processo de exclusão se chega a uma situação impressionante, pois existem profissões de branco, tais como: médico, dentista, arquiteto e juiz]

(Retextualização 2 – parágrafo 10)

O segmento do texto falado foi retextualizado em um só parágrafo e concentrou a temática em um só tópico, a saber: Supertópico 3, intitulado “Momento atual”. Ao passar pelo processo de retextualização, a centração do segmento analisado passa a ser outra, mais generalizante, porque no texto escrito, a paragrafação (unidade de sentido) e a coesão textual asseguram tal identificação.

Ou seja, aliada à centração, os mecanismos formulativos do texto falado formaram um quadro caracteristicamente subordenado. No entanto, esses mesmos segmentos tópicos, na escrita, foram condensados em um ou dois parágrafos, exatamente porque houve a mudança dos recursos de cada modalidade para marcar ou não a mudança tópica.

O Supertópico 2 “Conceitos” da Palestra 1 (Anexo 2.1), por exemplo, foi retextualizado como “Introdução”, no texto escrito. As subdivisões que ocorreram no texto falado foram pertinentes, devido aos elementos responsáveis pela sua segmentação tópica, a saber: entonação, pausa e leitura da citação.

2.1 [bom... então feito esses esclarecimentos... eu gostaria de começar... fazendo um pouco... aquilo que o:: GTI... o Grupo de Trabalho Interministerial... criado em mil novecentos e noventa e cinco... quando fez o centenário da morte de Zumbi dos Palmares... fez para que... melhor pudéssemos abordar... a questão da política de ações afirmativas no Brasil... que é na verdade um pouco de... conceituar... o que que é racismo... o que que é preconceito... o que que é

descri/discriminação racial direta... e a discriminação racial indireta...] **2.1.1** [porque se a gente não tiver esse arcabouço... para que a gente possa tratar dessa questão... pode parecer como a grande imprensa tem tentado divulgar... de que nós estamos tratando de algo que não faz parte da nossa sociedade... que nós estamos inventando... fatos e coisas... e que nós estamos buscando na verdade copiar aquilo que:: é::: ocorre em outros países... quando na verdade nós estamos tratando sim... de uma realidade... que é presente no nosso país... há aproximadamente quinhentos anos... ou seja... DESde a priMEIra leva de escravos que pisou neste país lá por volta de mil e quinhentos mil quinhentos e quarenta e nove... que a problemática racial está presente... ela está presente ao longo de todo esse tempo e em alguns momentos... de forma... absolutamente subalternizada... e em outros momentos de forma positiva e de forma...] **2.1.2** [é::: pró/propositiva... o:: o documento que é oriundo deste... deste livro aqui... "Desigualdades Raciais no Brasil... um balanço da intervenção governamental"... feito pelo IPEA no ano de dois mil e dois... ele diz... na sua abertura que...] **2.1.2.1** ["racismo... é um conjunto de idéias e valores e trata-se de uma ideologia que PREconiza a hierarquização dos grupos humanos com base na etnicidade"...] **2.1.2.2** [diz também... que "o preconceito racial são modos de ver certas pessoas ou grupos raciais... com uma predisposição NEgativa em face de um indivíduo... grupo ou instituição... assentada... em generalizações estigmatizadas... sobre a raça a/ao qual esse indivíduo é identificado"...] **2.1.2.3** [diz mais... diz que "discriminação racial direta é um comportamento... uma ação... que prejudica explicitamente... certa pessoa ou grupo... de pessoas em decorrência de sua raça/ou grupo de pessoas em decorrência de sua raça ou cor"...] **2.1.2.4** [e diz ainda mais que "a discriminação racial indireta... é um comportamento... e uma ação que prejudica de forma dissimulada... CERta pessoa ou grupo de pessoas... em decorrência de sua raça ou cor... discriminação NÃO manifesta... oculta oriunda de PRÁticas sociais... administrativas EMpresariais... ou de políticas públicas"... diz mais... "trata-se... da forma... MAIS perVERsa de discriminação... pois advém de mecanismos societais ocultos pela maioria"...] **TRA** [eu estou fazendo esta classificação porque este último item aqui ao qual eu me referi é aquele na verdade que mais é presente na sociedade brasileira... a chamada... discriminação indireta]

(Palestra 1 – linhas 32-62)

Esse mesmo segmento, no entanto, foi retextualizado para a escrita nos três parágrafos iniciais, representando um único Supertópico (a introdução). A unicidade desses parágrafos, a pontuação e os elementos coesivos foram determinantes para a identificação desse tópico no texto escrito.

Ao comparar a disposição desses segmentos do texto falado com os segmentos do texto escrito, verificamos que a correspondência em volume de texto é desproporcional, porque vários tópicos do texto falado se resumem a um único tópico do texto escrito, já que eles aparecem em blocos, representando parágrafos coesos e coerentes.

Para reforçar essa asserção, selecionamos o tópico desenvolvido sobre o tema "Quadro atual dos professores negros nas universidades federais", da Palestra 2 (Anexo 2.2).

3.1 [eu só queria ler pra vocês o quadro... eu acho que a gente só enTENde... a necessidade das ações afirmativas... completamente se nós percebermos... a pirâmide... e não a base...] Δ**7** [porque é um pouco enganoso... nós ficarmos lutando pra... vinte por cento das vagas no vestibular apenas... e achando que isso é:: essa é uma medida muito conservadora... vinte por cento na::... nós vamos precisar de DÉCADAS... se nós começarmos SÓ com o vestibular... por quê? vamos observar o número de professores universitários... são os que votam... são os que têm as leis estabelecidas... são os que dão as bolsas de pesquisas... são os que têm os financiamentos...] **3.1.1** [bom... eu fiz uma conta da:: do número de professores negros nas universidades federais... eu queria só mencionar alguns... na **Universidade de Brasília**... minha universidade... são MIL e quinhentos professores... ela tem QUI/quinze... professores negros... um por cento de professores negros...] **3.1.2** [a **Universidade Federal de São Carlos**... que é uma universidade de ponta em tecnologia... né?... ela tem seiscentos e setenta professores... e ela tem DOIS... professores negros... ( ) DOIS em seiscentos e setenta... não:: é pra perder de vista... vai demorar séculos... pra acontecer qualquer coisa... na **UFSCar**...] **3.1.3** [a **Universidade Federal do Rio Grande do Sul**... tem mil e trezentos professores... e tem TRÊS professores negros... e um deles é africano José Carlos dos Anjos... que é professor de antropologia que pode ser que alguns de vocês conheçam...] **3.1.4** [**a UFMG** é a mesma coisa dois mil e setecentos professores não chega a vinte o número de professores negros...] **3.1.5** [a **Universidade do Rio/do Rio de Janeiro**... a maior das federais... tem dois mil e setecentos professores... e tem CINCO professores negros...] **3.1.6** [**a USP** que é um caso mais impressionante... que é a nossa maior universidade... a que tem MAIS orçamento... a que tem MAIS influência no país... na:: tomada de decisões... na economia... na energia em tudo que vocês quiserem né?.... ela tem quatro mil setecentos e cinco professores... fica no SITE oficial da **USP**... tirei esse número de lá... e nós só contamos CINCO professores negros... na **USP**...]

(Palestra 2 – linhas 187-206)

Vejamos, pela comparação, como esse mesmo assunto foi reestruturado na escrita:

3.2 [O quadro atual do número de professores negros nas universidades federais é o seguinte: na **Universidade de Brasília**, são 1.500 professores, com 15 professores negros; a **UFSCar**, tem 670 professores, com 2% professores negros; a **UFRS** tem 1.300 professores, com 3 professores negros; a **UFMG** tem 3.700 professores e não chega a 20 o número de professores negros; a **UFRJ** tem 2.700 professores e conta com 5 professores negros; e a **USP**, que é o caso mais impressionante, a maior universidade pública brasileira, que tem mais orçamento, mais influência no país, na tomada de decisões e na economia, tem 4.705 professores, mas apenas 5 professores negros.]

(Retextualização 2 – parágrafo 12)

A segmentação dos tópicos no texto falado partiu de um tópico e seis subtópicos, quais são: 3.1 “Quadro atual dos professores negros nas universidades federais”, 3.1.1 “UnB”, 3.1.2 “UFSCar”, 3.1.3 “UFRS”, 3.1.4 “UFMG”, 3.1.5 “UFRJ” e 3.1.6 “USP”. Na palestra, a mudança de centração, evidenciada pela mudança de referentes, as pausas

e a entonação caracterizaram a delimitação tópica desses segmentos. Já na retextualização, essa segmentação foi amarrada em um só parágrafo, em um só tópico, ou seja, ocorreu o agrupamento de vários tópicos em uma centração apenas, a saber: 3.2 “Quantidade de professores negros”. Para a construção desse parágrafo, o recurso utilizado foi a enumeração das universidades apresentadas.

Por meio dos exemplos analisados, percebemos como um tópico que foi materializado em diferentes segmentos na fala foi materializado na escrita. Ou seja, o autor do texto escrito, responsável pela retextualização, juntou tudo em um só segmento – parágrafo. Por isso, a nosso ver, são critérios comunicativos e formulativos diferentes na constituição dos segmentos que dirigem a construção dos tópicos de cada texto.

Os elementos responsáveis pela segmentação tópica dos textos falados e escritos se diferenciaram em alguns pontos (entonação, pausas, MDs, inserções). Essa diferença interferiu sobremaneira na identificação dos tópicos das palestras e das retextualizações, como também na forma de apresentação dos temas – topicalidade.

5.2 A alteração no título dos tópicos

A determinação dos nomes (rótulos) dos tópicos passa, necessariamente, pela escolha do analista. Como vimos, tal escolha é pautada no princípio da centração e no léxico do referente principal (PINHEIRO, 2005a).

Pontuamos que ocorreram algumas alterações nos nomes dos tópicos do texto escrito comparados com os do texto falado em virtude do agrupamento proposto pela retextualização. Isto é, a centração do texto falado dependeu de outros aspectos formulativos, já mencionados anteriormente. Por essa razão, a reiteração dos referentes foi responsável pela nomenclatura dos tópicos, nas palestras. Já na retextualização, como aconteceu uma reformulação na montagem do texto, os segmentos tópicos de mais de um nível foram sendo somados e mesclados e, assim, uma centração nova e consideravelmente ampla apareceu.

Por exemplo, o tópico 2.4 “A UFRJ preteriu dois intelectuais negros nos anos 50” e os subtópicos 2.4.1 “Guerreiro Ramos” e 2.4.2 “Edson Carneiro” da Palestra 2 (Anexo 2.2), foram renomeados e agrupados na retextualização em um único tópico, 2.4 “Exclusão de intelectuais negros”.

2.4 [também é preciso lembrar que nos **anos cinquenta dois grandes intelectuais negros**... que foram formados no Rio de Janeiro... não foram absolvidos como professores das universidades...] **2.4.1** [que é o caso de **Guerreiro Ramos**... foi um dos maiores cientistas sociais negros do século vinte... **Guerreiro Ramos** foi formado na primeira turma de Filosofia da Universidade do Brasil... depois Universidade do Rio de Janeiro... **Guerreiro Ramos**... **ele** foi aluno da primeira turma... quer dizer... os primeiros formandos em filosofia da Universidade Federal do Rio do Janeiro hoje a MAIOR Universidade Federal do país... estava **Guerreiro Ramos**... um brilhante sociólogo... **Guerreiro Ramos** postulou... a:: já tinha livros escritos e postulou a ser professor da universidade... e não foi contratado como professor da universidade... **ele foi preterido** por um desconhecido que ninguém sabe quem é... e no final da vida muito amargurado **ele** morou nos Estados Unidos muitos anos... muitos livros de **Guerreiro Ramos** AINDA NÃO estão publicados em português... **ele** conta numa entrevista para Lúcia Lippi de Oliveira que é uma pesquisadora do CPDOC do Rio de Janeiro que:: por razões raciais... por descriminação... **ele não foi aceito como professor da UFRJ**...] **2.4.2** [**também a mesma UFRJ preteriu um outro grande intelectual negro** do século vinte que foi **Edson Carneiro**... um dos grandes pesquisadores do folclore e da antropologia... que era discípulo de Artur Ramos... e que seria o:: que:: é:: com a com o falecimento de Artur Ramos teria a cátedra de antropologia da Universidade do Brasil...] Δ**4** [isso teria sido uma REVOLUÇÃO... nas Ciências Sociais no Brasil... se tivéssemos Guerreiro Ramos como o catedrático de Sociologia... e Edson Carneiro como o catedrático de Antropologia... não teríamos essas Ciências Sociais ABSURDAMENTE elitizada que nós temos hoje... porque os dois tinham um pé na realidade que é a realidade negra...] **2.4.2** [**bom... Edson Carneiro** apesar de TOda uma campanha **ele também foi REprovado**... em lugar de um outro ilustre desconhecido... então se vocês juntarem os dois... nós temos uma pauta diferente agora... não SÓ houve... uma **exclusão racial** funDANte nos anos trinta... como também nos anos cinquenta... nos anos sessenta houve a tendência a **retirar os negros que tentavam entrar na universidade**...]

(Palestra 2 – linhas 125-151)

2.4 [É preciso lembrar nos **anos 50**, **grandes intelectuais negros** que embora formados no Rio de Janeiro, não foram absolvidos como professores das universidades brasileiras. É o caso de **Guerreiro Ramos**, um dos maiores cientistas sociais negros do século XX, formado na primeira turma de Filosofia da Universidade do Brasil, brilhante sociólogo que postulou ser professor da universidade, mas não foi contratado. No final da vida afirma muito amargurado, em uma entrevista para Lúcia Lippi de Oliveira, pesquisadora do CPDOC do Rio de Janeiro, que por razões raciais e descriminação **não foi aceito como professor da UFRJ**. **A mesma UFRJ preteriu outro intelectual negro, Edson Carneiro**, um dos grandes pesquisadores do folclore e da antropologia, discípulo de Artur Ramos, que teria com o falecimento deste a cátedra de antropologia da Universidade do Brasil. Esse fato teria sido uma revolução nas Ciências Sociais no Brasil, se Guerreiro Ramos fosse o catedrático de Sociologia e Edson Carneiro o catedrático de Antropologia, não teria essas Ciências Sociais absurdamente elitizadas que se tem hoje.]

(Retextualização 2 – parágrafo 8)

Essa mudança foi realizada porque, no texto falado, o enfoque restringiu a UFRJ como a instituição responsável pela exclusão de dois intelectuais (sujeito responsável e sujeitos atingidos foram nominalizados). Já na retextualização, a centração manteve-se

no fator exclusão. O encaixe dos segmentos tópicos no texto escrito preconizou a centração em um contexto mais amplo.

Devido ao processo de retextualização, alguns Supertópicos, tópicos, subtópicos, sub-subtópicos das palestras foram reordenados e, por isso, ganharam um novo rótulo. É o caso da ramificação ocorrida com o tópico 7.5 “Racismo institucional” da Palestra 1 (Anexo 2.1), sua divisão compõe o subtópico 7.5.1 “Boa aparência no Brasil” e mais quatro sub-subtópicos: 7.5.1.1 “Comissária de avião negra”, 7.5.1.2 “Garçons negros”, 7.5.1.3 “Recepcionistas negros” e 7.5.1.4 “Serventes negro”. Os referentes que indicam a centração dos tópicos aparecem em negrito.

7.5 [e aí vale um pequeno parêntese pra que vocês percebam como... o **racismo institucional**... e aQUEle que eu falei no início aQUI... **a discriminação racial indireta**... fez praça neste país... e mais do que fazer praça **fez esCOla neste país**...] **7.5.1** [ATÉ este período era **COmum... COmum**... você abrir o jornal... na parte de **classificados** e de empregos e estar lá... dentro das **chamadas para emprego**... de que exigia-se **BOA aparência**... **isso era considerado algo legal**... **TOdo hã:: empresário no Brasil**... ou até mesmo todo empresário brasileiro... **se sentia à vonTAde de fazer isso**... e este/esta peQUEna este **pequeno detalhe**... **boa aparência**... escondia por trás dele uma das descriminações mais perversas... porque a **boa aparência** eu disse ontem e digo hoje pra quem não estava... **boa aparência no Brasil** significa ter... a **tez clara... lábios finos... nariz afilado... olhos azuis ou verdes**... e PREferencialmente **cabelos loiros**... esta/este é o **criTÉrio da boa aparência no Brasil**...]**7.5.1.1** [e é ESta uma das razões... por exemplo... da gente não encontrar hoje... praticamente NEnhuma **comiSSÁria de avião** é negra... e eu desconheço que seja necessário... mestrado... doutorado... pós-doutorado... PHD... pra ser **comissária de avião**?... é um curso simples comum... talvez a TAM se eu não me engano... SÓ a TAM que tem duas ou três **comissárias de avião negras**... dePOIS que foi listado pelo Ministério Público... numa denúncia de racismo que ocorreu por conta de um piloto de:: um piloto com::: é:: que ocorreu com um piloto num vôo indo pra:: pra Brasília...] **7.5.1.2** [assim como também por conta desse critério da boa aparência você praticamente não vai encontrar **garÇOM**... **garÇOM**... uma coisa elementar... nos chamados... BAres e restaurantes da classe média... **garçons** que sejam negros...] **7.5.1.3** [como também você não vai encontrar **recepcioNISta**... em banco... na maioRIA dos bancos brasileiros... você também não vai encontrar **recepcionista** bran/negra... quando encontra é um percentual ínfimo...] **7.5.1.4** [agora com certeza você vai encontrar na maioria absoluta... dos **serventes**... dos/das **empregadas domésticas**... é::: dos **porteiros**... e dos **seguranças**... aí SIM você vai encontrar a maioria absoluta negra... porque está aSSOciado é como se fosse algo inerente na sociedade brasileira... que CAbe aos negros exercer as atividades MEnos importantes dessa sociedade...]

(Palestra 1 – linhas 297-323)

No texto escrito, porém, essas mesmas informações foram organizadas topicamente de outra forma, a saber: Supertópico 6 “Critério da boa aparência” e tópico 6.1 “Profissões destinadas aos negros” (parágrafos 20 e 21, respectivamente).

ST 6 [É preciso destacar que o racismo institucional, a discriminação racial indireta fez escola neste país. Era muito comum abrir o jornal na parte dos classificados e encontrar as chamadas para emprego que exigiam "boa aparência". Isso era considerado algo legal. Todo empresário brasileiro se sentia a vontade para fazer isso e esse pequeno detalhe, "boa aparência", camuflava uma das descriminações mais perversas. Porque ter "boa aparência" no Brasil, significava ter: a tez clara, lábios finos, nariz afilado, cabelos loiros, olhos azuis ou verdes. E, evidentemente que, numa sociedade constituída por 45% de afro-descendentes, tornava-se impossível enquadrar esses indivíduos naquelas categorias.]

(Retextualização 1 – parágrafo 20)

6.1 [Essa é uma das razões, por exemplo, de não encontrar hoje praticamente nenhuma comissária de avião negra, não encontrar garçom ou recepcionista negros. Mas, com certeza encontrar serventes, empregadas domésticas, porteiros e seguranças negros porque está associado como se fosse algo inerente na sociedade brasileira que cabe aos negros exercer as atividades menos importantes.]

(Retextualização 1 – parágrafo 21)

Ao comparar os trechos acima, verificamos que o autor da retextualização juntou os segmentos tópicos de 7.5 e 7.5.1, do texto falado, em um só parágrafo, mais abrangente (Supertópico 6 – parágrafo 20). Já as subordinações seguintes do texto falado (7.5.1.1 em diante) foram agrupadas em um tópico apenas, no texto escrito, (tópico 6.1 – parágrafo 21). Constatamos, também, que a centração dos tópicos, no texto escrito, prevaleceu nos referentes "critério" e "profissões", por isso a segmentação ocorreu em dois parágrafos: um tópico e um subtópico. Essa nova segmentação sugeriu, consequentemente, a alteração dos rótulos dos tópicos retextualizados.

5.3 A redução dos tópicos

Por entendermos que há possibilidades de transformações, alterações significativas na organização global do texto, a retextualização faz com que nós, analistas, já esperássemos, em nossas análises, alguma mudança na estruturação dos tópicos do texto original. É possível que isso realmente aconteça: que haja redução, adaptação, alteração nos tópicos do texto base (palestra) para que se tenha o texto final retextualizado, que os tópicos sejam desenvolvidos e conduzidos de maneiras diferentes, embora os segmentos tópicos permaneçam os mesmos na essência, no conteúdo, na temática. São conduzidos diferentemente porque se está lidando com adaptação de uma modalidade linguística para outra – da fala para escrita. Essa é a

hipótese inicial. E de fato ela se concretizou em nosso trabalho. Por meio da leitura do *corpus* constatamos a nítida diferença entre a transcrição e a retextualização. Ao comparar o texto transcrito com o texto retextualizado, observamos, primeiramente, a redução no número de linhas, ou seja, no plano macroestrutural. Esse fenômeno se repetiu logo após realizarmos a identificação e segmentação dos textos em tópicos discursivos. Ao colocarmos lado a lado os QTs de ambos, nos demos conta de que o primeiro se mostrou ramificado por muitos tópicos discursivos, já o segundo apresentou um número reduzido de tópicos.

É o caso do QT da Palestra 2 (Anexo 4.2) e do QT de sua respectiva retextualização (Anexo 5.2). Ao compararmos um com o outro, notamos uma mudança significativa – a redução do conteúdo informativo, ratificada pela eliminação do número de tópicos. Essa diferença já é perceptível no plano visual. Como esse é o primeiro plano da comparação, apenas confirmamos a hipótese, já apresentada por Marcuschi (2003).

Para ilustrar esse fenômeno de redução dos elementos gerais, que constituem a organização tópica dos textos analisados, elaboramos o seguinte quadro:

Quadro 20: Comparativo entre os tópicos das Palestras e das Retextualizações

TOPICALIDADE	P1	R1	P2	R2	P3	R3
Nº. total de linhas	616	265	526	175	484	262
Nº. de Supertópicos	12	11	5	5	7	5
Nº. de Tópicos	33	14	18	13	13	13
Nº. de Subtópicos	28	3	36	2	28	4
Nº. de Sub-subtópicos	15	1	3	0	12	0
Nº. de Sub-subtópicos menores	0	0	2	0	1	0
Tópicos de Transição[53]	2	2	2	1	0	7

A partir dos dados acima, notamos que o primeiro traço distintivo entre as duas produções foi exatamente a redução, seja no número de linhas, seja no de Supertópicos, seja ainda no de tópicos discursivos.

[53] A Palestra 3 não apresentou tópicos de transição, porém os segmentos pertencentes ao tópico 6.1 foram retextualizados como tópicos de transição. Essa adaptação deve-se à mudança no desenvolvimento e na organização dos tópicos (processo de retextualização). Os segmentos espalhados na linearidade discursiva se adequaram em parágrafos únicos como comentários, resumos ou fechamentos de tópicos discursivos.

A redução não ocorreu necessariamente no nível mais alto da hierarquia, ou seja, nos Supertópicos e nos Tópicos, esses não foram reduzidos significativamente porque os assuntos generalizantes, de valor central, se mantiveram na retextualização.

Assim, temos uma correlação entre Supertópicos abordados nas palestras e aqueles reestruturados na escrita. Por exemplo, na Palestra 3 (Anexo 2.3), o Supertópico 3 “Universidade”, bem como o Supertópico 6 “Legislação da época” foram desenvolvidos na retextualização como o Supertópico 2 “Universidade” e Supertópico 3 “Formação da sociedade brasileira”, respectivamente. Esse exemplo mostra uma mudança significativa no posicionamento dos Supertópicos dessa palestra, havendo, no momento da retextualização, uma movimentação da hierarquia dos tópicos desenvolvidos.

A grande redução, entretanto, ocorreu nos níveis inferiores da cadeia tópica – subtópicos, sub-subtópicos e sub-subtópicos menores. Entendemos então que, para retextualizar, foi preciso que alguns desses tópicos fossem suprimidos da transcrição por conta da busca pela objetividade e clareza das informações (uma das características do texto dissertativo escrito prototípico). Em geral, esses tópicos corresponderam aos exemplos, análises, comentários, restrições do assunto.

A base da comparação está na visualização dos QTs, por isso percebemos a eliminação desses tópicos. No entanto, isso não significa eliminação do conteúdo abordado nesses segmentos, ou seja, o assunto tratado em alguns sub-subtópicos das Palestras foram reorganizados na escrita em outra formatação tópica, a saber: segmentos tópicos de um parágrafo.

É o que ocorre, por exemplo, com o tópico 5.5 “Plano de Metas UnB”. Esse tópico, no texto falado, foi conduzido de forma a apresentar subtópicos, sub-subtópicos e sub-subtópcios menores, conforme explicitação do método da Universidade para inclusão dos indivíduos negros por meio de cotas: 5.5.1 “Auxílio para permanência dos estudantes negros e índios”; 5.5.2 “Ouvidoria”, 5.5.3 “Programa de apoio à Escola Pública de periferia do DF”, 5.5.3.1 “Cotas para escolas públicas”, 5.5.3.1.1 “Os ricos vão migrar”, 5.5.3.1.2 “Desigualdades” e 5.5.4 “Recorte racial”. Essa delimitação foi feita, principalmente, por elementos típicos da oralidade: entonação, pausa, cadência, além dos MDs. O trecho abaixo ilustra essa ramificação, os referentes que precisam a centração aparecem em negrito.

5.5 [a **Universidade de Brasília** marca de fato um... ponto hisTÓrico... por ser a primeira pública federal a aprovar as cotas... é::: o **PLAno** que nós temos na Universidade... chama-se **plano de metas para integração social étnica e inter-racial da Universidade de Brasília**... então o que nós aprovamos foi um **PLAno de metas**... dentro desse **plano de metas**... as cotas é uma parte... esse **plano de metas** tem uma duração de DEZ anos... é:: o Conselho digamos é:: concede à comunidade dez anos... após dez anos podemos revisar... esse **plano** né?... se continuamos se ampliamos e etecetera... então o **plano** eles são... VINte por cento de cotas para negros... NÓS NÃO temos recorte de escola pública... e não temos recorte de renda... negros... não importa se veio de escola pública... ou particular... e doze vagas para índios em cada vestibular... como eu lhes disse... pela primeira vez... em março desse ano... entraram doze índios é:: na **Universidade Federal de Bra/na UnB**... os ÍNdios não entram por cotas... eles entram através de um acordo com a FUNAI... por vagas extras... e apenas dois índios por cada curso... não é dois índios por curso... eles solicitam o curso que querem entrar... fazem um processo seletivo... na FUNAI... e entram então...] **5.5.1** [( )... a **permanência**... a:: o:: o Conselho também aprovou... TOdos os estudantes negros... de baixa renda... tenham a **bolsa**... a **bolsa** de:: proteção de::: ( )... TOdos os estudantes negros têm... alojamento no:: Centro Estudantil... de preferência um **alojamento**... e tem o **RU**... por preço mais barato... né? o **restaurante universitário**... e estamos lutando agora pra ver se inclui o transporte... porque não tinha sido colocado... inicialmente no plano... e os índios têm a FUNAI com o compromisso também da **bolsa**... e do **alojamento**... ALÉM então para a **permanência** além disso nós temos também uma comissão... **psico/de acompanhamento** das cotas de:: **acompanhamento psicopedagógico**... essa comissão faz-se necessária... porque... é::: trata-se de:: um ambiente extremamente elitizado... e nós temos que **acompanhar** também né? a universidade é um lugar de produção de conhecimento... então nós vamos ver como que vai se dar essa dinâmica... como que vai ser essa assimilação da universidade por parte dos estudantes negros e dos índios...] **5.5.2** [e a **Ouvidoria**... que é um outro Instituto muito importante... que é... que deve servir como uma caixa de ressonância da universidade... a **Ouvidoria** é uma outra luta longa que nós temos na universidade... por quê? porque nós já tivemos casos de racismo na universidade... nós já tivemos casos de:: de estupro... já tivemos casos de assédios sexuais... é:: homofobia... e essas coisas sempre são silenciadas... então a **Ouvidoria**... é uma espécie de caixa de ressonância a universidade também... devolve pra a comunidade... porque é muito abafado geralmente no nosso mundo né?... assim a:: o vulnerável... a **Ouvidoria** seria para todas aquelas pessoas que se encontram em situação de vulnerabilidade... OU pela condição racial... OU pela... identidade sexual... ou pela condição de gênero... ou qualquer outro tipo de vulnerabilidade... é nós ainda não implementamos essa **Ouvidoria**... isso ainda é uma outra luta pela frente...] **5.5.3** [E... **a universidade também oferece**... ao invés de um pré-vestibular... ao invés de fazer um cursinho dentro da UnB... nós optamos por fazer um **programa de APOIO à escola pública da periferia do Distrito Federal**... porque também aquilo que vocês vão perceber é o seguinte... quando a gente fala... a professora Dora vai falar disso também... quando a gente fala da:: de fazer a cota para **escola pública** é preciso compreender o seguinte...] **5.5.3.1** [**a escola pública** não é homoGÊnea... no caso de Brasília... o **plano piloto**... a **escola pública do plano piloto**... tem mais recursos... ela prepara melhor os alunos para o vestibular do que **as escolas de periferia**... então se nós colocarmos cotas para as **escolas públicas** vamos continuar sendo os brancos de classe média do plano piloto que vão entrar na UnB... os estudantes que são das **escolas públicas de periferia** vão ter menos chances...] **5.5.3.1.1** [então essa é:: a questão das cotas é muito complicada... sem contar um **OUtro problema** se nós colocamos cotas pra a escola pública... a classe média alta que no momento presente tem **seus filhos na escola particular... vai miGRAR**... inclusive esse projeto do governo eu acho estranho... eles tão achando... ah ainda bem ainda bem... que aí **os ricos vão migrar pra a escola pública**... eu não acho isso necessariamente bom... façam a seguinte simulação... se os **ricos saírem das escolas particulares**... **e forem para as escolas públicas**... o que que **eles** vão fazer?... **eles** vão ter dinheiro EXtra... pra fazer pra pagar reforço para os **seus filhos**... que vão... os setecentos oitocentos reais que **eles** pagam nas faculdades/nas escolas particulares **eles** vão dar pra fins de

semana... pra cursos noturnos e vão preparar **seus filhos** até meLHOR... nós vamos conceder aos **ricos** melhorar pra que eles entrem na universidade... é capaz de entrar um número maior de **ricos** ainda que já entra...] **5.5.3.1.2** [quer dizer... desculpe a veemência mas quer dizer assim... num país em que você JOga com **vários planos a desigualdade racial é inTENsa**... mas a **desigualdade econômica TAMBÉM é intensa**... **a desigualdade de CLAsse é intensa**... a **desigualdade de capital social é muito alta**...] **5.5.4** [então se você mexer... você tem que saber como mexe senão você piora... então... se nós queremos **combater o racismo** nós temos que ter uma medida... que seja claramente **no recorte racial**... nós podemos **combiná-la** com a escola pública mas não que seja cavalgado com a escola pública... porque eles queriam.../nós podemos **combinar... JUNto com o recorte racial**... você coloca o recorte de escola pública... e pode também recolocar... se quiser... colocar também um recorte de renda..]

(Palestra 2 – linhas 434-500)

Na retextualização, o conteúdo informacional do segmento acima permaneceu, mas a topicalidade do texto escrito se realizou diferentemente, não havendo subordinações em níveis inferiores, ou seja, a organização dos temas abordados foi outra. Quanto à eliminação, apenas o sub-subtópico 5.5.3.1.2 (do texto falado) não foi retextualizado, mas os tópicos restantes foram contemplados na escrita como segmentos constitutivos de um único tópico discursivo, condensados em um único parágrafo.

3.6 [No plano das federais, a **Universidade de Brasília** marca um ponto histórico por ser a primeira universidade pública federal do Brasil a aprovar as cotas. Existe um **plano** denominado "**Plano de Metas para Integração Social, Étnica e Inter-racial**", sendo 20% de cotas para negros e 12 vagas para índios em cada vestibular. Com relação à **permanência** dos estudantes negros nas universidades, o Conselho também aprovou, para os estudantes de baixa renda, **bolsa** de proteção, **alojamento** no Centro Estudantil, **restaurante universitário** por preço mais barato, comissão de **acompanhamento psicopedagógico** e, futuramente **transporte**. A **Ouvidoria** é uma luta longa na universidade, que seria para todas aquelas pessoas que se encontram em situação de vulnerabilidade, ou pela condição racial, ou pela identidade sexual, ou pela condição de gênero. A universidade também oferece, ao invés de um pré-vestibular dentro da UnB, um **programa de apoio à escola pública da periferia**. Porque quando se fala em estabelecer cotas para **escola pública** é preciso compreender que a **escola pública** não é homogênea, no caso de Brasília, a **escola pública do plano piloto** tem mais recursos, ela prepara melhor os alunos para o vestibular do que as **escolas de periferia**. Então, se existir cotas para as escolas públicas, os **brancos** de classe média que no momento presente tem **seus filhos na escola particular**, **vão migrar** para escola pública. Se quiser **combater o racismo** tem de ser uma medida que seja claramente no **recorte racial**]

(Retextualização 2 – parágrafo 20)

Constatamos que a forma como o texto escrito trouxe o assunto à tona permitiu compactar SbTs, SbSbTs e SbSbTs menores em um único tópico. Neste caso, os itens que recobrem o Plano de Metas da UnB foram descritos no interior de um parágrafo. A

delimitação foi marcada pela centração, pela paragrafação e por elementos coesivos pertinentes que não permitiram maiores ramificações.

Com relação à eliminação de Supertópicos constatamos que nas Palestras 1 e 2, o primeiro Supertópico foi dispensado na retextualização, haja vista sua ligação com o contexto comunicativo. A introdução da EF não equivale à introdução de um texto escrito de cunho dissertativo, ou seja, não se usam agradecimentos ou saudações iniciais num texto escrito, pois são marcas evidentes de oralidade e de manifestação da interação situacional. Portanto, o primeiro Supertópico das Retextualizações 1 e 2 não corresponderam ao primeiro das respectivas transcrições.

5.4 A organização dos tópicos

Por conta do processo de retextualização, a organização dos tópicos discursivos das palestras, no plano linear, foi alterada, no texto escrito. Vários são os motivos que levaram a essa modificação: tópicos intercalados por inserções intra ou intertópicas, cronologia temporal de alguns dados apresentados, coerência temática considerando a ordem dos acontecimentos históricos e centração aproximada entre tópicos distantes.

Na Palestra 1 (Anexo 2.1), o Supertópico 8 “Ano 2001” foi intercalado por outro Supertópico, que na realidade, formou a inserção 9, com estatuto tópico[54]. Na retextualização, a inserção recebe outro valor e esse fenômeno passa a ser retextualizado de maneira diferente. No texto escrito, primeiro se apresentou a “inserção”, denominada Supertópico 7 “Exclusão do negro” e, depois, o Supertópico 8 “Ano de 2001”, sem interrupções, portanto.

ST 7 [Certamente, toda essa discussão incomoda. O Brasil não é muito acostumado a tratar com profundidade as suas mazelas, talvez por isso que aquela história do jeitinho brasileiro tenha trazido tantos prejuízos para essa nação, porque se tentou sempre dar um jeitinho e sair pela tangente. Foi, pois, com esse pensamento que em 1888, em vez de o Estado adotar medidas reais para promover a inclusão do negro na sociedade brasileira se buscou atalhos. O primeiro deles foi a criminalização do negro na sociedade brasileira por meio da Lei da Vadiagem, ou seja, aqueles que não tinham domicílio fixo, nem carteira de trabalho poderiam ser presos; o segundo atalho foi a exclusão do negro da cidadania com a proibição do voto do analfabeto; o terceiro foi a adoção de um conjunto de políticas para propiciar a imigração dos eurodescendentes para o Brasil; e o quarto atalho foi a criação da Lei da Terra que proibia

[54] Rever item 3.2.2.3 “Inserções com estatuto tópico”.

escravos e descendentes de escravos que fossem alforriados de serem proprietários de terra. Essas eram as formas que o Estado brasileiro adotou para tangenciar a questão.]

(Retextualização 1 – parágrafo 22)

ST 8 [Mas em 2001 não foi possível sair pela tangente porque a ONU e um conjunto de outros países do primeiro mundo passou a exigir do Brasil não só o cumprimento das convenções que ele tinha assinado em 1968-1969, como também passou a ameaçar o Brasil de que se caso ele não adotasse medidas para reduzir a discriminação racial seria prejudicado na obtenção de empréstimos das agências financeiras internacionais. Em 2001, na Terceira Conferência Mundial Contra o Racismo e Intolerância e Xenofobia realizada em Durban, na África do Sul essa discussão transforma-se em nacional e vira alvo da agenda política brasileira.]

(Retextualização 1 – parágrafo 23)

Alguns Supertópicos tiveram outra recepção no texto escrito. Por exemplo, na Palestra 1 (Anexo 2.1), os Supertópicos 4 e 5 transformaram-se em tópicos na retextualização. Esse caso evidencia a movimentação dos tópicos no plano hierárquico. No texto falado, as subordinações desses Supertópicos foram delimitadas pela mudança de centração, bem como pela leitura das citações. A organização dessas informações no texto falado permitiu a seguinte divisão tópica:

ST 4 4.1 [é:: eu gostaria de **ler um pequeno trecho também deste livro** pra que a gente pudesse se referenciar melhor...] **4.1.1** [**diz o seguinte**: "os avanços obtidos até o momento em benefício da população afro-descendente... são resultados de conquistas do **movimento negro**... que vem a ser o **movimento social** MAIS antigo no Brasil... pois atua... desde os primórdios do escravismo... isto é DESde meados do século dezesseis... a discriminação racial foi... desde o início... inTERna ao sistema... abolida a escravidão em mil oitocentos e oitenta e oito... os afro-descendentes... continuaram a sofrer uma exploração específica... graças... aos mecanismos de exclusão... que acompanham o racismo... romper com essa inércia... reverter os estigmas... recuperar a auto-estima... afirmar a igualdade dos direitos... agir para que a lei garanta... as mesmas oportunidades a todos... têm sido algumas das principais bandeiras do **movimento negro**"...] **Δ2** [e::: essa afirmação é interessante porque... muitos militantes e lideranças da esquerda no Brasil... imaginam que o primeiro movimento social surgiu em torno dos operários... e imaginam o Brasil a partir daí... imaginam o Brasil a partir do anarcosindicalismo... chegado ao Brasil... hã::: no início do século vinte...né? fim do século dezenove e início do século vinte... e só conseguem compreender os movimentos sociais brasileiros a partir... dessa demarcação... e é importante porque está afirmado aqui... que o primeiro movimento e o MAIS antigo deles é o movimento negro brasileiro porque lu/luTAva e luta até hoje pela igualdade mais elementar entre seres humanos...] **4.1.1** [**pois bem**... mais::: a diante o documento **diz o seguinte**... "NA realidade é particularmente a partir da década de mil novecentos e setenta... esse movimento denuncia com veemência a democracia racial como mito... segundo a qual a mestiçagem... seria a formação peculiar brasileira... não existiriam conflitos raciais... a escravidão teria sido benigna... e por fim... o desen/desenvolvimento econômico haveria de desmanchar... os resíduos do preconceito e do racismo e promover... a inclusão... da população negra... o **movimento negro** manifesta-se pois contra uma sociedade que oculta... que esconde... que legitima o estigma... o preconceito e a discriminação... no

entanto até os anos de oitenta... não houve espaço para que o **movimento negro** atuasse no ÂMbito do Estado... Estado que... hisTOricamente tem se mostrado refratário e hostil... a qualquer ação... que desmistifique a ide/a ideologia da democracia racial brasileira... atitude semelhante... é encontrada ainda nos sindicatos e nos partidos..... para os quais a temática racial não é percebida ao menos até os anos de mil novecentos e noventa"...] **TRA** [pois bem... é::: essa/esse essa temática que hoje nós estamos abordando e cuja parte mais visível é a cota...] **ST 5 5.1** [**na verdade** o governo brasileiro numa tentativa... o governo eu diria que o Estado brasileiro... numa tentativa de responder aos reclames dos países do primeiro mundo... JÁ... em mil novecentos e sessenta e oito... no período da ditadura militar no Brasil... o **Brasil assinou... pelo menos TRÊS tratados**... em que se comprometia do ponto de vista forMAL diante das Nações Unidas de que apontaria medidas... CONtra a discriminação racial no Brasil...] **5.1.1** [**o Brasil assinou em mil novecentos e sessenta e oito**... a Convenção cento e onze... da Organização Social do Trabalho concernente à discriminação em matéria de emprego e profissão...] **5.1.2** [AINDA em mil novecentos e sessenta e oito... o Brasil assinou... a Convenção relativa à luta contra a discriminação no campo do ensino...] **5.1.3** [**e AINDA em mil novecentos e sessenta e oito... não em mil novecentos e sessenta e nove... o Brasil assinou** a Convenção Internacional sobre a eliminação de todas as formas de discriminação racial...] **5.2** [**pois bem... E participou... em mil novecentos e setenta e oito e mil novecentos e oitenta e três das duas conferências realizadas pela ONU** contra o racismo a discriminação racial e a intolerância... é curioso nesses/nesses:: dois:: nesses dois aspectos... o primeiro é o seguinte... em mil novecentos e setenta e oito... quando o Brasil participou da primeira com/é:: conferência mundial... neNHUM negro esteve presente representando... o país... quem representou... os negros lá... foi os ministros/ministros é:: e diplomatas do Ministério das Relações Exteriores do Brasil...] **5.2.1** [nenhum ALIÁS que é uma tradição... do Ministério das Relações Exteriores hoje por exemplo... nós estamos numa ação que é intitulada **"Bolsa Prêmio"** para afro-descendentes do **Instituto Rio Branco** e fizemos uma pesquisa... no Ministério das Relações Exteriores do Brasil existe apenas UM por cento de diplomatas negros... sendo que NENHUM deles é embaixador... nenhum... todos eles estão no cargo de primeiro secretário ou segundo secretário... e ficou difícil pro Brasil explicar para os países africanos... como é que era possível... ele querer... transformar as relações... com o continente africano em prioridade nacional sem que isso pudesse ser espelhado na sua relação diplomática... e é por conta disso que o governo adotou esse é:: essa:: essa ação afirmativa que hoje já é sucesso absoluto... em TRÊS anos de existência das ações afirmativas no **Instituto Rio Branco**... JÁ tivemos/já temos hoje presente... no **Instituto Rio Branco**... que nos/nos seus é cento e poucos anos... só chegou a ter no máximo DEZ ou quinze diplomatas já temos hoje em torno de DOze aprovados... COM louvor... através do programa **"Bolsa Prêmio"**... inclusive a (lista) da última turma que foi aprovada ( ) que é uma afro-descendente... e que hoje já está como primeira secretária e que muito em breve a teremos como embaixadora...] **TRA** [então::: é:: é isso é importante relatar... pra que vocês compreendam que... não é NOva esta luta... NEM caiu do céu essa discussão acerca da... política de ação afirmativa no Brasil...]

(Palestra 1 – linhas 95-161)

Ao retextualizar o trecho acima, o autor da retextualização agrupou os tópicos pertencentes à centração do tema em parágrafos específicos, resultando na simplificação dos arranjos textuais. Na transformação da fala para escrita, os Supertópicos 4 e 5 transformaram-se em tópicos do Supertópico 3. O mesmo assunto tratado no texto falado em várias camadas tópicas foi agrupado em uma ramificação específica, na retextualização, a saber: Supertópico 3 "Breve histórico no plano legal" (parágrafo 5),

tópicos 3.1 “Movimento Negro” (parágrafos 6, 7 e 8), 3.2 “Tratados assinados pelo Brasil” (parágrafo 9), 3.3 “Participação do Brasil nas Conferências da ONU” (parágrafo 10), e por fim, um subtópico 3.3.1 “Bolsa-Prêmio” (parágrafo 10).

A passagem do texto falado para o texto escrito, respondeu a formas diferentes de organização temática. No texto falado, o assunto foi identificado e segmentado em tópicos de acordo com as marcas formais, semânticas e orais, que permitiram o agrupamento em níveis hierárquico inferiores. Mas quando esses mesmos tópicos foram retextualizados, houve outra forma de organização, as informações foram centradas em parágrafos.

Ao compararmos os textos falados com os textos escritos, além da reorganização tópica, encontramos também mudanças significativas no que diz respeito à redução de segmentos tópicos, ou seja, remoção de paráfrases, repetições, exemplificações, e à modificação estilística, no campo lexical e sintático.

Selecionamos um exemplo que ilustra tais asserções. O primeiro trecho mostra o desenvolvimento do assunto “críticas contra ações afirmativas” no texto falado, já o segundo, mostra a organização desse mesmo assunto depois do processo de retextualização.

se critica a ação afirmativa com algumas... é::: com alguns elementos que é preciso que a gente... é::: é::... reBAta isso com clareza... a primeira coisa que se diz contra... as ações afirmativas é de que... “a política de ação afirmativa fere o princípio da isonomia... que pede tratamento igual para todos”... **o segundo é** o do MÉrito... **diz-se que** “a sociedade contemporânea não pode abrir não pode abrir mão da excelência... num mundo de ALta competitividade... essa capacidade pessoal revela-se fundamental”... **diz-se também que** “a verdadeira questão a ser enfrentada no Brasil é a econômica... ou seja deve-se desenvolver políticas voltadas para os pobres... esquecendo-se o aspecto racial”... **e se diz também... que** “o Brasil é um país miscigenado dificultando o processo de miscigenação que marcou a história do país... torna-se muito mais difícil... definir quem é negro e quem não é negro... o que impediria a adoção de critérios claros na inclusão dos negros... dos grupos beneficiados”...

(Palestra 1 – linhas 478-489)

Critica-se a ação afirmativa com alguns elementos que é preciso rebatê-los com clareza. **A primeira coisa** que se diz contra as cotas é de que a política de ação afirmativa fere o princípio da isonomia que pede tratamento igual para todos; **o segundo ponto** é o do mérito, diz-se que a sociedade contemporânea não pode abrir mão da excelência num mundo de alta competitividade; **o terceiro**, é que a verdadeira questão a ser enfrentada no Brasil é a econômica, ou seja, devem-se desenvolver políticas voltadas para os pobres esquecendo-se do aspecto racial; **e, a última,** que o Brasil é um país miscigenado por isso torna-se muito mais difícil definir quem é negro de quem não é, o que impediria a adoção de critérios claros na inclusão dos negros dos grupos beneficiados.

(Retextualização 1 – parágrafo 26)

Os segmentos em negrito evidenciam as alterações ocorridas. A modificação estilística, no campo sintático, acontece com a troca do sujeito da oração “é preciso que a gente rebata” para “é preciso rebatê-los”. No campo semântico, acontecem novas opções lexicais para enumerar os dados apresentados: “a primeira coisa”, “o segundo ponto”, “o terceiro (ponto)”, “e a última (coisa)”. Para produção do texto escrito, ocorre, também, a remoção da seguinte repetição, que foi seguida de pausa e hesitação, na fala: “com algumas... é::: com alguns”.

Já a remoção de paráfrases, explicações e exemplificações pode ser visualizada no exemplo abaixo (Palestra 1, Anexo 2.1). O primeiro trecho apresenta a disposição dos tópicos que versam sobre o acontecimento “Marcha Zumbi dos Palmares”, a criação do Grupo de Trabalho Interministerial e a apresentação da Organização Internacional do Trabalho. O segundo trecho mostra como esses tópicos foram modificados internamente devido ao processo de retextualização.

7.3 [**nós tivemos dois grandes acontecimentos importantes...**] **7.3.1** [**o priMEIro feito pela sociedade civil... ou seja o movimento negro... que é a Marcha Zumbi dos Palmares Contra o Racismo e Pela Cidadania e Pela Vida... ocorrida em VINte de novembro de mil novecentos e noventa e cinco... essa marcha foi feita em... Brasília** foi a pri-mei-ra vez que o movimento negro conseguiu reunir em torno de CINQÜENTA MIL pessoas do Brasil inTEIro... que se dirigiram à Brasília e entregaram uma carta... ao presidente da república de então... que era o Fernando Henrique Cardoso... no qual ele se comprometeu em... adotar um conjunto de medidas... que proporcionassem à inclusão do negro na sociedade brasileira...] **7.3.1.1** [e a primeira medida adotada por ele... foi a criação do Grupo de Trabalho Interministerial de valorização da população negra... intitulado... GTI População Negra ligada ao Ministério da Justiça... **esta/este GTI era composto de dezoito pessoas... sendo que DEZ eram representantes governamentais... e oito representantes da sociedade civil... no caso da Bahia... a Bahia tinha DOIS representantes... UM que era O presidente do Bloco afro Ilê Aiyê Antônio Carlos dos Santos... o vovô... e o outro que era presidente do Grupo Cultural Olodum João dos Santos Rodrigues que hoje é mestrando em Direito na UnB em Brasília... tratando sobre tá fazendo mestrado em Direito Público...**] **7.4** [pois bem... é::... AINDA... no ano/na década de noventa... o Ministério do Trabalho e Emprego por conta das **denúncias que as organizações sindicais fizeram à Organização Internacional do Trabalho... sobre a existência no país da discriminação racial... foi criado uma parceria com a OIT e criado o Grupo de Trabalho no sentido de colocar em prática... as ações políticas que promovessem a igualdade de oportunidade e de tratamento no emprego e na profissão... no tratamento da discriminação no emprego e na profissão...**]

(Palestra 1 – linhas 273-294)

Em 1995, ocorreram dois grandes acontecimentos: o primeiro, feito pela sociedade civil, a Marcha Zumbi dos Palmares contra o racismo e pela cidadania e pela vida, realizada em Brasília. Foi a primeira vez que o movimento negro conseguiu reunir em torno de 50 mil pessoas do Brasil inteiro, todas se dirigiram à Brasília e entregaram uma carta ao então presidente da república Fernando Henrique Cardoso, que se comprometeu a adotar um conjunto

de medidas que proporcionassem à inclusão do negro na sociedade brasileira. A primeira delas foi a criação do Grupo de Trabalho Interministerial de valorização da população negra intitulado (GTI), **que surgiu por conta das denúncias que as organizações sindicais fizeram à Organização Internacional do Trabalho sobre a existência no país da discriminação racial. A GTI é formada para colocar em prática as ações políticas que promovessem a igualdade de oportunidade e de tratamento no emprego e na profissão**.

(Retextualização 1 – parágrafo 18)

Nestes exemplos, percebemos que a ordem das informações apresentadas, no texto falado, foi alterada. Na retextualização, o parágrafo inicia com a marcação da data e, em seguida, a apresentação do primeiro acontecimento realizado. Na palestra, este mesmo segmento é introduzido pelo palestrante por meio do pronome "nós", e a marcação do ano de 1995 é feita no final. Nesse mesmo trecho analisado, a paráfrase "movimento negro", antecedida da expressão "ou seja" não foi retextualizada.

As explicações da composição interna do GTI e as exemplificações dos representantes desse grupo "Antônio Carlos dos Santos o vovô" e "João dos Santos Rodrigues", apresentadas no texto falado, não foram contempladas na retextualização.

Houve, também, no final do trecho escrito, o agrupamento das informações relacionadas ao GTI, espalhadas no texto falado. Para retextualizar essas informações, ocorreram novas opções sintáticas e lexicais.

Por conta do processo de retextualização, elementos textuais formulativos do texto falado, tais como as digressões, pausas, truncamentos e repetições foram adaptados aos padrões da escrita. Nesse sentido, o fluir temático de uma modalidade para outra foi alterado. A nosso ver, assistir aos vídeos das palestras certamente é uma experiência diferente de ler os mesmos argumentos na forma escrita. A transposição de modalidades implica, neste caso, uma mudança na recepção dos textos. Perde-se, pois, com a retextualização, os comentários, o gestual, a veemência da fala, a entonação das palavras, enfim, a condução dos tópicos se altera devido à mudança de modalidade e ao processo de retextualização.

5.5 A adaptação e a eliminação das inserções

Ao observarmos as inserções tão presentes nos textos falados de nosso *corpus*, empenhamo-nos em investigar como essas mesmas inserções passariam ou não para o

texto escrito. Conforme o processo de retextualização (MARCUSCHI, 2003), verificamos dois fenômenos principais: eliminação e adaptação.

As inserções intratópicas e intertópicas no texto falado foram perceptíveis pelos truncamentos, mudança de velocidade e ritmo da fala, como também pelo movimento gestual (aspectos orais e visuais). Mas no texto escrito, o encadeamento dessas mesmas ideias, que foram interrompidas (inserção intratópica) ou intercalas (inserção intertópica), deu-se de outra forma:

a) O segmento que englobou o assunto da inserção foi identificado, no texto escrito, como tópico discursivo;
b) O segmento que englobou o assunto da inserção tornou-se parte da centração do tópico cindido, no texto escrito;
c) O segmento que englobou o assunto da inserção foi eliminado, no texto escrito.

Para exemplificar o primeiro caso, tomamos a inserção intertópica (3) da Palestra 1 (Anexo 2.1), responsável por intercalar os tópicos 6.1 “Primeiros movimentos” e 6.2 “Governo Franco Montoro”.

∆**3** [mas ainda assim eu acho importante a gente relatar um pouco o que ocorreu na **década de oiTENta no Brasil**... quando ocorrem **os primeiros movimentos de redemocratização da sociedade brasileira**... porque até AÍ... **a ditadura militar** que foi instalada no Brasil em sessenta e quatro... afirmava... que **a questão racial brasileira era uma questão de SEgurança nacional**... e que portanto **TOdos aqueles que tentassem traTAR deste assunto eram considerados subversivos**... assim como aqueles que lutavam hã:: é::: pelos interesses dos trabalhadores da população brasileira... também foram punidos nesse sentido... presos exilados torturados assassinados... que:: todos hoje conhecem muito bem essa história porque ela está POSta hã:: ao conhecimento de TOdos...] **6.2** [mas naquela época é:: mil novecentos e oitenta... o priMEIro governo estadual a adotar uma política de ação afirmativa... foi o governo Franco Montoro... em São Paulo... em mil novecentos e oitenta e quatro... quando criou... o priMEIro conselho de participação e desenvolvimento da comunidade negra... com o objetivo... de desenhar e implementar políticas de valorização que facilitasse a inserção qualificada da população negra na sociedade paulistana...]

(Palestra 1 – linhas161-175)

A inserção intertópica (3) foi retextualizada de forma a não apresentar caráter digressivo (comentário paralelo), neste caso, a cerca da ditadura militar. No texto escrito, esse mesmo segmento teve outra centração, mais abrangente, e foi entendido

como um ponto de partida para a descrição dos próximos temas, a saber: acontecimentos ocorridos na década de 80. Por essa razão, a inserção (3), acima, se localizou, no texto escrito, em um parágrafo, como Supertópico 4 "Década de 80 – movimentos de democratização", e no parágrafo seguinte, ocorreu a primeira subordinação desse ST, tópico 4.1 "Governo de Franco Montoro", que resgatou, justamente, o tópico 6.2 do trecho acima (texto falado).

No período da ditadura militar, a questão racial brasileira era um tema de segurança nacional, todos aqueles que tentassem tratar desse assunto eram considerados subversivos. Mas, na década de 80, ocorreram os primeiros movimentos de redemocratização da sociedade brasileira.

(Retextualização 1 – parágrafo 11)

O primeiro governo estadual a adotar uma política de ação afirmativa foi o de Franco Montoro (São Paulo), em 1984, quando criou o conselho de participação e desenvolvimento da comunidade negra com o objetivo de desenhar e implementar políticas de valorização que facilitassem a inserção qualificada da população negra na sociedade paulistana.

(Retextualização 1 – parágrafo 12)

Outro exemplo que acusa o fenômeno "a" é a inserção intratópica (6), da Palestra 1 (Anexo 2.1), que interfere no desenvolvimento do tópico 6.5 "Não deixe sua cor passar em branco". No contexto, o segmento encaixado retratou a questão dos Censos Brasileiros.

6.5 [é:::... ainda também... em mil novecentos e oitenta e nove... **ocorre um dado extremamente importante** pra que a gente possa passar a ter visibilidade na sociedade brasileira...] Δ**6** [eu não sei se vocês sabem... mas durante o período da ditadura e também um pouco antes... **os CENsos realizados no Brasil... de mil novecentos e cinquenta... até mil novecentos e oitenta... NÃO constavam o item COR... ou seja... a justificativa era de que a existência do item cor... no censo brasileiro...** pro-vo-ca-ria... ou melhor dizendo **estimularia o racismo** em nosso país... então esse dado que é considerado PREcioso em qualquer país do mundo para que sejam formuladas políticas publicas... no Brasil ele era inexistente... e isso é TÃO FORte que por exemplo essa universidade aqui... a Universidade Estadual de Maringá... também NÃO possui um censo sobre a presença racial nela... e estamos em dois mil e quatro... **as carteiras de identidade no Brasil... também delas foram REtiradas o item raça e cor porque considerava-se também que a iDENtificação dessa presença hã:: racial no Brasil seria algo perigoso e negativo...** estes são alguns dos mecanismos que nós chamamos do racismo institucional brasileiro... que nos invi/invisibiliza e que faz com que... os nossos problemas... as nossas reivindicações... sejam consideradas temporâneas... porque se nós não existimos enquanto pesquisa... se NÓS não existimos enquanto censo... se NÓS não existimos enquanto raça... evidentemente que as nossas reivindicações e as nossas propostas também não existem.... e isso... vem montado pelo aparelho de Estado brasileiro... ao longo de DÉcadas ou

melhor dizendo... de SÉculos...] **6.5** [e é em mil novecentos e oitenta e nove que se desencadeou uma campanha MACIÇA de visibilização do negro nos dados estatísticos cujo o tema foi... "não deixe sua cor passar em branco"... eu tenho orGUlho de dizer... particiPEI dessa campanha... eu já era um militante do movimento negro... na época... eu era diretor... do Grupo Cultural Olodum... do qual eu fui diretor durante DEZ anos... do Grupo Cultural Olodum na Bahia... e nós juntamente com a IBAE... IPCN do Rio de Janeiro... o Instituto de Pesquisa da Cultura Negra... com a UNEGRO em São Paulo... também... a União dos Negros Pela Igualdade... e um conjunto de outras instituições do movimento negro brasileiro empreendemos essa campanha e que foi vitoriosa porque... no ano de mil novecentos e noventa passou-se a incluir de NOvo no censo brasileiro o item raça e cor... e a partir daí que veio a classificação estipulada pelo IBGE... que categorizou em cinco itens hã::/as a identificação de raça e cor no Brasil... hã:: eu volto a repetir eu disse aqui ontem... a indígena... a amarela... a parda... a preta... e a branca... e essa classificação foi FEIta porque... como num primeiro momento foi permitida a auto-declaração de forma aBERta... ocorreu umas coisas muito curiosas... nessa auto-classificação... apareceu trinta e dois tipos de classificação no Brasil... de:: cor de formiga... ((risos)) é... marrom bombom... moreno claro... moreno escuro... é::: chocolate... é::: enfim... cor de canela... TUdo aquilo que... NÃO possibilitava a identificação do cidadão enquanto negro... e isso tinha uma razão CLAra objetiva... que a gente mais adiante vai ver que é o chamado fenômeno de branqueamento... né?... então o IBGE pra evitar esse/essa esse verdadeiro moSAIco de classificação de cor e raça... PAdronizou ele em cinco itens... que certamente expressam aquilo que nós temos no Brasil...]

(Palestra 1 – linhas 212-251)

Na retextualização, esse segmento encaixado foi anteposto aos segmentos do tópico 6.5 acima. A inserção intratópica (6) foi reordenada em um parágrafo e representou, na escrita, o início do tópico 4.4 "Censo brasileiro: item raça e cor", parágrafo 15.

4.4 [Um dado extremamente interessante é que os censos realizados no Brasil de 1950 até 1980 não constavam o item cor, ou seja, a justificativa era de que a existência do item cor no censo brasileiro estimularia o racismo. Foram retirados das carteiras de identidade os itens raça e cor porque se considerava que a identificação dessa presença racial no Brasil seria algo perigoso e negativo para o país.]

(Retextualização 1 – parágrafo 15)

O parágrafo seguinte contém os segmentos do tópico 6.5 que foram rearranjados, na escrita, sem interrupção. Ou seja, aquela inserção do texto falado foi reordenada no início do tópico 4.4 do texto escrito, deixando, portanto, de ser inserção para se constituir como um tópico discursivo.

4.4 [Mas, em 1989 desencadeou uma campanha maciça de visibilidade do negro nos dados estatísticos cujo tema foi "não deixe sua cor passar em branco". Essa campanha foi vitoriosa porque no ano de 1990 passou-se a incluir no censo brasileiro os itens raça e cor e, a partir

disso, surgiu a classificação estipulada pelo IBGE que categorizou em cinco itens a identificação de raça e cor no Brasil, a saber: indígena, amarela, parda, preta e branca. Essa classificação foi feita dessa forma, já que num primeiro momento foi permitida a auto-declaração, e nessa ocorreu algo curioso, pois apareceram 32 tipos de classificação no Brasil: de cor de formiga, marrom bombom, moreno claro, moreno escuro, chocolate, até cor de canela. Assim, para evitar esse verdadeiro mosaico da classificação de cor e raça, o IBGE padronizou em cinco itens que certamente expressam os indivíduos do Brasil.]

(Retextualização 1 – parágrafo 16)

Ainda com relação ao item "a", ressaltamos o enquadramento das inserções com estatuto tópico do texto falado como tópicos discursivos na retextualização. Tais inserções não apresentaram, no texto escrito, valor digressivo.

Algumas inserções parentéticas do texto falado foram mantidas na retextualização, isto é, o segmento equivalente manteve-se e foi diluído na composição tópica que lhe era comum (item "b).

A inserção intratópica (2), da Palestra 3 (Anexo 2.3), intercala os segmentos do tópico 2.1 "Tema da discussão".

2.1 [bem... o tema que nos foi dado hoje... em nossa discussão hoje... ela passa... pela/o direito... é::: de ações afirmativas ou seja que direitos têm a população negra de estar pleiteando demandando exigindo ações afirmativas na universidade...] Δ**2** [acho QUE::: hoje nós já fizemos várias discussões acho que no momento do debate né? não necessariamente só a fala que eu vou fazer mas todas as outras anteriores devem ser... e podem ser trazidas porque nós fazemos... uma continuidade **um tema extremamente importante... tem uso complexo... e especialmente dolorido...**] **2.1** [quer dizer... na verdade discutir relações raciais significa... expor... o nosso ser... ao outro né? quer dizer... nos apresentar ao outro com... as vicissitudes naquilo que é viver... crescer... estudar... formar... trabalhar numa sociedade racista como é a sociedade brasileira... portanto todos nós pretos e brancos sem dúvida nenhuma temos... sofrimento ao fazer discussões desse tipo...

(Palestra 3 – linhas 16-26)

Essa inserção foi transposta para o texto escrito como segmento constituinte do Supertópico 1 "Introdução", não evidenciando, portanto, ruptura do fluxo informacional.

ST 1 [Esta discussão passa pelos direitos que a população negra tem de pleitear ações afirmativas nas universidades brasileiras. **Trata-se de um tema extremamente importante, de uso complexo e especialmente dolorido para a sociedade**. Todos os indivíduos, pretos e brancos, sem dúvida, apresentam sofrimento ao fazer discussões desse tipo. A contribuição desse texto é colocar sobre os diversos pontos de vista questões fundamentais sobre o assunto para que se possa compreender o que significa a reserva de vagas nas universidades brasileiras para a população negra, especialmente.]

(Retextualização 3 – parágrafo 1)

Outras inserções, porém, foram eliminadas (item “c”), principalmente aquelas relacionadas ao evento comunicativo, é o caso das interrupções situacionais.

Os trechos abaixo ilustram a eliminação da inserção intratópica (12) da Palestra 2 (Anexo 2.2).

5.3 [e nos critérios de seleção do mestrado doutorado... vamos ver se estão realmente pegando os melhores alunos a cada vez... aí vamos ver?... a pós-graduação...] Δ**12** [-- **desculpa tá bom? é eu peço dez minutos... mas acho que é importante esse remate** --] **5.3** [a pós-graduação ela é em todo o país... na verdade um critério de preferência... a pós-graduação nunca foi universalista... porque o vestibular ele pousa de universalista... porque se é que são todos anônimos né? mas a pós-graduação não... você tem entrevista... e além disso você tem interesse de pesquisa... quer dizer de fato... um estudante quando ele postula pra entrar na universidade num doutorado ele se apresenta pra uma banca... em UM departamento em um con/em um programa de pós-graduação... que tem linhas de pesquisa...]

(Palestra 2 – linhas 363-372)

3.4 [A pós-graduação é em todo o país, na verdade, um critério de preferência, nunca foi universalista, porque o vestibular pousa de universalista, todos são anônimos, mas a pós-graduação não, tem entrevista e, além disso, tem interesse de pesquisa, quer dizer, de fato, um estudante quando postula entrar, se apresenta para uma banca em um departamento, em um programa de pós-graduação com linhas de pesquisa.]

(Retextualização 2 – parágrafo 18)

A eliminação das inserções, no entanto, não recobriu somente os casos relacionados às interrupções situacionais. A inserção intertópica (5) da Palestra 1 (Anexo 2.1) não foi retextualizada. Na escrita, a passagem de um tópico para outro foi marcada pela paragrafação.

6.3.1 [e... DOIS monumentos são tombados... o primeiro... o Terreiro de Candomblé da Casa Branca... na Bahia... em mil novecentos e oitenta e quatro... é o terreiro pra quem não sabe é a casa religiosa de tradição da:: matriz africana no Brasil mais antiga... ela deve ter em torno de duzentos e dez... duzentos e vinte anos... de existência...] **6.3.2** [o segundo... a Serra da Barriga... no estado de Alagoas... em mil novecentos e oitenta e seis... que é onde ocorreu o MAIOR levante... com maior durabilidade... da comunidade negra brasileira contra a escravidão... durou aproximadamente seTENta anos... de mil seiscentos e vinte e cinco até mil seiscentos e noventa e cinco... quando na verdade se criou ainda no estado paralelo naquela região que na época era/coincidia:: coincidia não... era:: era PARte de Pernambuco e de Alagoas... que era... que foi conhecido e ainda é bastante conhecido como Quilombo dos Palmares... cujo grande líder foi Zumbi.. ao qual hoje está é incluso dentre os heróis nacionais... a partir de mil novecentos e noventa e cinco... mil novecentos e noventa e cinco quando dos trezentos anos... da sua morte... aí também por conta disso... dia vinte de novembro é considerado... o dia NACIONAL da Consciência Negra...] Δ**5** [**é:::... pois bem... AINDA na década de oitenta e é importante fal/fazer esse paralelo pra que a gente perceba o QUANto o processo democrático É importante... para que a gente oco/conquiste... é:: vitórias sociais... pra que a população brasileira possa se organizar melhor pra que a população brasileira possa viver melhor**

pra a população brasileira possa é::: ter melhores dias de trabalho melhor ensino melhor saúde... o período em que há a derrocada da ditadura também é o período em que o movimento negro cresce também é o período que o movimento negro se organiza... também é o período que o movimento negro tem conquistas...] **6.4** [em mil novecentos e oitenta e oito... é promulgada a Constituição... a NOva Constituição Federal Brasileira... oriunda da Assembléia Nacional das Constituinte... e é neste ano que pela primeira vez se INCLUI na constituição brasileira de que o racismo é crime... a lei conhecida na época como lei CAÓ... do deputado federal Carlos Alberto de Oliveira... eLEIto pelo Rio de Janeiro porém baiano JORnalista... que foi presidente do sindicato dos jornalistas do Rio de Janeiro... e:: essa constituição que era chamada constituição cidadã... deixa explícito é::: no seu conteúdo a CRIminalização do racismo...]

(Palestra 1 – linhas 184-212)

4.2 [Em 1980, se descobre pelo IPAN um patrimônio cultural brasileiro. Dois monumentos são tombados: o primeiro, o Terreiro de Candomblé da Casa Branca, na Bahia, em 1984, a mais antiga casa religiosa de tradição da matriz africana; o segundo, a Serra da Barriga, no estado de Alagoas, em 1986, onde ocorreu o maior levante da comunidade negra brasileira contra a escravidão e durou aproximadamente 70 anos (de 1625 até 1695), quando se criou entre Pernambuco e Alagoas a região que ficou conhecida como Quilombo dos Palmares.]

(Retextualização 1 – parágrafo 13)

4.3 [Em 1888, é promulgada a nova Constituição Federal Brasileira, que apresenta o racismo como crime, trata-se da lei CAÓ, do deputado federal Carlos Alberto de Oliveira.]

(Retextualização 1 – parágrafo 14)

Observamos, também, que a maioria das inserções intratópicas da Palestra 3 (Anexo 2.3) foram eliminadas na retextualização. No texto falado, as inserções intratópicas (9) e (10) somavam comentários sobre a Lei Abolicionista, neste caso o sub-subtópico 6.1.4.1 "Lei do Ventre Livre" foi duas vezes intercalado por avaliações da palestrante. Mas no texto escrito, as inserções não foram contempladas, e os segmentos foram retextualizados em um único parágrafo 29, subtópico 4.3.3 de mesmo nome.

6.1.4.1 [se nós pegarmos as Leis Abolicionistas nós vamos ver a mesma coisa... a Lei do Ventre Livre... que vai de-ter-mi-nar que os bebês que nasçam a partir da edição da lei... são livres... mesmo que de ventre escravo...] Δ**9** [**e tem umas literaturas muito interessantes que fazem apologias fantásticas a essa lei dizendo... de quanto o governo brasileiro foi fantástico e foi BOM... ao conseguir fazer o milagre de libertar o fruto de um ventre escravo...**] **6.1.4.1** [nesse movimento do/da libertação do ventre escravo e que todos nós tamBÉM aprendemos na escola... que a Lei do Ventre Livre foi a nossa primeira Lei Abolicionista... no parágrafo primeiro desta mesma lei... ela vai dizer quem são e como que ficam esses meninos ou esses bebês livres que depois foram chamados de ingênuos... até os oito anos eles ficavam sob posse do senhor da mãe... a partir dos oito anos o senhor da mãe decidia... se mandava essas crianças PAra o governo naquilo que seria as casas os reformatórios...] Δ**10** [**e daí vejam na estrutura**

de órfão... mas órfão de que se na verdade eles eram tirados das mães para ir pra essas casas...] **6.1.4.1** [OU.... num padrão eventualmente mais gentil... ele dizia que ficaria porque ele podia decidir isso... com a criança até os vinte e um anos de idade... significando QUE... a liberdade cantada para aquele ventre livre... era uma liberdade que estava absolutamente limitada há... no MÍnimo vinte e um anos de trabalho escravo... quando ela dizia que o bebê era livre...]

(Palestra 3 – linhas 321-338)

4.3.3 [As Leis Abolicionistas vão dizer o mesmo. A Lei do Ventre Livre, por exemplo, vai determinar que os bebês que nasçam a partir da edição da lei serão livres, mesmo que de ventre escravo. O primeiro parágrafo desta mesma lei vai dizer qual o destino desses bebês livres, denominados posteriormente de ingênuos. Até os oito anos ficavam sob posse do senhor da mãe, a partir dos oito anos o senhor da mãe decidia se mandava essas crianças para o governo, naquilo que seria os reformatórios, ou num padrão mais gentil, dizia que ficaria com a criança até os vinte e um anos de idade. Isso significa que, a liberdade cantada para aquele ventre livre, era uma liberdade que estava absolutamente limitada há no mínimo vinte e um anos de trabalho escravo, quando, ao contrário, a lei dizia que o bebê era livre.]

(Retextualização 3 – parágrafo 29)

Os segmentos acima que ilustram o fenômeno da eliminação revelam a retirada de inserções parentéticas que propunham esclarecimentos, comentários, exemplificações e que evidenciavam, sobretudo, a posição dos palestrantes diante do assunto exposto (item “c”). Por outro lado, inserções parentéticas que apresentaram esse mesmo propósito comunicativo permaneceram no texto escrito como segmento interno do tópico discursivo (item “b”).

Nesse sentido, entendemos que o processo de retextualização efetuado com essas palestras mostrou não só a eliminação de tópicos discursivos localizados nos níveis mais baixos da organização tópica (SbT, SbSbT e SbSbT menores) e de inserções parentéticas, mas o apagamento de informações que direcionavam a argumentação do texto falado.

5.6 Principais ocorrências: comparação

Neste capítulo, estabelecemos a comparação entre a organização tópica das palestras e a organização tópica das retextualizações. As análises realizadas comprovaram a modificação desses textos do ponto de vista da topicalidade, devido ao processo de retextualização.

Sintetizamos os resultados dessa comparação, no quadro seguinte:

Quadro 21: Sistematização das ocorrências – comparação

ITENS	TEXTO FALADO	TEXTO ESCRITO
Identificação dos tópicos	Grau de dificuldade maior.	Grau de dificuldade menor.
Recursos utilizados para segmentação e condução dos tópicos	Utilização de elementos da língua oral: inserções, marcadores discursivos e pausas, entonação.	Utilização de elementos da língua escrita: paragrafação e coesão textual.
Delimitação dos tópicos	Tendência para segregação de segmentos tópicos.	Tendência para o agrupamento de segmentos tópicos.
Quadros Tópicos	Divisão tópica em número elevado de níveis hierárquicos.	Divisão tópica em número reduzido de níveis hierárquicos.
Centração tópica	Identificação realizada por meio de referentes mais restritivos.	Identificação realizada por meio da paragrafação (unidade de sentido mais generalizante).
Rótulo dos tópicos	Centração em contexto restritivo.	Centração em contexto amplo.
Movimentação dos tópicos	Presença de Supertópicos relacionados ao contexto situacional; Disposição subordenada dos tópicos (ramificação complexa) Apresentação descontínua dos tópicos no plano linear devido às inserções; Posicionamento hierárquico de tópicos discursivos.	Eliminação desses Supertópicos; Disposição superordenada (ramificação simples); Reordenação desses tópicos; Movimentação da hierarquia desses tópicos desenvolvidos.
Nível intratópico	Tendência para descontinuidade tópica: promovida pela presença de inserções.	Tendência para continuidade tópica: promovida pela coesão textual e pontuação.
Inserções	Presença de segmentos parentéticos (comentários, exemplos, esclarecimentos); Presença de inserções que provocam desvio tópico, interrupção situacional e parênteses.	Transformação dos segmentos parentéticos em tópicos discursivos ou parte da centração de um tópico em andamento; Força argumentativa desses segmentos; Eliminação desses elementos

CONCLUSÃO

A linguagem exerce grande importância em nossas experiências de vida. Seja qual for o uso que façamos dela ou o contexto em que ela esteja inserida, manifestamos todos os dias pelo menos duas formas de comunicar por meio da língua: a fala e a escrita. Cientes disso, sabendo que a linguagem permanece intrínseca a nós, presente em tudo e em todos, realizamos essa pesquisa para compreender os diferentes processos que envolvem a construção de textos falados e escritos, e para evidenciar, sobretudo, as relações dessas modalidades no que diz respeito à topicalidade.

Calcados na visão sociointeracionista, nos preceitos da AC e da LT, tendo, ainda, como ponto de partida o *continuum* estabelecido por Marcuschi (2003), selecionamos, para este trabalho, um *corpus* restrito de análise, composto por três EFs (palestras) e suas respectivas retextualizações do evento "VI Encontro – O negro na Universidade: o direito à inclusão", constantes do Projeto de Ensino BDM da UEM.

Dadas as características do *corpus*, observamos, principalmente, a proximidade macroestrutural e, assim, nos questionamos sobre a organização dos assuntos desenvolvidos nesses textos. Em função disso, estabelecemos o tópico discursivo como categoria analítica de pesquisa e propusemos realizar um estudo comparativo que evidenciasse a organização tópica das palestras e das retextualizações escritas.

Para tanto, foi preciso, primeiramente, adequar as transcrições das palestras conforme as convenções do NURC. Pontuamos que a realização dessa etapa foi essencial para atender ao nosso objetivo principal, porque as marcações da oralidade que foram evidenciadas nos textos selecionados fundamentaram os resultados descritivos da segmentação tópica das palestras.

Tendo em vista o objetivo proposto, realizamos leituras específicas sobre o tópico discursivo para subsidiar a parte metodológica deste trabalho. Sendo assim, estabelecemos passo a passo a identificação dos tópicos dos textos falados e escritos, conforme Jubran et al. (2002), ou seja, norteados pelo princípio da centração e suas propriedades definidoras. À luz da teoria desses autores, descrevemos, também, os planos organizacionais (vertical e linear) a partir da construção de Quadros Tópicos e de tabelas explicativas. Ao realizar essas etapas percebemos, no entanto, que a identificação dos elementos responsáveis pela segmentação tópica dos textos

selecionados foi além do princípio da centração. Por conta disso, fizemos um detalhamento desses elementos que justificaram a formação dos Quadros Tópicos.

Nesse sentido, o estudo apresentado se diferenciou daqueles que já abordavam a organização tópica de textos falados (a conversação, por exemplo), mas, principalmente, se destacou porque trouxe uma abordagem da organização tópica também no texto escrito. Em outras palavras, apresentamos uma descrição exaustiva dos elementos responsáveis pela caracterização de mecanismos que envolvem a topicalidade, isto é, a entrada, a condução, a manutenção, a mudança, a transição, o fechamento de tópicos discursivos foram marcados por: inserções intratópicas, inserções intertópicas, inserções com estatuto tópico, marcadores discursivos, pausas, marcas metadiscursivas, interativas e enunciativas, coesão textual e paráfrase resumidora, para o texto falado; paragrafação e coesão textual, para o texto escrito.

Essa descrição deu consistência, sobretudo, na comparação aqui pretendida e evidenciou, também, um panorama da topicalidade dos textos selecionados. O estudo realizado mostrou que tanto a fala como a escrita são coesiva e coerentemente ordenadas, mas que cada uma utiliza recursos considerados mais adequados na sua realização linguística e, particularmente, na sua estruturação tópica.

Assim revelamos que a centração, de fato, se caracterizou como o elemento primordial para identificação dos tópicos discursivos das palestras e das retextualizações (Jubran et al. 2002). Demonstramos, entretanto, que ela não pode ser apreendida de forma isolada, muito pelo contrário, deve ser estudada ao lado de suas propriedades intrínsecas (concernência, relevância e pontualização) e de outros fatores que legitimam a delimitação tópica, como os MDs, para o texto falado, e a paragrafação, para o texto escrito. Observamos, também, que as retomadas, repetições ou reiterações, no bojo do processo de referenciação, revelaram-se, neste trabalho, como procedimentos de manutenção do tópico discursivo em andamento.

As inserções, tão presentes na constituição de textos falados, também apareceram nas palestras aqui analisadas, e atuaram na estruturação tópica, muito especialmente, na delimitação (entrada, condução e fechamento) dos tópicos discursivos.

A inserção intertópica, por estar localizada entre tópicos discursivos, assumiu a função de encerrar um tópico, interrompendo-o com outra centração e provocando mudança tópica.

A inserção intratópica, por cindir um tópico discursivo em dois segmentos, atuou como mecanismo formulativo do próprio tópico, pois se configurou como parte de seu desenvolvimento, como composição e movimentação interna dos tópicos, agindo, portanto, na condução tópica. Em nossas análises, essas inserções apresentaram, na maioria das vezes, um ralentamento na progressão tópica, pois romperam o encaminhamento temático para incluir comentários opinativos.

Em menor escala, as inserções com estatuto tópico, encontradas especificamente na Palestra 1, evidenciaram uma brusca interrupção no fluir temático. Constatamos que o aparecimento dessas inserções justifica-se pelo contexto sócio-comunicativo atípico – substituição do palestrante – fato que culminou em um planejamento local de sua fala. A EF, segundo Brait (1999), prevê comumente uma organização temático-composicional anterior, mas neste caso, isso não ocorreu. Diferentemente, os outros palestrantes marcaram previamente a ordenação dos assuntos que seriam abordados nas suas palestras, apresentando um roteiro que guiou toda apresentação.

Outros fenômenos característicos da oralidade também delimitaram a segmentação dos tópicos das palestras – os MDs e as pausas. A delimitação foi marcada pela abertura, pela condução e pelo fechamento dos tópicos discursivos (nível intratópico). Ao lado das pausas, o MD *pois bem* atuou na introdução dos tópicos, o MD sequencial *então,* no desenvolvimento dos tópicos, e o MD *né,* no encerramento. Já os marcadores *mas* e *então* e suas formas combinadas *mas então, mas vejam, então vejam,* sinalizaram a retomada dos tópicos discursivos após inserção ou engataram digressão opinativa. Os MDs e as pausas marcaram, também, a cada nova centração, um novo tópico, ou seja, estiveram presentes na mudança tópica (nível intertópico). Os MDs *daí que, bom, primeiro ponto* e *segundo ponto* evidenciaram exatamente essa relação entre os tópicos.

Com a descrição da organização tópica das palestras e das retextualizações, mostramos, também, o tópico de transição como uma estratégia de articulação intertópica, atuando na transição gradativa de um tópico para outro. Nas palestras, o tópico de transição foi localizado, na maioria das vezes, entre Supertópicos, ou seja,

provocando mudança de centração, encaminhamento a ordenação dos principais assuntos. Nas retextualizações, o tópico de transição foi identificado como um ou mais parágrafos que comentavam, mediavam, resumiam, encerravam o tópico anterior, revelando-se como elemento primordial na ordenação temática e composicional do texto escrito.

A hierarquia dos Quadros Tópicos desse trabalho apresentou uma proposta diferente daquela mencionada pelo Grupo Organização Textual-Interativa do PGPF (Jubran et al. 2002). Nesta pesquisa, dividimos os tópicos a partir da seguinte ramificação: Supertópicos, Tópicos, Subtópicos, Sub-subtópicos e sub-subtópicos menores. A utilização dessa metodologia possibilitou mostrar outra estratégia responsável pela segmentação tópica do texto falado – a exemplificação. Ou seja, no momento de descrever a topicalidade das palestras e justificar a ramificação realizada no plano vertical, os segmentos identificados como sub-subtópicos e sub-subtópicos menores configuraram-se como exemplificações de um tópico que já havia sido subordinado anteriormente pela mudança de centração. Sendo assim, a exemplificação atuou na segmentação de tópicos e no surgimento de níveis hierárquicos inferiores do texto falado.

A citação, recorrente na produção de textos dissertativos prototípicos da escrita, esteve presente também nas palestras. No texto falado, sua entrada foi marcada por elementos que facilitaram na segmentação dos tópicos em níveis hierárquicos. Aspectos da oralidade como a entonação e as pausas, utilização de verbo *dicendi*, somados aos elementos extralingüísticos, como os gestos e olhares direcionados ora para plateia, ora para o texto de apoio, auxiliaram na identificação e delimitação desses tópicos nas palestras. Já no texto escrito, a delimitação dos tópicos que continham citações foi realizada pela disposição gráfica dos parágrafos e identificada pela centração ampla.

Com relação, ainda, aos elementos responsáveis pela segmentação tópica do texto falado, descrevemos as marcas interativas, enunciativas e metadiscursivas que atuaram, principalmente, na condução dos tópicos discursivos. O encaminhamento e a organização dos temas das palestras foram indicados por alguns pronomes *eu, vocês, nós, a gente*. Tais marcas revelaram não só mais uma estratégia que envolve a topicalidade de textos falados, mas uma forma de organizar os tópicos via falante responsável, de interagir, de mostrar o ponto central do tópico em andamento.

Descrevemos, também, o papel da coesão textual na segmentação dos tópicos das palestras e das retextualizações. No texto falado, a coesão referencial firmou-se como estratégia de manutenção tópica, agindo ao lado da centração. Além de realizar a segmentação dos tópicos das palestras em um mesmo nível hierárquico, a coesão sequencial auxiliou, também, no reconhecimento de referentes centrais, atuando, portanto, na condução tópica. No texto escrito, os elementos de coesão textual apareceram de forma marcante, principalmente, na manutenção tópica, na sustentação da coerência e unicidade do parágrafo. A coesão sequencial, especialmente, também segmentou tópicos do texto escrito.

A paráfrase resumidora mostrou-se na construção da topicalidade do texto falado como mecanismo de formulação textual, realizando a reiteração de pontos centrais do tópico em andamento ou finalizando tópicos. O conteúdo da paráfrase resumidora direcionou, sobretudo, a centração do tópico em andamento, auxiliando na identificação dos tópicos das palestras.

Evidenciamos, neste trabalho, a descrição da topicalidade das retextualizações por meio da imbricação de três elementos: centração, paragrafação e coesão textual. Nosso estudo mostrou que a organização tópica do texto escrito reflete na sua própria estruturação – divisão do texto em parágrafos. Com isso, descrevemos a relação entre o tópico discursivo e o parágrafo: um tópico correspondeu a um parágrafo; um parágrafo correspondeu a mais de um tópico; um ou mais parágrafos corresponderam a um tópico. Essas situações foram explicadas, essencialmente, pelo princípio da centração.

A partir do levantamento desses dados, realizamos a comparação da topicalidade descrita nas palestras com a topicalidade encontrada nas retextualizações. Em nossa análise comparativa, constatamos que houve, de fato, mudanças na organização tópica desses textos.

Verificamos que, no momento de retextualizar, a questão organizacional prevaleceu, pelo princípio da centração, na divisão e distribuição dos tópicos em parágrafos. Por outro lado, a delimitação dos tópicos das palestras foi marcada pelos recursos de formulação e constituição do texto falado, citados anteriormente. Ou seja, quanto à identificação e segmentação tópica desses textos, ocorreram diferenças significativas.

Por meio da elaboração dos Quadros Tópicos, dispomos o plano hierárquico da constituição das palestras e das retextualizações e observamos que, no primeiro, se deu maior ramificação, isto é, os tópicos foram distribuídos de maneira horizontal, mostrando que o discurso dos palestrantes se organizou no sentido de abrir cada vez mais tópicos, de expandi-los, utilizando exemplos e comentários; já o segundo apresentou uma disposição mais vertical, significando que um tópico apareceu após o outro, em uma mudança gradativa.

A comparação da organização tópica do texto falado com o texto escrito se realizou, efetivamente, por meio da compreensão do contexto de produção das retextualizações deste trabalho, que envolveu: redução, substituição, eliminação, adaptação, reordenação e movimentação interna dos tópicos.

A análise comparativa evidenciou que a redução dos tópicos das retextualizações se deu nos níveis mais baixos da cadeia tópica. Os Supertópicos e os tópicos que traziam os assuntos centrais desenvolvidos nas palestras foram mantidos no texto escrito.

O item substituição recobriu a alteração nos rótulos dos tópicos das palestras para determinar a centração do texto escrito, com novo enfoque. Houve modificação, também, na própria escolha sintática e lexical do texto escrito, ou seja, na construção interna dos tópicos.

Com relação à eliminação dos tópicos, observamos que, na passagem do texto falado para o texto escrito, houve o apagamento de tópicos localizados em níveis inferiores da cadeia hierárquica (sub-subtópicos e sub-subtópicos menores) e a eliminação de inserções parentéticas (comentários, esclarecimentos, explicações). Isso foi possível devido à metodologia utilizada para construção dos Quadros Tópicos, que previa, justamente, o detalhamento exaustivo dos níveis hierárquicos.

Percebemos com isso que a passagem do texto falado para o texto escrito foi marcada por seleções de partes textuais (informações e argumentos) consideradas pelo autor da retextualização mais importantes, como também por edições, compactações e agrupamentos de porções textuais que revelaram alterações em vários níveis: semântico, lexical e sintático.

A análise comparativa mostrou que essas alterações na topicalidade dos textos escritos ocorreram devido ao processo de retextualização explicitado neste trabalho que

interferiu não só na questão argumentativa do texto base, mas revelou o próprio contexto da atividade de retextualizar. Em outras palavras, a retextualização pressupõe um autor que retextualiza, ou seja, alguém que modifica e que faz as escolhas lexicais, que seleciona as informações, que altera a organização sintática e, que por conta disso, altera também a construção dos argumentos do texto original. A nosso ver, esse fenômeno merece ser revisto em trabalhos futuros que enfoquem análises textuais e discursivas sobre a argumentação.

Como afirmamos anteriormente, os tópicos das palestras de camadas hierárquicas inferiores não foram retextualizados. Também não foram retextualizados os Supertópicos iniciais que traziam saudações e agradecimentos típicos da modalidade oral. Houve, pois, modificação na ordenação dos tópicos. Mostramos, também, que alguns tópicos tiveram outra recepção no texto escrito, devido à descontinuidade apresentada no texto falado.

Da mesma forma, algumas inserções também não foram retextualizadas, principalmente, aquelas relacionadas à situação comunicativa. As inserções parentéticas, no entanto, foram adaptadas, inseridas na própria constituição do tópico ou transformadas em tópicos discursivos. Percebemos que outras inserções, de mesmo estatuto parentético (comentários, explicações, esclarecimentos) foram eliminadas na construção do texto escrito. Julgamos que o estudo das inserções revelado nesta pesquisa e o próprio processo de escolha, adaptação e eliminação dessas inserções parentéticas, merecem ser investigados, mais profundamente, em estudos posteriores.

Refizemos o caminho percorrido para realização dessa pesquisa, a fim de expor o cumprimento dos objetivos que aqui foram estabelecidos. As etapas foram sendo descritas e relacionadas justamente com o intuito de mostrar que embora apresentem semelhanças macroestruturais, as palestras e as retextualizações apresentam mudanças na topicalidade.

A análise da transformação de palestras em textos dissertativos escritos se revelou muito produtiva, pois possibilitou uma compreensão das possibilidades de organização e delimitação tópicas dentro da modalidade oral e da modalidade escrita. Cremos que nosso trabalho evidenciou movimentos linguístico-textuais que consideramos essenciais para leitura e produção de textos do cotidiano escolar, bem

como para o domínio de discursos frequentes na sociedade, como o texto jornalístico, por exemplo.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Maria Lúcia da Cunha Victorio de Oliveira. As escolhas lexicais e o desenvolvimento do tópico discursivo nos diálogos do NURC/SP. In: PRETI, Dino. (Org.). *Léxico na língua oral e na escrita*. São Paulo: Humanitas, 2003, pp. 103-117.

BENITES, Sônia Aparecida Lopes. *Contando e fazendo a história: a citação no discurso jornalístico*. São Paulo: Arte e Ciência, 2002.

BENITES, Sônia Aparecida Lopes; CAMPOS, Michela Alves; CARVALHO, Jairo de; OLIVEIRA, Alaor Gregório de; SOUZA, Valdeir Gomes de. *Relatório do VI Encontro O negro da Universidade: o direito à inclusão*. Disponível em <http://www.pen.uem.br/relatorio_final_forum.pdf> Acesso em 20 set. 2008.

BENTES, Anna Christina; RIO, Vívian Cristina. Razão e rima: reflexões em torno da organização tópica de um *rap* paulista. In: KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; BENTES, Anna Christina; REZENDE, Renato Cabral. *Caderno de estudos linguísticos: o tópico discursivo*. Campinas, 2006, pp.115-124.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral I*. 4.ed. Campinas, SP: Pontes, 1995.

BRAIT, Beth. Elocução Formal: o dinamismo da oralidade e as formulações da escrita. In: PRETI, Dino (Org.). *Estudos de língua falada variações e confrontos*. 2.ed. São Paulo: Humanitas, 1999, pp.88-108.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. Apresentação Projeto Gramática do Português Falado. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de (Org.). *Gramática do Português Falado*. Volume I: A ordem. 4.ed.rev. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2002, pp.9-18.

DUCROT, O. *O dizer e o dito*. Campinas: Pontes, 1987.

FÁVERO, Leonor Lopes. O tópico discursivo. In: PRETI, Dino (Org.). *Análise de textos orais*. São Paulo: Humanitas, 2001, pp. 33-54.

FÁVERO, Leonor Lopes; ANDRADE, Maria Lúcia da Cunha Victorio de Oliveira; AQUINO, Zilda Gaspar Oliveira de. *Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna*. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. O par dialógico pergunta-resposta. In: JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça (Orgs.). *Gramática do Português Culto Falado no Brasil*. Volume I. Construção do texto falado. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2006, pp.133-166.

FLORES, Onici; SILVA, Mozara Rosseto. *Da oralidade à escrita uma busca da mediação multicultural e plurilinguística*. Canoas: Editora da ULBRA, 2005.

GAGO, Paulo Cortes. *Questões de transcrição em análise da conversa*. Veredas, Juiz de Fora, v. 11, n. 2, pp. 89-110, jul./dez. 2002.

GALEMBECK, Paulo de Tarso. O tópico discursivo: procedimentos de expansão. In: PRETI, Dino (Org.). *Diálogos na fala e na escrita*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2005, pp. 277-297.

_____. Correlação entre descontinuidade tópica e alternância de tipos textuais em programas de entrevistas e debates. In: KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; BENTES, Anna Christina; REZENDE, Renato Cabral. *Caderno de estudos linguísticos: o tópico discursivo*. Campinas, 2006, pp.135-142.

GARCEZ, Pedro de Moraes. A perspectiva da Análise da Conversa Etnometodológica sobre o uso da linguagem em interação social. In: LODER, Letícia Ludwig; JUNG, Neiva Maria (Orgs.). *Fala-em-interação social: uma*

introdução à Análise da Conversa Etnometodológica. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2008, pp. 17-38.

GARCIA, Othon Moacir. *Comunicação em prosa moderna*. 22.ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2002.

HILGERT, José Gastón. Parafraseamento. In: JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça (Orgs.). *Gramática do Português Culto Falado no Brasil*. Volume I. Construção do texto falado. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2006, pp.275-299.

JACCOUD; Luciana; BEGHIN, Nathalie. *Desigualdades raciais no Brasil: um balanço da intervenção governamental*. Brasília: IPEA, 2002.

JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi; RISSO, Mercedes Sanfelice; URBANO, Hudnilson; FÁVERO, Leonor Lopes; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; MARCUSCHI, Luiz Antônio; TRAVAGLIA, Luiz Carlos; SILVA, Maria Célia Perez de Souza e; ANDRADE, Maria Lúcia Victorio de Oliveira; AQUINO, Zilda Gaspar Oliveira de; SANTOS, Maria do Carmo de Oliveira Turchiari. Organização tópica da conversação. In: ILARI, Rodolfo (Org.). *Gramática do Português Falado.* Volume II. Níveis de análise linguística. 4.ed.rev. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2002, pp.341-377.

JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi. Inserção: um fenômeno de descontinuidade na organização tópica. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de (Org). Gramática do Português Falado. Vol. III. As abordagens. 3.ed. Campinas, SP: Unicamp, 2002, p.61-74.

_____. Revisitando a noção de tópico discursivo. In: KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; BENTES, Anna Christina; REZENDE, Renato Cabral. *Caderno de estudos linguísticos: o tópico discursivo*. Campinas, 2006a, pp.33-41.

_____. Tópico discursivo. In: JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça (Orgs.). *Gramática do Português Culto Falado no Brasil*. Volume I. Construção do texto falado. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2006b, pp.89-132.

_____. Parentetização. In: JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça (Orgs.). *Gramática do Português Culto Falado no Brasil*. Volume I. Construção do texto falado. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2006c, pp.301-357.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *A coesão textual*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 1990.

_____. *O texto e a construção dos sentidos*. 9.ed. São Paulo: Contexto, 2008.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi; URBANO, Hudnilson; FÁVERO, Leonor Lopes; MARCUSCHI, Luiz Antônio; SANTOS, Maria do Carmo de Oliveira Turchiari; RISSO, Mercedes Sanfelice. Aspectos do processamento do fluxo de informação no discurso oral dialogado. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de (Org.). *Gramática do Português Falado*. Volume I. A ordem. 4.ed.rev. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2002, pp. 121-152.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; SILVA, Maria Cecília Pérez de Souza e. Atividades de composição do texto falado: a elocução formal. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de; BASÍLIO, Margarida (Orgs.). *Gramática do Português Falado*. Volume IV. Estudos descritivos. 2.ed.rev. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2002, pp.371-404.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; PENNA, Maria Angélica de Oliveira. Construção/reconstrução de objetos-de-discurso: manutenção tópica e progressão textual. In: KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; BENTES, Anna Christina;

REZENDE, Renato Cabral. *Caderno de estudos linguísticos: o tópico discursivo*. Campinas, 2006, pp.23-31.

LEMINSKI, Paulo. *Ali*. Disponível em: <http://www.vidaempoesia.com.br/paululeminski.htm> Acesso em 04 ago. 2009.

LINS, Maria da Penha Pereira. Organização tópica do discurso de sequências de tiras diárias de quadrinhos. In: KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; BENTES, Anna Christina; REZENDE, Renato Cabral. *Caderno de estudos linguísticos: o tópico discursivo*. Campinas, 2006, pp.125-134.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Análise da conversação*. 2.ed. São Paulo: Ática, 1991.

_____. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 4.ed. São Paulo: Cortez, 2003.

_____. Referenciação e progressão tópica: aspectos cognitivos e textuais. In: KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; BENTES, Anna Christina; REZENDE, Renato Cabral (Orgs.). *Caderno de estudos linguísticos: o tópico discursivo*. Campinas, 2006a, pp.7-22.

_____. Fenômenos intrínsecos da oralidade: hesitação. In: JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça (Orgs.). *Gramática do Português Culto Falado no Brasil*. Volume I. Construção do texto falado. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2006b, pp.48-70.

_____. Repetição. In: JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça (Orgs.). *Gramática do Português Culto Falado no Brasil*. Volume I. Construção do texto falado. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2006c, pp.219-254.

MARCUSCHI, Luiz Antonio; KOCH Ingedore Villaça. Referenciação. In: JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça (Orgs.). *Gramática do Português Culto Falado no Brasil*. Volume I. Construção do texto falado. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2006, pp.381-399.

MAREGA, Larissa Minuesa Pontes. *Estudo da organização tópica em uma elocução formal: aspectos metodológicos*. In: II CONALI – Congresso Nacional de Linguagens em interação. Maringá, 2008, pp.1552-1561.

MAREGA, Larissa Minuesa Pontes; ROMUALDO, Edson Carlos. Organização tópica na elocução formal: um paralelo entre o discurso oral e a retextualização. 2006. Iniciação Científica. Universidade Estadual de Maringá.

_____. *A organização tópica de uma Elocução Formal*. In: X Semana de Letras: a hora e a vez da palavra, 2007, Jandaia do Sul. Anais X Semana de Letras: a hora e a vez da palavra - dez anos compartilhando conhecimentos. Jandaia do Sul: Editora FAFIJAN, 2007, pp.117-124.

MAREGA, Larissa Minuesa Pontes; MAMUS, Priscilla Teixeira. *Inserção: um fenômeno de (des)continuidade tópica no gênero textual palestra*. Querubim (Revista Eletrônica), v. 5, p. 63-69, 2007.

MAYNARD, Douglas. Placement of topic changes in conversation. Semiotica, 1980, pp.263-290. In: KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; BENTES, Anna Christina; REZENDE, Renato Cabral. *Caderno de estudos linguísticos: o tópico discursivo*. Resenha. SOUZA, Edson Rosa de. Campinas, 2006, pp.151-155.

MEDEIROS, João Bosco. *Redação científica: a prática de fichamentos, resumos, resenhas*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2000.

OLIVEIRA, Uânia Kelly; ROMUALDO, Edson Carlos (orientador). *Marcadores discursivos na elocução formal: estudo de suas funções na produção oral e de sua*

eliminação na retextualização. 2005. Iniciação Científica. Universidade Estadual de Maringá.

ORECCHIONI, Catherine Kerbrat. *Análise da Conversação: princípios e métodos*. Trad. FILHO, Carlos Piovezani. São Paulo: Parábola, 2006.

PAVEAU, Marie-Anne; SARFATI, Georges-Élia. *As grandes teorias da Linguística: da gramática comparada à pragmática*. Trad. GREGOLIN, Maria do Rosário (Coord.). São Carlos: Claraluz, 2006.

PINHEIRO, Clemilton Lopes. *Estratégias interativas: a articulação tópica*. Maceió: EDUFAL, 2005a.

_____. Organização Tópica do texto e ensino de leitura. *Linguagem e Ensino*. Pelotas, v. 8, n. 1, pp. 149-160, jan./jun. 2005b.

_____. O tópico discursivo como categoria analítica textual-interativa. In: KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; BENTES, Anna Christina; REZENDE, Renato Cabral. *Caderno de estudos linguísticos: o tópico discursivo*. Campinas, 2006, pp.43-51.

PRETI, Dino. Apresentação. In: PRETI, Dino (Org.). *Análise de textos orais*. Projetos Paralelos – NURC/SP, 5.ed. São Paulo: Humanitas, 2001, pp.11-12.

REZENDE, Renato Cabral. O tópico discursivo em questão: considerações teóricas e análise de uma narrativa literária. In: KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; BENTES, Anna Christina; REZENDE, Renato Cabral. *Caderno de estudos linguísticos: o tópico discursivo*. Campinas, 2006, pp.71-84.

RISSO, Mercedes Sanfelice. *A representação da fala dos personagens em Fogo Morto (estatuto linguístico e literário)*. Tese de doutorado, 1978.

_____. Marcadores discursivos basicamente sequenciadores. In: JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça (Orgs.). *Gramática do Português Culto Falado no Brasil*. Volume I. Construção do texto falado. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2006, pp.427-496.

RISSO, Mercedes Sanfelice; SILVA, Giselle Machline de Oliveira e; URBANO, Hudnilson. Marcadores discursivos: traços definidores. In: KOCH, Ingedore G. Villaça. *Gramática do Português Falado*. Volume I. Desenvolvimentos. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2002, pp.21-103.

_____. Traços definidores dos marcadores discursivos. In: JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça (Orgs.). *Gramática do Português Culto Falado no Brasil*. Volume I. Construção do texto falado. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2006, pp.403-425.

SACKS, Harvey; SCHEGLOFF, Emmanuel; JEFFERSON, Jail. A Simplest Systematics for the Organization of Turn Taking for ation. Language, 50 (4), pp.696-735, 1974.

SANTOS, Flávia Andrea dos; CABRERA, Lúcia Gandarilhas; GÓES, Vera Lúcia. *Retextualização de texto oral*. Anagrama (Revista Eletrônica). Ano 1, 2008, pp.1-14.

SILVA, Georgea Oliveira; ROMUALDO, Edson Carlos (orientador). *A Repetição na elocução formal: uma análise contrastiva entre a produção oral e a Retextualização*. 2005. Iniciação Científica. Universidade Estadual de Maringá.

SILVA, Luiz Antônio. *Síntese da história do Projeto Nurc*. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dlcv/nurc/historico.htm> Acesso em 10 jun. 2008.

TERRA, Ernani. *Linguagem, língua e fala*. São Paulo: Scipione, 1997.

URBANO, Hudinilson. Variedades de planejamento no texto falado e no escrito. In: PRETI, Dino (org.). *Estudos de língua falada*. Projetos Paralelos – NURC/SP, 2 ed. São Paulo: Humanitas, 1999a, pp.131-151.

_____. Marcadores discursivos basicamente interacionais. In: NEVES, Maria Helena de Moura (Org.). *Gramática do Português Falado no Brasil*. Volume VII. Novos estudos. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1999b, pp.195-258.

_____. Marcadores discursivos basicamente interacionais. In: JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça (Orgs.). *Gramática do Português Culto Falado no Brasil*. Volume I. Construção do texto falado. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2006, pp.497-527.

VAL, Maria da Graça Costa. *Redação e Textualidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.